

# PUC

ANTONIO CARLOS DE SÁ EARP

## A OSCILAÇÃO EU // NÃO-EU

Uma articulação das construções de Freud referentes às  
distinções eu // não-eu

TESE DE DOUTORADO

Volume I

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1999

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

RIO DE JANEIRO — BRASIL

**N.Cham.** 150 E12o TESE UC

**Título** A oscilação eu/não eu



Ex.1 v.1 PUCB

0141313

ANTONIO CARLOS DE SÁ EARP

**A OSCILAÇÃO EU//NÃO-EU**

Uma articulação das construções de Freud referentes às  
distinções eu//não-eu

TESE DE DOUTORADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1999

ANTONIO CARLOS DE SÁ EARP

A OSCILAÇÃO EU//NÃO-EU

Uma articulação das construções de Freud referentes às  
distinções eu//não-eu

Vol. I

TESE DE DOUTORADO

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Cláudia Amorim Garcia

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1999



96037



150  
E120  
TEFE UC  
v. 1

## A OSCILAÇÃO EU//NÃO-EU

Uma articulação das construções de Freud referentes às  
distinções eu//não-eu -

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.”*

*(Camões)*

*A minha amada mulher, Marília,  
e amadas filhas, Clarisse e Lilian*

*Em memória, a meus pais, Nelson e Amélia,  
com saudades infinitas*

*Faço aqui meus agradecimentos*

*A meus irmãos, parentes e amigos que constantemente me ajudaram e estimularam*

*A Cláudia Amorim Garcia, amiga, atenta, sábia e sensível orientadora*

*Aos lúcidos professores*

*Anamaria Ribeiro Coutinho, Cláudia Amorim Garcia, Carolina Lampreia,*

*Esther Maria de Magalhães Arantes, Junia de Vilhena, Octavio Almeida Souza e*

*Solange Jobim e Souza*

*que pacientemente me fizeram ver, sob nova luz, a interminabilidade do processo de aprender*

*A Andrea Seixas Magalhães, Deborah Roditi, Eliana Myriam Serfaty Gabbay,*

*Flávia Soltero de Campos, Maria Aparecida Tardin Cassab,*

*Maria Helena Rodrigues Navas Zamora, Maruza Bastos de Oliveira e Simone Pencoak*

*amigas e estimulantes colegas de turma*

*A Ana Maria de Toledo Piza Rudge e Terezinha Féres Carneiro*

*cujos incentivos em diferentes momentos foram decisivos*

*para que eu fizesse o Curso de Doutorado*

*A Marise Lira de Sousa e Vera Lucia Lima da Silva*

*pela eficiência e carinho com que sempre me atenderam*

*A PUC-RJ e especialmente ao Departamento de Psicologia*

*pela calorosa e confiante acolhida e*

*Ao CNPq*

*pela bolsa que permitiu minha dedicação ao curso de Doutorado*

## RESUMO

Em 1915, no estudo a respeito das pulsões e seus destinos, Freud considerou o "eu – não-eu" como uma das grandes polaridades que regem a vida anímica. Na verdade, muitas formas de oposições "eu – não-eu" foram implicitamente indicadas por Freud, em seus escritos. Essa tese distingue os casos mais importantes dentre elas e procura mostrar a articulação subjacente que as associa entre si. Partindo da valorização do *ponto de vista topográfico* e da noção de *pulsão*, tal articulação toma, como idéia condutora, a noção de *oscilação*, um processo considerado como básico na vida psíquica.

## ABSTRACT

In 1915, in the study about drives and its vicissitudes, Freud considered "I – not-I" as one of the great polarities that rule animic life. In fact, many forms of oppositions "I – not-I" have implicitly been indicated by Freud, in his writings. This thesis points out its most important manifestations and tries to make explicit the underlying articulation that exists among them. Assuming the relevance of the *topographic point of view* and of the concept of *drive*, such articulation takes, as its conducting idea, the notion of *oscillation*, a process considered as basic to psychical life.

## PALAVRAS CHAVES

oscilação

eu-núcleo

mundo-discriminado

eu-interno

mundo-psíquico-externo

eu-estrutura-operante

isso

eu-sujeito

objeto

eu-objeto

objeto-outro

eu atual

sobre-eu

# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	V vol. I
1- INTRODUÇÃO	1
2 - PONTOS DE PARTIDA	6
2.1- A questão	7
2.2- Construções de Freud	12
2.2.1- O eu	16
2.2.2- O mundo externo	25
2.3- Revisão da literatura pós-freudiana	38
3 - AS DISTINÇÕES EU//NÃO-EU E SUAS ARTICULAÇÕES	89
3.1- Expansão e retração - nasce um ritmo	90
3.2- Paz, turbilhão e alvorecer da ordem	103
3.3- Do alvo ao objeto, do objeto ao outro	139 vol. II
3.4- Migração e metamorfose	179
4 - PONTOS CONTROVERSOS	201
5 - CONCLUSÕES E RENDIMENTOS	249
NOTAS	266
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	306

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – ESQUEMA DE 1921	31 vol. I
Figura 2 – EU-NÚCLEO / MUNDO DISCRIMINADO	101
Figura 3 – EU-INTERNO / MUNDO-PSÍQUICO-EXTERNO E EU-OPERANTE / ISSO	137
Figura 4 – EU-OBJETO / OBJETO-OUTRO	177 vol. II
Figura 5 – EU-SUJEITO / OBJETO	181
Figura 6 – EU ATUAL / SOBRE-EU (E PROJETOS SUBLIMATÓRIOS)	200



# 1 – INTRODUÇÃO

Norteados por uma extensa e arguta observação dos fenômenos anímicos, Freud acreditou que a partir do conceito básico de inconsciente seria possível construir uma ciência (ou um saber) que viesse a dar conta das questões que o interessavam no mundo psíquico. No entanto, como não se trata do projeto de uma ciência formal (como a matemática), nem de uma ciência em que se pode fazer experimentos e observações sob controle (como é o caso da biologia), a psicanálise tem tido grandes dificuldades em se ver aceita enquanto empreendimento verdadeiramente científico<sup>(1)</sup>.<sup>(2)</sup> 1, 2, 3 As dificuldades metodológicas e epistemológicas que surgem em seu campo exigem um incessante e complexo trabalho de conceituação. Pode-se observar que a insistente procura de se chegar a resultados realmente satisfatórios nessa área de estudo tem provocado uma febril atividade teórica que continuamente se expressa em extensa e renovada literatura.

Reproduzindo o processo que se dá na constituição de qualquer ciência, Freud procura erigir a psicanálise elaborando teorias, valorizando a observação dos dados do campo clínico e incansavelmente reelaborando as teorias anteriormente propostas. Em

---

<sup>(1)</sup> No decorrer de todo esse trabalho, os números sobrescritos e colocados *entre parênteses* indicam *notas de pé de página*, com conteúdo explicativo. Os números sobrescritos e que *não* vem entre parênteses indicam notas que estão incluídas num adendo, no final do volume. Tais notas finais constam de transcrições de textos que podem esclarecer mais amplamente o que está sendo discutido no ponto em que foram inseridas.

<sup>(2)</sup> A discussão a respeito do pertencimento da psicanálise ao campo científico é muitíssimo complexa e extensa, escapando da específica área de estudo dessa tese. Em relação a essa questão, aqui vão ser simplesmente acolhidas as posições e razões contidas no pensamento do próprio Freud. A discordância em considerar a psicanálise como ciência vem, principalmente, daqueles que tendem a entender que científico é aquele conhecimento que pode ser tomado como comprovado, ou pelo menos se mantém incólume depois de ter passado por testes que poderiam refutá-lo. Aliás, é a perseveração nesse modo de entender o que seria ciência que leva grande parte do pensamento contemporâneo à descrença ou à depreciação do projeto de construção de conhecimentos científicos de modo geral. Como Freud aceita a relatividade do conhecimento científico, desenvolve um pensamento que é *antípoda do positivismo*, e valoriza na ciência o esforço de limitar o "fator das predileções pessoais fantasiosas", sua insistência em incluir a psicanálise no universo das ciências permanece inabalável (ver notas 1, 2 e 3).

sua estratégia de construção teórica ganha destaque aquilo que denomina de "Hilfsvorstellungen", ou seja, "idéias auxiliares" (ou "provisórias" [Freud, 1900: Stud. III; 513] ESB. V; 573)]<sup>(1)</sup> que, segundo ele, não devem ser tomadas muito rígida e definitivamente, mas sim entendidas como construções a serem preservadas apenas na medida em que estejam sendo úteis na elaboração do conhecimento a respeito do campo. Numa ciência em nascimento não se pode definir os termos com muita precisão<sup>(2)</sup>.<sup>4</sup> Na verdade, tentar fazer isso, logo de início, leva apenas à paralisação da expansão do entendimento.

Tendo a liberdade de criar suas "Hilfsvorstellungen", e fazendo-o com genial acerto, Freud realiza uma obra teórica notável. Dela é marca característica a *amplitude* ou *extensão* das áreas abrangidas. O surgimento de uma nova ciência freqüentemente toma um caminho no qual se estabelece uma clara seqüência: de início há a criação, pelo fundador daquela ciência, de um consistente segmento teórico básico; depois vem o desenvolvimento dos conhecimentos por outros pesquisadores, os quais irão desbravar novas áreas, associando-as ou encadeando-as àquela inicial. No caso da psicanálise as coisas se passam de um modo um pouco diferente. Freud não só cria um segmento teórico fundamental muito bem elaborado (como é o caso do trabalho sobre a interpretação dos sonhos), como abre o leque de suas pesquisas e desenvolve, ele mesmo, linhas de investigação que abrangem quase todo o campo psicanalítico tal como é hoje conhecido.

<sup>(1)</sup> Nas citações referidas a Freud sempre foram indicados, entre parênteses, as páginas da "Standard Edition" e/ou da "Edição Standard Brasileira" onde aqueles textos podem ser encontrados. Algumas vezes são indicadas, ainda, as páginas equivalentes na "Studienausgabe". As redações que aparecem aqui, ou são cópias fiéis da versão brasileira, ou são traduções que eu mesmo fiz das edições estrangeiras. Entre as três fontes, a que é tomada como base nesse trabalho é a que está sublinhada nas indicações que aparecem entre parênteses.

<sup>(2)</sup> Vale a pena lembrar a observação de Carlos Alberto Plastino de que é possível aceitar algumas incongruências nas formulações de Freud se não se quer tomá-las como "sistema". De fato, é possível aceitar lacunas, desencaixes, e mesmo alguma contradição nas formulações teóricas se elas são aceitas como expressão de um pensamento que ao invés de desejar "encerrar-se num sistema", representa, pelo contrário, o "percurso de uma constituição científica" (ver nota 4).

Em outras palavras, sobre a imensa maioria de áreas de estudo psicanalítico Freud lança formulações de grande perspicácia e profundidade.

Em certo sentido, a extensão das construções de Freud compensam a dificuldade de exatidão das formulações nessa complexa região do saber. De fato, a impressionante massa de hipóteses que cria e o encaixe que estabelece entre elas têm extraordinário poder de convencimento. Simultaneamente, tal tecido conceitual fornece uma base sólida para a continuação do trabalho de se construir ciência em território de tão difícil discernimento. Isso decorre do fato de que nele existem adensamentos, pontos de convergência de vários segmentos da elaboração conceitual através dos quais as numerosíssimas construções que a ele têm sido acrescentadas por outros pesquisadores podem encontrar pontos sólidos de ligação e engate.

Outra marca distintiva do trabalho teórico de Freud é o contínuo e prolífico lançamento de novas idéias. Essa exuberância criativa faz nascer um universo de hipóteses e conjecturas jamais examinadas exaustivamente. Trata-se de um grande acervo de idéias que são apresentadas apenas embrionariamente e depois não chegam a ser melhor exploradas pelo próprio Freud. Há nesse acervo elementos teóricos pouco associados ao corpo principal de teorias, assim como construções formadoras de contradições que não são nem mesmo reconhecidas.

O objeto principal da presente tese é uma formulação de Freud que cai exatamente dentro desse conjunto de idéias pouco estudadas. Sua seleção como tema central foi determinada pela suspeita de que ela provavelmente condensa material relevante a ser investigado e, sendo explorada, abrirá campos férteis para novos estudos.

É seguida, aqui, a tradição freudiana no sentido de se adotar "idéias auxiliares", e não se pretender chegar a formalizações bem acabadas que, na verdade, seriam prematuras, inibidoras e paralisadoras do trabalho teórico. Além disso, o objetivo maior é contribuir para a construção de uma ciência em desenvolvimento. Nesse sentido, não se trata de dar continuidade a pensamentos personalizados, ou de se esboçar doutrinas, mas de se procurar criar hipóteses que sejam mais ricas do que as que se tem a respeito de um campo de conhecimento que se mantém aberto a todos os que por ele se interessam. Como decorrência dessa orientação, muitas construções do universo psicanalítico relevantes para o tema em estudo são valorizadas e examinadas, independentemente de suas origens, procurando-se delas aproveitar tudo que seja possível em termos de idéias significativas.

Essas posturas básicas determinam a forma de construção dessa tese. O primeiro capítulo é dividido em três partes. Na primeira está apontado o fragmento da construção teórica freudiana que é tomado como tema central de estudo. Trata-se da breve indicação de uma idéia que Freud não chega a explorar em nenhum de seus escritos posteriores e que é cunhada em termos em si mesmos bastante problemáticos.

A seção que se segue começa pela indicação dos problemas que aquela formulação levanta dedicando-se, depois, à localização inicial dos setores da teorização freudiana que, no conjunto de sua obra, estão implicitamente relacionados com o ponto em estudo. Nos escritos freudianos essas relações estão subentendidas, posto que a questão que aqui é eleita como central não é mais retomada por Freud depois de a ela ele se referir, de passagem, num texto de 1915.

Finalmente, a terceira e última seção do primeiro capítulo é reservada à indicação e ao exame preliminar da ampla literatura pós-freudiana no que ela tem de contribuições associadas à questão recortada para estudo.

No segundo capítulo explicitam-se as articulações centrais da tese aqui desenvolvida. O capítulo é dividido em quatro partes. Nelas encontra-se a análise detalhada dos elementos fundamentais das articulações propostas. Em notas de pé de página são indicadas algumas das principais relações que existem entre as idéias expostas e relevantes construções pertencentes ao amplo campo teórico psicanalítico.

Finalmente, no terceiro e último capítulo retoma-se a alguns pontos cruciais, tomados como básicos nos raciocínios desenvolvidos no capítulo anterior. Contrastando-os mais extensa e detalhadamente com a literatura pós-freudiana procura-se, nesse capítulo, ver o que, entre as posições aqui adotadas e a literatura pós-freudiana, há de aproximações, convergências, complementações e divergências.

Quase todas as transcrições de trechos dos escritos citados são reunidas e arroladas no final, como notas. Essa separação é feita com duplo intuito: por um lado permitir, para melhor compreensão, a reprodução mais ou menos completa de tais idéias dentro dos extensos contextos em que surgiram; por outro não romper, com a interpolação de um número excessivamente grande de textos, muitas vezes bastante longos, a corrente de pensamento que é desenvolvida no corpo principal da tese.

## **2- PONTOS DE PARTIDA**

*“Deixai que as rodas percorram velhos sulcos”*

*(Lao Tsé)*

## 2.1 – A questão

Não é sem razão que Freud abre seu texto "Pulsões e destinos das pulsões" escusando-se de trabalhar, em suas construções teóricas, com conceitos que sejam desde logo definidos de forma clara e estrita. Efetivamente, atravessa todo esse escrito de 1915, do início ao fim, uma rara abertura nos horizontes dos encaminhamentos possíveis do pensamento. Isso tem como efeito tornar tal artigo um daqueles de mais difícil apreensão em todo o conjunto da obra freudiana.

A intenção aqui não é, de nenhuma forma, analisar aquele texto em seu conjunto mas apenas indicar, dentro de seus elementos, o ponto que deu origem à questão central desta tese.

Depois de discutir alguns aspectos iniciais, Freud indica quatro termos correlacionados com o conceito de pulsão: a pressão, o alvo, o objeto e a fonte. Mais adiante, quatro destinos das pulsões são diretamente apontados: a *reversão no contrário* ("Verkehrung ins Gegenteil"), a *volta sobre a própria pessoa* ("Wendung gegen die eigene Person"), o *recalque* e a *sublimação* (Freud, 1915a: Stud. III; 90 | St. Ed. IV; 126 | ESB. IV; 147). Deixando para outra oportunidade os estudos tanto do recalque quanto da sublimação, o foco do que se segue é dirigido sobre os destinos restantes, ou seja, a reversão no contrário e a volta sobre a própria pessoa.

A *reversão no contrário* é logo subdividida em dois processos distintos: a *volta da pulsão da atividade à passividade* ("Wendung eines Triebes von der Aktivität zur Passivität) e a *reversão quanto ao conteúdo* ("in die inhaltliche Verkehrung" [Freud, 1915a: Stud. III; 90 | St. Ed. XIV; 127 | ESB. XIV; 147]). Essa reversão diz respeito ao *alvo* da pulsão, enquanto que a volta sobre a própria pessoa é uma mudança que se refere apenas ao *objeto* da pulsão (Freud, 1915a: Stud. III; 90 | St. Ed.

XIV; 127| ESB. XIV; 148). Freud centra o estudo da reversão quanto ao conteúdo na transformação do amor em ódio (Freud, 1915a: Stud. III; 90| St. Ed. XIV; 127| ESB. XIV; 148). Os complexos processos envolvidos tanto na volta da pulsão da atividade à passividade, quanto na volta sobre a própria pessoa, vão ser estudados de forma particularmente condensada em relação aos pares de opostos designados como "sadismo-masiquismo" e "prazer de olhar-exibicionismo".

Mais adiante no desenvolvimento do texto, o interesse de Freud dirige-se para a análise das várias oposições que o amor comporta. Tais oposições são assim enumeradas: amar – odiar; amar – ser amado; e amar (e odiar) – indiferença (Freud, 1915a: Stud. III; 96| St. Ed. XIV; 133| ESB. XIV; 154). É fácil ver que amar – ser amado é um tipo particular de volta da atividade à passividade (Freud, 1915a: Stud. III; 96| St. Ed. XIV; 133| ESB. XIV; 154/155). Num determinado ponto do texto Freud introduz uma observação decisiva. Diz ele:

"Talvez nos aproximemos melhor da compreensão dos múltiplos contrários do amor se refletimos que a vida anímica, em geral, é dominada por *três polaridades*, as oposições de:

*Sujeito (eu) – Objeto (mundo externo),*

*Prazer – Desprazer, e*

*Ativo – Passivo"*

[*"Subjekt (Ich) – Objekt (Außenwelt)*

*Lust – Unlust*

*Aktiv – Passiv*] (Freud, 1915a: Stud. III; 96| St. Ed. XIV; 133| ESB. XIV; 155).

A partir do reconhecimento dessas oposições, algumas relações se impõem. Tendo-se em vista o momento narcísico e auto-erótico do início da vida anímica no qual o eu é capaz de satisfazer suas pulsões em si mesmo e é indiferente ao mundo exterior, pode-se concluir que a relação de oposição sujeito (eu) – objeto (mundo externo)



coincide com a oposição amar – indiferença (Freud, 1915a: Stud. III; 97/98| St. Ed. XIV; 134/135| ESB. XIV; 156/157). Além disso, observando que o que provoca ódio traz desprazer, não há dificuldade em demonstrar a conexão entre a segunda oposição, a do amor – ódio, e a polaridade prazer – desprazer (Freud, 1915a: Stud. III; 99| St. Ed. XIV; 136| ESB. XIV; 158). Mais fácil ainda é ver que a terceira oposição, a transformação do amar em ser amado corresponde à ação exercida pela polaridade atividade – passividade (Freud, 1915a: Stud. III; 102| St. Ed. XIV; 139/140| ESB. XIV; 161).

Como fica patente que os destinos pulsionais consistem em que as moções pulsionais se submetem às influências das três grandes polaridades que dominam a vida psíquica (Freud, 1915a: Stud. III; 102| St. Ed. XIV; 140| ESB. XIV; 155), pode-se, então, construir as seguintes correspondências:

Termos correlacionados com o conceito de pulsão	Destinos das pulsões	Oposições do amor	Polaridades da vida anímica
alvo	volta da pulsão da atividade à passividade ↑ reversão no contrário ↓ reversão quanto ao conteúdo	amar – ser amado	ativo – passivo
objeto	volta sobre a própria pessoa	amor – estado de indiferença	sujeito (eu) – objeto (mundo externo)

A reconstrução aqui feita de parte do raciocínio desenvolvido por Freud em "Pulsões e destinos das pulsões" mostra que naquele artigo é fundamental a idéia de "grandes polaridades que dominam a vida psíquica". Ora, embora tal idéia tenha sido formulada de forma a fazer pensar que sintetiza uma compreensão muito profunda e abrangente da vida psíquica, é curioso e surpreendente que, depois daquele artigo de 1915, ela nunca mais tenha sido considerada, e não é de fato encontrável em nenhum outro segmento do extenso conjunto da obra freudiana.

Na verdade, a constatação da não retomada dessa idéia foi o que incentivou o desenvolvimento da pesquisa que gerou essa tese a qual, no entanto, coloca, como parâmetros, balizamentos ligeiramente diferentes daqueles que inspiram o texto de Freud.

Em primeiro lugar, a tese que se segue restringe-se apenas à *primeira* daquelas polaridades, ou seja, à oposição "sujeito (eu) – objeto (mundo externo)" ou ainda, como Freud também a formula, à polaridade "eu – não-eu (externo)".

Em segundo lugar, essa tese não mantém em primeiro plano a idéia de "polaridade" mas, ao invés disso, interessa-se mais de perto pelo esclarecimento da *distinção eu//não-eu* subjacente.

Em terceiro lugar, privilegiando o estudo da *distinção eu//não-eu*, a tese aqui desenvolvida retira-a do limitado contexto do artigo de 1915 e procura examiná-la na pluralidade de suas manifestações e em relação à vida anímica em geral, tal como é analisada por Freud no conjunto de sua obra.

Tomando a distinção eu//não-eu como a questão que essa tese estuda, pode-se, então, formular seu objetivo: trata-se de *fazer o levantamento da multiplicidade de distinções eu//não-eu encontradas no texto freudiano e desvelar as articulações que as ligam.*

Embora esse estudo focalize especificamente as construções teóricas de Freud, a literatura psicanalítica pós-freudiana é estudada e valorizada como elemento que não pode ser ignorado, sendo na verdade indispensável para se fazer qualquer retorno atualizado, qualificado e enriquecido ao texto freudiano.

O levantamento das distinções eu//não-eu encontradas na obra freudiana e o estabelecimento aqui feito das articulações que existem entre elas se restringe apenas à perspectiva *metapsicológica*. Efetivamente, tal setor da teorização psicanalítica é básico e por si só bastante extenso e complexo para constituir objeto de tese. A ampliação da perspectiva traçada poderá ser desenvolvida em outros estudos.

## 2.2 – Construções de Freud

Pode-se dizer que essa tese gira em torno de uma única e simples formulação de Freud. Tal formulação é composta de apenas quatro palavras e cinco sinais gráficos. Freud a propõe em “Pulsões e suas vicissitudes” como a primeira das três polaridades que governam nossa vida psíquica. As outras duas polaridades são “prazer — desprazer” e “atividade — passividade”. A polaridade que aqui é tomada como objeto de estudo é enunciada de uma forma peculiar: “Subjekt (Ich) — Objekt (Außenwelt) (Freud, 1915a; Stud. III; 96), ou seja, “Sujeito (Eu) — Objeto (Mundo externo)” (Freud, 1915a: St. Ed. XIV, 133 | ESB. XIV; 155) e ainda: “Ich – Nicht-Ich (Außen), (Subjekt – Objekt)” (Freud, 1915a, Stud. III; 96), ou seja, “eu — não-eu (externo), (sujeito — objeto)” (Freud, 1915a, St. Ed. XIV; 134 | ESB. XIV; 155). Essa formulação é privilegiada como eixo da pesquisa porque nela se condensa um conjunto muito amplo e fundamental de questões que transbordam da obra de Freud (dentro da qual não chegam a ser formuladas e resolvidas) para uma parte extensíssima da literatura pós-freudiana. Há já muito tempo tais problemas reaparecem nos textos psicanalíticos e por isso merecem ser destacados como tema de investigação. Pode-se começar esse estudo pela enumeração das observações e dos problemas que são encontrados à medida em que se reflete a respeito da formulação de Freud sobre aquela polaridade psíquica chave.

O primeiro aspecto a ser destacado é que, embora cada um dos elementos da polaridade precise ser examinado separadamente, a partir de certa perspectiva eles são complementares e, como tal, formam uma unidade que não pode ser dissociada. É notável, no entanto, que Freud nomeie essa polaridade de duas formas distintas. Distinguindo-as tem-se:

sujeito — objeto  
e / ou  
eu — mundo externo

Certamente há aqui, desde já, uma série de problemas a examinar. Em primeiro lugar, são essas formulações equivalentes? Não é o que parece. De fato, tudo indica que não se pode tomar essas duas expressões indiferentemente, como se uma substituísse plenamente a outra. Se, por exemplo, o termo “eu” é cotejado com os dois elementos da primeira formulação, logo se vê que o eu tanto pode ser sujeito quanto objeto. Ele é sujeito quando deseja, quando executa uma ação. É no entanto objeto quando, no narcisismo, recebe sobre si os investimentos libidinais. Isso, por si só, já demonstra que essas duas formulações da polaridade não são equivalentes. Além disso, considerando o termo que se opõe ao eu, ou seja, o “mundo externo”, e fazendo com ele um exame semelhante, descobre-se que o mundo externo pode ser objeto mas também pode ser sujeito. Será objeto quando receber o impacto das moções pulsionais. Freud deixa explícito, no entanto, que no destino pulsional que ele denomina de “volta sobre a própria pessoa” *o sujeito pode se encontrar no mundo externo*. Escreve ele, por exemplo, que numa das etapas do complexo processo que ocorre no caso do par de opostos sadismo – masoquismo, uma pessoa estranha vai ser tomada como objeto e, em virtude da alteração que se dá na finalidade pulsional, tal pessoa acabará por assumir o papel de sujeito.<sup>5</sup>

É notável tanto a acuidade que o editor inglês das obras completas mostra ao ler esse trecho, quanto sua dificuldade em aceitar o pensamento de Freud. De fato, precisamente nesse ponto ele inclui uma de suas famosas e valiosas notas:

[“Embora o sentido geral desses trechos seja claro, pode verificar-se certa confusão no uso da palavra ‘sujeito’. Em geral ‘sujeito’ e ‘objeto’ são empregados respectivamente para a pessoa na qual um instinto (ou outro estado de espírito) se origina, e a pessoa ou coisa para a qual é dirigido. Aqui, contudo, ‘sujeito’ parece ser utilizado para a pessoa que desempenha a parte ativa na relação – o agente]” (Strachey, 1966: St. Ed. XIV; 127/128| ESB, XIV: 148).

Na verdade, essa talvez tivesse sido uma boa oportunidade para Strachey enfatizar, no texto de Freud, menos a “confusão”, e mais o penetrante entendimento, ali sugerido, de um notável fenômeno psíquico (por sinal pouco teorizado até nossos dias), “insight” que enriquece e complexifica o entendimento a respeito do que pode significar “sujeito”<sup>(1)</sup>.

Vem a seguir a continuação do cotejo das duas formulações, enganosamente equivalentes, que Freud propõe para a primeira de suas polaridades psíquicas. Já foi visto que o eu tanto pode ser sujeito quanto objeto, e acaba de ser mostrado que se freqüentemente o mundo externo ocupa o lugar de objeto, nada impede que ele também possa ser sujeito de vida psíquica. Examinando agora os termos da primeira formulação novas contradições vêm a luz. Tome-se de início o elemento “objeto”. Haverá estrita correspondência entre “objeto” e “mundo externo”? Certamente não é assim que a teoria psicanalítica está construída. De fato, nas formulações psicanalíticas, corriqueiramente considera-se “objeto” como um termo que designa alguém ( ou algo ) que está no mundo externo. No entanto, o próprio Freud fala de “objeto interno” já no final da primeira parte de “O inconsciente” (Freud, 1915c)

(1) Strachey interpreta aquela formulação de Freud como se ali “sujeito” fosse equivalente a “agente”. Há, no entanto, um outro entendimento o qual inclui a interpretação de Strachey, mas não se confunde com ela – na verdade é mais amplo que ela. Quando se diz – “estou com frio” – certamente não se quer dizer que se é agente. Quer-se, sim, dizer que se é sujeito de uma experiência (por sinal bastante desagradável). Nesse caso “sujeito” significa ser ‘locus’ de vida psíquica. Nessa perspectiva, talvez a “volta sobre a própria pessoa” possa ser entendida como um destino pulsional no qual o outro sempre é percebido como ‘locus’ de vida psíquica. Esse entendimento não contradiz a interpretação de Strachey, mas é mais amplo, e parece mais rico que ela.

(1). Quanto ao termo "sujeito" a mesma discrepância pode ser constatada. Se é certo que inúmeras vezes o eu é sujeito da ação psíquica, cabe perguntar, por outro lado, se também o "isso" não age, e não é, ele mesmo, sujeito de ações psíquicas, embora não tenha a unificação e a organização que caracterizam o eu. Além disso, pouca dúvida há em dizer que, além do eu, também o supereu pode ser sujeito de ações psíquicas. São dele, por exemplo, os ataques sádicos que recaem sobre o eu, tomado então como objeto.

Depois de reconhecer que essas duas formulações da primeira polaridade psíquica (sujeito - objeto e eu - mundo externo) não estão em estrita correspondência uma com a outra, caberia indagar qual das duas é a fundamental, qual é a subordinada, e por que seria necessário fazer essa dupla oposição.

Na medida em que vai sendo examinada, vê-se que essa polaridade psíquica é uma grande caixa de problemas e como tal não só merece ser tomada como tema de estudo como, na verdade, urgentemente pede tal trabalho. A esperança é que, com a tentativa de elucidação dos problemas que a cerca, muitas integrações e simplificações possam vir a ser feitas no campo da teorização psicanalítica como um todo. Ao lado de uma análise cuidadosa da formulação da polaridade em seu conjunto, também é necessário, e será fundamental, o exame, contra o pano de fundo da polaridade, de cada um de seus pólos tomados isoladamente. Vem, a seguir, a indicação dos problemas que estão contidos nos elementos colocados na "extremidade esquerda" da polaridade (principalmente no conceito de "eu") e, depois, o exame de algumas questões referidos ao pólo oposto (e, mais especificamente, à noção de "mundo externo").

---

(1) Na literatura pós-freudiana as referências a "objetos internos" são reconhecidamente extensíssimas.

## 1) O eu

O texto sobre o narcisismo, de 1914, sem dúvida marca um período fundamental no desenvolvimento das teorias psicanalíticas. Até então Freud freqüentemente postulava a existência das pulsões sexuais e das pulsões de autoconservação. Quando sua atenção começa a se voltar para a questão do narcisismo, uma outra alternância é claramente formulada – a que existe em termos de *libido de objeto* e *libido do eu*. A hipótese levantada por ele é que haveria um investimento libidinal original do eu que só mais tarde é transmitido a objetos. No entanto, aquele investimento original sempre persistiria, e estaria relacionado com o referido aos objetos da mesma forma que o corpo da ameba se associa a seus pseudópodes. Freud percebe, além disso, que há uma razão inversa entre essas formas de investimento – quanto mais uma cresce, mais a outra se esvazia.<sup>6</sup>

A noção de *narcisismo*, que é amplamente estudada no trabalho de 1914, já tinha vindo à luz há alguns anos antes. Paul Nacke e Havelock Ellis a introduzem por volta do final do século passado. Freud, por sua vez, refere-se ao narcisismo primeiramente na esfera da homossexualidade. No trabalho sobre Leonardo afirma que, em casos como aquele, o menino recalca o amor que tem pela mãe e o substitui por uma identificação com ela. A partir daí toma-se a si mesmo como o modelo ao qual os novos objetos de seu amor deverão se assemelhar. Por isso encontrará os objetos de amor seguindo o caminho do narcisismo.<sup>7</sup> Numa nota, incluída em 1910, na 2ª edição de seus “Três Ensaios sobre a Sexualidade”, Freud expressa o mesmo pensamento. Diz que os “invertidos” têm como ponto de partida o narcisismo, indo procurar, para amar, alguém que seja como eles. Repetem, assim, o amor recebido da mãe.<sup>8</sup>



Em 1911, no entanto, no estudo da autobiografia de Schreber, Freud já alarga sua compreensão, associando o narcisismo ao desenvolvimento da paranóia. Pode-se ler, naquele estudo, que na paranóia há uma liberação da libido a qual, então, se liga ao eu e o engrandece. Com isso dá-se uma verdadeira volta ao estágio narcísico no qual o único objeto sexual do sujeito era seu próprio eu.<sup>9</sup>

No texto de 1914 a noção de narcisismo ganha sua plena dimensão. Trata-se de um lugar de importância fundamental no desdobramento do que poderia ser chamado de segunda metade do trabalho de construção de teoria de Freud. A partir desse texto o eu passa a ser concebido tanto como "reservatório" e "fonte" daquela mesma libido que pode vir a investir o objeto, quanto um "objeto" de investimento, ele mesmo. É básica, então, a idéia de mobilidade da libido que, ou investe as representações de outros objetos, ou retorna ao eu. O fenômeno em questão ocorre em múltiplas circunstâncias. Uma delas é a da doença orgânica durante a qual há um recolhimento da libido sobre a própria pessoa. Esse movimento libidinal só é desfeito quando o indivíduo se vê curado. Só aí a libido volta-se de novo para fora.<sup>10</sup>

Outra circunstância em que a libido é recolhida é aquela na qual se dá o ato de dormir. Segundo Freud há, aí, clara semelhança com o estado de adoecimento, quadro no qual ela recai sobre a própria pessoa.<sup>11</sup>

A idéia de "volta sobre a própria pessoa" se define um pouco melhor em "Pulsões e suas vicissitudes" onde esse mecanismo é amplamente estudado como um dos destinos da pulsão. Em tal discussão o progresso de entendimento alcançado por Freud é muito grande. Começa a ficar bem melhor teorizada a polaridade eu — mundo externo, ou, sujeito — objeto, que inegavelmente tem papel decisivo na

organização psíquica. Passam então a ser estudados o " 'eu-realidade' original" e o "eu-prazer", assim como é aprofundada a noção de "volta sobre o próprio eu" ("Wendung gegen das eigene Ich") (Freud, 1915a: Stud. III; 94/98 | St. Ed. XIV; 132/136 | ESB. XIV; 153/158).

É também o retorno da libido sobre o próprio eu ("Rückkehr derselben zu seinem Ich") (Freud, 1914b: Stud. III; 48 | St. Ed. XIV; 80/81 | ESB. XIV; 97) que impede o desenvolvimento transferencial necessário para se levar adiante o processo psicanalítico. Em "O inconsciente" isso está muito bem descrito. Naquele texto está dito que, em tal caso, ao recalque não se segue o encaminhamento da libido em direção a um novo objeto. Pelo contrário, o que se passa é que ela fica retida no próprio eu. Isso quer dizer uma volta à situação narcísica primitiva em que o objeto não era considerado. Nessas circunstâncias o desenvolvimento da transferência fica inviabilizado, pelo menos temporariamente, e com isso perde-se a capacidade de ação psicanalítica. Há, paralelamente ao superinvestimento do eu, um verdadeiro repúdio do mundo externo. Ao final pode manifestar-se um quadro de completa apatia. Tais traços indicam, sem dúvida, o abandono dos investimentos de objeto.<sup>12</sup>

Na verdade, a idéia que poderia ser denominada de "*retorno sobre o eu*" vai ganhando um destaque progressivamente maior na compreensão dos fenômenos psíquicos. Assim é que no pequeno trabalho "Sobre a transitoriedade" já está claramente apontada a possibilidade desse processo, que vai ser um dos aspectos fundamentais no desenvolvimento da melancolia. Freud diz que o ser humano tem uma capacidade de amar mais ou menos definida. De início esse amor é voltado sobre o eu. Isso se dá em fases muito precoces do desenvolvimento. Logo depois a libido costuma ser dirigida para os objetos. Há, então, uma aproximação entre o eu e o objeto.

Dependendo das vicissitudes da história dessas relações, os objetos podem ser perdidos. Quando isso se dá a libido é mais um vez liberada e dois caminhos vão agora se abrir: ou ela volta temporariamente ao eu, ou encontra outro objeto como substituto do anterior.<sup>13</sup>

O desenvolvimento da melancolia é entendido a partir dessa linha de raciocínio. Num texto, publicado um ano mais tarde, Freud reforça a compreensão que já havia alcançado no trabalho sobre a transitoriedade e afirma que, no caso do tipo de dificuldade emocional que caracteriza a melancolia, quando se dá uma separação, e o sujeito se vê afastado de um objeto de amor que o decepcionou, o que sucede não é a esperada suspensão do investimento, e seu deslocamento para um outro objeto, mas a retirada da libido para o eu.<sup>14</sup> Nesses textos está claro o lugar, cada vez mais solidamente reconhecido, que Freud vai dando a tais processos em seu entendimento da vida psíquica.

As observações e as relações que Freud aponta naturalmente obrigam a que se confira especial destaque à noção de eu. Com aquelas formulações, tanto essa noção quanto o conceito de objeto de fato passaram, ambos, a exigir um cuidadoso trabalho de elaboração teórica que os circunscrevesse com mais precisão, e os articulasse adequada e amplamente com os demais elementos da ciência psicanalítica. As tentativas de alcançar essas metas não têm, no entanto, chegado a resultados inteiramente satisfatórios. O empecilho talvez advenha de ainda não se ter encontrado uma solução satisfatória para um problema teórico que é básico, bem conhecido, e fácil de apontar, com se verá a seguir.

Num determinado trecho do trabalho sobre as neuropsicoses de defesa, Freud enuncia uma das idéias centrais da psicanálise. Nessa formulação faz referência ao eu como um dos pólos do conflito. Diz ele que no curso dos atendimentos que fazia percebeu que seus clientes

“estavam bem”, do ponto de vista psíquico, até o momento em que ocorria uma *incompatibilidade* em suas vidas emocionais. Nesse momento o eu era posto diante de experiências, idéias ou sentimentos que despertavam afetos tão penosos que era preferível esquecê-los.<sup>15</sup>

Nos estudos sobre a histeria está sugerido o que deve ser compreendido como “eu”. Esse caminho de entendimento é aberto quando Freud afirma que o que fundamenta o recalque é aquele afeto, o sentimento de desprazer, que se associa à incompatibilidade que surge entre uma idéia determinada, que deve então ser recalçada, e a massa dominante de idéias que caracterizam o *eu*.<sup>16</sup> Aqui o termo “eu” está indicando uma estrutura capaz de produzir trabalho. Isso pode ser compreendido do que, mais adiante, está escrito nesse mesmo texto onde se lê que, quando uma idéia incompatível se aproxima do eu, dele parte uma força que a rechaça com o nítido propósito de defesa.<sup>17</sup>

Também na psicose o eu provoca um processo semelhante. Trata-se, no entanto, de algo mais radical. Nele a idéia incompatível é rejeitada junto com o afeto associado, e isso é feito de tal maneira que o eu passa a agir como se aquela idéia nunca houvesse ocorrido de todo.<sup>18</sup> Na verdade, o preço desse processo defensivo tão radical é a instalação da psicose.<sup>19</sup>

A noção de uma oposição entre o recalçado e o eu é clara. Na verdade, é assim que Freud está concebendo o psiquismo nesse estágio de sua construção teórica: de um lado o inconsciente e, de outro, o eu como estrutura recalçadora. Se elementos do mundo recalçado voltam à vida consciente, um desequilíbrio psíquico pode ocorrer. Isso é exemplificado através da referência ao desenvolvimento psíquico na adolescência. Nela pode haver, com facilidade, a exclusão de uma série de afetos e idéias que, num certo momento, mostraram-se incompatíveis. Porém, quando isso ocorre abre-se uma perigosa

precondição para distúrbios psíquicos, ou seja, aqueles que provavelmente vão se manifestar a partir do momento em que aquele material for de novo recebido pelo eu.<sup>20</sup>

Anos mais tarde, em 1909, Freud ainda continua vendo o eu como um dos pólos do conflito. Na segunda conferência que pronuncia nos Estados Unidos diz que a cisão psíquica entre o eu e o recalçado não deve ser entendida como resultado de uma incapacidade inata do aparelho psíquico de fazer a síntese de seus conteúdos. Pelo contrário, é o fator dinâmico que deve ser priorizado, já que há uma inegável luta entre dois grupos psíquicos: de um lado o eu e de outro as memórias penosas que costumeiramente tendem a ser afastadas.<sup>21</sup>

Em 1910 Freud mantém a mesma postura de considerar o eu como uma das estruturas fundamentais do psiquismo – aquela ligada às idéias conscientes dominantes. No trabalho sobre a perturbação psicogênica da visão, por exemplo, ele diz que quando as pulsões sexuais ameaçam o eu, ele as rechaça através de seus processos defensivos.<sup>22</sup>

Também no estudo do relato de Schreber podemos encontrar referências ao eu como instância recalçadora. Lá está claramente dito que o recalque vem do sistema do eu.<sup>23</sup>

Será que não cabe, então, fazer uma investigação mais profunda e determinar, com tanta exatidão quanto possível, o que é esse “eu”, além de dizer que é um dos pólos do conflito e “massa dominante de idéias”? É curioso que, a esse respeito, não se pode encontrar boas pistas nos primeiros textos publicados por Freud. Esse esclarecimento só vem à luz em “O Eu e o Isso”. De fato, a extraordinária elaboração que Freud desenvolve a respeito do conceito de “eu” no “Projeto” ficou em completa obscuridade até 1950, posto que só então aquele manuscrito foi publicado pela primeira vez. Nesse texto

vê-se que Freud entende o eu como um sistema que opera em condições econômicas bem específicas. De fato, o eu é concebido como uma rede de elementos fortemente associados entre si e investidos de energia psíquica a ponto de poder influir sobre os deslocamentos quantitativos vizinhos e inibir os processos psíquicos primários.<sup>24</sup> Ora, no texto de 1923 o "eu" tem exatamente as mesmas funções que foram descritas em 1895. A ele se deve, antes de tudo, a coerência que pode ser encontrada nos processos mentais. São seus atributos o ligar-se habitualmente à consciência, e ter um controle bastante completo da motilidade, isso é, da saída da quantidade (ou da excitação psíquica) para o mundo externo. A essa estrutura cabe, também, a supervisão de suas próprias ações, ou seja, o eu é capaz de procedimentos reflexivos. Embora diminua sua atividade quando o indivíduo dorme, ainda assim o eu mantém uma ativação residual que o faz capaz de censurar os sonhos. Cabe a ele, ainda, fazer intervir o recalque que evita o desenvolvimento dos processos psíquicos que são tomados como ameaçadores.<sup>25</sup>

No "Projeto" já está explicitada uma característica do eu que é fundamental do ponto de vista metapsicológico. Lá está dito que o eu é uma estrutura que se expande e se contrai em função dos processos quantitativos que, naturalmente, são mutáveis no transcurso do tempo.<sup>26</sup> Tal variação tem conseqüências decisivas já que é o maior ou o menor nível de energia armazenada no eu que decide se ele está ou não capacitado para inibir os processos primários. No sonho, por exemplo, os processos primários voltam a ser dominantes em função da relativa redução de energia do eu. Da mesma maneira, o eu pode suspender sua atividade, e deixar de lado o processo de secundarização, quando há a diminuição da carga que tem origem interna. É exatamente isso que ocorre durante o sono.<sup>27</sup> Ora, como os estudos psicanalíticos, no

dizer de Freud, apontam que entre os sonhos e os mecanismos patológicos existem grande analogias,<sup>28</sup> muitas vezes o trabalho da análise será no sentido de facilitar o trabalho do eu. De fato, em 1937, num dos últimos textos de sua vida, Freud afirma esse ponto de vista de modo explícito.<sup>29</sup>

A essa altura já se pode ver que é inegável a necessidade de se distinguir de maneira mais satisfatória o "eu" que instaura o processo secundário do "eu" que Freud descreve quando estuda o narcisismo. Do ponto de vista metapsicológico está muito claro que esses "eus" não podem corresponder a um mesmo aspecto do aparelho psíquico. De fato, o dormir, os estados psicopatológicos e o curso do desenvolvimento indicam níveis de investimento praticamente opostos em cada um desses "eus".

No dormir os investimentos objetais cedem e a quantidade é trazida de volta para o eu. É para ele, portanto, que converge a maior parte da carga libidinal. Já o eu enquanto estrutura que opera sobre os processos psíquicos, esse tem, de maneira oposta, sua carga energética diminuída no dormir – e é por isso que enquanto se dorme ficam suspensos os processos secundários, e os sonhos podem ocorrer.

Da mesma forma, também na psicose há um retraimento da libido, que se volta para o eu. É claro, no entanto, que não se trata de uma maior energização do eu enquanto estrutura que opera no seio do aparelho psíquico. De fato, na psicose é justamente esse o eu que está menos energizado. Por isso ele é incapaz de inibir tanto a ação das defesas mais primitivas quanto a produção dos delírios e das alucinações.

Nas neuroses dá-se o inverso – a libido deixa o eu narcísico e se volta mais intensamente para os objetos. No entanto, do ponto de vista do eu enquanto operador ocorre o oposto do que é característico

da psicose – na neurose o eu está com muito mais energia a seu dispor que naquelas afecções mais graves.

Enfim, o mesmo cotejo pode ser feito em termos do curso do desenvolvimento psicológico. Nas fases mais precoces da vida o eu narcísico estava altamente investido, enquanto o eu como estrutura do aparelho psíquico ainda era muito débil. Na “fase genital” (Freud, 1940a[1938], St. Ed. XXIII; 155| ESB. XXIII; 180) o quadro se inverte completamente: aí é o eu, região narcísica, que está menos investido, já tendo começado a compartilhar sua energia com vários objetos. Por outro lado, o eu enquanto massa de investimento que interfere sobre os processos psíquicos vizinhos, esse está incomparavelmente mais fortalecido, sendo capaz de inibir os processos primários com muito mais facilidade.



## 2) O mundo externo.

Independentemente das questões *filosóficas* a respeito da validade e da pertinência das afirmações concernentes à "realidade" (questões que têm indiscutível importância mas fogem da investigação que está em pauta aqui), no próprio âmbito da psicanálise o peso e o lugar dados à realidade e ao mundo externo variam de teórico para teórico. Diante dessa questão, a posição de Freud é equilibrada e bem moderada. A própria polaridade que foi tomada como ponto de partida desse estudo já indica, por si mesma, o reconhecimento, por parte de Freud, da relevância do assim chamado mundo externo.

No desenrolar de sua história, a teorização psicanalítica passou por fases em que se deu ênfase maciça, e quase que exclusiva, ao mundo interno. Desse movimento Freud não faz parte. É bem verdade que quando se lê sua obra, vê-se que ele reserva um lugar privilegiado para a realidade interna nas construções que faz. Isso fica claro desde o momento em que afirma, numa célebre carta a Fliess, escrita em 1897, que já não pode tomar como verdadeiras, em seu sentido explícito, as afirmações e os relatos de suas pacientes.<sup>30</sup> Além disso, também é verdade que o privilegiamento da realidade interna é mais tarde reforçado em decorrência da assunção da teoria das pulsões.

É inegável, no entanto, que esse destaque sempre esteve contrabalançado pelo paralelo reconhecimento da importância da realidade externa na determinação do surgimento dos conteúdos, conflitos e caminhos tomados na história psíquica. Isso se mostra, por exemplo, em sua formulação da equação etiológica em que as condições externas são diretamente reconhecidas sob os títulos de causas auxiliares, concorrentes e desencadeantes (Freud, 1895). Além disso, a realidade externa também tem lugar na formação da causa

específica. Para citar um exemplo pode-se lembrar o empenho de Freud em apontar, no caso do "homem dos lobos", o momento e a realidade da contemplação da cena primária (Freud, 1918[1914]). De fato, embora inicialmente, quase no final do capítulo V daquele texto, ele dê a entender que se tratava apenas de realidade psíquica, logo põe isso em dúvida. Por um lado Freud reconhece explicitamente o valor das fantasias na formação das lembranças e das histórias relatadas por seus pacientes. Tais fantasias costumam brotar de elementos da realidade que forneçam elementos suficientemente plásticos para serem moldados pela elaboração psíquica e, depois de distorcidos, possam ser aproveitados para atender aos desejos e aos complexos motivacionais do sujeito. Por outro lado, no caso do "homem dos lobos" Freud vem a descobrir elementos que o deixam sem poder negar, com certeza, a veracidade da contemplação da cena primária.<sup>31</sup> No capítulo VIII daquele mesmo texto ele vai esclarecer essa questão de forma mais ampla. Ali diz que vários aspectos da história clínica do "homem dos lobos" tais como, por exemplo, a cena com Grusha, o lugar que ela veio a ter durante a análise e os efeitos que se seguiram na vida do "homem dos lobos", ficam melhor compreendidos se a cena primária é tomada não como fantasia, mas sim como realidade. No entanto, continua Freud, outras considerações mostram que essa questão não tem muita importância. Tais considerações são discutidas na Conferência XXIII – "Os caminhos da formação dos sintomas" – e se referem ao fato de que tanto as cenas de relações sexuais entre os pais, quanto de ser seduzido na infância, e de sofrer a ameaça de castração, todas fazem parte do que se traz desde o nascimento como herança filogenética, acervo psíquico que pode ou não vir a ser reforçado por ocorrências da história pessoal do indivíduo. Quando faltam fatos reais desse tipo, mas existem os determinantes que levam ao quadro de dificuldades

emocionais significativas, aquela bagagem filogenética é utilizada mais decisivamente, e a verdade individual é completada com a verdade pré-histórica vivida pelos ancestrais.<sup>32</sup>

Para esclarecer melhor essa questão talvez valha a pena recordar o que Freud diz na Conferência XXIII, acima citada. Lá ele afirma que aqueles eventos infantis sempre estão presentes na história das neuroses. Quando não ocorreram de fato, são acrescentados a partir de qualquer indício que possa estar associado a eles e, daí, passam a ser elaborados pela fantasia. No final o efeito é o mesmo, tal como se tivessem ocorrido na realidade. Parece que tanto a necessidade da representação desses eventos quanto o material para ela decorrem da ação das pulsões. Em outras palavras, essas fantasias primitivas (a sedução de crianças, a observação do coito dos pais acompanhada de excitação sexual, e a realidade ou a ameaça de castração) são um acervo filogenético do qual o psiquismo infantil regularmente lança mão quando a história pessoal não é constituída de fatos que propiciem as experiências que a elas correspondem.<sup>33</sup>

Da mesma forma Freud resolutamente procura reconstruir as circunstâncias que envolveram o assassinato do pai na horda primitiva, fato real e concreto (e não simplesmente mítico) que teria deixado uma marca indelével no psiquismo humano. Tal marca seria transmitida de geração em geração e poderia explicar a universalidade do complexo de Édipo. A respeito dessa questão Jean Laplanche e J.-B. Pontalis reconhecem o valor que Freud dá à realidade material ou objetiva. Daí afirmarem que em suas reconstruções ele sempre procura "a rocha do acontecimento" (Laplanche & Pontalis, 1964, 1850).

Talvez em nenhum segmento de teorização o reconhecimento da importância da realidade externa fique mais patente que em "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento

mental". Nesse importante texto de 1911 Freud parte da idéia de que de início há um estado de repouso psíquico. Essa situação só vai ser modificada em virtude das pressões decorrentes das necessidades internas. O que é desejado nessas circunstâncias apresenta-se sob a forma de alucinação. Durante o resto da vida isso vai continuar ocorrendo na vida onírica. De fato, no desejo de dormir manifesta-se a tendência à rejeição da realidade. Ora, é a decepção que se segue à alucinação que determina o abandono dessa via como tentativa de alcançar o apaziguamento das necessidades. Exatamente nessas circunstâncias o psiquismo abre-se para a realidade do mundo externo e para a importância de nele realizar as modificações que são imprescindíveis para que as necessidades de fato venham a ser atendidas. Freud está analisando aí a passagem do princípio de dominância do que é prazeroso para o princípio de respeito à realidade.<sup>34</sup>

A atribuição de importância à realidade externa é inequívoca na obra de Freud. Em relação ao princípio básico de tendência ao repouso psíquico ele considera que, tal como as necessidades internas, também os estímulos provenientes do exterior são perturbadores. A teorização de Freud explicitamente os reconhece, tanto que no linguajar de 1895 fala de "aparatos de terminações nervosas" os quais, funcionando como telas de quantidade, não deixam as quantidades externas ter um efeito bruto e direto sobre o sistema  $\Psi$  (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 306 | ESB. I; 407/408). De passagem também vale a pena acentuar que em cada uma dessas terminações Freud reconhece crivos especializados, estruturas que só permitem a passagem de estímulos específicos, diferenciados e apropriados a cada uma daquelas terminações.<sup>35</sup>

A idéia de estímulo externo é retomada explicitamente tanto em "Além do Princípio do Prazer" quanto na pequena nota sobre o "Bloco Mágico". Nesse último texto pode-se ler a descrição do aparelho perceptual do psiquismo que conteria duas camadas distintas – em primeiro lugar um escudo protetor capaz de defender o aparelho dos estímulos excessivamente intensos, reduzindo-lhes a intensidade, e, depois, o sistema Pcp.-Cs. propriamente dito, ou seja a superfície receptora dos estímulos já modulados.<sup>36</sup> Além disso, as inúmeras observações a respeito desse mesmo sistema Pcp.-Cs. também comprovam que, em seu modo de pensar, Freud indiscutivelmente reserva um claro lugar para o reconhecimento da realidade externa, tanto assim que, num dos últimos trabalhos de sua vida reafirma categoricamente que o processo de tornar alguma coisa consciente está intimamente ligado às percepções que chegam do mundo externo, depois da passagem dos estímulos pelos órgãos sensoriais.<sup>37</sup>

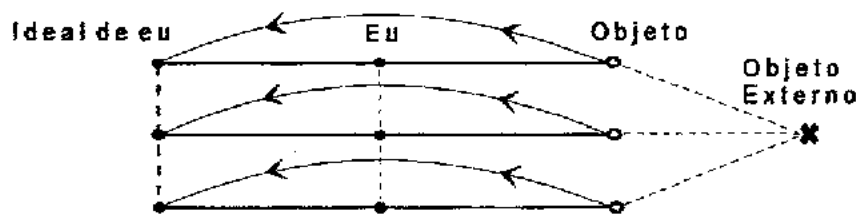
Na proposição do "princípio de realidade" a referência à realidade externa é central. Tal princípio foi formulado pela primeira vez no texto de 1911 indicado acima. No entanto, praticamente todas as idéias contidas nesse artigo já tinham sido elaboradas no "Projeto". Pode-se encontrá-las principalmente nas sessões 14 e 15 da 1ª parte daquele manuscrito. Lá está dito que o eu tem que distinguir a imagem, estimulada por um estado de desejo, da *real* apresentação do objeto, ou seja, fazer a distinção entre percepção e idéia.<sup>38</sup> Essa "indicação de realidade" ou de "qualidade" provavelmente vem das descargas do que naquela época estava sendo denominado de neurônios  $\omega$ .<sup>39</sup> É a própria experiência com valor para a sobrevivência que ensina que a descarga deve ser inibida até que a tal indicação de realidade tenha chegado.<sup>40</sup>

Essas formulações metapsicológicas a respeito da realidade, como dado apreensível, são fundamentais para o entendimento das

linhas mais básicas e mais gerais do funcionamento do aparelho psíquico. A referência à realidade é, no entanto, também indispensável para a compreensão de algumas questões mais específicas, embora não menos importantes, dentro da teoria psicanalítica. Uma das noções que exigem a referência à realidade externa é a de *identificação*. De fato, sem a percepção de um "outro ser humano" o sujeito não é capaz de aprender a conhecer, e não poderá portanto se *reconhecer* (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I; 331| ESB. I; 437). Na própria formação do *eu* o processo de identificação é fundamental, e isso exige a referência não só à alteridade como também à própria realidade externa enquanto dado apreensível. Porém, também o supereu é formado pelo processo de identificação e supõe, em sua constituição, um objeto externo que desempenhe a função paterna. (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 31/36| ESB. XIX; 45/51). Igualmente, as modificações identificatórias pelas quais um indivíduo passa no transcurso de sua vida devem ser entendidas, pelo menos em parte, como resultado de suas relações com objetos externos (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 29/30| ESB. XIX; 43/44). A perda de um objeto real, em relação ao qual foi desenvolvido o processo de identificação,<sup>41</sup> costuma estar na base do quadro melancólico (Freud, 1917a[1915]: St. Ed. XIV; 248/252| ESB. XIV; 281/285), embora, às vezes, possa se tratar de uma perda apenas psíquica.<sup>42</sup>

Da mesma maneira, a transformação do ideal de eu se dá, na psicologia das massas, quando o indivíduo coloca um líder no lugar de seu ideal de eu. Freud diz, numa síntese de vários elementos de seu raciocínio, que do ponto de vista libidinal a constituição dos grupos ocorre quando várias pessoas ligam-se a um só e mesmo objeto, e o colocam no lugar de seus ideais de eu.<sup>43</sup> A representação gráfica que Freud faz desse particular processo é muito valiosa. Com ela fica demonstrado, de maneira definitiva, o seu reconhecimento de uma

realidade externa (desconhecida em si mesma). Com efeito, a realidade externa é a referência necessária para que se formem representações psíquicas (simultâneas e razoavelmente semelhantes) daquele mesmo objeto em *diferentes* sujeitos. No esquema gráfico criado por Freud pode ser observado que estão indicados os mundos internos de três indivíduos. Fazem parte desses mundos internos os seguintes elementos: (a) a representação psíquica do objeto externo; (b) o eu; (c) o ideal de eu. A realidade externa, por sua vez, é reconhecida através da indicação de *um único objeto*, colocado no exterior, fora dos aparelhos psíquicos daqueles indivíduos (Freud, 1921: Stud. IX; 108 | St. Ed. XVIII;116 | ESB. XVIII;147).



(Figura 1 - ESQUEMA DE 1921)

Ainda outros setores da teorização psicanalítica exigem uma clara e satisfatória definição do que seria a representação psíquica da realidade externa. Uma dessas questões é a tese, explicitada em 1923, de que o eu tem que atender às exigências provindas de três direções: da libido localizada no isso, da severidade do supereu e *do mundo externo* (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 56/59 | ESB XIX; 72/76). Outro ponto é o da angústia *realística* (Realangst) que é discutida na parte B, do capítulo XI, de "Inibição, Sintoma e Angústia". Lá está dito, de maneira explícita, que existe uma inegável diferença entre o perigo real, aquele que ameaça a partir de um objeto *externo*, gerador de angústia

realística, e o perigo neurótico que deriva de exigências pulsionais.<sup>44</sup> Estão, aí, referências à realidade externa que não podem ser desconsideradas.

Também o estudo da psicose exige a referência à realidade já que nela o distúrbio na relação entre o eu e o mundo externo ocupa um lugar fundamental.<sup>45</sup>

Da mesma forma, não se pode entender a origem do fetichismo sem se levar em consideração a peculiaridade da relação do fetichista com a realidade. Na base desse tipo de experiência existe, de fato, um conflito entre o que são aspirações pulsionais privilegiadas por tal indivíduo e a proibição, por parte da realidade, da satisfação de tais aspirações.<sup>46</sup> Nesse sentido, a criança que no futuro vai se tornar fetichista nitidamente mostra o reconhecimento da realidade porque, se de um lado a nega, e não aceita as proibições frustradoras, por outro a leva em consideração, detecta o perigo com que a realidade a ameaça, entra em contato com o medo que a invade, mas acaba por tratá-lo como se fosse doentio, dele procurando se desfazer.<sup>47</sup>

Enfim, se todas essas considerações não fossem suficientes, ainda assim ter-se-ia que manter a referência à realidade como elemento inevitável das teorias psicanalíticas. De fato, como dar conta dos fenômenos que são designados como *delírios*, *alucinações* e *alucinações negativas* sem a referência à questão da relação entre o mundo interno e a realidade externa?

Depois de tudo que foi dito está claro que nos textos de Freud há um nítido reconhecimento da existência e da relevância do mundo externo na vida psíquica. Como, no entanto, defini-la em termos metapsicológicos? Em que a representação do mundo externo se distingue das demais representações que constituem a vida psíquica do sujeito? Essa é a espinhosa questão metapsicológica que não pode ficar



indefinidamente sem resposta, a não ser que se pague o preço da permanência num nível apenas nebuloso e impreciso de compreensão da distinção "eu — mundo externo". É imperioso, portanto, que seja indicado o que marca, do ponto de vista do funcionamento do aparelho psíquico, as representações da realidade externa, e o que as distingue das demais representações mentais. Mesmo que no caso dos delírios, das alucinações e das alucinações negativas tal distinção possa se perder em termos vivenciais, a tarefa teórica é justamente dar conta do que nesses casos estaria se passando. Para isso é imperioso que se encontre os elementos teóricos que distingam aqueles dois diferentes universos de representação.

Na linguagem do "Projeto" (que inclui os conceitos de  $\phi$ ,  $\psi$ ,  $\omega$  e eu), algumas interessantes hipóteses de fato são ventiladas (Freud, (1950a [1895]: St. Ed. I: 325/326, 360/362, 365 | ESB/ I: 431/432, 473/476, 478/479). Procurando a explicação teórica da percepção de estímulos externos, Freud insistentemente tenta resolver a complicada relação entre  $\phi$ ,  $\psi$ , e  $\omega$ . Isso pode ser constatado na carta a Fliess de 1º primeiro de janeiro de 1896 (Freud, 1950c[1896]: St. Ed. I; 389 | ESB. I; 508). No entanto, parece que a solução ali vislumbrada é perdida quando, para acertadamente evitar a perpetuação do enganoso caminho reducionista, o grande conjunto de elaborações do "Projeto", dentro do qual esse específico fragmento do trabalho teórico estava situado, acaba sendo definitivamente abandonado por Freud. Novo tecido conceitual foi construído mas a limitação aos conceitos das últimas formulações (eu, isso, supereu; Pcp.-Cs., pré-consciente e inconsciente), faz com que algumas hipóteses que haviam sido levantadas dentro do "Projeto" se percam. Com eles já não há mais um caminho para distinguir, do ponto de vista metapsicológico, o mundo interno da representação da realidade externa. Efetivamente, se na

formação das imagens oníricas há uma regressão tópica e Pcp. é ativado (embora não esteja havendo estimulação a partir da realidade externa); se nas alucinações também há uma estimulação de Pcp. sem que na realidade externa esteja presente o que está sendo percebido; se nas alucinações negativas há, pelo contrário, estimulação externa de Pcp. sem que isso, no entanto, se transforme em representação psíquica consciente; se tudo isso é verdade, que critérios metapsicológicos subsistem para que se distinga o que é representação psíquica do mundo externo e o que é expressão do mundo interno? De fato, os casos apresentados parecem comprovar que nem a ativação / não-ativação de Pcp., nem a consciência / não-consciência do estímulo são capazes de fazer tal distinção. Tal discriminação é, no entanto, fundamental para que se possa entender inúmeras descobertas psicanalíticas como, por exemplo, aquela que diz que quando se trata de problemas e dificuldades de ordem emocional, o conhecimento da realidade psíquica é a decisiva <sup>48</sup> ou, ainda, quando se afirma que através do caminho da arte é possível se fazer um movimento que partindo da fantasia chegue de volta à realidade. <sup>49</sup>

Terminando o levantamento das questões que emergem a partir da referência à idéia de mundo externo, um último aspecto merece atenção. Mundo interno e mundo externo (e sua representação) sempre tenderam a ser imaginados como elementos estanques e claramente excludentes entre si. O estudo dos fatos psíquicos mostra, porém, que essa separação não é correta<sup>(1)</sup>. Há uma série de fenômenos que indicam que existe *uma passagem, um território intermediário*, entre uma clara e consensual representação da realidade externa (por exemplo, o julgamento de que *isso que se vê aqui é uma folha de papel*)

(1) Nessa oportunidade cabe lembrar que a questão que Winnicott levanta com a idéia de "objeto transicional" (Winnicott, 1953) evidentemente também precisa ser avaliada dentro do contexto da polaridade "eu — mundo externo", ou, "sujeito — objeto".

e um elemento que incontestavelmente pertence apenas ao mundo interno (por exemplo, a *fantasia de ser Napoleão*).

Entre os fenômenos intermediários está o que já foi chamado de "apercepção". Pode-se destacar que na apercepção a representação do mundo externo é condicionada e modificada pela massa de experiências anteriores que aquele psiquismo já viveu ("massa aperceptiva" – Herbart). Trata-se nitidamente, portanto, de um daqueles fenômenos que estão nesse território intermediário que precisa ser reconhecido e descrito. As "leituras" que são feitas da realidade sob a influência das emoções, das paixões, dos sentimentos, das preferências estéticas ou das tendências ideológicas, são avaliações que também ocupam essa área de transição que na construção teórica deve ficar situada *entre* a região onde se dá a representação da realidade externa e a região onde a vida interior se desenvolve mais livremente.

Além disso, nessa área de transição também têm que ser situados os *devaneios* e a *criação de objetos fantasiosos* que não são encontráveis no mundo externo. Se os objetos da fantasia não compõem a *realidade externa*, por outro lado não se pode dizer, a partir da polaridade "eu – mundo externo", que, por não serem elementos da realidade externa, seriam então *eu*. Tais elementos da vida psíquica sugerem, portanto, que naquela polaridade "eu — mundo externo" há a necessidade de se incluir regiões intermediárias. Nessas regiões intermediárias cria-se um mundo em que afloram objetos que se aproximam daqueles que são comuns nas primeiras fases da vida psíquica, dos desejos eternizados no inconsciente, daquilo que já não é encontrável na realidade externa. A respeito dessa área Freud lembrou a metáfora de "área de reserva natural" escrevendo que na vida psíquica há um reino de fantasia que de certa forma é semelhante às reservas naturais do mundo físico, ou seja, lugares onde não se fazem

interferências visando atender às necessidades humanas mas, pelo contrário, deixa-se crescer tudo o que ali brota espontaneamente, mesmo que seja inútil ou nocivo.<sup>50</sup>

Finalmente, questão muito próxima a essa é a da distinção entre “realidade psíquica interna” e “realidade do mundo externo” referida por Freud ao falar de “verdade histórica” e “verdade material” (Freud, 1901: St. Ed. VI; 256| ESB. VI; 306 // Freud, 1925a[1924]: St. Ed. XX; 72| ESB. XX; 90 // Freud, 1937b: St. Ed. XXIII; 269| ESB. XIII; 304) e de “Estado dentro de um Estado” (Freud, 1939[1934-1938]: St. Ed. XXIII; 76| ESB. XXIII; 95).

Quanto à referência à noção de “objeto” para indicar o pólo externo das alternativas de investimento libidinal, também aí se encontra um quadro conceitual bastante complexo e obscuro pedindo análises detalhadas e rigorosas que o tornem menos ambíguo. Aqui basta lembrar uma questão a ser estudada: a que Freud estaria se referindo ao falar de “objeto”? A uma *outra* pessoa que não o sujeito, *objeto total* (Freud, 1916-1917b[1915-1917]: St. Ed. XVI; 305| ESB. XVI; 358) eventualmente alvo de amor, no que foi denominado de amor objetal (Freud, 1916-1917f[1915-1917]: St. Ed. XVI; 416| ESB. XVI; 485)? Ou sob a denominação “objeto” também estariam incluídos os alvos das *pulsões parciais* (Freud, 1916-1917c[1915-1917]: St. Ed. XVI; 328| ESB. XVI; 384), aquilo que mais tarde foi chamado de “objetos parciais” na literatura psicanalítica, expressão que, no entanto, Freud nunca chegou a empregar? Para alcançar um aprofundamento da compreensão a respeito da polaridade “sujeito (eu) — objeto (mundo externo)” não seria necessário que se chegasse a uma definição mais rigorosa do que distingue esses tipos de objeto, o objeto total (objeto de afeto, de amor e de ódio) e o objeto dito parcial; (objeto de pulsão parcial)? Não seria necessário supor realidades metapsicológicas significativamente

diferentes sustentando esses dois grupos de objetos, vivencialmente tão diversos? Mas como fazer tais distinções?

## 2.3 – Revisão da literatura pós-freudiana

Nessa seção serão brevemente indicadas as principais sugestões encontradas na literatura psicanalítica para o avanço na resolução das contradições e das dificuldades teóricas que envolvem os conceitos de eu (sujeito) e mundo externo (objeto), problemas que naturalmente recaem sobre as distinções eu//não-eu que foram estudadas por Freud. Desde já pode ser dito que nos textos examinados não foi localizado nenhum trabalho que tomasse a questão da *multiplicidade de tais distinções* como ponto específico de pesquisa. Da mesma forma, nenhuma das construções teóricas selecionadas é satisfatória em termos de trazer uma solução global para os problemas que aqui estão sendo focalizados. Evidentemente isso não quer dizer que a literatura psicanalítica nada tenha a oferecer a quem procura um melhor entendimento a respeito das distinções eu//não-eu encontradas nos textos freudianos. Pelo contrário, a quantidade de sugestões que nela se pode colher é surpreendentemente grande e a qualidade dessas contribuições é sem dúvida muito boa. São, no entanto, contribuições pontuais – certamente enriquecem muitos segmentos da área de estudo, mas não oferecem um quadro conceitual, orgânico e abrangente, que solucione o problema, ainda não resolvido, da inexistência de integração teórica relativa a esse tema. Provavelmente isso se deve ao fato de que todos os aportes considerados partiram do descarte da única perspectiva que poderia dar conta de todo o campo em questão, isso é, a *perspectiva metapsicológica clássica*, em toda sua complexidade, com a indispensável valorização dos pontos de vista

econômico, topográfico e dinâmico<sup>(1)</sup>. De fato, é no bojo da metapsicologia que surge o problema, e só lá ele pode ser resolvido.

Se, por um lado, a literatura psicanalítica atual não oferece uma resposta satisfatória para a questão que aqui está sendo examinada, por outro ela tem sido particularmente fértil, fornecendo inúmeros elementos que podem ser aproveitados nessa investigação. Antes de serem indicados, serão primeiro assinaladas, de imediato, as grandes elaborações pós-freudianas relativas à questão eu//não-eu que são anteriores à literatura mais recente, mas que, de alguma forma, a propiciaram e encaminharam, na clara condição de solo de origem.

É muito interessante a análise do pensamento de Freud, e do campo psicanalítico como um todo, que Bercherie faz em seu artigo publicado em duas partes e intitulado "Loculaire quadrifocal". Depois do exame das teorias freudianas, lá se encontra a referência a três grandes escolas, às quais uma quarta corrente é por fim acrescentada, que foram fundamentais na constituição do campo psicanalítico pós-freudiano. De fato, Bercherie junta à escola kleiniana que se desenvolveu na Inglaterra, à escola americana da 'ego-psychology', e à

(1) Aqui não se pretende avaliar o lugar que a metapsicologia tem ocupado na literatura psicanalítica pós-freudiana. Tal questão é tão complexa e delicada que sua abordagem requereria a elaboração de um outro trabalho. No entanto, para esclarecer a linha de pensamento adotada (e indicar o que realmente está sendo dito quando se afirma que a metapsicologia tem sido posta de lado), será transcrito, com o objetivo de estabelecer um contraste, o que diz um autor, talvez um dos mais renomados e respeitados dentre todos os que atualmente valorizam a metapsicologia. Num livro relativamente recente, de novembro de 1995, chamado "Propédeutique - La métapsychologie revisitée", todo dedicado à retomada da metapsicologia que, por sinal, é dita atravessar um "período crítico", André Geen escreve o seguinte: "J'adopterai, pour la circonstance, une position moins restreinte que celle qui définit la Métapsychologie, conformément aux dire de Freud, aux trois points de vue topique, dynamique et économique. Sans contester l'intérêt de cette définition, j'ai préféré faire prévaloir une option plus générale, celle qui conçoit la Métapsychologie comme la tentative de décrire, et de théoriser, les processus psychiques 'de l'autre côté de la conscience'" (Green, 1995b; 7). Ora, "descrever e teorizar os processos psíquicos do outro lado da consciência" além de ser o que todos os teóricos da psicanálise necessariamente fazem, mesmo os que se distanciam nitidamente da metapsicologia, pode também significar ficar no campo dos processos meramente psicológicos, mesmo que inconscientes e, portanto, aquém da teorização auxiliar que Freud denominou de METapsicológica e que se refere às considerações topográficas, econômicas e dinâmicas propriamente ditas. Evidentemente não há nessa observação um desmerecimento dos trabalhos de André Geen, que estão entre os mais valiosos e bem instruídos a respeito de todo o amplo campo psicanalítico. A intenção é apenas precisar o sentido da afirmação que foi feita acima a respeito da marginalização que a metapsicologia tem sofrido.

*escola lacaniana* francesa, uma quarta corrente, que qualifica de marginal, na qual situa, como membros essenciais, em primeiro lugar o Ferenczi da última etapa e, em seguida, Balint, Winnicott e Searles.<sup>51</sup>

A análise que Fred Pine faz do campo psicanalítico talvez seja ainda mais instrutiva que a de Bercherie. Curiosamente, como Bercherie ele também divide o universo de contribuições teóricas em quatro grandes grupos e, como Bercherie, também ele apresenta suas idéias em dois artigos publicados sucessivamente (Pine, [1988] e Pine [1989]). Para Fred Pine é possível localizar *grandes grupos de elaboração teórica* que, seguindo um estudo anterior, ele chama de "as quatro psicologias" (psicologia de pulsão, psicologia de relação de objeto, psicologia de self e psicologia de ego). Do ponto de vista da psicologia de pulsão o que há de mais importante são as próprias pulsões, determinantes de anseios forjados em precoces experiências no âmbito corporal e no seio familiar, representadas por fantasias interminavelmente modificadas, e organizadas em torno de conflitos com o eu, com o supereu e com as limitações impostas pela realidade. A psicologia de relação de objeto vê o indivíduo como sujeito de um drama interno oriundo da infância e no qual ele mesmo vive todos os papéis. A perspectiva da psicologia do self acentua a constituição (bem sucedida ou fracassada) da delimitação das fronteiras do self em suas relações com o objeto, e a existência ou não da experiência subjetiva de coesão e auto-estima "realística" e "flexível". Por último, a psicologia de ego vê o indivíduo em termos ou do aumento da capacidade de adaptação, defesas "bem sucedidas" e teste de realidade "eficiente", ou de "defeito" do ego e acúmulo de defesas "inadequadas".<sup>52</sup>

Restringindo-se apenas à questão das distinções eu//não-eu, a análise da literatura pós-feudiana que vem a seguir chega a resultados que, em muitos pontos, são bem semelhantes aos de Bercherie e de



Fred Pine, como logo ficará claro. De fato, pode-se dizer que partindo de Freud, a princípio desenvolvem-se quatro ramos *diretos* que vão tratar, produtiva e continuamente, de questões referidas às distinções que estão sendo estudadas aqui. Duas delas têm origem em Viena, outra vem de Berlim e a quarta de Budapeste.

\*

Federn, nascido em Viena, formou-se em medicina, e já em 1902 entrava em contato com o grupo inicial de Freud. Nesse grupo foi braço direito do líder até 1938, véspera da 2ª grande guerra, quando mudou-se para Nova Iorque. Lá continuou a trabalhar em psicanálise até sua morte, em 1950 (Weiss, 1966). Sua principal contribuição teórica refere-se justamente ao estudo do eu. Nessas pesquisas ele valoriza a existência de um narcisismo "saudável" e fundamental para o equilíbrio da vida psíquica. Federn fala de um "sentimento de continuidade do eu" o qual é concebido comportando fronteiras que o distinguem do objeto (Federn, 1929). Seus estudos se associam, portanto, ao conceito de eu como *sujeito e objeto de investimento*. Talvez as idéias de Heinz Kohut, tão importantes no cenário psicanalítico contemporâneo, em alguns aspectos possam ser aproximadas das formulações de Federn <sup>(1)</sup>.

Kohut fez formação médica em neurologia, em Viena, e no início da 2ª grande guerra mudou-se para Chicago onde se fixou

---

(1) Numa nota acrescentada a um de seus artigos, Kohut, para quem justamente a *introspecção* e a *empatia* são fundamentais (veja-se, por exemplo, o artigo seminal de sua obra: "Introspection, empathy and psychoanalysis: an examination of the relationship between mode of observation and theory" [Kohut, 1959]), diz o seguinte a respeito de Federn: "Federn's statements in line with this approach were conjoined to form a chapter of his *Ego Psychology and the Psychoses* (1936). Here, too, however, as is true with so many other of Federn's fascinating insights into ego psychology, the formulations remain too close to phenomenology, i.e., to the introspected experience and are thus hard to integrate with the established body of psychoanalytic theory". (Kohut, 1966 [1978; 428a]).

definitivamente. Ao que tudo indica, seu interesse pela psicanálise só se tornou dominante no início dos anos 50 tendo, de início, sido influenciado pelas idéias da psicologia do ego então prevalentes. A independência de suas idéias começou a surgir com o clássico artigo "Introspection, empathy and psychoanalysis" (Kohut, 1959). No que diz respeito à área de teorização que é relevante para o estudo que está sendo desenvolvido aqui existem, na obra de Kohut, várias contribuições que merecem ser destacadas.

Naquilo que chama de "psicologia psicanalítica do self" ele propõe como central a noção de "objeto-self", elemento *experienciado* como parte do self e que pode ser de dois tipos: o "especular", que confirma o sentido inato de vigor, grandeza e perfeição, e o referido como "imagem parental idealizada", com a qual a criança pode fundir-se enquanto imagem de calma, infalibilidade e onipotência. O "self prejudicado" resulta da interação defeituosa entre a criança e seus objetos-self (Kohut, 1978; 414).

\*

O outro ramo de construções teóricas que teve origem em Viena e que compõe uma destacada área do campo de estudo que aqui está sendo delimitado, gira em torno da figura emblemática de Heinz Hartmann. Seus estudos sobre o eu são muito conhecidos e tiveram durante longo tempo extraordinário impacto sobre um amplo setor da comunidade psicanalítica. Diferentemente de Federn, Hartmann interessou-se pelo eu enquanto *estrutura ativa* dentro do aparelho psíquico e propõe uma diferença entre "ego" e "self". Ao falar do narcisismo enfatiza o que distingue essas duas noções. Para ele "self" significa a própria pessoa em contraposição aos objetos, enquanto que

“ego” indica uma das estruturas que constituem a “personalidade”. O narcisismo seria, então, o investimento libidinal do “self”. Nesse contexto poderia vir a ser útil a referência à idéia de “representação do self” em oposição à de “representação do objeto”.<sup>53</sup>

Na verdade, desde a época de Viena os interesses de Hartmann eram, em termos teóricos, *associar a psicanálise à psicologia geral* e, em termos práticos, obter sucesso no *encaminhamento da “adaptação”*. Em virtude disso ele acabou por propor uma concepção de eu que diferia da que Freud tinha sugerido. Freud supõe, segundo o pensamento de Hartmann, que o eu forma-se a partir dos impulsos pulsionais e é uma diferenciação cortical do isso sob a influência da realidade.<sup>54</sup> Hartmann, por sua vez, considera que o eu tem relativa independência em relação às moções pulsionais e delas não deriva completamente, tendo realidade e alvos próprios. Acha ele que embora o ego se desenvolva a partir dos conflitos, não está neles sua única origem. Outras raízes seriam encontradas no desenvolvimento psíquico normal e deveriam ser matéria de estudo da psicologia geral. Para ele a psicanálise poderia aproveitar tais pesquisas dentro de sua própria perspectiva.<sup>55</sup> Criou-se, assim, uma *psicologia do ego* que, também em outros aspectos, separou-se do pensamento original de Freud (embora Hartmann nunca tenha assumido essas diferenças). Em relação à questão da energia à disposição do eu, ele diz, por exemplo, que não está seguro quanto à questão de sua origem pulsional. Nesse sentido dá bastante ênfase ao fato de que Freud afirma, num determinado texto, que *quase toda* a energia ativa no aparelho psíquico vem das pulsões. Hartmann quer acentuar que nessa afirmação está implícito o reconhecimento de que deve haver outra fonte em jogo. Sua sugestão é que o ego autônomo, aquele que se desenvolveria independentemente dos conflitos, deve ser considerado como sendo essa outra fonte. Além

disso, ele associa o pensamento psicanalítico a respeito da energia psíquica ao pensamento biológico e vê na fisiologia um campo onde respostas a muitas questões psicanalíticas poderiam ser encontradas. De qualquer maneira, sua opinião é que, independentemente da origem, pulsional ou não, a energia da qual o ego dispõe é própria, o que reafirma o caráter separado e autônomo desse sistema psíquico.<sup>56</sup>

Apesar de todas as discutíveis opções teóricas que foram feitas por essa escola tão amplamente difundida nos Estados Unidos, há em tal corrente de pensamento um mérito que, com justiça, precisa ser reconhecido – o de não ter abandonado, tão fácil e completamente como fizeram outros ramos do desenvolvimento da psicanálise, a perspectiva metapsicológica, principalmente naquilo que diz respeito aos aspectos econômicos e topográficos os quais, na verdade, são fundamentais. Por outro lado, um dos enganos básicos da “psicologia do ego” foi não ter visto que a proposta feita por Freud em 1923 se encaixa *dentro* da construção metapsicológica mais ampla e de forma nenhuma autoriza a fundação de um *ponto de vista estrutural* (Rapaport, 1960 [1971; 156]), que não é freudiano e que concebe a formulação de 1923 como um corte no desenvolvimento da construção metapsicológica<sup>(1)</sup>.

No caudal da obra de Hartmann vieram algumas elaborações de Edith Jacobson e Margaret Mahler que são especialmente pertinentes para o estudo das distinções eu//não-eu. Num artigo muito interessante do ponto de vista da história da psicanálise, Brenner relata uma viva discussão entre Jacobson e Hartmann, que teria se dado numa reunião noturna da Sociedade Psicanalítica de Nova Iorque, durante a qual Hartmann chamou a atenção para os múltiplos usos que

(1) Quando, em 1923, Freud propôs as noções de “Es” “Ich” e “Überich”, de nenhuma forma estava abandonado o ponto de vista topográfico e substituindo-o por um “ponto de vista estrutural”, como os teóricos da psicologia do ego às vezes deixam entender.

Freud fizera da expressão "das Ich". Nessa discussão Jacobson mostrou-se muito atraída pelo uso do termo "self".<sup>57</sup> De fato, Jacobson, outra austríaca em Nova Iorque, dedicou-se com todo empenho ao estudo do self e, em 1954, publicou um importante artigo no "Psychoanalytic Study of the Child" em que procura entender o desenvolvimento tanto do "self" quanto das relações de objeto dentro da perspectiva estrutural. As concepções econômicas permanecem relevantes em sua teorização. As representações do "self" e do objeto investidas pela libido seriam efeitos do processo do desenvolvimento, enquanto que as sensações de prazer e desprazer seriam *anteriores* às claras representações tanto do "self" quanto do objeto. Jacobson também enfatiza que é necessário reconhecer a distinção entre os objetos e suas representações (Jacobson, 1954).

Sem desdizer a observação de Brenner a respeito do despertar do interesse de Jacobson pela questão do "self" a partir das observações de Hartmann, a verdade é que esse tema já a preocupava muitos anos antes daquela reunião em Nova Iorque. De fato, em 1946 ela escrevera um artigo em que tratou dos efeitos das decepções sobre a formação do eu e do supereu (Jacobson, 1946), texto que prenuncia sua preocupação com a questão do "self" ou da auto-imagem. Seus estudos específicos sobre o "self" levaram-na a publicar, em 1954, um artigo onde diz que a noção de "representações-self" precisaria ser definida com mais precisão por ser pouco familiar. Da mesma forma, o desenvolvimento genético de tais formações deveria ser melhor descrito.<sup>58</sup>

Jacobson reconhece que ao estudar o "self" há que se levar em conta tanto a questão da sensação, ou experiência, quanto a questão da representação. A respeito dessa dupla vertente ela refere-se a Fenichel que, num dos capítulos de seu clássico livro sobre as

neuroses (Fenichel, 1945 [1971; 52/56]), de fato fez um interessante estudo a respeito do desenvolvimento do eu no qual o termo "self" já aparece<sup>(1)</sup>.

Numa nota Jacobson mostra que os estudos de Federn dão especial ênfase à questão do "sentimento" ou da "experiência do eu" e opina que ele, sem ter uma razão muito clara para isso, separa tal aspecto vivencial dos componentes conceituais da "representação-self".<sup>59</sup>

Nesse ponto vale a pena lembrar que os trabalhos de Kohut, tal como os de Federn, também dão especial ênfase à questão da "experiência do self", e não ao problema do "self" enquanto *conteúdo* da vida psíquica. Em contraposição, o interesse de Jacobson se dirige para a questão do "self" enquanto *imagem* ou *representação* do eu. Nesse sentido ela faz algumas importantes indicações a respeito da origem e do desenvolvimento de tal representação.

Para ela as "imagens-self" precoces têm como cerne sensações de prazer e desprazer que se ligam às imagens corporais. De partida o conceito que a criança faz do "self" tem tão pouca unidade quanto as imagens referidas aos objetos. Além disso, com muita facilidade ele é confundido, ou fundido, com as imagens dos objetos que trazem satisfação, e compõe-se de imagens em constante transformação, tal como é próprio ocorrer nos estados mentais primitivos. Jacobson chama a atenção ainda para o fato de que as "imagens-self" e as "imagens-objeto" também deveriam ser estudadas em suas relações com a questão das identificações primitivas.<sup>60</sup>

(1) Merece nota o fato de que justamente nos textos desse autor, diante de quem Lacan se coloca de certa forma em oposição, encontra-se a formulação de que *na origem o eu e o objeto não se distinguem*, fato que Fenichel (Fenichel, 1945 [1971; 53/54]) indicou ainda estar associado ao fenômeno da *fascinação*, tal como foi descrito por Bernfeld, já em 1928, no artigo 'Über Faszination'.

Os estudos de Jacobson, em Nova Iorque, tiveram grande impacto no cenário psicanalítico e, sob sua influência, em 1962 Sandler e Rosenblatt publicaram um importante artigo em que criam a noção de "mundo representacional", noção que passa a ser generalizadamente reconhecida dentro do campo psicanalítico. O estudo do "self" e do objeto como elementos do mundo representacional foi intimamente desenvolvido por esses autores em conexão com os trabalhos de Jacobson<sup>(1)</sup>.

Sandler e Rosenblatt afirmam que a *percepção* é um processo ativo do eu e que se deve considerar que no trabalho de transformar os dados brutos sensoriais em percepções significativas o eu acaba por criar um mundo representacional que inclui imagens e organizações tanto do ambiente interno quanto do externo. O mundo representacional que o eu elabora vai se modificando no curso do desenvolvimento a partir de configurações iniciais nas quais o que um observador distinguiria como realidade interna e realidade externa ainda está indiferenciado para aquele sujeito.<sup>61</sup> Esses autores naturalmente separam de um lado o eu como estrutura ou conjunto organizado de funções e, do outro, o mundo representacional. Dentro do mundo representacional está a "representação-self". Tal representação corresponde ao que a pessoa percebe de si mesma, consciente e inconscientemente. Essa representação é produto das funções do eu e tanto ela quanto as representações de objeto fazem parte do mundo representacional.<sup>62</sup>

Sandler e Rosenblatt afirmam que o mundo representacional nunca é *agente*, ele mesmo.<sup>63</sup> A partir disso podem discriminar com clareza a identificação da introjeção. A *identificação* seria a modificação

---

(1) De certa forma essa perspectiva de estudo também se aproxima de parte da teoria de relações de objeto que se desenvolveu a partir da Inglaterra.

da "representação-self", que faz parte do mundo representacional, segundo o modelo de uma outra representação que, naturalmente, é representação de um objeto.<sup>64</sup> Já a *introjeção* teria a ver com a criação ou modificação de um agente ativo no psiquismo (Sandler & Rosenblat, 1962; 138). Essa nítida distinção entre a identificação e a introjeção permite a elaboração da noção de "identificação com o introjeto". Tal expressão refere-se a um processo psíquico muito comum. Trata-se, por exemplo, daquilo que ocorre quando alguém pela primeira vez identifica-se com as atitudes dos pais nas próprias atitudes que tem com seus filhos.<sup>65</sup>

Jacobson sempre procurou articular seus próprios desenvolvimentos teóricos concernentes ao mundo representacional com a *teoria estrutural* que havia sido amplamente desenvolvida nos Estados Unidos. Sumariando o primeiro artigo que escreveu em 1983 Jacobson diz que, em relação aos fenômenos do mundo representacional, houve, no campo psicanalítico, a tendência de conceituá-los ou inteiramente fora da teoria estrutural ou, pelo contrário, tão intimamente ligados a ela que já não se podia distingui-los em seus detalhes específicos.<sup>66</sup> Fairbairn e Kohut, por exemplo, teriam chegado a propor a criação de um paradigma novo, que substituíria completamente a teoria estrutural, para dar conta desses fenômenos.<sup>67</sup> Para Jacobson, no entanto, é possível integrar o modelo estrutural e o modelo representacional na análise dos fenômenos clínicos. A noção de "estado do eu", desenvolvido por Sandler e outros, seria especialmente útil na construção dessa integração. "Estado do eu" é, segundo Jacobson, o estado afetivo que envolve um conjunto de relações entre o "self" e o objeto ao qual estão associadas os derivativos pulsionais, as fantasias, as defesas, as reações do "superego" e as capacidades do eu que marcam aquele momento.<sup>68</sup>



A tentativa que Jacobson fez de integrar o modelo estrutural e o modelo representacional talvez possa ser melhor compreendido se for corrigida uma afirmação contida no desenvolvimento de seu raciocínio. Jacobson fala do "ego state" como se fosse uma noção desenvolvida por "Sandler e outros". Na verdade Sandler e Joffe não falam de "ego state" mas sim de "state of the self" e quando o fazem querem indicar o que o sujeito está *experimentando*, isto é, ou um estado de bem estar, ou um estado desagradável como tristeza, depressão, e assim por diante. Nesse sentido eles escrevem, por exemplo, que quando há uma perda de objeto o que é perdido, no final das contas, é um "estado do self", do qual o objeto é o veículo,<sup>69</sup> ou seja, quando na perda deixa-se um objeto, deixa-se também um "estado do self".<sup>70</sup> Se a falta de alguma outra informação não está levando a um engano de interpretação, pode-se concluir que, na verdade, a noção de "ego state" foi criada não por "Sandler e outros" mas pela própria Jacobson. É por sinal compreensível que a noção de "ego state" surja justamente no texto em que essa autora está procurando integrar o modelo estrutural e o modelo representacional. De qualquer maneira, todo esse setor de teorização é muito relevante na investigação a respeito das distinções eu//não-eu principalmente porque ele é pertinente quer no estudo do eu como estrutura do aparelho psíquico, quer na perspectiva em que o eu é tomado como um dos possíveis pólos de investimento.

No segundo artigo publicado por Jacobson em 1983 a mesma tese é ampliada. Ao tratar do estado indiferenciado do qual vão surgir o "self" e o objeto a autora lembra a descrição que Benedek fez, em 1938, do fenômeno da confiança. Naquela descrição já havia a conceituação de um estado no desenvolvimento do eu em que as

fronteiras entre o "eu" e o "você" ainda não estariam demarcadas (Jacobson, 1983b; 545/546).

Kernberg chega a dizer que o pensamento de Edith Jacobson é o único que associa, numa só construção: a) o estudo do desenvolvimento das relações de objeto; b) a teoria a respeito dos mecanismos de defesa e das vicissitudes pulsionais e; c) as propostas de Freud a respeito do aparelho psíquico em termos estruturais, isso é, de "id", "ego" e "superego" (Kernberg, 1979).

Margaret Mahler, pediatra, e também austríaca emigrada para os Estados Unidos no período da guerra, trabalhou desde os inícios dos anos 40 no Serviço Psiquiátrico Infantil do Estado de Nova Iorque e da Universidade de Colúmbia. Em 1975, depois de mais de um quarto de século de estudos, publicou um resumo de suas pesquisas no livro *"The Psychological Birth of the Human Infant"*. Embora tenha pensamento próprio e independente, sempre situou suas idéias dentro do amplo contexto teórico da psicologia do ego que tinha em Hartmann seu representante mais conhecido. São especialmente relevantes para a pesquisa a respeito das distinções eu/não-eu sua concepção de "autismo normal" – um sistema monádico fechado que antecede o período simbiótico – e a noções de "simbiose normal", de "relação simbiótica específica", de "resposta seletiva da mãe" e de "fase de separação-individuação".

Em *"On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation"* ela diz que nas semanas que precedem a evolução da simbiose, os estados equivalentes ao sono na vida do recém-nascido ultrapassam em muito os da vigília. São remanescentes do estado primal de distribuição da libido que prevalece na vida intra-uterina a qual se assemelha a um sistema monádico fechado, auto-suficiente na sua

realização alucinatória de desejo. Esse seria o período do *autismo normal* (Mahler, 1968; 7/8).

Do segundo mês em diante aparece alguma percepção dos objetos de satisfação, e isso marca o início da fase de *simbiose normal* na qual o bebê e a mãe compõem para o bebê um sistema onipotente – uma unidade dual dentro de uma fronteira comum (Mahler, 1968; 8). Nessa fase o eu não se distingue do não-eu. Só gradualmente o dentro e o fora vão se diferenciando (Mahler, 1968; 9).

Na segunda metade do primeiro ano o parceiro simbiótico já não é trocável. O bebê atinge aí uma *relação simbiótica específica* com sua mãe (Mahler, 1968; 13). Para Margaret Mahler, é como resultado da resposta da mãe a somente alguns sinais da criança (o que se dá seletivamente) que a criança vai nascendo como indivíduo (Mahler, 1968; 18). Tem-se, então, a concepção de três fases iniciais: a do *autismo*, na qual a criança não se dá conta de nada além de seu corpo; a de *simbiose*, na qual há uma leve percepção de que a satisfação das necessidades vem de fora e na qual a mãe é ainda parte da representação própria (ou seja, a imagem psíquica da criança está fundida com a imagem de sua mãe); e a fase da *separação-indivuação*, na qual a criança descobre progressivamente sua realidade própria (Mahler, 1968; 165).

\*

O terceiro ramo de importantes construções teóricas a respeito das distinções eu//não-eu teve origem em Berlim. Em 1924 Karl Abraham publicou um texto que veio a se tornar um dos clássicos da história da psicanálise. Esse longo artigo é importante por vários motivos. Aqui cabe chamar a atenção para como ele representa a *ponte*

entre as teorias freudianas de desenvolvimento da libido e as futuras teorias a respeito do eu e do objeto que iriam começar a se desenvolver na década seguinte, na Inglaterra. Nesse artigo, ao lado do cuidado com a alvo da pulsão (*Ziel*), Abraham começa a dar um lugar especial às considerações referentes ao *objeto* (*Objekt*), à história de seu surgimento no curso evolutivo, e a seu lugar na constituição dos distúrbios psíquicos. Estabelece, então, uma seqüência de "etapas do amor-objeto", ao lado da seqüência das "etapas da organização libidinal" (Abraham, 1924 [1973; 218]). É notável como aí ainda não aparece a noção de "objeto parcial". Até então, apenas das pulsões falava-se que podiam ser "parciais".

Pode-se ver, em Abraham, a origem comum de duas linhas de pesquisa que vão se desenvolver mais tarde na Inglaterra. Uma delas foi encabeçada por Melanie Klein, analisanda de Abraham quando de sua estadia na Alemanha. Com Melanie Klein as noções de "objeto parcial" ("partial object" e depois "part-object") e "realidade interna" ganham máxima força. Na verdade, parece que ela acompanha Edward Glover que, já anteriormente, entendera que de início o eu tem uma organização frouxa, consistindo de inúmeros núcleos-eu dos quais um *núcleo-eu oral* domina primeiro, depois do que o predomínio seria de um *núcleo-eu anal*. Ainda seguindo Glover, para Melanie Klein a capacidade do eu de identificação com seus objetos é pequena na fase muito inicial, aquela marcada pelo sadismo oral. A identificação é pequena tanto porque o eu ainda é pouco coordenado, quanto porque os objetos introjetados são objetos parciais tomados como fezes.<sup>71</sup> No entanto, é fundamental assinalar que, diferentemente da noção de "objeto pequeno" elaborada por Freud ("das Kleine"), o *objeto parcial* referido por Melanie Klein é um objeto que deseja, teme, ama e odeia.

A "identificação projetiva" é outra noção de Melanie Klein fundamental dentro do amplo campo teórico relevante para o estudo que aqui está sendo feito. A noção de "identificação projetiva" foi introduzida em 1946. Disse Melanie Klein que grande parte do ódio inicialmente dirigido a partes do "self" é voltado na direção da mãe e isso determina uma forma de identificação que funda um tipo de relação objetal agressiva. Quando a cisão e a expulsão de partes do eu para o mundo é muito grande esse eu acaba por ficar enfraquecido. Na verdade os componentes agressivos dos sentimentos estão ligados a qualidades como potência, conhecimento e força. Já a projeção de sentimentos bons propicia, se não for excessiva, tanto o desenvolvimento de relações objetais boas quanto a integração do eu. Quando há exagero no movimento de projeção de sentimentos bons a mãe torna-se o ideal de eu e o eu pode ficar empobrecido. Para Klein tudo leva a crer que a cisão de partes do "self" e a projeção deles nos objetos desempenham funções fundamentais tanto no desenvolvimento "normal" como nas relações objetais "anormais".<sup>72</sup> Nessas proposições é importante notar o uso alternativo e indiferenciado de "ego" e "self", termos que não foram referidos a construtos claramente distinguidos mas que, de qualquer forma, parecem indicar a percepção de Melanie Klein de duas realidades que precisariam ser discriminadamente reconhecidas.

A contribuição de um dos teóricos associados ao pensamento de Melanie Klein também tem lugar relevante no estudo das distinções eu//não-eu. Trata-se das elaborações de Bion, e principalmente daquela que diz respeito aos "ataques ao aparato de percepção" que produzem "objetos bizarros ou grotescos". Escreve Bion que existem nas fantasias infantis não só ataques sádicos contra o peito materno mas também ataques ao próprio aparato de percepção.

Quando isso se dá essa parte da personalidade é fragmentada em pequenos pedaços e lançada para fora através da identificação projetiva. Na fantasia do sujeito elas adquirem, então, existência independente, e ele se vê rodeado de objetos grotescos.<sup>73</sup>

Deve ainda ser acrescentada, junto às idéias de Melanie Klein, a contribuição de Kernberg. Embora esse autor, nascido em Viena em 1928, tenha trabalhado predominantemente nos Estados Unidos (e tenha se aproximado bastante das teorias de Heinz Hartmann, de Edith Jacobson e de Margaret Mahler), o fato dele ter feito sua formação em psicanálise no Chile, na década de 50, onde era dominante o pensamento de Melanie Klein, deixou suas teorizações para sempre marcadas pela perspectiva kleiniana. Em suas tentativas de integração de teorias, objetivo que sempre o atraiu, Kernberg nunca deixou de colocar como base a perspectiva kleiniana, que foi aquela que predominou no início de sua formação.

Nesse estudo a respeito das distinções entre o eu e o que não é eu tem especial relevância o que Kernberg propõe em termos de "representação self-objeto indiferenciada primária". Diz Kernberg que, em seu entendimento, as representações tanto do "self" quanto do objeto emergem de uma "representação primária indiferenciada de self-objeto". Esse modo de ver contrasta com o ponto de vista tradicional que afirma a precedência do investimento narcísico da libido sobre o investimento de objeto (que seria mais tardio) e também diverge da perspectiva proposta por Kohut, a qual supõe que os investimentos narcísico e de objeto começam juntos, e depois se desenvolvem independentemente. Para Kernberg, ao contrário, o desenvolvimento dessas duas formas de investimento é sempre concomitante, e a noção de narcisismo primário não é mais sustentável.<sup>74</sup>

A segunda linha de pesquisa que se originou em Abraham, e se desenvolveu na Inglaterra, cresceu a partir de contribuições de Glover. Por influência de seu irmão James, Edward Glover foi se estabelecer, em 1920, em Berlim, a curta distância de Abraham, com quem fez sua análise e aprendizado básico de psicanálise (Wahl, 1966; 13). Em 1932 Glover publicou um artigo que teve lugar decisivo na continuação do desdobramento das teorizações psicanalíticas, principalmente na Inglaterra. A esse artigo tanto Melanie Klein (Klein, 1935 [1980; 263]), quanto Fairbairn (Fairbairn, 1941a; 251) e Winnicott (Winnicott, 1988 [1990; 136]) fazem referência explícita.

Aqui vale a pena destacar a concepção de Glover a respeito de "núcleos-eu" e o que talvez seja uma das primeiras referências na literatura psicanalítica à noção de "objeto-parte" ("part-object"). Para Glover um "sistema de eu", ou um "núcleo-eu", é um "sistema psíquico" marcado por três características básicas: a) tal sistema representa uma relação libidinal positiva com objetos parciais; b) é capaz de descarregar tensão reativa (ou seja, ódio ou agressão) contra o objeto e; c) através desses caminhos consegue reduzir a angústia. O *eu* do adulto, ou de uma criança de cinco anos, é, na verdade, um composto de inúmeros núcleos-eu dos quais o sistema oral, que gratifica a pulsão através da relação com o mamilo, pode ser tomado como protótipo. A partir da idade de um ano pode-se, com certeza, dizer que o eu é "polinuclear".<sup>75</sup>

Glover imagina eu como um sistema que teria a estrutura de um esqueleto. De fato sua concepção é bastante sofisticada posto que supõe a existência inicial de uma aglomeração de núcleos-eu os quais convergem em séries consecutivas e, com o passar do tempo, mostram um grau de organização crescente.<sup>76</sup>

Tais concepções já estavam em gestação num artigo publicado em 1930. Naquele texto Glover diz que a noção de eu primitivo requer, por si mesmo, uma elaboração mais complexa. Glover supõe que no estágio no qual se forma a identificação primária existem tantos eus primários quantas *combinações de zonas erotogênicas e sistemas de descarga reativa*. Na verdade isso quer dizer que desde a origem o eu primitivo é uma construção polimorfa.<sup>77</sup>

As sugestões de Glover que aqui estão sendo destacadas naturalmente devem merecer especial atenção quando se está estudando as distinções eu//não-eu, ainda mais porque elas oferecem, adicionalmente, elementos para o esmiuçamento da noção de objeto que é fundamental naquelas distinções. Assim, seguindo o caminho do aprofundamento da pesquisa, chega-se a um outro artigo onde a concepção de Glover a respeito dos núcleos do eu aparece de forma mais completa. Num artigo de 1943 ele diz que em virtude das pulsões com as quais o psiquismo primitivo tem que lidar serem pulsões parciais que brotam de diferentes zonas corporais e diferentes centros de órgãos, a "estrutura-do-eu" primitiva é "multinuclear". Os próprios "núcleos do eu", por outro lado, são formados de sistemas de "traços de memória" que compõem "sistemas Psi", como dizia Freud, e que resultam da soma de diferentes experiências pulsionais<sup>(1)</sup>.<sup>78</sup>

Finalmente, uma última característica do eu é ressaltada por Glover. Convém assinalá-la desde logo já que na pesquisa que aqui está sendo desenvolvida não deve ser deixado de lado, de antemão, um elemento de teorização a respeito do eu que, mais tarde, talvez venha a se mostrar fundamental para uma melhor compreensão das distinções eu//não-eu. Segundo Glover, desde o início do mais fragmentado eu já

<sup>(1)</sup> É importante notar, de passagem, que Glover está explicitando, nesse ponto, uma interessante via de ligação capaz de unir a teorização mais tardia de Freud a respeito do eu (1923) com a teorização que anteriormente havia sido construída a respeito do aparelho psíquico (1900).



se manifesta uma "função sintética" do psiquismo, função que trabalha no sentido de fundir os diversos núcleos-eu, e de lá faz aparecer uma estrutura coerente e complexa.<sup>79</sup> Seria essa função sintética um elemento fundamental para que o psiquismo se organize em termos das oposições eu//não-eu?

É curioso que todo esse setor da teorização psicanalítica desenvolvido por Glover esteja completamente ausente do artigo de Rapaport "An historical survey of psychoanalytic ego psychology" (Rapaport, 1958) o qual, em outros aspectos, é bastante minucioso e completo. Isso mostra como o desenvolvimento da psicologia do ego nos Estados Unidos em grande parte desconheceu os avanços teóricos que tinham sido feitos em outros ambientes.

\*

O quarto ramo de teorização a respeito das distinções eu//não-eu" nasceu com Ferenczi, em Budapeste, mas a morte prematura de seu inspirador, em 1933, fez que essa linha teórica fosse se desenvolver principalmente na Inglaterra onde Ferenczi havia lido, no Congresso de Oxford, isto é, em solo inglês, em 1929 (tendo provavelmente Fairbairn e Winnicott na audiência), seu trabalho "Progress in psycho-analytic technique", apresentação que foi publicada no volume da *"International Journal of Psycho-Analysis"* do ano seguinte com o título – "The principles of relaxation and neocatharsis" – texto que pode ser chamado de *marco fundador da teoria de relações de objeto*.

Com o artigo de 1929 Ferenczi toma uma direção diferente da que vinha explorando com o "princípio de frustração" e com a "terapia ativa". Em três artigos capitais na história da psicanálise – "Os princípios do relaxamento e neocatarse" (1930 [1929]), no qual é proposto o

“princípio da indulgência”, “A análise da criança na análise do adulto” (1931), e “A confusão de línguas entre adultos e a criança” (1933 [1932]) – Ferenczi construiu as bases para o desenvolvimento de um ramo de investigação que tem crescido incessantemente e é, sem dúvida, um dos mais importantes no cenário contemporâneo da psicanálise.

No trabalho sobre a neocatarse Ferenczi se propõe a retomar a teoria do trauma e enfatiza a importância do *mundo externo*, perspectiva que vinha sendo cada vez menos considerada por outras linhas de pesquisa (como, por exemplo, aquela que se desenvolvia sob a inspiração de Melanie Klein). Essa intervenção de Ferenczi não pode deixar de ser valorizada e examinada com atenção quando se faz o estudo da polaridade que, num de seus enunciados, Freud nomeia justamente com os termos *eu* e *mundo externo*. Entre outros aspectos de interesse, cabe destacar que no artigo de 1930 Ferenczi defende a tese que as forças intrapsíquicas em conflito nada mais são que representantes de lutas travadas originalmente entre o indivíduo e o mundo externo.<sup>80</sup>

É curioso que a polaridade “eu – mundo externo” indicada por Freud transforma-se, nesse segmento do raciocínio de Ferenczi, na oposição “indivíduo – mundo externo”. Essa modificação pede um cuidado adicional na reflexão a respeito do termo *eu* da polaridade “eu – mundo externo”. A noção de *indivíduo* seria aí suficiente, e poderia substituir o conceito de *eu*, em toda sua complexidade? Ou, pelo contrário, melhor é preservar a formulação que Freud sugere e indagar ao texto de Ferenczi: a) se o termo *indivíduo* não simplifica excessivamente o quadro a ser considerado; b) se não existe um conflito pulsional, independentemente das interferências do *mundo externo*, e; c) se o *eu* já não é uma expressão da tendência unificadora de Eros operando como um dos elementos daquele conflito?

As contribuições de Ferenczi também são fundamentais no que diz respeito às noções de "sujeito", "objeto" e "mundo interno", elementos centrais no estudo que está sendo desenvolvido aqui. Em "A análise da criança na análise do adulto" ele lembra que no curso de uma análise o sujeito pode se sentir desapontado e, a partir daí, não é impossível que comece a jogar consigo mesmo, como se tivesse feito uma "cisão de personalidade", uma parte de si adotando o papel do pai ou da mãe em relação ao restante. No dizer de Ferenczi isso teria a ver com a "cisão narcísica do self na própria esfera mental".<sup>81</sup> Tais observações clínicas alertam para o fato de que essa forma de distinção eu//não-eu deve ser entendida de tal maneira que se torne possível pensar em sua internalização.

A idéia de "introjeção" de um elemento da "realidade externa" continua sendo desenvolvida no famoso texto a respeito da confusão de línguas entre adultos e criança. Nesse artigo Ferenczi faz ver como, através do processo identificatório, o que era a realidade externa pode ser modificado.<sup>82</sup> É interessante notar que o processo que Ferenczi está postulando permite-lhe pensar um estado de "fragmentação", ou "atomização", que talvez equivalha a uma completa desarticulação do eu.<sup>83</sup> Como deveria ser pensada a distinção "eu//não-eu" nessa circunstância?

A corrente de teorização encabeçada por Melanie Klein nunca se afastou da valorização da pulsão. O mesmo não ocorreu com a corrente que se originou das contribuições de Ferenczi. De início cabe examinar a contribuição de Balint. Para Manchester, na mesma Inglaterra, Michael Balint mudou-se, em 1939, em virtude da aproximação da guerra. Em 1948, depois de anos de muitas

dificuldades, esse húngaro seguidor de Ferenczi finalmente juntou-se à Tavistock Clinic de Londres (Brabant-Gerö, 1993; 270).

As construções de Balint em relação às distinções eu/não-eu são muito ricas. Em 1968 ele propõe a noção de "pré-objeto" e a concepção de *três áreas da mente*. Quando trata da "área de criação", Balint afirma que se deve partir da assunção da existência de três diferentes áreas: na "área do conflito edípico" há a presença de pelo menos dois objetos além do sujeito; na "área da falta básica" encontra-se uma relação de apenas duas pessoas; na "área de criação" já não há presença de nenhum objeto externo. Nessa área de criação estariam não só a criação artística mas também processos que envolvem atividades como, por exemplo, o fazer matemática e filosofia, o ganhar "insight" e entendimento a respeito de alguma coisa ou alguém, e as fases iniciais do adoecer, física e mentalmente, assim como a cura espontânea da doença.<sup>84</sup> Balint diz que é difícil transmitir, com a linguagem de que se dispõe, o que de fato se passa nessa área de criação. Lá não existem "objetos" propriamente ditos mas, ao mesmo tempo, não se pode dizer que lá o sujeito esteja completamente só. Para falar desse algo que existe na área de criação Balint propõe, então, usar o termo "pré-objeto". Em sua opinião Bion teria falado, nesse caso, de "elementos  $\alpha$  e  $\beta$ " e de "função  $\alpha$ ".<sup>85</sup>

Em 1952 foi publicada a primeira edição do livro "*Psychoanalytic Studies of the Personality*", de Fairbairn, o qual reúne artigos que expõem sua teoria de relações objetais da personalidade, construção caudatária de influências tanto de Ferenczi quanto de Glover. Diz Sutherland, em seu interessante artigo sobre os "teóricos britânicos das relações de objeto", que a formação acadêmica de

Fairbairn foi basicamente em filosofia, estudos helenísticos e teologia, só tendo ele iniciado o curso de medicina quando já tinha o claro intuito de tornar-se psicoterapeuta. Na origem das idéias do psicanalista escocês estão influências recebidas do Professor Drever, da Universidade de Edimburgo, e da psicologia da Gestalt (Sutherland, 1980; 840). Fairbairn rejeita inteiramente a teoria do desenvolvimento da libido que Freud propõe e Abraham procura ampliar. Em contrapartida valoriza as noções de *objeto* e de *eu* e em torno delas constrói sua teoria. É muito curioso, no entanto, que tenha sido retirada da retranscrição de um de seus artigos para o livro de 1952, a importante indicação que Fairbairn faz, do artigo de 1932, de Glover, como uma das fontes das quais suas próprias idéias teriam brotado. Na íntegra do artigo de 1941, publicado na "*International Journal of Psycho-Analysis*", pode-se ler Fairbairn lembrando algumas idéias fundamentais de Glover a respeito da formação do eu. Glover diz que o eu constitui-se gradualmente a partir da integração de múltiplos "núcleos-eu primitivos" os quais teriam se cristalizado, por sua vez, segundo distribuições tanto zonais quanto emergentes de outras determinações funcionais. Haveria assim, no modo de ver de Glover, não só núcleos orais, anais e genitais, mas também núcleos-eu masculinos, femininos, ativos, passivos, de amor, de ódio, de dar, de tomar e, enfim, de juizes e perseguidores internos, que já seriam "núcleos do supereu".<sup>86</sup> Tenha a supressão dessa referência ao pensamento de Glover o significado que tiver, o fato é que tal trecho do artigo original de 1941 já não é encontrável em sua reprodução no livro de 1952. Enfim, no artigo "Estruturas endopsíquicas consideradas em termos de relações de objeto" Fairbairn acaba por propor a existência de *objetos internos* como o "ego central", o "sabotador interno", o "ego libidinal", o "objeto rejeitador" e o "objeto excitante" (Fairbairn, 1944 [1966; 105]).

Em associação a Fairbairn vem, a seguir, as contribuições Winnicott as quais, da mesma forma, não valorizam especialmente a teoria do desenvolvimento da libido e ficam melhor situadas dentro do campo das teorias de relação de objeto. Em 1953 foi publicado o artigo em que é exposto o conceito de "objeto transicional", que já havia sido sugerido em 1951. A consideração dos objetos e fenômenos transicionais é fundamental. Winnicott diz que introduz esses conceitos para fazer referência à área intermediária de experiência que ocorre entre uma série de pares: entre o polegar e o ursinho; entre o erotismo anal e a relação de objeto propriamente dita; entre a atividade criativa primária e a projeção do que anteriormente fora introjetado; entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento posterior dela.<sup>87</sup> Tal proposta é muito valiosa e não pode deixar de ser considerada em qualquer estudo a respeito das distinções eu//não-eu.

As férteis noções de "falso self" e "self verdadeiro" ligam-se bastante estreitamente ao conceito de eu enquanto estrutura que opera no aparelho psíquico. Segundo Winnicott a "função defensiva" do "falso self", o qual vai se construindo a partir de identificações,<sup>88</sup> é esconder o "self verdadeiro", e com isso defendê-lo.<sup>89</sup> Em contraposição ao "falso self", o "self verdadeiro" é o construto teórico que se refere àquilo de onde brotam tanto o gesto espontâneo quanto as idéias pessoais.<sup>90</sup>

Outro segmento do trabalho teórico de Winnicott certamente deve ter lugar de destaque no estudo a respeito das distinções eu//não-eu. Trata-se das elaborações que ele começa a formular em 1954, e que vão sendo modificadas até 1971, ano em que morre. Tais idéias podem ser melhor avaliadas no texto que reflete os cursos que costumava dar e que foi organizado pela primeira vez em 1954, reorganizado em 1967,

mas só vindo a ser publicado em 1988 por Christopher Bollas, Madeleine Davis e Ray Shepherd.

Nesse texto encontram-se idéias que podem ser relacionadas com a noção de um "eu-núcleo". Winnicott pensa que a vida psíquica *começa ainda dentro do útero* partindo de um "estado de não-integração e não consciência" em que não há quer unidade de espaço, quer continuidade de tempo. A integração que permite falar de um conjunto de impulsos e sensações só surge gradualmente.<sup>91</sup> Na verdade Winnicott postula duas diferentes etapas que se sucedem no início da vida psíquica. Existe a situação de "solidão essencial" do início, que permanece sendo vivida encobertamente pela vida afora, solidão que é *fundamental, inerente e inalterável* mas que não pode ser atingida diretamente em virtude das angústias que a cercam. O desejo de reencontrar esse estado de solidão acaba por se ocultar por trás da capacidade que a pessoa "saudável" tem de estar só. Esse estado de solidão inicial é no entanto posterior a outro estado, ainda mais primitivo, e que é denominado de "estado de não-estar-vivo". O primeiro despertar dá ao indivíduo a idéia de que existe um estado de não-estar-vivo cheio de paz, que poderia ser alcançado através de uma regressão extrema e que freqüentemente se associa ao desejo de estar morto.<sup>92</sup> Essas reflexões de Winnicott são muito pertinentes enquanto observações clínicas e ajustam-se admiravelmente bem dentro das hipóteses a respeito da evolução psíquica que Freud propõe.

Dando seqüência ao exame dessa linha de investigação cabe destacar, no trabalho de Margaret Little( que de certa forma dá prosseguimento às idéias de Winnicott) a noção de "unidade básica", central no pensamento da autora inglesa. Diz ela que na *unidade básica* há uma completa ausência de diferenciação. Esse estado desperta no

sujeito a mais primitiva angústia psicótica, isto é, a idéia de poder vir a ficar dissolvido numa massa homogênea indefinida. É como se houvesse um ponto no qual todas as diferenças se desfazem, sejam elas as de vida e morte, prazer e dor, esperança e desespero, amor e ódio, destrutividade e criatividade. Todas as pessoas, lugares e coisas perdem suas distinções.<sup>93</sup>

Fechando esse cenário das principais idéias que surgiram dentro do âmbito da teoria das relações de objeto, e que se relacionam com as questões que aqui estão sendo investigadas, é preciso sublinhar algumas recentes contribuições de Christopher Bollas. Em primeiro lugar há, por parte desse autor, uma curiosa referência ao "self verdadeiro". Parece que por "self verdadeiro" Bollas propõe algo que se aproxima mais do que Winnicott descreveu em termos de "solidão" do que aquilo que foi proposto, também por Winnicott, como "estado de não-estar-vivo".<sup>94</sup>

Mais três noções de Bollas merecem ser anotados aqui. Em primeiro lugar vem a noção de "objeto alternativo". Segundo Bollas há crianças que se afastam dos objetos transicionais e adotam objetos alternativos que, em contraste com os primeiros, não são nem amados nem odiados, não são usufruídos com paixão, e não têm nenhum significado psicossomático. Tais crianças recusam-se, na verdade, a usar o mundo objetal real de pessoas e objetos culturais.<sup>95</sup>

"Objeto intermediário" é outra noção valiosa posto que permite apurar a compreensão e descrição de alguns aspectos das distinções eu/não-eu. Propõe Bollas que qualquer produto da interação paciente-analista deve ser tomado como objeto intermediário, seja ele um comentário, uma associação, uma interpretação, um estado de espírito, ou qualquer outro que possa ser apontado naquele contexto.



Trata-se, portanto, de algo que é fruto da contribuição de duas subjetividades, algo que é negociado por elas. Praticamente todos os objetos analíticos são objetos intermediários.<sup>96</sup>

Finalmente, com a denominação de "objeto transformacional" Bollas pode falar de um aspecto particularmente importante das funções maternas. A mãe é objeto transformacional na medida em que é processadora do bebê, isto é, na medida em que atuando continuamente sobre ele altera-lhe o ser psicossomático.<sup>97</sup>

\*

Ao lado das duas vertentes de origem austríaca (a experiencial e a da psicologia do ego); da vertente que partindo de Abraham se subdivide na Inglaterra na linha kleiniana e na linha de valorização do estudo do eu (seguindo um caminho aberto talvez por Glover, e que vai se continuar com Anna Freud); e do ramo que brota de Ferenczi, vindo a se desenvolver na Inglaterra com as teorias de relação de objeto; falta ainda citar uma quinta vertente: a de retorno a Freud, lançada na França por Lacan, nos inícios dos anos 50. O aporte lacaniano é fundamental em função de sua determinação em denunciar o caráter enganoso do que ele chama de "moi" e pela importância que nele é dada à linguagem no entendimento da estrutura do fato psíquico.

Parte do pensamento e do ensino de Lacan é voltado para uma crítica contundente à "Ego Psychology", encabeçada por Hartmann, Kris e Loewenstein, corrente psicanalítica que estava obscurecendo a descoberta freudiana fundamental. Na teorização daqueles autores o ego é colocado, de novo, no centro do psiquismo, tal como a psicologia clássica faz. Lacan mostra que, já a partir dos "Studien", o eu ("moi") é visto por Freud como massa ideacional à qual se liga a resistência, e

desde aquela época a noção de eu ("moi") traz os problemas que depois emergem em toda sua intensidade.<sup>98</sup> Dentro dessa discussão Lacan indaga se o sujeito não se aliena tanto mais quanto mais se afirma em suas crenças, valores e desejos, ou seja, quanto mais impõe a si mesmo aquela massa ideacional (seu eu ["moi"]).<sup>99</sup> Para Lacan o eu ("moi") não é função de síntese, como quer a Psicologia, mas função dinâmica, de resistência às pulsões. A função fundamental do eu ("moi") é então o desconhecimento. No eu ("moi") está inscrita a história da oposição à integração dos movimentos pulsionais mais profundos e desconhecidos.<sup>100</sup>

No pensar de Lacan, portanto, é em contraste com o eu ("moi") que o "je" se distingue.<sup>101</sup> A resistência fá-lo ficar, porém, insistentemente não-reconhecido.<sup>102</sup> Quando Lacan afirma que "je est un autre" ele está querendo dizer que o sujeito é excêntrico, é descentrado, não sendo identificável com o organismo que se adapta. Para ouvi-lo é preciso observar sua conduta a partir de uma perspectiva que não é a de sua inteligência, de sua adaptação e de seus interesses.<sup>103</sup>

Quando se procura avançar no entendimento do pensamento de Lacan deve-se notar suas afirmativas no sentido de que a subjetividade da qual fala sofre modificações no transcurso da história, transformações que surgem em função de causas que nada têm a ver com condicionamentos individuais.<sup>104</sup> Uma dessas modificações do "je", que a partir de determinado momento começou a se recusar a responder ao processo analítico, forçou a introdução das noções metapsicológicas de "moi", "surmoi" e "ça" (Lacan, 1978; 18) para que se mantivesse o princípio de descentramento do sujeito. Segundo Lacan teria havido, no entanto, um difundido engano de interpretação, com volta à psicologia geral de recentramento do eu. As noções introduzidas por Freud a partir de 1920, e principalmente aquelas contidas no texto

principal de 1923, permitiram, assim, um ressurgimento da adesão à psicologia geral dentro do movimento psicanalítico. Num reencontro com a psicologia do bom senso e do homem comum, voltou-se, de novo, à valorização do eu (“moi”), tal como se deu, caracteristicamente, nos Estados Unidos.<sup>106</sup>

Quando Lacan fala de “je” está adotando uma perspectiva em que a vida não é analisada a partir da problemática da vivência individual, mas sim do destino do sujeito, do significado daquela história.<sup>106</sup> Nesse sentido há uma diferença radical entre o ser e o eu (“moi”),<sup>107</sup> diferença que não é mera distinção mas oposição dinâmica fundamental já que o eu (“moi”) quer não reconhecer o inconsciente, seu próprio sujeito.<sup>108</sup>

Para Lacan esse eu (“je”), de modo contrastante com o “moi” do imaginário, aparece operante, como sujeito, junto com o sistema simbólico, sendo que isso não pode ser entendido como nenhum momento que faça parte da ordem da estruturação individual.<sup>109</sup> O eu (“je”) não é nada que possa ser apontado, não é ninguém, não tem a unidade do eu (“moi”) imaginário, e, como inconsciente, é decomposto e despedaçado, o que dificulta falar a seu respeito, já que não cabe entificá-lo.<sup>110</sup> Para se ter acesso à noção de sujeito é necessário deixar de lado a intuição do “moi” baseada na experiência de consciência única, irreduzível e individual, que é cativante (Lacan, 1978; 79/80). Entre o sujeito do inconsciente e o “moi” imaginário, que tem organização, não há apenas dissimetria completa – há um contraste radical.<sup>111</sup> Segundo Lacan, no reconhecimento da oposição radical entre a função consciente e a função inconsciente,<sup>112</sup> e entre o plano simbólico e o plano imaginário, estaria a compreensão do dualismo essencial ao qual Freud nunca renuncia.<sup>113</sup>

O estudo do "objeto a" como causa de desejo, objeto que sempre escapa ao sujeito, resto impossível a simbolizar, e o estudo do "Outro" como lugar simbólico (o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente) também trazem elementos importantes para o equacionamento mais satisfatório das distinções eu//não-eu.

\*

Na cena contemporânea acentua-se um fato novo em termos de orientação das contribuições teóricas. A dominância das grandes escolas está em claro declínio. Ao invés disso, o cenário de elaborações conceituais mostra-se agora ocupado por pensamentos mais independentes e abertos a múltiplas influências. Isso é especialmente marcado na França e nas áreas sob sua influência. Nessa parte final de revisão da literatura pós-freudiana devem ser assinaladas algumas dessas contribuições que surgiram mais recentemente, e que parecem particularmente relevantes para o estudo das distinções eu//não-eu.

O livro de Piera Aulagnier, "*A Violência da Interpretação*", publicado em 1985, é uma contribuição original, de extraordinário valor para a psicanálise. Tal livro que nasceu da necessidade de se formular um pensamento teórico que desse conta, de modo mais satisfatório, da psicose. A perspectiva que a autora adotou é muito valorizável em termos de esforço de construção de um discurso científico. De fato, ela não se dispõe a começar de novo, do zero, mas sim desenvolver extensões teóricas para dar conta de fenômenos que ainda não podiam ser razoavelmente entendidos (Aulagnier, 1975 [1979; 20]).

O discurso do psicótico chega como uma "palavra-coisação", um modo de representar que, de fato, nada tem a ver com a

palavra, e só leva em consideração a imagem da coisa corporal.<sup>114</sup> A esse modo de representar é dado o nome de "originário", e a representação que lhe corresponde é chamada de "pictograma". Ao lado deles Aulagnier propõe outros dois modos de representar e outras duas formas de representação: de um lado a "fantasia", que seria o "primário" e a "representação cênica" e, de outro, a "representação ideativa" que seria o "secundário" onde já é introduzido um sentido como obra do eu.<sup>115</sup>

A autora de "*A Violência da Interpretação*" identifica o "eu" como aquilo que produz a representação ideativa. Outras formas de representação, como a cênica e o pictograma não são obra do eu. Obviamente está sendo feita aqui uma importante modificação no entendimento clássico do que é o eu. Em termos metapsicológicos, na formulação de 1923 o eu é, basicamente, uma estrutura, uma massa de investimento que inibe o processo primário e instaura o processo secundário procurando respeitar o sinal de realidade. Em relação a essa definição, a proposta de Aulagnier representa uma sutil mas notável modificação. De fato, o critério que essa autora está adotando é o da *forma de representação* que está em jogo, e não mais o do *regime de circulação da quantidade nos trilhamentos psíquicos*. Em virtude da adoção dessa opção teórica segue-se, naturalmente, que terão que ser indicadas outras instâncias para explicar outras formas de representação – daí as propostas de "representante" no "espaço originário" e do "fantasiante", ou "metteur-en-scène" no "espaço primário" (Aulagnier, 1975 [1979; 28]). Tal modificação no edifício conceitual não poderia deixar de ter repercussões extensíssimas que precisariam ser minuciosamente examinadas, e cuidadosamente pesadas.

No prosseguimento de seu raciocínio Aulagnier afirma que a possibilidade de utilização da imagem da palavra é introduzida tardiamente na história psíquica. Depois do processo originário com seus pictogramas vem a representação fantasmática do processo primário. Mesmo o primário não usa a imagem da palavra logo de início. Isso só vai ocorrer numa segunda fase, em produções mistas que Aulagnier denomina de "primário-secundário" (Aulagnier, 1975 [1979; 69]). A plena vigência da palavra só ocorre, na verdade, depois de se instalar o secundário no qual o eu vai se constituir (Aulagnier, 1975 [1979; 85]). De qualquer modo é certo, para essa autora, que existe um *antes*, um tempo em que ainda não existia nem a instância Eu, nem o manejo da linguagem por parte do psiquismo.<sup>116</sup>

Essa tese faz divisão de águas e claramente se opõe a outras que reduzem o psíquico ao linguageiro. Ela permite, principalmente, que se faça, na psicanálise, um estudo a respeito da aquisição da linguagem a partir de uma realidade psíquica mais básica. Aulagnier é, por sinal, uma das autoras que pensam tal questão com mais fertilidade. Os desdobramentos teóricos que desenvolve a respeito desse ponto merecem especial consideração.

Para Aulagnier a imagem corporal é a inicial, aquela que é a básica na constituição do mundo psíquico. O originário como modo de representar é perene, testemunha a anterioridade da imagem da coisa corporal e ignora completamente a imagem da palavra.<sup>117</sup> Aulagnier diz claramente que é impossível evitar a ficção de um espaço psíquico isolado do meio. É tal ficção, e unicamente ela, que permite a análise daquilo que metaboliza as experiências em pictogramas. A isso Aulagnier chama de "originário".<sup>118</sup>

Aulagnier corajosamente opta pela valorização do ponto de vista *genético* numa época em que o pensamento dominante em

psicanálise está avesso a considerações desse tipo. Quando afirma que há uma fase inaugural da vida na qual domina o que ela chama de "originário",<sup>119</sup> caracterizado por uma forma de representação que não tem a ver com a palavra, ela dá clara mostras de adotar uma perspectiva que é reconhecida também por outros teóricos como fundamental para a construção do entendimento psicanalítico.

Nesse livro de Aulagnier cabe ainda destacar a hipótese de que há um período do desenvolvimento psíquico que é anterior àquele em que vai se dar o reconhecimento da dualidade "órgão sensorial" e "objeto exterior". Os pictogramas desse período da história psíquica desconhecem tal dualidade (Aulagnier, 1975 [1979; 43]). Nessa afirmação Aulagnier está acompanhando Freud que já afirma que há uma época em que não se distingue o que é o seio e o que é o próprio corpo.<sup>120</sup>

Num outro livro, "*Les Destins du Plaisir: aliénation – amour – passion*", publicado em 1979, Aulagnier afirma que para o pictograma é impossível a projeção e as considerações de exterioridade e de não-identidade (Aulagnier, 1979; 109). Essa tese diz respeito diretamente à discussão sobre a polaridade interior/exterior.

Já a respeito do "eu" Aulagnier posiciona-se como se ele fosse fruto da linguagem e, nesse sentido, cabe uma discussão se a noção de eu de Aulagnier corresponde à estrutura psíquica que em 1923 Freud denominou de "eu". Talvez uma aproximação mais pertinente pudesse ser feita entre a concepção de eu de Aulagnier, e a concepção de *eu como objeto de investimento* que começa a ser desenvolvida mais explicitamente por Freud no trabalho sobre Leonardo da Vinci e é objeto de seu interesse central até o início dos anos 20. De fato, parece que o eu do qual Aulagnier fala aproxima-se mais da noção de um *objeto de investimento* que se contrapõe aos objetos externos

enquanto *alvo da libido*. Quando diz, por exemplo, que os enunciados identificantes da mãe a respeito do *eu* que deverá advir têm necessariamente que atribuir a ele um caráter de exterioridade em termos do *eu maternal* que os afirma, implicitamente está considerando o *eu* como um *objeto* ao qual são atribuíveis qualidades. Ao mesmo tempo está sendo adotada a tese de que o *eu* nasce junto com a descoberta e o investimento do *eu do outro* (Aulagnier, 1979;13).

A idéia de que o *eu* para Aulagnier é um objeto de investimento não pode ser aceita com segurança, no entanto. A compreensão de que o *eu* é uma instância responsável pelas representações ideativas que brotam no mundo da linguagem é uma compreensão alternativa que não se articula clara e completamente com a anterior. Isso quer dizer, em outras palavras, que não só o arcabouço teórico adotado por Aulagnier é diferente do freudiano como também que mantêm-se, nos textos de Aulagnier, as dificuldades encontradas em Freud relativas ao discernimento das diferentes acepções de "eu".

Certas idéias emitidas por Aulagnier justificam uma indecisão na interpretação de seus textos. Uma das ocasiões em que isso se dá é aquela em que afirma que o "objeto-corpo" se revela definitivamente exterior, não idêntico ao *eu* (Aulagnier, 1979; 116). Nesse momento parece que ela está incluindo o *eu* dentro da categoria de *objeto* e distinguindo-o do objeto-corpo. Porém, quando ela enuncia que o corpo é o primeiro elemento da realidade que chama a atenção do *eu* e torna possível e necessário o *investimento pelo eu* da dimensão real dos objetos (Aulagnier, 1979; 15), parece que está considerando o *eu* como uma *instância operativa*. Nos textos de Aulagnier essa imprecisão conceitual não é desfeita.



Egípcio de nascimento e médico com formação em psiquiatria, André Green fez toda sua vida psicanalítica dentro da tradicional Sociedade Psicanalítica de Paris. Depois do Congresso de Bonneval, acompanhou por alguma tempo os seminários de Lacan, sem, contudo, ter deixado sua sociedade de origem. Quando Lacan exigiu uma escolha direta, Green abandonou seus seminários. No dizer de Roudinesco, na verdade ele conduz sua clínica dentro de uma orientação ânglo-saxônica (Roudinesco, 1986 [1988; 339/340]). O pensamento que André Green tem desenvolvido é muito amplo e um dos mais instruídos dentro do cenário psicanalítico contemporâneo. Aqui a intenção é apenas deixar indicadas as principais idéias expressas por ele que têm a ver com a questão das distinções eu//não-eu.

André Green diz que o *inconsciente é estruturado* e o *isso não*. A diferença entre eles não é só quantitativa. No primeiro não há lugar para pulsões de destruição – no segundo há (Green, 1973 [1975; 194]). Os limites entre o eu e o isso são mais imprecisos que os que existem entre o inconsciente e o pré-consciente (Green, 1973 [1975; 199]). Para ele o eu é uma estrutura específica que está relacionada com sua situação tópica, na encruzilhada das realidades interna e externa (Green, 1973 [1975; 213]). Ainda nesse mesmo livro diz, em relação à questão da alucinação negativa, que, em seu modo de ver, ela não é ausência, mas representação de ausência de representação (Green, 1973 [1975; 237]).

Em "*Narcissisme de Vie Narcissisme de Mort*" André Green põe em questão o próprio encaminhamento da construção metapsicológica clássica. Para ele, depois da tópica proposta em 1900, e da tópica trazida à luz em 1923, uma "terceira tópica" talvez tenha sido introduzida no campo teórico psicanalítico, fundamentada, ao que parece, predominantemente nos trabalhos dos autores que vivem ou

viveram em solo inglês. Partindo da transferência e da situação analítica como elementos fundamentais, tal tópica vai girar em torno dos pólos teóricos que são nomeados com os termos "Soi" ("self") e "objet". Nessa perspectiva, é o "pensamento do par" que ganhou o primeiro plano, tirando a psicanálise de um "solipsismo mofado" que algumas vezes a releitura dos textos de Freud dá a impressão de conter.<sup>121</sup> Independentemente do acerto dessa última avaliação de André Green, o que fica patente é o reconhecimento do eclipse ao qual a metapsicologia freudiana (primeira e/ou segunda tópica) está submetida atualmente.

Nesse mesmo livro é dado a Nunberg o crédito de ter desenvolvido a noção de "eu ideal", o que de fato Nunberg fez distinguindo o "eu ideal" do "ideal de eu" (Nunberg, 1932-1955 [1989; 136 e 147/160]), distinção que em Freud já está indicada, mas de modo muito sumário. Além disso Green levanta uma idéia particularmente interessante, ou seja, a que se refere à relação que pode haver entre o "eu ideal" e o "eu-prazer purificado".<sup>122</sup>

Num outro artigo, incluído nesse mesmo livro, André Green afirma que o conceito de *eu* tem sido continuamente revisto. Ele demonstra o acerto dessa afirmação através da apresentação de uma relação de propostas que surgiram na literatura. Esse levantamento merece ser registrado aqui. Diz ele que as compreensões a respeito dessa noção variam substancialmente porque nos exames a que é submetida a ênfase recai ora sobre um aspecto, ora sobre outro. Adicionalmente, alguns autores querem acrescentar, à noção de eu, uma outra noção, que André Green designa como "Soi", ou seja, o "self" dos autores de língua inglesa. Segundo ele Hartmann teria sido o que mais insistiu na necessidade de se desenvolver um complemento à teoria metapsicológica do eu. Kohut, Grunberger, Spitz, Winnicott, Lebovici e mesmo muitos kleinianos freqüentemente falam de "self" ao

invés de eu. Além disso, Green cita ainda algumas noções vizinhas que ficam mais próximas da idéia de "self" que de eu como, por exemplo, a de "self primário psicofisiológico", proposta por Edith Jacobson, a de "identidade", proposta tanto por Erikson, quanto por Lichtenstein e por Spiegel, e a de "personificação", proposta por Recamier.<sup>123</sup>

A tudo isso as idéias de Freud fazem contraste, no modo de ver de Green. Falando a respeito de "sujeito", Green diz que Freud deliberadamente ignora a diferença entre o "Je" e o "Moi". Isso teria provocado a emergência das inúmeras concepções que surgiram no cenário teórico psicanalítico e que giram em torno do conceito freudiano de "Moi".<sup>124</sup> Para André Green, o eu ("moi") é um conceito que se refere a uma *instância* e portanto não é representável. Representáveis são os objetos. Quando o eu ("moi") se representa, ele o faz travestidamente através de representações de objeto que são narcisicamente investidas. Na verdade o eu ("moi") só se conhece através da particularidade de afeto que a ele está associado.<sup>125</sup> A conclusão que Green chega é, portanto, que nesse ponto a construção psicanalítica é particularmente confusa já que fica indecisa entre considerar o eu como uma das instâncias do aparelho psíquico, ou tomá-lo como a totalização da "personalidade".<sup>126</sup>

André Green também faz observações bem interessantes no livro que escreveu a respeito da linguagem em psicanálise. Ali ele reconhece que há uma perplexidade diante do fato de que em Freud a linguagem nunca tenha alcançado a dignidade de conceito (Green, 1983b [1995; 19]). Da mesma forma, grandes contribuições psicanalíticas pós-freudianas, como as de Melanie Klein, Winnicott e Bion, também não se ocupam de submeter a linguagem a uma conceituação específica (Green, 1983b [1995; 25]). Para Green que, depois de Lacan, procura construir teoria nesse espaço deixado vazio

por outros autores, a palavra emitida é o *fora* de uma palavra *endopsíquica*, sendo essa o *fora* de um objeto que é interno e externo (Green, 1983b [1995; 117]). Ao que parece Green está querendo dizer que há uma representação interna de palavra, representação essa que se associa à representação de coisa, espécie transicional entre o interno e o externo. A representação interna de palavra encontra um “fora” (uma exteriorização?) na palavra, a qual tem conteúdo material e é um dado compartilhado com outros sujeitos. Nesse sentido tanto o ‘infans’ como seu objeto primário têm um *dentro* e um *fora* próprios. A palavra é uma exteriorização que supõe uma apropriação, ou seja, uma internalização própria (Green, 1983b [1995; 132/133]).

Green também levanta a idéia de “outro do objeto”, noção que merece atenção particular. Tal idéia está indissolavelmente ligada à concepção de uma estrutura ternária fundamental que organiza toda vida psíquica, pelo menos a partir de um patamar bastante inicial de complexificação. Nessa idéia está implícito o reconhecimento de que além do *sujeito* e do *objeto* sempre há que se levar em conta um terceiro elemento ao qual o *objeto* remete, e que Green vai chamar de “outro do objeto”. Esse terceiro lugar está incontornavelmente ocupado por algum elemento, embora tal elemento não seja constante e, pelo contrário, possa ser livremente substituído. A essa hipótese André Green dá o nome de “teoria da triangulação generalizada com terceiro substituível”.<sup>127</sup>

Continuando o estudo da linguagem do ponto de vista psicanalítico, esse autor diz que ela está presente no “infans” como uma potencialidade estrutural que não se torna efetiva, operatória, a não ser por mediação de um locutor que, ele sim, dispõe de palavra e desenvolve um sistema lingüístico (Green, 1983b [1995; 153]). A relação *eu-sujeito, objeto, outro do objeto*, engendra um “Outro” radical, anônimo

e despersonalizado, suporte da palavra e da Lei (Green, 1983b [1995; 179]). Na opinião de Green, foi Lacan que teve o mérito de pôr fim ao sistemático descuido do problema das relações entre o aparato psíquico e o aparato de linguagem (Green, 1983b [1995; 232/233]).

Do livro a respeito do complexo de castração merece ser destacada uma observação. Trata-se de uma idéia que pode contribuir para a reflexão sobre a questão da diferenciação que, em algum momento, necessariamente começa a se instalar entre o que é eu e o que é objeto. Diz Green que o próprio Freud já considerava que a separação inicial não coincidia com o parto, mas sim com o desmame, enquanto que, hoje em dia, mais do que o desmame propriamente dito, o que é considerado decisivo é a experiência de separação da mãe. O que está em jogo aqui, ao que parece, é a mudança de ênfase nas elaborações teóricas, acento que se deslocou da vida pulsional para as vicissitudes das relações objetais.<sup>128</sup>

Nas "Conferências Brasileiras" Green faz duas observações relevantes. A primeira delas é que Freud sempre considera que o aparelho psíquico se desdobra num espaço que inclui a ordem da extensão,<sup>129</sup> embora isso nada tenha a ver com a preparação anatômica denominada nos laboratórios de "sistema nervoso central". A outra observação valiosa de Green é que, tendo o objeto transicional em vista, para Winnicott o limite não é uma linha mas um território.<sup>130</sup> Essas duas observações são relevantes porque, a primeira reenfaz o ponto de vista *topográfico*, que é fundamental na retomada da metapsicologia como Freud a imaginou, e a segunda valoriza a dimensão espacial, aparentemente fundamental na estruturação definitiva das distinções eu//não-eu.

Mais adiante, nesse mesmo texto, Green diz que, atualmente, é comum se descartar a noção de pulsão e a referência à

biologia que aparece em Freud e em outros teóricos da psicanálise. Dessas tendências ele discorda (Green, 1990b; 35). Tal discussão tem a ver com o que foi indicado acima a respeito do lugar relativo da pulsão e da relação de objeto na construção de teoria em psicanálise. Resta saber se é de fato pertinente associar a pulsão à biologia, como Green parece considerar válido.

Uma última idéia defendida nesse livro merece ser lembrada aqui. Trata-se de um ponto de vista que pesa na consideração do que deve ser considerado como *objeto*. Green afirma que o próprio investimento pode tornar-se objeto. Isso ocorreria na sublimação, por exemplo (Green, 1990b; 73). Será isso aceitável? Que lugar esse processo pode ocupar dentro do estudo das distinções eu//não-eu?

Finalmente, de um último livro de Green, "*La Causalité Psychique – entre nature et culture*", vale aproveitar algumas contribuições. Diz Green, chamando a atenção para uma perspectiva fundamental na compreensão da metapsicologia, que no cerne da teoria freudiana está a oposição entre os sistemas de percepção e de memória.<sup>131</sup> Esse ângulo de análise é de fato fundamental na avaliação das oposições que são objeto de estudo aqui.

Outra importante seção desse livro é a discussão que nele é feita a respeito da realidade exterior. Green considera que Freud não faz uma distinção suficientemente clara entre a *realidade exterior do mundo físico* e a *realidade exterior social*, embora tal distinção seja indispensável para dar conta das relações de objeto que vêm ganhando espaço nos desenvolvimentos teóricos mais recentes.<sup>132</sup> A distinção a que Green se refere é de fato fundamental. Enquanto que a realidade exterior social em um de seus aspectos se associa à questão da linguagem, a consideração da realidade exterior do mundo físico tem base, pelo menos em parte, em dados que evolutivamente são

anteriores à inserção do sujeito no mundo da linguagem. A realidade espacial do mundo físico permite, por exemplo, a consideração de um *aqui* e de um *aí*, referenciamentos que parecem ser essenciais na estruturação psíquica.

Alguns aspectos da avaliação que André Green faz a respeito do pensamento teórico de Freud são curiosos. Diz ele que, olhada a partir da perspectiva da segunda tópica, toda a primeira tópica (consciente, pré-consciente, inconsciente) está englobada na instância do eu (Green, 1995a; 266). Enfatizando a necessidade de apuração da teorização a respeito do eu Green afirma, então, que, ao lado das construções teóricas da "linhagem objetal", seria necessário "inventar", a partir da noção fundamental de pulsão, uma "linhagem subjetal" de teorização em que as noções de "moi", "sujeito", "je" (e mesmo "pessoa") fossem concebidas diferencialmente.<sup>133</sup>

Ainda nesse mesmo livro Green faz referência à valiosa noção de "outro semelhante" juntamente com a discutível tese de que o psíquico nasce da confluência entre o que se dá no seio do sujeito e o que ocorre com o outro-semelhante.<sup>134</sup> A noção de "outro semelhante", de Green, certamente se aproxima muito da noção de "semelhante", ("Nebenmensch") de Freud (Freud, 1950b[1895]: St. Ed., I; 331| ESB. I: 438).

A idéia de que o que é considerado como psiquismo nasce com a interiorização da relação entre o sujeito e o semelhante é defendida por Green que, ainda nesse contexto, diz que "o psiquismo é menos da ordem do intersubjetivo que do intrapsíquico",<sup>135</sup> idéia difícil de ser entendida porque usa o próprio termo a ser esclarecido na frase que deveria elucidá-lo.

Finalmente, discutindo a questão da "realidade psíquica", Green afirma que ela nunca faz a realidade exterior desaparecer

completamente, nem nas patologias mais graves. A teoria do psiquismo supõe a consideração de ambas, embora haja uma prevalência da primeira (Green, 1995a; 305).

Como a maior parte dos psicanalistas franceses que produziram teoria em sua geração, durante algum tempo Jean Laplanche foi aluno de Lacan. Sempre ligado à vida acadêmica, Laplanche tem publicado muitos textos. Inicialmente tentou reunir as idéias de Lacan a respeito do inconsciente às de Freud, mas acabou por tomar a posição de que é impossível atribuir ao inconsciente uma realidade lingüística – o máximo que concede é que o inconsciente seria condição da linguagem (Roudinesco, 1986 [1988; 336]).

Focalizando, aqui, apenas o que tem interesse mais direto para o estudo das distinções eu//não-eu, cabe destacar que, ao tratar de eu (“ego”) e de “ordem vital”, Laplanche aponta uma nova e valiosa forma de conceber a derivação da noção psicanalítica de eu (“ego”) a partir da noção de eu que se tem na vida quotidiana, ou seja, da noção de indivíduo. Para Laplanche, há uma forma de conceber essa derivação em termos de “metonímia”, e uma forma “metafórica” de entender a mesma derivação (Laplanche, 1970 [1985; 57]). Como metáfora o eu (“ego”) seria uma concreção intrapsíquica criada à imagem do indivíduo,<sup>136</sup> enquanto que, como metonímia, seria a superfície diferenciada do aparelho psíquico e um órgão especializado dele. Na opinião de Laplanche a concepção metafórica do eu (“ego”) como objeto libidinal mereceria ocupar o primeiro plano nas construções teóricas.<sup>137</sup>

Na verdade, a posição de Laplanche é mais complexa do que a que foi indicada já que, em seu julgamento, escolher entre essas duas concepções é distorcer o pensamento psicanalítico que as



enlaça.<sup>138</sup> Em seu livro sobre a angústia, por exemplo, ele chama a atenção para os problemas que sempre aparecem na literatura psicanalítica quando se tenta resolver a ambigüidade com que Freud teria envolvido a noção de "eu". Em relação a essa questão vê-se que, ao final, Laplanche adota um ponto de vista bastante semelhante àquele que André Green defende em "Narcissisme de Vie Narcissisme de Mort" e que já foi exposto acima. Tanto Green quanto Laplanche pensam que Freud propositalmente não faz claras distinções nesse setor de teorização. Laplanche diz, de modo explícito, que Freud deixou subsistir uma certa ambigüidade em relação à noção de eu ("ego") e, em sua opinião, talvez seja mesmo preferível manter essa imprecisão, embora o caminho tomado por boa parte dos principais autores pós-freudianos tenha seguido uma direção oposta.<sup>139</sup> Tendo em vista a questão da concepção a respeito do eu, em "*Vida e Morte em Psicanálise*" Laplanche chega a afirmar que algumas das maiores dificuldades da teoria freudiana devem-se a "contradições do pensamento" e "contradições do próprio objeto".<sup>140</sup>

Em relação a um segundo ponto, à concepção de "auto-erotismo", concepção evidentemente central no estudo das distinções eu/não-eu, Laplanche inicialmente encontra dificuldades. Discorda, no entanto, de autores da teoria de relações de objeto que, como Balint, acreditam que há um "amor primário de objeto".<sup>141</sup> Para Laplanche, o auto-erotismo é um *segundo tempo*, período que vem com a perda do objeto da autoconservação, o leite, e que liga o corpo do próprio indivíduo ao objeto sexual, o seio, o qual nunca foi idêntico ao objeto da auto-conservação, mas desde o início esteve numa relação de contigüidade essencial com ele.<sup>142</sup>

No seminário sobre o "inconsciente" e o "isso" Laplanche defende uma idéia que segue boa parte da literatura psicanalítica

contemporânea na explicação de como e por que o eu ("ego") pode se tornar objeto de amor. Afirma ele que o eu ("ego") se constitui como objeto interno de amor na medida em que é resíduo de relações com objetos externos. Além disso, Laplanche tem dúvidas a respeito da possibilidade de pensá-lo com outra origem que não a das identificações.<sup>143</sup> Na realidade, ao tratar do "recalcamento originário" Laplanche mostra que a formação do eu ("ego") depende de um processo que se dá em dois tempos: inicialmente o que há é o eu-corpo ("ego-corpo"), que coincide com o indivíduo ou com a periferia que o delimita, e só depois vai surgir o eu ("ego") como instância, órgão em continuidade metonímica com o corpo, e metáfora dele.<sup>144</sup>

Uma coleção de juízos, emitidos por Laplanche independentemente uns dos outros, são relevantes nas discussões a respeito das distinções eu/não-eu. Tais idéias podem ser indicadas desde já:

1- De acordo com o pensamento de Freud, diz Laplanche, é do lado do eu e do pré-consciente que se deve buscar o entendimento a respeito da linguagem (Laplanche 1987b [1993; 40). O inconsciente, em contrapartida, seria "como-uma-linguagem, não estruturado".<sup>145</sup>

2- A compreensão do conceito de "inconsciente" é complicada por opções contraditórias que Freud teria feito – o inconsciente ora teria sido concebido como anterior ao consciente, ora como algo que viria depois do recalque.<sup>146</sup>

3- Também requer atenção o paralelo que Laplanche mostra ter sido traçado pelo estruturalismo logicista entre o eu e o inconsciente de um lado, e o analógico e o digital de outro. Para Laplanche pode-se pensar num inconsciente analógico, que seria o nível do eu ("ego"), e dos objetos totais, portadores de forma, e num inconsciente mais

profundo, feito de "pedaços disjuntos". Esse, no entanto, de nenhuma forma poderia ser aproximado da lógica binária, aquela dos "bits".<sup>147</sup>

4- O sono é entendido como "fase essencial de recarga de energia" (Laplanche, 1987a [1992; 51]), concepção do sono que dá ênfase à vida de vigília (– em contraposição a isso pode-se pensar numa outra perspectiva, ou seja, naquela que encara o sono como um *objetivo*, associado à pulsão de morte).

5- Laplanche interpreta o pensamento de Melanie Klein dizendo que os objetos (bons e maus) dos quais ela fala não são apenas "modos subjetivos de visar um Objeto real", mas objetos que levam vida própria no interior do sujeito.<sup>148</sup> Ainda em associação a isso Laplanche chama a atenção para o fato de que "Sachvorstellung" tem uma tradução dupla: "representação de coisa" e "representação-coisa", elemento que no interior do inconsciente adquiriria consistência de coisa. Nesse sentido diz que, no interior, tal representação poderia então ser agente, capaz de atacar e excitar por estar carregada de afeto e energia.<sup>149</sup>

6- Relevante ainda no estudo das distinções eu//não-eu, para Laplanche a fecunda idéia de "objeto transicional", proposta por Winnicott, deveria ser reinterpretada, a partir da teoria a respeito da sedução erotizante, como algo que vai do sedutor ao seduzido e, portanto, como algo que é "implantado" na criança, como se dela fizesse parte, mas que de fato vem de fora, e não de dentro.<sup>150</sup> Resta saber se essa reinterpretação de Laplanche desfaz o "insight" winnicottiano a respeito de um objeto que de fato não é nem interno nem externo, e ocupa o espaço de limite, um verdadeiro território; ou, ao contrário, se enriquece aquela concepção de Winnicott ao propor um novo tipo de objeto intermediário.

7- Finalmente, a tese de "situação originária de sedução", que Laplanche quer polemicamente reforçar em detrimento da conceituação de "fantasmas filogeneticamente transmitidos"<sup>151</sup>, merece atenção, e não pode ser deixada de lado em qualquer pesquisa que tome a questão das distinções eu//não-eu como objeto.

Colette Chiland, psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Paris, desde sua formação seguiu a tradição freudiana de encarar a psicanálise como parte da ciência psicológica. Merece reflexão a idéia que essa investigadora propôs a respeito da origem das fantasias (como aquelas referidas, por exemplo, à castração ou à relação sexual entre os pais), hipótese que prescinde do recurso a uma cena primitiva e que foi incluída em seu levantamento sobre a respeito da posição da fantasia na tessitura conceitual de Freud.<sup>152</sup> Para Colette Chiland, a fantasia nasce com a distinção eu ("Ego") – não-eu ("não-ego").<sup>153</sup> As relações entre a fantasia e outros aspectos da vida psíquica (devaneio, vida onírica, mito, linguagem, organização psicopatológica, projeção, etc.) são muito complexas e variadas.<sup>154</sup> O estudo das fantasia é muito relevante (e certamente poderá aproveitar dos aportes de Colette Chiland), porque a pergunta a respeito de seu lugar na *topografia psíquica* vai exigir um real aprofundamento no entendimento das distinções eu//não-eu.

Uma segunda tese dessa autora francesa deve ser considerada. Distanciando-se de Freud, e nomeadamente de Margaret Mahler, Colette Chiland se opõe, de forma viva, à idéia de um narcisismo primário soberano.<sup>155</sup> Ao contrário, deve-se admitir, segundo ela, que já a princípio abrem-se dois pólos de investimento.<sup>156</sup> A idéia de "apoio", por exemplo, indica, por si mesma, que existe, desde o início, uma inegável forma de investimento objetal.<sup>157</sup> Divergindo de outras

alternativas de interpretação, sua posição é de que o narcisismo deve ser tomado não como um estágio, um estado, uma estrutura ou uma instância, mas sim como “um pólo de investimento”.<sup>158</sup>

Valorizando as pesquisas que trazem elementos novos para o campo psicanalítico ao invés de engrossar os infindáveis estudos, “comentários quase talmúdicos” (Anzieu, 1985 [1989; 6]) que retornam incessantemente aos textos de Freud, Didier Anzieu publicou, em 1985, um criativo livro, “O Eu-pele”, que dá continuidade a hipóteses levantadas em 1974, na *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (Anzieu, 1974). Um dos aspectos interessantes desse livro é a ênfase no critério de diferenciação “fora – dentro” que surge no curso do desenvolvimento e que nasce da experiência de contato físico com a mãe enquanto agente amoroso propiciador da experiência de continência.<sup>159</sup> Tal diferenciação baseia-se no que Anzieu chama de “Eu-pele”, ou seja, aquela representação, no plano figurativo, que na criança emerge do Eu corporal e que cria as condições fundamentais para a constituição de um Eu continente de conteúdos psíquicos.<sup>160</sup> Na verdade a pele teria três funções fundamentais: a de conter e reter elementos bons; a de marcar um limite que separa o fora e o dentro; e a de ser um meio de comunicação. Essas funções da pele são herdadas pelo “Eu psíquico”, que as assume e reproduz.<sup>161</sup>

A valorização das experiências que a pele propicia e a noção de “Eu-pele” permitem a Anzieu reconhecer dois momentos no pensamento de Freud. Inicialmente, induzido pelo estudo de 1891 sobre a afasia, é elaborado o modelo que Anzieu chama de “dupla arborescência”. Esse modelo tem origem na concepção de Freud a respeito das representações-palavra e das representações-objeto [“Wortvorstellungen” e “Objektvorstellungen”] e inspira a hipótese sobre

o aparelho psíquico desenvolvida em 1900 e continuada nos trabalhos metapsicológicos dos meados dos anos dez. O segundo momento do pensamento de Freud teria sido marcado pela substituição do modelo da “dupla arborescência” pelo modelo da “vesícula”, idéia que é desenvolvida em 1920 e 1923, e que permite a introdução da noção central de “continente”.<sup>162</sup> A idéia de Anzieu a respeito do *eu* como vesícula ou envelope, a partir do “envelope corporal” (“o envelope psíquico se origina por apoio do envelope corporal” [Anzieu, 1985 [1989; 95)], certamente merece especial consideração no estudo a respeito das distinções *eu/não-eu*. Nesse sentido cabe lembrar que em sua valorização do modelo de *vesícula* Anzieu chama a atenção para as idéias de “casca” e “núcleo”, noções que já estariam presentes no pensamento de Freud, e que naturalmente retornam no decorrer do processo de explicitamento das teses de Anzieu.<sup>163</sup> O curioso (e que pede reflexão) é que em contraposição ao movimento dominante no pensamento ocidental (desde o Renascimento) de “romper a casca para atingir o núcleo”, Anzieu pergunta se o *eu* não tem “estrutura de envelope”, e se o centro não está situado na periferia.<sup>164</sup> A contribuição desse autor é muito significativa na revalorização do ponto de vista topográfico,<sup>165</sup> direção também fundamental na investigação desenvolvida aqui.

O livro de Paul-Laurent Assoun *Introduction à la Métapsychologie Freudienne* é especialmente valioso pelo estudo que faz da noção de “sujeito” nos textos de Freud. Nesse livro Assoun chama a atenção para o fato de que Freud só usa o termo *sujeito* pontualmente e, na verdade, o recusa como conceito, trocando-a pela introdução da concepção tópica.<sup>166</sup> Enquanto que para Freud o *eu* designa uma instância metapsicológica, e o termo “sujeito” pouco é

empregado, para Assoun a emergência da subjetividade se faz segundo a lógica corporal da projeção (Assoun, 1993; 174), e o termo "sujeito" pode designar o eu estranho colocado no lugar de objeto ativo (Assoun, 1993; 249), o que quer dizer o apontamento de uma função da qual o eu partilha apenas pontualmente.<sup>167</sup> Assoun afirma que o sujeito é o eu enquanto Outro<sup>168</sup> ou, melhor que isso, conclui que onde o Outro se faz presente, lá se forma um sujeito.<sup>169</sup>

Tendo desenvolvido, a partir de 1953, parte de sua formação sob a orientação de Lacan, mas rompendo com ele, dez anos depois, para fundar a Associação Psicanalítica da França, reconhecida pela IPA, J.-B. Pontalis produziu textos que são caracteristicamente eruditos e pouco polêmicos (Roudinesco, 1986 [1988; 310/311]). A respeito da questão da *representação*, Pontalis oferece uma importante contribuição num artigo em que procura desfazer a associação, fácil de se criar, entre "representação inconsciente" e "imagens visuais". Essa falsa e corriqueira associação talvez derive do fato de que se está acostumado com a idéia de que o sonho é basicamente composto de imagens visuais.<sup>170</sup> Sugerindo um outro caminho de entendimento, Pontalis chama a atenção para o fato de que a imagem deve ser entendida apenas como sinal: palavra, letra ou sinal de pontuação.<sup>171</sup> Na verdade, o sentido sugerido pela imagem mais oculta que revela.<sup>172</sup> A posição de Pontalis é clara: da infância ficam restos que são representados depois sob a forma plástica e visual.<sup>173</sup>

Esse entendimento do inconsciente como *traço secundariamente representado como imagem* talvez venha a ser útil no estudo das distinções eu/não-eu quando se tiver que estabelecer o contraste entre o *eu* e o *isso*, e se vier a enfatizar o valor da apreensão da forma no processo de formação do *eu*.

André Bourguignon, psiquiatra estudioso das teorias psicanalíticas, publicou uma relevante análise das discussões entre Freud e Laforgue a respeito da noção de "escotomização" proposta pelo psicanalista francês. Bourguignon é de opinião que deve-se ficar apenas com os termos "renegação" (*Verleugnung*) e "alucinação negativa", abandonando-se de vez a noção de "escotomização" em função da mesma razão que já fora apontada por Freud, ou seja, a de que na noção de escotomização está implicada uma contradição – a de se supor um processo psíquico defensivo em relação a um fato que sequer foi percebido (Bourguignon, 1980 [1991; 59]). Curiosamente, em seu artigo Bourguignon não se refere ao "repúdio" (*Verwerfung* – que é o mecanismo que produz a alucinação negativa enquanto fenômeno). Em troca informa que o termo "foraclusão" foi proposto, ao que parece, inicialmente por Pichon, no artigo "Mort, angoisse, négation", de 1947 (Bourguignon, 1980 [1991; 56]). A importância dessa discussão, revisitada por Bourguignon, está no fato de que em seu bojo fica claro que há necessidade de se supor *dois níveis psíquicos* no processo da percepção, o primeiro dos quais nunca seria consciente. Há aí a indicação de uma sofisticação na teorização da topografia psíquica que pode ser especialmente relevante na análise das distinções eu//não-eu.



### **3 – AS DISTINÇÕES EU//NÃO-EU E SUAS ARTICULAÇÕES .**

*“Duas coisas quero dizer; às vezes, do múltiplo cresce o  
uno para um único ser; outras, ao contrário, divide-se o  
uno na multiplicidade”  
(Empédocles)*

### 3.1– Expansão e retração – nasce um ritmo

A invenção da construção metapsicológica nasceu do estabelecimento de um postulado fundamental – a idéia de quantidade ou fator quantitativo<sup>(1)</sup>. Sem essa hipótese a elaboração propriamente metapsicológica se desfaz. A metapsicologia considera que do movimento e da combinação das frações dessa quantidade formam-se todos os fenômenos psíquicos. No psiquismo tal quantidade pode aumentar e diminuir, sofrer combinações e deslocamentos. De lá parcelas de quantidade são regularmente descarregadas<sup>(2)</sup>.<sup>174</sup> Sua origem encontra-se em excitações constantes provenientes do corpo. Enquanto elemento que está na base de qualquer forma de trabalho psíquico, deve ser entendida como sendo aquilo que é denominado de energia psíquica. A idéia de quantidade está no âmago do conceito de pulsão<sup>(3)</sup>.<sup>175</sup>

Depois de duas cuidadosas e bem amadurecidas tentativas de compreender o conjunto da vida psíquica, esforços que resultaram na elaboração de formulações que se tornaram clássicas – em primeiro lugar aquela referida à dualidade das pulsões em termos de *pulsão de autoconservação* e *pulsão sexual* e, depois, a referida à dualidade da libido em termos de *libido do eu* e *libido do objeto* – Freud chega a um terceiro modo de conceber a vida psíquica que, embora nunca tenha recebido uma formulação acabada e precisa, termina ficando como a perspectiva legada por ele de modo definitivo<sup>(4)</sup>.<sup>176</sup> Nada do que foi

(1) Esse postulado (ou teorema), que se mantém através de toda a obra de Freud, tem tal destaque que é colocado logo no início do *Projeto*, como o primeiro dos tópicos que ali são tratados (ver: Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I, 295| ESB. I; 395).

(2) Na perspectiva metapsicológica, a todos os fenômenos psíquicos correspondem processos quantitativos (ver nota 174).

(3) A desvalorização do aspecto quantitativo na teorização metapsicológica só poderia ser feita se fosse acompanhada de uma radical modificação na arquitetura teórica elaborada por Freud (ver nota 175).

(4) As três sucessivas formulações a respeito da teoria pulsional não se opõem entre si, como muitas vezes se pensa, mas, pelo contrário, representam uma progressiva expansão do pensamento de Freud. Isso está claro na

pensado no campo psicanalítico depois de Freud pôs tal proposta em questão de forma séria e, pelo menos por enquanto, ela ainda pode ser tida como o melhor alicerce para as construções teóricas que aí se fazem. A teoria da dualidade de pulsões – *pulsão de vida e pulsão de morte* – tem recebido múltiplas interpretações e críticas mas, ao que parece, está longe o momento de se poder substituí-la por outra melhor.

No cerne da última proposta de Freud está a hipótese de que no psiquismo a quantidade sujeita-se a dois alvos opostos um ao outro<sup>(1)</sup>. Esses alvos que determinam o desenrolar da vida psíquica podem ser descritos como o de desfazer as associações das parcelas de quantidade, e o de reuni-las em unidades organizadas maiores<sup>(2)</sup>.<sup>177</sup> A pulsão de morte, cujo alvo é desfazer as associações, rege-se pelo princípio de nirvana, que significa reduzir o nível da quantidade ao ponto mais baixo possível<sup>(3)</sup>, enquanto que a pulsão de vida, que tende a fazer a associação de quantidades, é governada pelo princípio de

---

avaliação que ele mesmo faz daquelas elaborações. Nos *Três Ensaios*, enquanto reconhece na oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação a dualidade pulsional básica, Freud desenvolve e amplia o entendimento do que seria "sexualidade". A partir da aproximação de Jung e da escola suíça de psiquiatria, é feita a extensão teórica do conceito de libido para incluir a noção referente ao fenómeno do narcisismo. Por outro lado, durante muito tempo Freud mantém-se cauteloso em relação ao terceiro passo na teoria das pulsões – o da elaboração das noções de pulsão de vida e de pulsão de morte (ver nota 176). A história do desenvolvimento da teoria mostra, no entanto, o acerto dessa última ampla e abrangente formulação.

<sup>(1)</sup> A posição que aqui está sendo exposta assume que desde o início (e, portanto, muito antes da instalação do recalque primordial) a vida psíquica dá-se em conflito. Esse conflito é, fundamentalmente, conflito *pulsional* e não conflito entre o inconsciente e o pré-consciente. Na verdade essa última divisão só pode se estabelecer muito tardiamente, isto é, quando o pré-consciente começa a se formar, com a assimilação das primeiras representações de palavra. Dessa forma, a posição que aqui está sendo desenvolvida marcadamente diverge da que, seguindo o pensamento de Laplanche, Silvia Bleichmar adota e assim formula: "Ao partirmos da opção teórica que o aparelho psíquico implica dois modos de funcionamento e dois conteúdos marcados por relações de conflito e que o pré-consciente não se funda a partir do inconsciente, senão que cada sistema está em correlação com o outro, afirmaremos que não se pode falar de inconsciente, não se pode falar de formação de sintomas na infância em sentido psicanalítico, antes que o recalque originário se instaure, sendo a partir disso que se constitui o aparelho psíquico." (Bleichmar, 1984 [1993], 58J).

<sup>(2)</sup> Valorizando os processos de associação e dissociação, Freud reconhece no pensamento de Empédocles uma orientação idêntica à que governa a construção que faz a respeito da diferença entre as pulsões básicas, ou seja, entre Eros e a pulsão de destruição (ver nota 177).

<sup>(3)</sup> A noção de pulsão de morte é vista, nos textos de Freud, a partir de diferentes pontos de vista. Há cinco aspectos que em diferentes textos recebem ênfase especial – 1) pressão no sentido da redução da quantidade; 2) tendência a desfazer as associações, ou seja, tendência ao desligamento; 3) inexistência de representação; 4) autoagressão; 5) destrutividade. Já a compulsão à repetição e a volta a um estado anterior são características das pulsões *em geral*. Os estudos mais cuidadosos de Freud mostraram que esses aspectos não só estão na base da pulsão de morte mas também são constitutivos das pulsões de vida.

prazer/desprazer, que deve ser traduzido como a procura tanto da evitação da tensão acima de determinado limiar (desprazer), quanto do estabelecimento de um fluxo de quantidade, de um ritmo (prazer)<sup>(1)</sup>.

A postulação dessa dualidade de pulsões levanta uma interrogação. Atraída por duas forças praticamente opostas, em que direção vai se desenvolver a vida psíquica? A idéia de que uma dessas forças anula completamente a outra é inaceitável. Isso seria supor a possibilidade de existência de vida psíquica fora da situação de conflito pulsional, o que contraria frontalmente o espírito da hipótese psicanalítica básica.

Uma segunda solução é supor que o psiquismo possa dividir-se, tornando-se, cada uma das partes resultantes, palco de dominância de um dos elementos do par fundamental de pulsões. Talvez fosse possível pensar alguns quadros clínicos a partir dessa perspectiva. No entanto, o que estaria em consideração seriam casos tão particulares de divisão que não se pode sustentar, diante de um exame minimamente minucioso, que esse seja o modelo mais adequado para resolver a questão da interação de pulsões contrárias no desenvolvimento da história psíquica.

Outra alternativa de compreensão parte da idéia da possibilidade de *fusão* (intrincação, mistura ou união) ("Mischung" [Freud, 1923: Stud. III; 308] ESB. XIX; 41] St. Ed. XIX; 41]) dessas forças em formações psíquicas que as atendam simultaneamente. Fundamental nessa solução é a idéia de ponto ótimo de equilíbrio, a medida de composição das forças em jogo que, dando espaço a ambas, não permite, a nenhuma delas, a anulação da outra. Essa hipótese tem sido útil e necessária para explicar uma série de fenômenos mas, por si

<sup>(1)</sup> A questão da articulação das pulsões com os princípios que regem a vida psíquica é muito complexa. A associação do princípio de nirvana à pulsão de morte e do princípio de prazer à libido foi, no entanto, claramente assumida por Freud no artigo "O problema econômico do masoquismo" (ver nota 300).

só, e tomada isoladamente, leva a pensar num tipo de vida psíquica que não mais sofre modificações a partir do momento em que se estabeleça tal fusão, ou seja, sugere o quadro de uma estabilização monótona, estado de coisas que não condiz com o que pode ser observado<sup>(1)</sup>.<sup>178</sup> Trata-se, portanto, de uma hipótese que não é suficiente para resolver a questão básica inicial, aquela de como imaginar a vida psíquica a partir da postulação de duas forças antagônicas.

Há, finalmente, um outro caminho a ser considerado. A hipótese a ser aventada soma à idéia de fusão um outro fator nitidamente distinto. Ao invés da noção de equilíbrio estável, a idéia de *variação e ritmo* parece ser a mais adequada para solucionar o problema levantado. Tal idéia é sugerida pela *oscilação diária sono/vigília* e inicialmente traz para o primeiro plano de consideração essa oscilação que, obviamente, tem que ser explicada pela teoria geral das pulsões. Com isso deve ficar claro que o entendimento da oscilação sono/vigília precisa ser inserida no contexto da vida psíquica, *mesmo sem se considerar o contexto das razões fisiológicas*, que pertence ao âmbito da biologia, e que não cabe examinar aqui<sup>(2)</sup>.<sup>179</sup>

Seguindo uma hipótese de Freud, as pulsões de vida e de morte estão associadas às grandes forças naturais de atração e repulsão.<sup>180</sup> Ora, o que caracteriza a *vida*, e a distingue da realidade inanimada, é que nela a harmonização dessas forças não se dá em pontos de equilíbrio estáticos, mas sim através de ritmos e padrões de oscilação em constante transformação. Afora o fato inquestionável, e que não deve ser esquecido, de que em cada ato psíquico sempre há alguma forma de fusão das pulsões<sup>181</sup>, a oscilação sono/vigília mostra-

(1) Na verdade, a única mudança possível seria através da defusão das pulsões ("Trickentmischung"), processo que, por sinal, Freud não deixou de considerar (ver nota 178).

(2) O sono tem incontestável valor na vida psíquica e, como Freud afirma, pode ser entendido em termos da teoria da libido (ver nota 179). Além disso, a introdução da hipótese da pulsão de morte, a qual sempre exige seu quinhão de satisfação, pode tornar ainda mais compreensível o fenômeno do dormir (ver nota 305).

se como um primeiro processo em que efetivamente são atendidas, em virtude de um padrão de variação, ambas as pulsões fundamentais, antagônicas uma à outra, cada uma delas dominante em um dos momentos do ritmo.

Adotando-se a idéia de que no psiquismo se passa essa oscilação entre um período de maior descarga de quantidade, e outro período em que o nível da quantidade cresce e suas parcelas começam a se associar, não é difícil imaginar como, e através de que meios, essa oscilação se dá. Para isso deve-se supor a existência de uma *adaptabilidade* (ou *flexibilidade*) psíquica, propriedade que permite que qualquer dos alvos da vida psíquica permaneça sem ser atendido durante algum tempo, até que tal contenção não possa mais ser sustentada, e a satisfação da pulsão que está em frustração se torne imperiosa. Estabelece-se, assim, a idéia de uma alternância de períodos de maior satisfação de cada uma das duas pulsões básicas<sup>(1)</sup>.<sup>182</sup> Durante a vigília há uma maior frustração da pulsão de morte, e a pulsão de vida é atendida através da associação das frações de quantidade que formam cada um dos fenômenos psíquicos. A crescente duração da frustração da pulsão de morte significa, no entanto, o aumento da pressão no sentido de que ela venha a ser atendida. Como nesse mesmo período de tempo a pulsão de vida está sendo satisfeita, quanto mais tempo dura a vigília mais ela é saciada e mais sua força decresce, até que é alcançado o ponto em que a pulsão de morte rompe a restrição sob a qual está submetida e, promovendo a descarga de grande parte da quantidade, desfaz as associações que até ali haviam sido construídas. Nesse momento começa o período de sono<sup>(2)</sup>. Nele a

(1) A idéia de alternância, tomada aqui como central, na verdade foi introduzida pelo próprio Freud na análise das pulsões de vida e de morte feita no contexto da mais livre e ampla especulação que caracteriza o "Além do Princípio de Prazer" (ver nota 182).

(2) O sono não é, portanto, apenas fase de recarga de energia, como quer Laplanche (ver: Laplanche, 1987a [1992; 51]), mas também aproximação de um alvo que é procurado pela pulsão de morte.

tendência da pulsão de morte é satisfeita mais intensamente, e é a vez em que a pulsão de vida fica sob o regime de maior frustração. Da mesma forma como ocorre durante a vigília, a duração desse estado de coisas faz com que a frustração da pulsão de vida cresça de forma paulatina e paralela à progressiva saciação da pulsão de morte. Acaba por advir uma reinversão de dominância dos pólos pulsionais e o indivíduo desperta para um outro período de vigília.

Tal quadro explicativo completa-se com o reconhecimento de que em ambos os períodos não há, de fato, uma anulação completa da pulsão que está sob frustração, mas apenas uma dominância que não extingue inteiramente a força oposta. Esse complemento explicativo permite esclarecer porque a pulsão de morte, quando rompe o período em que está frustrada, não leva à descarga total da quantidade, o que equivaleria à morte do indivíduo. Da mesma forma pode-se entender porque, quando a pulsão de vida toma o primeiro plano, os processos de associação não são realizados completamente, nem de uma só vez mas, ao invés disso, encontram resistências que os dificultam, lentificam e desviam – esse é o sinal da atuação residual da pulsão de morte, nunca completamente anulada durante a vigília<sup>(1)</sup>.

A adoção da hipótese da *oscilação dos pesos relativos na composição do quadro das forças pulsionais em atendimento*, oscilação que cria um ritmo de variação e duas configurações vivenciais claramente distintas, propicia, também, um melhor entendimento da diferenciação topográfica do aparelho psíquico.

<sup>(1)</sup> Pode-se pensar que o que resulta dessa atuação da pulsão de morte não se reduz nem a *prazer* nem a *evitação de desprazer* mas talvez possa ser denominado de “gozo” se, por esse termo, for tomado o que, com originalidade, Ana Maria Rudge formula: “Os fenômenos em que a repetição do desagradável é especialmente marcante indicaram a necessidade da reformulação teórica que promove a repetição como característica da própria manifestação pulsional, independente do recalque. ... A partir da introdução por Freud de um além do princípio de prazer, Lacan introduziu a noção de gozo na psicanálise situando-o como uma espécie de horizonte em relação ao prazer. Visava assim delimitar com maior rigor o que se prestava a ambigüidades: o abismo entre o princípio de prazer e a satisfação pulsional. O gozo é o que não foi integrado em um tecido simbólico e imaginário e, portanto, não pode levar a vida em consideração.” (Rudge, 1998; 33).

A hipótese do aparelho psíquico como uma extensão, embora não localizável, é, ao lado da referência à quantidade, a segunda idéia fundamental da construção metapsicológica freudiana<sup>(1)</sup>.<sup>183</sup> A função dessa construção é servir como instrumento conceitual auxiliar para a compreensão dos fenômenos psíquicos. O postulado topográfico é complexo e compreende vários aspectos. O que vem a seguir é a descrição da hipótese topográfica que decorre diretamente da consideração que vinha sendo feita a respeito das vicissitudes da quantidade a partir da oposição das pulsões de vida e de morte<sup>(2)</sup>.

Nos períodos em que, sem chegar a haver a completa anulação da pulsão de vida, dá-se a dominância da pulsão de morte e o indivíduo dorme, o nível da quantidade total naturalmente decresce<sup>(3)</sup>.<sup>184</sup> Nessas circunstâncias ela converge para um espaço limitado e fechado, espécie de reservatório da quantidade<sup>4</sup>. Como nesse pequeno espaço a quantidade distribui-se homogeneamente, ali suas frações chocam-se, ligam-se e logo se desligam, sem que se forme nenhuma configuração das parcelas de quantidade, ou seja, produz-se apenas mínimas variações de prazer, desprazer e tensão, não acompanhadas de representações ou afetos<sup>(5)</sup>.<sup>185</sup> Esse é o lugar do "núcleo psíquico"<sup>(6)</sup>. Ali

(1) Freud nunca abandonou o ponto de vista topográfico, que é fundamental para o entendimento de grande parte de suas idéias. Escritos tardios, como o "Um Esboço de Psicanálise", dão mostra da importância que ele atribuía a esse setor da teorização (ver nota 183).

(2) Entre os autores contemporâneos, Anzieu destaca-se por chamar a atenção para a necessidade de se retomar a perspectiva topográfica na teorização psicanalítica (rever nota 165).

(3) Esse modo de entendimento Freud adota desde o "Projeto" (ver nota 184).

(4) Tal idéia ajusta-se ao que Anzieu indica como sendo o modelo da "vesícula" o qual Freud teria adotado a partir de 1920, em substituição ao modelo da "arborescência" (rever nota 162). Parece bem claro que o modelo da vesícula fez-se necessário na medida em que o ponto de vista econômico e a noção de pulsão começaram a ganhar mais e mais importância na construção teórica de Freud.

(5) A limitação da atuação das tendências destrutivas pela energia de Eros também é considerada por Freud como a situação que caracteriza o quadro psíquico inicial (ver nota 185). Isso, que segundo ele se passaria no eu-isso indiferenciados, corresponde à condição que prevalece no espaço limitado e relativamente fechado, espécie de reservatório da quantidade, que aqui está sendo descrito.

(6) A esse "lugar" se contrapõe uma "região" mais externa, área de interface através da qual há o contato com o exterior, e que Anzieu aproxima da idéia de "casca" (rever nota 163).



as pulsões (ligar e desligar) mostram-se em estado bruto e direto, ou seja, em si mesmas, e ainda não criam os produtos psíquicos derivados que vão representá-las<sup>(1)</sup>.<sup>186</sup> Nesse sentido a região de aparelho psíquico em que isso se dá pode ser chamado de "região de indiscriminação".

Ora, depois de algum tempo, a quantidade que cresce a partir das fontes somáticas ultrapassa o limite a partir do qual aquele pequeno espaço do núcleo psíquico se abre. A quantidade invade, então, uma área muito mais ampla, que pode ser chamada de "área de extensão"<sup>(2)</sup>.<sup>187</sup> Nesse momento está começando um período dominado pela pulsão de vida.

Como o espaço dessa área de extensão é muito mais amplo que o da região de indiscriminação, quando, obedecendo à pulsão de vida, frações de quantidade aí reúnem-se, constituem-se configurações que conseguem gozar de alguma durabilidade<sup>(3)</sup>.<sup>188</sup> Tais configurações devem ser entendidas como *padrões de circulação da quantidade*, ou seja, *caminhos que se impõem e são reiteradamente retomados pela quantidade em circulação*. Na área de extensão tais configurações são muito variadas e, em fases de maior complexidade psíquica, deixam seus trilhamentos marcados. Por terem deixado traços elas podem ser retomadas pela quantidade em outras oportunidades. De fato, embora a quantidade que invade a área de extensão a partir do núcleo psíquico, depois de algum tempo abandone essa área de extensão, refluindo para

(1) A essa diminuição do nível da quantidade corresponde um período de *sono sem sonho* que, evidentemente, é a única realização realmente completa do desejo de dormir (ver nota 186).

(2) As características rítmicas que marcam o fluxo da quantidade entre essas duas regiões do aparelho psíquico são, portanto, semelhantes às que Freud indicou ao tratar do movimento dos estímulos endógenos entre o interior do corpo e o que veio a ser chamado de "núcleo de  $\psi$ " (ver nota 187).

(3) Têm-se aí, portanto, expressões de Eros, noção que Freud adotou, ampliando a noção de pulsão sexual, a partir da idéia de que a tendência a reunir, e manter as partes reunidas, é um dos elementos fundamentais da vida psíquica (ver nota 188).

o núcleo psíquico, os trilhamentos que são inscritos na área de extensão lá ficam indelevelmente fixados<sup>(1)</sup>.

A postulação topográfica adota a idéia de que a área de extensão psíquica tem, numa de suas extremidades, uma abertura para a região de indiscriminação e núcleo psíquico, de onde vem a quantidade. Na outra extremidade há, no entanto, outra abertura. Por lá penetram os estímulos que vem do exterior. É a região que Freud denominou de "Pcp.". Dá-se que quando a área de extensão psíquica é invadida pela quantidade que tinha convergido para o núcleo psíquico há a ativação de Pcp. e, a partir daí, os estímulos provenientes do exterior, que chegam em configurações específicas, impostas por suas próprias características, tendem a moldar parcelas da quantidade que estavam livres na área de extensão. Essa modelagem é, sem dúvida, fruto do trabalho da pulsão de vida, que procura promover a associação dos elementos psíquicos. Formam-se, assim, as primeiras representações na área de extensão. Por outro lado, como o que a pulsão de morte promove é a separação de elementos, na área de extensão ela nada construirá, e nunca terá representantes – apenas produzirá efeitos, ou seja, desfará ligações.

Além das primeiras representações, muito primitivas, associadas aos estímulos provenientes do mundo externo, na área de extensão psíquica as pulsões de vida constituem outras formas de configuração de parcelas de quantidade, as quais também são representantes dessas pulsões. Para entendê-las melhor é necessário, antes, considerar um outro aspecto do aparelho psíquico e de seu funcionamento.

---

<sup>(1)</sup> Essa condição para que se dê a fixação das eventuais inscrições da quantidade na área de extensão será melhor examinada e esclarecida na próxima seção desse capítulo.

Na área de extensão psíquica deve-se localizar não só duas entradas, uma de quantidade interna e outra que traz o estímulo exterior, como também deve-se situar *duas saídas de quantidade*. A quantidade pode ser descarregada por vias que vão transformá-la em estímulos somáticos, ou por vias que a convertem em estímulos para o aparelho motor. A quantidade psíquica que é descarregada, vindo a provocar a formação de estímulos somáticos é, por sua vez, fonte de novos estímulos psíquicos que entram por Pcp., estímulos que nascem no interior do soma quando ele foi afetado por aquela descarga inicial de quantidade. Como já foi visto, a quantidade livre na área de extensão psíquica pode se organizar em configurações que têm correspondência com configurações dos estímulos se originam no mundo externo, e penetram no aparelho psíquico através de Pcp.. Deve ser reconhecido, no entanto, que a quantidade livre na área de extensão também pode se organizar segundo outros modelos, isto é, precisamente segundo esses estímulos que nascem no interior do corpo por descarga da quantidade psíquica. As configurações de quantidade psíquica que se formam a partir desses estímulos somáticos constituem o que é denominado de *afetos*<sup>(1)</sup>.<sup>189</sup> Junto com as representações, os afetos também são representantes da tendência a formar reuniões da quantidade psíquica, ou seja, também são representantes das pulsões de vida. Em termos metapsicológicos as configurações do movimento da quantidade na área de extensão traduzem-se, portanto, em representações e afetos<sup>(2)</sup>.<sup>190</sup>

Em resumo, têm-se, então, na "*região de indiscriminação*", o núcleo psíquico no qual a soma total da quantidade é pequena, as

(1) Nessa distinção entre *configurações perceptivas* e *afetos*, o entendimento que está sendo adotado a respeito do que é "afeto" deriva do esclarecimento oferecido por Freud sobre o que seriam "idéias" (basicamente investimentos de traços de memória) e "afetos e emoções" (processos de descarga cujas manifestações finais são percebidas como sensações) (ver nota 189).

(2) Parece que esse entendimento a respeito daquilo que pode representar as pulsões traduz bastante bem o pensamento de Freud. Quando, por exemplo, trata do recalque dos representantes pulsionais, Freud de fato reconhece duas diferentes entidades – a *representação* e o *afeto* (ver nota 190).

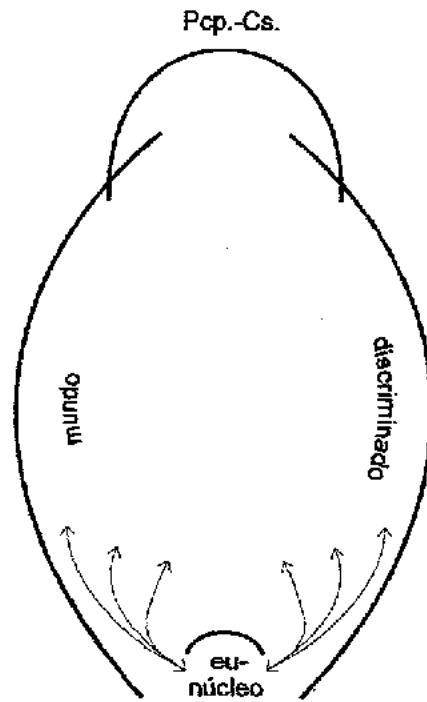
pulsões encontram-se em um nível mínimo de atividade, anulam-se, e não constituem representantes; e, na "área de extensão", uma série de representantes pulsionais que formam tudo o que pode ser descrito, ou seja, aquilo que para o sujeito é o *mundo*. Se o núcleo psíquico indiferenciado for chamado de *eu* ou "*eu-núcleo*", e o conjunto de representações e de afetos de "*mundo psíquico discriminado*", ou simplesmente "*mundo-discriminado*", poderá ser dito que o movimento de expansão da quantidade para a área de extensão, e sua retração para a região de indiscriminação, estabelece uma *oscilação* da quantidade entre dois pólos: o *eu-núcleo* e esse *mundo-discriminado*<sup>(1)</sup>.

Tomando-se como base o arcabouço da proposta feita por Freud em 1932 para descrever o aparelho psíquico, a figura abaixo pode ser útil como guia para o entendimento das idéias expostas<sup>(2)</sup>:

---

(1) A idéia de que no sono há uma retirada do investimento do objeto, voltando a quantidade para o *eu*, é claramente explicitada por Freud, numa de suas conferências introdutórias (ver nota 179). Deve ficar claro, no entanto, que, no dormir, o que recebe a quantidade evidentemente só pode ser algo semelhante ao que aqui está sendo denominado de "*eu-núcleo*", e nunca o "*eu*" enquanto *imagem de si mesmo* ou *estrutura responsável pelos processos secundários*.

(2) Evidentemente segue-se aqui a mesma inspiração de Freud que não pretende, com seus diagramas, fazer mais que construir artefatos que auxiliem o desenvolvimento do raciocínio e sua exposição.



(Figura 2 – EU-NÚCLEO / MUNDO DISCRIMINADO)

No início da vida psíquica a quantidade restringe-se ao eu-núcleo<sup>(1)</sup>. No entanto, durante a própria vida intra-uterina já começa a haver um aumento da soma da quantidade a qual acaba por extravasar para a área de extensão. A partir daí o psiquismo passa a receber os primeiros estímulos externos. Do acúmulo da quantidade o psiquismo livra-se através da atividade motora. A grosso modo essa oscilação caracteriza a alternância sono/vigília.

<sup>(1)</sup> Essa hipótese, e as outras que a acompanham e completam, aproxima-se muito do que Winnicott propôs em termos de “estado de não-integração”, que é característico do início da vida psíquica ainda sem consciência, estado que surge já no período intra-uterino. Esse “estado inicial de não integração” é, noutro contexto, denominado por Winnicott de “estado de não-estar-vivo”, formulação, por sinal, muito esclarecedora do sentido da construção metapsicológica de Freud (ver notas 91 e 92).

Na verdade, durante o sono parte da quantidade que está continuamente se acumulando no eu-núcleo, ou região de indiscriminação, pode invadir a área de extensão psíquica sem contudo ser capaz de alcançar e ativar a região de Pcp., e sem que possa vencer as resistências encontradas na direção da descarga motora. Em fases de maior complexidade psíquica, enquanto o sujeito dorme tal fração de quantidade poderá provocar a formação de associações de representações, ou seja, a fabricação de sonhos, e alguma eventual descarga para o interior do corpo. Esse último desdobramento fará com que aos sonhos somem-se afetos. Se, no entanto, a fração de quantidade que invade a área de extensão durante sono ultrapassa um determinado limite, as regiões de Pcp. serão fortemente ativadas e o sujeito desperta de seu sono, entrando em estado de vigília.

As fantasias são produtos psíquicos que mantêm certa semelhança com os sonhos na medida em que, por um lado, correspondem à formação de representações psíquicas que se dão de forma parcialmente independente das informações que estão sendo recebidas por Pcp. e, por outro, usualmente também não levam a descargas da quantidade através das vias motoras que tenham diretamente a ver com a realidade externa na qual o sujeito está inserido no momento.

### 3.2— Paz, turbilhão e alvorecer da ordem

Na seção anterior foi visto que o jogo das pulsões estabelece uma oscilação fundamental na vida psíquica – a de fluxo e refluxo da quantidade entre uma região de indiscriminação e uma área de extensão, ou seja, entre o eu-núcleo e o mundo psíquico discriminado. O ritmo diário de alternância entre a vigília e o sono é o dado fatural que, em primeiro lugar, sugere tal construção.

A idéia de ligação entre o sono e a vida intra-uterina foi explicitamente adotada pelo pensamento psicanalítico a partir de 1917 (Freud, 1917b[1915]: St. Ed. XIV; 222| ESB. XIV; 253). A constatação empírica da atividade do feto no útero, principalmente da regularidade com que chupa o próprio dedo, observação que hoje é amplamente feita através dos modernos instrumentos à disposição dos investigadores, aconselha a que se acompanhe Freud em seu julgamento de que a vida psíquica tem início já na vida intra-uterina<sup>(1)</sup>. Deve-se supor que a *vida psíquica começa como sono* e aos poucos, ainda na vida intra-uterina, desdobra-se no ritmo caracterizado pela alternância entre sono e vigília<sup>(2)</sup>.

Esse desdobramento que, passo a passo, introduz períodos de vigília entrecortando o dormir, não é resultado do acaso. O que o motiva é a pulsão de vida e a paulatina ativação das zonas erógenas. Como é sabido, as pressões pulsionais (*Drängen des Triebes* [Freud, 1905: Stud. V; 74] St. Ed. VII; 165| ESB. VII; 167) crescem quando

---

<sup>(1)</sup> Aspectos fundamentais da vida psíquica são deixados de lado quando se adotam idéias semelhantes às de André Green para quem o psíquico nasce da confluência entre o que se dá no seio do sujeito e o que ocorre com o “outro semelhante”, isso é, quando há interiorização de relações (rever notas 134 e 135). O nível de vida psíquica a que Green se refere é já muitíssimo complexo e, na verdade, supõe a existência, o desenvolvimento e a articulação de numerosos aspectos básicos da vida psíquica a respeito dos quais ele não teoriza.

<sup>(2)</sup> A perspectiva aqui adotada concorda, portanto, com Freud e, nesse ponto, com Margaret Mahler, e afasta-se, por exemplo, da direção do pensamento de Chiland que nega a fase do narcisismo originário e supõe, desde o início, a existência de percepções e de investimento do mundo externo (rever nota 155).

aumenta a quantidade de energia psíquica originada na fonte somática, ou seja, nas zonas erógenas. É justamente isso que está na base da alternância entre períodos de sono e de vigília já na vida intra-uterina. A quantidade, que aumenta, deixa a região de indiscriminação e invade a área de extensão na qual, ativando Pcp., é moldada pelos estímulos que por ali penetram. Da área de extensão a quantidade sai ou através da descarga por vias que levam à excitação endógena (e à produção do afeto) ou pelas vias motoras que em "*Interpretação dos Sonhos*" Freud designou de "M."

A reflexão sobre a vida psíquica intra-uterina é especialmente valiosa porque faz distinguir, com mais profundidade e clareza, alguns pressupostos que ajudam na construção do entendimento psicanalítico do psiquismo. Um desses pressupostos fundamentais é que *o psiquismo é movido primeiro e basicamente pela sexualidade, e não pelas necessidades*. Tal tese é claramente corroborada pela observação de que na vida intra-uterina já há vida psíquica, embora lá ainda não sejam experimentadas necessidades. De fato, lá nenhuma necessidade significativa é sentida já que o organismo materno fornece, continua e automaticamente, sem nenhum obstáculo que tenha que ser vencido pela atividade do feto, tudo aquilo de que ele precisa<sup>(1)</sup>. Por outro lado, o que é razoável imaginar é que já desde a vida intra-uterina as zonas erógenas constantemente, mas de forma progressivamente mais intensa, produzem a quantidade e fornecem estímulos que vão constituir a pressão pulsional.

Outro pressuposto psicanalítico que é melhor compreendido quando se leva em consideração a vida intra-uterina é que o psiquismo é marcado por uma oscilação de fases numa das quais há predomínio

---

<sup>(1)</sup> Em parte é porque não reconhece a existência e a importância da vida psíquica intra-uterina que Colette Chiland supõe o imediato investimento de objeto, com base no "apóio" (rever notas 156 e 157).



da pulsão de vida, e noutra há maior peso da pulsão de morte na fórmula que as funde. Isso supõe, como já foi visto anteriormente, uma espécie de adaptabilidade ou elasticidade psíquica, mas de caráter limitado, já que o período em que a pulsão de vida tem um peso maior, no jogo que faz com a pulsão de morte, é uma fase que se prolonga apenas durante um restrito lapso de tempo<sup>(1)</sup>.<sup>191</sup> Depois desse tempo, numa oscilação, a relação se inverte e começa o período em que é a pulsão de morte que se torna dominante, outra fase que também tem duração definida. Ora, a situação intra-uterina, *em que há ausência da necessidade*, é uma situação privilegiada para ajudar a esclarecer o que ocorre no exato momento em que se dá a oscilação de uma fase para outra. Associando a hipótese de que das zonas erógenas constantemente emana uma excitação à observação do regular chupar de dedos do feto, e ao conhecimento de que no útero o psiquismo do feto não está afetado por necessidades, surge a idéia de que a oscilação da dominância de cada uma das pulsões é determinado por um processo que pode ser descrito da seguinte maneira:

- 1- a quantidade de energia psíquica aumenta constante e progressivamente a partir das zonas erógenas;
- 2- a partir de um determinado ponto essa quantidade extravasa para fora da região de indiscriminação e invade a área de extensão psíquica;
- 3- nessa área de extensão psíquica, a partir de determinado nível há o início da vigília e a quantidade começa a escoar para fora do psiquismo por M.;
- 4- a isso corresponde movimentos corporais que podem fazer as zonas erógenas se excitarem ainda mais (ocasionalmente o dedo vai à boca e

<sup>(1)</sup> O psiquismo não consegue, sem periódicas interrupções, suportar o aumento da excitação por muito tempo. Regularmente ele tem que se desfazer da quantidade tão completamente quanto possível. Na vida anímica já bastante desenvolvida isso implica em um repetido afastamento do mundo externo e dos objetos, os quais não podem, na verdade, ser suportados sem descontinuidades (ver nota 191). Essa oscilação é, no entanto, anterior ao nascimento, e aqui está sendo visto como ela ocorre já mesmo durante a vida intra-uterina.

há brusca excitação adicional dessas duas zonas erógenas – a mucosa labial e a pele que reveste o dedo);

5- dá-se então uma acentuação do aumento da quantidade que toma conta da área de expansão a partir do núcleo de indiscriminação;

6- finalmente, dá-se uma grande descarga que, como que criando um vácuo, leva, atrás de si, quase toda a quantidade psíquica<sup>(1)</sup>,<sup>192</sup> e esvazia completamente a área de extensão, assim como boa parte da própria região de indiscriminação;

7- isso equivale ao adormecimento do psiquismo fetal. Inicia-se, então, novo ciclo com uma fase em que a quantidade recomeça a se acumular, a princípio na região de indiscriminação<sup>(2)</sup>.

Nesse processo há dois aspectos que precisam ser destacados. Em primeiro lugar, diferentemente do que se dá depois do nascimento, quando, então, o psiquismo passa a ficar afetado por necessidades que inexistem na vida intra-uterina, o chupar o dedo (e seus equivalentes), feito pelo feto, é fonte de grande aumento de excitação mas também, simultaneamente, o próprio meio de apaziguamento daquela excitação. Nesse sentido não existem tensões desagradáveis significativas e duradouras no início da vida psíquica<sup>(3)</sup>,<sup>193</sup> Sem saber que tudo lhe é dado, de nada o psiquismo sente que precisa e, inicialmente, nessa oscilação entre o dormir e a vigília fetais, ele se desenvolve num clima que pode ser descrito como de paz<sup>(4)</sup>.

<sup>(1)</sup> Esse processo econômico foi descrito pelo próprio Freud e parece ocorrer de forma bastante generalizada na vida psíquica, embora Freud o tenha proposto num contexto bastante específico e diverso do que aqui está sendo considerado (ver nota 192)

<sup>(2)</sup> Também Margaret Mahler valorizou a vida intra-uterina falando em “estado primal de distribuição da libido” e “autismo normal” para descrever essa fase em que o psiquismo se assemelha a um sistema monádico fechado, auto-suficiente (rever páginas 50/51 acima). No entanto, talvez ela tenha se enganado ao estender essa fase para as primeiras semanas de vida depois do nascimento já que, com a saída do útero, repentinamente cessa a situação de satisfação automática das necessidades, e dá-se uma modificação na configuração da vida anímica que na verdade é radical.

<sup>(3)</sup> É a essa situação que o psiquismo volta diariamente ao dormir, período durante o qual escapa das tensões, e deixa de estar ocupado pelo atendimento das necessidades (ver nota 193).

<sup>(4)</sup> Nesse sentido o auto-erotismo não é aqui tomado como um “segundo tempo”, posterior à perda do objeto da autoconservação, como quer Laplanche (rever nota 142). Pelo contrário, aqui o auto-erotismo é considerado

O outro aspecto que merece atenção especial é que nesse começo da vida psíquica praticamente as únicas configurações formadas pela quantidade na área de discriminação são aquelas moldadas pelos padrões de estímulo que chegam de fora do psiquismo através da porta de entrada que Freud denominou de "Pcp.". Em outras palavras, as frações de quantidade que escapam da região de indiscriminação para a área de extensão, de início não se organizam de nenhuma forma particular mas, excitando e ativando Pcp. permitem que os estímulos que por ali entram transmitam suas configurações à quantidade que até então estava amorfa. Formam-se, assim, as primeiras configurações na área de extensão. Tais configurações têm como matéria a quantidade que brota das zonas erógenas e, como forma, os padrões que correspondem e são paralelas aos estímulos que atingem os receptores proprioceptivos e exteroceptivos a partir de fora do psiquismo. Essas configurações são, portanto, representações da realidade externa ao psiquismo. Elas persistem enquanto há estimulação, mas não deixam memória. A tal regime de funcionamento do psiquismo Freud dá o nome de "*eu-real-do-início*" ("*anfänglichen Real-Ich*" [Freud, 1915a: Stud. III; 98]). Com isso pretende dizer que, *nesse período*, a tudo que existe no psiquismo, em termos de representação, corresponde algo de paralelo na realidade exterior ao psiquismo<sup>(1)</sup>.<sup>184</sup> Nesse sentido o psiquismo (o eu) e a realidade não se distinguem e há um critério sólido para determinar que algo existe na realidade – se existe no eu (no psiquismo), existe na realidade<sup>(2)</sup>.

---

como uma forma de manifestação da vida libidinal que antecede em muito o surgimento dos objetos referidos à pulsão de autoconservação, os quais só surgem na vida anímica *depois* da saída do útero.

<sup>(1)</sup> É bem claro que o "realismo" de Freud restringe-se, explicitamente, apenas ao primeiríssimo período da vida representacional (ver nota 194). Por outro lado, mesmo a assunção da hipótese de "traços de memórias filogenéticas" não modifica a tese do realismo inicial posto que tais restos só são ativados, no curso da história individual, tardiamente, muito depois do momento em que a fase do eu-realidade-do-início foi ultrapassada.

<sup>(2)</sup> As fantasias só surgem mais tarde, portanto. Conforme Colette Chiland afirma, elas só se constituem depois que se estabelece a distinção eu / não-eu (rever nota 153).

Na vida intra-uterina a contínua complexificação desenvolve as zonas erógenas; provoca o aumento do aporte da quantidade; leva ao início daquela oscilação entre o dormir e a vigília que vai se prolongar pelo resto da vida; e acaba provocando uma situação de tensão que só pode ser resolvida pela saída do útero, pelo nascimento, no final da gravidez. Tal tensão resulta de situações como, por exemplo, a progressiva e ininterrupta geração de quantidade causada pela permanente excitação das zonas erógenas associadas aos músculos extensores que não podem mais se exercitar num espaço que vai se tornando pequeno demais para conter o corpo em incessante crescimento. Essa situação é prototípica de angústia e gera descargas motoras as quais determinam os movimentos do nenem que acompanham e colaboram com o esforço do útero materno para provocar o parto<sup>(1)</sup>.<sup>195</sup>

O nascimento determina uma modificação dramática na economia psíquica do indivíduo recém-chegado ao mundo extra-uterino. De fato, nascer é entrar num meio ambiente que não mais supre o corpo, automaticamente, de tudo que ele precisa. Isso quer dizer, portanto, que as necessidades ("Bedürfnisse" [Freud, 1915a: Stud. III; 97] St. Ed. XIV; 134] ESB. XIV; 156]) começarão a se fazer sentir de forma imperiosa<sup>(2)</sup>.<sup>196</sup> Haverá, assim, uma excitação exponencial das zonas erógenas e um extraordinário aumento da entrada de quantidade na área de extensão psíquica a partir da região de indiscriminação rapidamente ocupada<sup>(3)</sup>.

(1) A pressão da necessidade surge, portanto, antes mesmo do nascimento. É a necessidade que traz desprazer e tira o psiquismo do estado de repouso, obrigando-o a uma radical transformação em seus padrões iniciais de funcionamento (ver nota 195).

(2) O atendimento das necessidades e a evitação do desprazer caracterizam a pulsão de autoconservação. A pulsão do eu é uma noção um pouco mais extensa que a noção de pulsão de autoconservação – engloba-a e acrescenta a ela aspectos libidinais ligados à obtenção de prazer narcisista tais como a *afirmação* e o *engrandecimento* (ver nota 196).

(3) Precisa ser bem entendida a observação de Green, seguindo Freud, em relação ao fato de que a verdadeira separação entre o eu e o objeto não coincide de forma nenhuma com o parto e tem mais a ver com a experiência de separação da mãe do que com o próprio desmame em si mesmo (rever nota 128). Basta a tese de que o nascimento estabelece o protótipo da angústia para se ver que, na verdade, há uma profunda diferença entre a

Fora do útero, no entanto, a livre descarga da quantidade por vias que, agora, acabam apenas por realimentar a excitação das próprias zonas erógenas, não mais traz o apaziguamento das fontes de quantidade como ocorria durante a vida intra-uterina. Diante da fome, de nada adianta esfregar a mão na boca. Pelo contrário, não só a excitação que parte das zonas erógenas ativadas pela necessidade continua a invadir o aparelho psíquico como, além disso, a intensidade com que isso se dá aumenta justamente porque, em virtude das inúteis descargas através de M., as zonas erógenas são superexcitadas e ficam ainda mais ativas. Há, por isso, um extraordinário aumento da quantidade na área de extensão, o que gera a intensa ativação da zona perceptual, ou seja, de Pcp. Em outras palavras, acaba por se instalar um estado de completa vigília durante a qual, através de Pcp., a quantidade começa por constituir inumeráveis configurações na área de discriminação, semelhantes aos padrões dos estímulos que chegam do exterior. Como, no entanto, as vias de descarga evidentemente não dão conta, por si mesmas, de apaziguar as zonas erógenas, o aumento de quantidade não pára de crescer no interior do psiquismo.

A partir de um determinado ponto desse processo um novo fenômeno começa a ocorrer. Ativadas por tal nível de tensão as pulsões de vida, que reúnem, e as pulsões de morte, que separam, passam a operar incessante e descontroladamente sobre as configurações que a quantidade assume na área de discriminação. Esse trabalho simultâneo de ambas as pulsões sobre as configurações faz com que elas acabem por se dissolver. De fato, as configurações presentes na área de extensão são partidas, suas parcelas caoticamente condensadas,

---

vida intra-uterina e a primeira fase depois do nascimento. Efetivamente, do ponto de vista da *economia*, a saída do útero provoca uma mudança radical na vida psíquica. É, portanto, *unicamente* em relação à questão da separação do *objeto* que o nascimento não tem relevância especial posto que tal separação evidentemente supõe a anterior constituição do objeto como elemento da vida psíquica, e isso só se dá bem depois do nascimento, como será visto adiante. A angústia, por outro lado, tem uma história bem mais antiga e longa.

novamente partidas e incessantemente recombinadas. Forma-se, assim, um verdadeiro turbilhão que expressa a luta entre as tendências a reunir e a separar operando desorganizadamente depois que o nível de tensão ultrapassa o limite em que a relação quantidade/capacidade permite uma operação mais pausada e articulada das pulsões de vida e de morte<sup>(1)</sup>. Esse descontrolado trabalho das pulsões em nada modifica, no entanto, a situação de origem que o provoca. A generalizada descarga da quantidade através de todas as vias disponíveis é frustrante e, ao invés de promover a redução da tensão, acaba tendo o efeito inverso, aumentando-a depois de ter agitado ainda mais as zonas erógenas. A isso corresponde a instalação de grandíssima tensão e desorganização praticamente completa do campo perceptual.

Para o observador, o recém-nascido estará se mostrando em estado de intenso choro, fortes gritos, grande agitação e *total incapacidade de atentar para qualquer espécie de estímulo circundante*<sup>(2)</sup>.<sup>197</sup> Em termos psíquicos, a abolição da capacidade de discriminação perceptual e a descontrolada descarga através de todas as vias motoras disponíveis são acompanhadas, ainda, de intensa descarga de quantidade para o interior do soma o que, por sua vez, realimenta o psiquismo com parcelas adicionais de quantidade e de padrões de estímulos afetivos os quais, ao chegarem à área de discriminação através de Pcp., imediatamente também se desorganizam, e logo se manifestam como pura angústia apenas.

(1) Como bem disse Laplanche, há um nível de atividade psíquica inconsciente que produz "elementos separados", "fragmentos de cenas", "pedaços disjuntos" e que, de nenhuma forma, pode ser reduzido à lógica binária, cara ao estruturalismo logicista (rever nota 147).

(2) Esse estado em tudo se aproxima de uma *explosão de ódio* que, como Freud mostra, guarda estreita relação com as *pulsões de autoconservação* (ver nota 197). Deve ser dito, de passagem, que essa observação de Freud, assim como sua indicação de que a corrente afetiva também se forma com base na *pulsão de autoconservação* (ver nota 216), demonstra a importância teórica da noção de *pulsão de autoconservação* a qual de nenhuma maneira pode ser descartada como se fosse irrelevante para a psicanálise, ou se confundisse com questões biológicas.

Tomado pelo grau máximo de tensão e angústia, sem nenhum recurso a disposição, e totalmente indefeso diante de tal situação, bruscamente o psiquismo se vê diante da completa reviravolta desse quadro psíquico – repentinamente há uma inesperada interrupção do afluxo da quantidade e dá-se uma grande descarga da energia que havia se acumulado no interior do aparelho psíquico. Instala-se, então, um breve estágio de tranqüilidade logo acompanhado por um refluxo da pequena quantidade remanescente para a região de indiscriminação e a resultante volta do psiquismo ao sono. Parodiando o dito popular, pode-se dizer que, pela primeira vez, "depois do turbilhão veio a bonança". Está terminando assim um ciclo que é característico do início da vida extra-uterina.

A seqüência indicada vai se repetir incessantemente durante bastante tempo depois do nascimento. Redizendo resumidamente suas principais etapas, ela pode ser descrita como um progressivo aumento da quantidade ao qual se segue o afluxo dessa energia para a zona de extensão e a repetição infrutífera dos movimentos que eram usuais durante a fase de vida intra-uterina e que, agora, ao invés de trazerem o apaziguamento das zonas erógenas, excitam-na ainda mais e levam a um maior aumento do afluxo de quantidade. Esse incremento determina forte ativação de Pcp.. As concomitantes descargas da quantidade pelas vias motoras, ou M., continuam inoperantes e a tensão mantém-se em ascensão. Os estímulos perceptuais começam a ser infindavelmente fracionados, condensados, recombinaados, e novamente fracionados. Isso dá-se em velocidade crescente até que se estabelece um verdadeiro turbilhão representacional acompanhado de grande tensão e angústia<sup>(1)</sup>. Subitamente tal estado de coisas é interrompido pela

---

<sup>(1)</sup> A completa desorganização do campo perceptual e o apagamento de qualquer diferenciação repete-se em inúmeros momentos constitutivos da primeira etapa da vida psíquica depois da saída do útero e determina o que

chegada inesperada da bonança propiciada por uma "assistência alheia" (Freud, 1950b: ESB I; 422 | St. Ed. I; 318) da qual o psiquismo infantil de início não tem nenhum conhecimento, nada compreende e não tem nenhuma consciência.

O ciclo que aqui está apontado em suas etapas principais, pode ser repetido sem que todas as partes que o compõem sejam reconstituídas inteiramente. Melhor dizendo, para que a vida psíquica se desenvolva "saudavelmente" é imprescindível que tal atenuação ocorra. É necessário, de fato, que a reversão do processo e a instalação da bonança dê-se antes que a tensão cresça demais e se instale a angústia acompanhada do turbilhão representacional. Quando essa atenuação acontece um outro elo é acrescentado naquele ciclo repetitivo que acompanha o nenem em seus primeiros meses de vida. Se a bonança desfaz a tensão *antes* que o campo perceptual seja desorganizado pelo turbilhão representacional, a ela fica associado, mesmo que fraca e imprecisamente de início, um padrão de estímulos que, por anunciar e acompanhar o começo da bonança, pode ser chamado de "estímulo benfazejo". Durante bastante tempo tal padrão de estímulo é percebido indistinta e imprecisamente, na verdade apenas vislumbrado. A bonança que o acompanha, ou seja, a rápida diminuição do nível de quantidade e de tensão, desativa Pcp. e termina no total refluxo da quantidade para a região de indiscriminação, isto é, no início do período de sono.

A princípio o estímulo benfazejo não é completamente percebido, mas apenas vislumbrado<sup>(1)</sup>. A dificuldade em discriminá-lo decorre não apenas de sua fugacidade mas também de sua novidade.

---

Margaret Little denominou de "unidade básica", estado gerador da mais primitiva forma de angústia psicótica (rever nota 93).

(1) É importante frisar que a difusa percepção do estímulo benfazejo dá-se antes de que se instaure a discriminação entre o que é interno e o que é externo. Trata-se, portanto, de algo que pode ser aproximado daquilo que Aulagnier chamou de "pictograma" para o qual é impensável a "projeção" e a "consideração de exterioridade" (veja: Aulagnier, 1979; 109).



De fato, trata-se de um padrão perceptual desconhecido e completamente diferente daqueles que se repetiam na vida intra-uterina. Somente o regular e incessante reaparecimento permite um começo de familiarização com o estímulo benfazejo. Para haver essa familiarização têm que entrar em jogo novas estruturas e têm que se dar novos processos na área de discriminação do aparelho psíquico.

Na vida extra-uterina o aumento da quantidade produzida pela excitação da zona erógena não é automaticamente acompanhada pela descarga da mesma quantidade através das vias motoras que estão envolvidas com aquela zona erógena. Isso quer dizer que as informações referidas ao estímulo que virá a ser benfazejo formam-se no sistema Pcp. durante algum tempo, antes mesmo que a descarga da quantidade principie. Como essa situação repete-se regularmente, tal estímulo perceptual começa a deixar traços na região da área de discriminação que é contígua ao sistema Pcp. e na qual Freud localiza os elementos de memória, ou seja, nos sistemas "Mnem.". Em tais sistemas formam-se, dessa maneira, trilhamentos que registram, ténue e muito imprecisamente de início, o complexo de configurações de quantidade que corresponde à massa de informações indefinidas, verdadeira nebulosa perceptual, associada à chegada da bonança. Enquanto que no sistema Pcp. a configuração de quantidade que corresponde à percepção do estímulo benfazejo forma-se, e logo se desfaz, nos sistemas Mnem. os trilhamentos que são marcados não se apagam.

Ocorre, no entanto, que a comunicação entre o sistema Pcp. e os sistemas Mnem. pode ser feita em ambas as direções. Em virtude disso, depois de já estar razoavelmente fixado nos sistemas Mnem. o trilhamento correspondente à nebulosa do estímulo benfazejo tende a induzir, quando o nível de tensão sobe na área de extensão,

configurações de quantidade que retrogressivamente estimulam o sistema Pcp.. Esse caminho retrogressivo, de Mnem. para Pcp., é natural já que a descarga da quantidade e a redução de tensão, processos buscados pelas pulsões, ocorrem justamente quando Pcp. está afetado por aquele padrão perceptual. Em outras palavras, quando, excitadas ou não pelas necessidades, as zonas erógenas fazem o nível da quantidade subir na área de expansão, tal quantidade começa a ser modulada pelos trilhamentos marcados em Mnem. e criam-se, a partir daí, configurações de quantidade que, excitando retrogressivamente o sistema Pcp., determinam a percepção alucinatória do estímulo benfazejo o qual, de fato, não está presente. Junto com a alucinação do estímulo benfazejo dá-se uma descarga inicial de quantidade através das mesmas vias motoras que foram ativadas quando se deram as situações de bonança vividas anteriormente. A essa descarga motora corresponde uma parcial e temporária diminuição da tensão, ou seja, breves sensações de prazer que acompanham a experiência de satisfação alucinatória do desejo<sup>(1)</sup>.

Um outro conjunto de processos psíquicos, paralelos aos que acabam de ser descritos, também deve ser estudado. Para tratar deles será necessário, no entanto, entender o que é a *atenção*. Assim como a quantidade na área de discriminação pode ser expelida para fora do psiquismo, ou pelas vias motoras ou pelas vias que vão afetar o interior do corpo e produzir os afetos, assim também ela pode ser dirigida, no interior do próprio psiquismo, para cada um de seus setores ou segmentos. Quando isso se dá, os processos quantitativos que já estão ocorrendo naquele setor ficam particularmente intensificados. Isso

<sup>1</sup> Todo o raciocínio aqui descrito evidentemente segue de perto o "Projeto" c, especificamente nesse ponto, o item 11 da primeira parte, aquele que foi intitulado "A experiência de satisfação" (ver Freud, 1950 b: ESB, I: 421/424; St. Ed. I: 317/319).

quer dizer que eles passam a receber *atenção* ou *consciência*<sup>(1)</sup>.<sup>198</sup> De forma geral, só os processos que são intensificados pela atenção chegam a deixar marcas nos sistemas Mnem., e só assim eles podem ser recuperados mais tarde.

De início o princípio de prazer força o direcionamento da atenção exclusivamente sobre aquilo que traz descarga de quantidade e prazer, após o que quase que imediatamente vem o dormir. As informações que chegam a Pcp., e que são indiferentes ou negativas em termos de prazer, tendem a ser repelidas e não deixam registros significativos nos sistemas Mnem. Para elas o psiquismo evita dirigir a atenção. Em outras palavras, logo no começo da vida extra-uterina a ativação de representações Mnem., ou seja, de elementos que não correspondem ao que naquele momento está ocorrendo na realidade, é sempre a ativação do que é prazeroso. O que é indiferente ou desprazeroso não deixa marcas nos sistemas Mnem., e se se faz presente no psiquismo é porque está em Pcp., vindo do exterior.

Há assim uma importante reorganização psíquica. Se antes tudo o que era psíquico era real, agora o psiquismo reconhece estímulos que são indiferentes ou desprazerosos, mas os atribui à realidade e os distingue de si mesmo, do eu, que só contém o que é prazeroso<sup>(2)</sup>. Essa é a organização que é denominada por Freud de "*eu-prazer-purificado*" ("*purifizierte Lust-Ich*" [Freud, 1915a: Stud. III; 99]). Sua estabilidade é muito precária.

Fazendo um exame mais atento do processo que está sendo descrito vem à tona, no entanto, um aspecto adicional da complexa

<sup>(1)</sup> O mecanismo proposto por Freud para tornar compreensível a consciência dos processos ativos em Pcp.-Cs. (ver nota 198) está aqui sendo estendido para explicar a atenção que recai sobre os processos psíquicos de modo geral.

<sup>(2)</sup> Margaret Mahler descreve um quadro próximo a esse, denominando-o de "simbiose normal". O que marca tal simbiose é justamente a precaríssima distinção entre o que é eu e o que é não-eu, a falta de critério consistente para delimitar o dentro e o fora (Mahler, 1968: 8).

experiência de satisfação alucinatória do desejo. A quantidade que aumenta em Pcp. não é modulada pelos trilhamentos marcados em Mnem casualmente.. Ao invés disso, o que se passa é que assim que na área de discriminação o nível de quantidade ultrapassa determinado ponto, o sistema Pcp. fica ativado e estímulos externos passam a nele criar, continuamente, evanescentes configurações de quantidade. Ora, percepções imprecisas que aí se formam podem ter certa semelhança com alguma porção dos trilhamentos marcados em Mnem. referidos ao estímulo benfazejo. Na medida em que isso ocorre o resto da nebulosa que compõe a memória do estímulo benfazejo é também recuperado devido a associações que se estabelecem entre os vários elementos do complexo de trilhamentos em Mnem.<sup>(1)</sup> Isso quer dizer que toda ela é ativada pela quantidade em excesso na área de discriminação e isso produz a configuração de quantidade que vai retrogressivamente afetar Pcp.<sup>(2)</sup> Em outras palavras, a partir da percepção de uma forma apenas semelhante ao estímulo benfazejo acaba por haver a alucinação completa de tal estímulo<sup>(3)</sup>.<sup>199</sup> Nesse caso o estímulo externo que dá início ao processo não é na verdade o estímulo benfazejo. Devido a isso a descarga da quantidade através das vias motoras não consegue estabelecer com tal estímulo uma interação que realmente sacie a necessidade, e daí desfaça a irritação das zonas erógenas que está gerando forte aumento da quantidade no aparelho psíquico.

De nada adianta a satisfação alucinatória porque com ela as zonas erógenas não são apaziguadas. Pelo contrário, o que ocorre é

<sup>(1)</sup> Na verdade, em termos metapsicológicos talvez nisso esteja a base da criação daquilo que Winnicott descreve como objetos e fenômenos transicionais (Winnicott, 1953 e 1971 [1975; 14]).

<sup>(2)</sup> Esses processos poderiam talvez ser incluídos (cuquanto primeiras manifestações) naquela parte da vida psíquica que não se refere a nenhum objeto externo mas apenas a "pré-objetos", e que Balint denominou de "nível ou área de criação" (rever notas 84 e 85).

<sup>(3)</sup> Além de haver uma generalização do reinvestimento dos traços que compõem a memória do estímulo em questão, a passagem da quantidade do sistema Mnem. para o sistema Pcp. dá-se de forma maciça como o próprio Freud indicou (ver nota 199).

que nesse processo elas ainda são mais aticadas. Isso significa que o aporte de quantidade na área de expansão aumenta em demasia, gerando o início de uma tensão angustiante que acaba em turbilhão representacional. Em termos práticos, a frustração que se segue à satisfação alucinatória não deixa o psiquismo no mesmo estado em que estava antes mas, pelo contrário, gera enorme tensão adicional. Em função do desdobramento do princípio de prazer/desprazer (ou seja, em função do princípio de realidade) tende a haver, por isso, uma inibição preventiva da estimulação retrogressiva de Pcp. a partir de Mnem.. Com essa inibição do movimento retrogressivo, os estímulos que vêm do exterior para Pcp., através do que pode ser denominado de "sistema de recepção", ou simplesmente "Recep.", voltam a imperar<sup>(1)</sup>. <sup>(2)</sup> Sem dúvida está havendo aí o início de uma grande mudança na direção que tomam os processos psíquicos. A partir do momento em que é feita a inibição do caminho retrogressivo começa a ser traçada uma distinção fundamental na organização psíquica que vai se desenvolver daí para frente, ou seja, aquela que separa o que é *processo psíquico interno* do que é *representação da realidade*<sup>(3)</sup>. A tal critério imposto pelo princípio de realidade Freud deu o nome de "eu-real-definitivo" ("endgültig Real-Ich" [Freud, 1925c: Stud. III; 375]). A separação assim criada pode ser entendida como uma segunda forma de distinção eu/não-eu, a distinção

<sup>(1)</sup> O ponto de partida aqui é a tese freudiana de que o *aparelho perceptual* é composto de duas camadas – em primeiro lugar um escudo protetor externo e, por trás dele, a superfície receptora dos estímulos, ou seja, o que foi chamado de sistema Pcp.-Cs. (ver nota 36). O desenvolvimento dessa tese leva ao reconhecimento da função de proteção da camada externa e à ênfase de sua importância enquanto elemento *condutor* dos estímulos, desde o mundo externo até à camada mais interna, o sistema Pcp.. O que aqui está sendo chamado de "Recep." (ou *sistema Recep.*) é justamente o primeiro elemento, a camada mais externa do aparelho perceptual.

<sup>(2)</sup> O estudo em que Bourguignon critica a noção de "escotomização", de Laforgue, é valioso na análise que aponta o ganho teórico que existe em se supor dois níveis psíquicos no processo de percepção (ver: Bourguignon, 1980).

<sup>(3)</sup> Essa distinção não é rígida e precisa como se uma linha nítida pudesse ser traçada, separando os processos psíquicos internos e a representação da realidade. Em relação a essa separação é particularmente verdadeira a afirmação de André Green, referida originalmente à noção de "objeto transicional", de que o limite tem menos a ver com o conceito linha do que com o de território (rever nota 130).

*eu-interno//mundo-psíquico-externo* entre os quais há uma clara oscilação da quantidade da qual dependem os processos anímicos<sup>(1)</sup>.

O sistema Pcp. deve ser considerado como um elemento intermediário, de intercessão, que faz parte tanto do eu-interno, quando é por ele ativado (o caso da produção de alucinações), quanto do mundo-psíquico-externo, caso em que será ativado a partir de Recep.<sup>(2)</sup> 200 Deve-se, no entanto, entender Recep. como um sistema do aparelho psíquico, isso é, uma noção que faz parte da ciência dos fenômenos psíquicos. Recep. não deve, portanto, de nenhum modo ser confundido com os órgãos sensoriais que se situam nas extremidades do sistema nervoso estudado pelas ciências biológicas. Trata-se aí, antes de mais nada, de uma separação de campos epistemológicos.

Os processos que se dão em Recep. são em si mesmos inteiramente inacessíveis à consciência. Só se tem acesso a eles quando chegam a afetar Pcp..

Fazem parte do mundo-psíquico-externo o sistema Recep. e o sistema Pcp. *quando é ativado por Recep.* Pode-se dizer que as percepções são elementos do mundo-psíquico-externo porque, diferentemente das alucinações, são ativações de Pcp. a partir de Recep..

É fundamental que se distinga claramente "mundo externo", ou "mundo externo real" e "mundo-psíquico-externo". O mundo externo ("mundo externo real") não faz parte do aparelho psíquico. Dele vem as

(1) Mesmo não tendo se referido à distinção eu-interno//mundo-psíquico-externo, pode-se ver que o reconhecimento de algo semelhante a essa discriminação está na base do pensamento de Fairbairn que, examinando o que aqui está sendo chamado de "eu-interno", estuda com detalhes as relações mútuas que são estabelecidas entre aqueles elementos que denomina de "objetos internos" como seriam, por exemplo, o "ego central", o "sabotador interno", o "ego libidinal", o "objeto rejeitador" e o "objeto excitante" (Fairbairn, 1944 [1966; 105]).

(2) A idéia de um *mundo psíquico externo* já está de certa forma explícita nos textos de Freud os quais descrevem o sistema Pcp. como sendo *mundo externo* em relação ao sistema Cs. (ver nota 200). Aqui essas idéias estão sendo acolhidas e levadas adiante.

excitações que ativam o sistema Recep<sup>(1)</sup>. O mundo-psíquico-externo, por sua vez, é a parte do aparelho psíquico composta pelo sistema Recep. e pelo sistema Pcp. *quando é ativado por Recep.*

As fantasias e os delírios são produtos psíquicos do eu-interno<sup>(2)</sup>. O que os diferencia é que no caso das fantasias<sup>(3)</sup> 201 não se atribui, com convicção de verdade, seus conteúdos ao mundo externo, enquanto que é exatamente isso que se dá no caso dos delírios<sup>(4)</sup>.

As três expressões que foram examinadas, "eu-real-do-início", "eu-prazer-purificado" e "eu-real-definitivo", podem ser melhor entendidas se forem tomadas como denominativas das formas de diferenciação que no curso da complexificação da vida psíquica são estabelecidas na área de expansão da quantidade, até que haja a clara discriminação do que é Pcp.. Em outras palavras, no início não há distinção – o que ocorre na área de expansão reflete o que estaria se

(1) É preciso que fique acentuado aqui que essa referência ao mundo externo é parte integrante da metapsicologia. *Em relação a esse aspecto*, Octavio Souza com razão afirma que as teorias lacanianas do significante e dos registros do real do simbólico e do imaginário não poderiam ser consideradas como um desdobramento da metapsicologia freudiana já que desconsideram qualquer referência a tudo que seja externo a seu campo. Octavio Souza escreve: "Para irmos direto ao ponto da relação da lógica do significante e da teoria dos três registros do real, do simbólico e do imaginário que lhe é apensa, com a metapsicologia freudiana, poderíamos simplesmente perguntar se é possível considerar as primeiras como um desdobramento da segunda. Serão a lógica do significante e a teoria dos três registros teorias metapsicológicas? Parece-me que, em princípio, a resposta deveria ser negativa. A metapsicologia caracteriza-se basicamente por ser uma teoria do funcionamento de um aparelho psíquico imerso em um meio que lhe é externo. Ela se propõe a examinar apenas uma parcela do real; o real que é externo ao real teorizado pela teoria do aparelho psíquico não se constitui como seu objeto. Ela supõe que seu objeto esteja em contato e sofra influências de outras parcelas do real ou de outros níveis de organização do real, que por sua vez são abordáveis por outras disciplinas. Isso se deve à sua origem no projeto freudiano de inclusão da psicanálise nas ciências naturais. Por mais que as teorias metapsicológicas posteriores a Freud tenham complexificado a relação do aparelho psíquico com o mundo externo, adiantando propostas de espaços psíquicos transicionais entre o externo e o interno, nunca nenhuma delas questionou a existência de processos no mundo externo que não são abordáveis por suas hipóteses teóricas.

"Já a teoria dos três registros não admite a existência de nada que lhe seja externo. ..." (Souza, 1998; 89/90).

(2) Como diz Laplanche, os bons e maus objetos internos, tão estudados por Melanie Klein, não apenas representam de uma maneira subjetiva o "Objeto Real" mas de fato constituem vida própria no interior do sujeito e, enquanto "representações-coisas", desempenham a função de agentes na interioridade da vida animica (rever notas 148 e 149).

(3) Freud discrimina o "mundo das fantasias" do "mundo externo real" (ver nota 201). O raciocínio aqui desenvolvido procura aprofundar essa distinção e separa o "mundo psíquico externo" do "mundo externo (real)". Ao mundo psíquico externo só pertencem as percepções. Ao lado das fantasias, pertencem ao eu-interno todas as outras manifestações da vida psíquica tais como, por exemplo, os pensamentos, mesmo aqueles que se referem ao mundo externo real.

(4) O universo de fenômenos psíquicos reunidos sob a denominação de "fantasia" é muito amplo. Com propriedade Colette Chiland aponta a complexidade desse campo (rever nota 154).

passando em Pcp. se essa área já estivesse diferenciada. Como não há diferenciação desses espaços, não há distinção dos processos. Temos aí o *eu-real-do-início*. A seguir há uma fase intermediária em que se estabelece uma diferenciação precária na região do sistema Pcp. – se a qualidade dos processos é prazerosa, a distinção é inibida, mas se os processos são desagradáveis forma-se a diferenciação e lá, na área de extensão que é ocupada por Pcp., ficam confinados os processos desprazerosos. Esse é o *eu-prazer-purificado*<sup>(1)</sup>. Finalmente, a diferenciação se estabelece de forma definitiva seguindo um outro critério. Da área de expansão distingue-se a região à qual a quantidade não mais tem acesso retrogressivo mas só pode alcançar progressivamente vindo de Recep.. Aí está o *eu-real-definitivo*.

O estabelecimento estável dessa diferenciação na área de expansão depende do desenvolvimento de dois conjuntos de processos que, embora sejam simultâneos, têm que ser descritos separadamente. Foi visto acima que há excitação retrogressiva de Pcp. a partir de Mnem. depois que os trilhamentos referentes ao estímulo benfazejo em Mnem. são ativados por algum estímulo em Pcp. que é, em algum aspecto, semelhante a uma parte daqueles trilhamentos nos sistemas de memória. Considerando que para o indivíduo sobreviver a interação com o estímulo benfazejo tem que ser repetir regularmente, é razoável supor que a precisão e o detalhamento da memória relativa àquele estímulo aumente com o correr do tempo, e de forma proporcional ao número de vezes em que se dá tal interação. Ora, na medida em que ocorre esse apuramento, reduz-se o número daquelas configurações que, excitando Pcp., podem despertar a memória do estímulo benfazejo. Adia-se assim, cada vez por mais tempo, o início da ativação retrogressiva de Pcp. a

---

<sup>(1)</sup> A idealização que está implícita nessa organização faz pensar, seguindo uma sugestão de André Green, que no “eu-prazer-purificado” configura-se o que talvez seja um primeiro precursor do “eu-ideal” (rever nota 122).



partir de Mnem.. Tal processo progride de tal maneira que finalmente o sistema Mnem. não é mais iludido por nenhum estímulo diferente que venha de Pcp., por mais semelhança que tenha com o estímulo benfazejo. Tendo a complexificação da vida psíquica chegado a esse ponto, a memória de tal estímulo só ativa Pcp. retrogressivamente quando a própria configuração desse estímulo de fato já está lá, chegando de Recep., ou seja, vindo realmente do exterior. Nesse sentido cabe dizer que o estímulo desejado não é encontrado mas, na verdade, é reencontrado<sup>(1)</sup>.

O segundo conjunto de processos que desempenham um papel relevante na determinação da clara diferenciação do que pertence ao sistema Pcp. é bem mais importante que o anterior do ponto de vista teórico, e tem implicações muito extensas em todo o posterior desenrolar da vida psíquica. Na verdade, a mera repetição da interação com o estímulo benfazejo e sua marcação mais ampla e precisa em Mnem. não seriam, por si mesmas, capazes de inibir a excitação retrogressiva de Pcp. É bem claro que além do fator qualitativo ligado à comparação e ao reconhecimento da diferença entre as configurações em jogo, também está atuando um fator intensivo, uma força que, ou inibe, ou permite aquela estimulação retrogressiva de Pcp. a partir de Mnem. O entendimento dessa força exigiu de Freud a introdução de um novo postulado. Trata-se da adoção da idéia de uma massa de frações de quantidade fortemente ligadas entre si, formando um só sistema de circulação coerente de energia<sup>2</sup>, capaz de influir sobre eventuais processos quantitativos que ocorram em sua vizinhança<sup>(3)</sup>. Tal massa de

<sup>(1)</sup> Essa idéia que já está contida no "Projeto" é formulada por Freud num outro contexto, de maneira categórica: "O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele" (Freud, 1905: ESB. VII: 229 St. Ed. VII; 22).

<sup>2</sup> O elemento de *coerência* é fundamental nessa formulação que tem a ver com a noção de "eu", como será visto adiante (rever nota 25).

<sup>(3)</sup> Assim, como estrutura operante, em 1895 Freud introduz o "eu" no pensamento psicanalítico (Freud, 1950 b: St. Ed. I: 322/324 ESB. I; 428/430).

investimento colateral forma-se paulatinamente a partir de condições da realidade que a impõem, como será constatado a seguir.

Já foi visto que as informações que chegam ao psiquismo através de Pcp. deixam, na área de extensão, em trilhamentos indeléveis, as configurações do movimento da quantidade que as caracterizam. Os estímulos benfazejos são, sem dúvida, privilegiados nesse processo de gravação. Isso se dá não só porque recebem grande atenção, que os intensifica, como também porque são constantemente repetidos como condição de sobrevivência do indivíduo. Além dos estímulos benfazejos há, porém, um outro grupo de estímulos cujas representações ficam fortemente gravadas na área de extensão. Essa forte gravação resulta do fato de que tais representações são ininterruptamente reativadas. Na verdade elas se repetem com muito mais freqüência que os próprios estímulos benfazejos. A diferença é que enquanto os estímulos benfazejos são repetidos com freqüência, mas durante longos intervalos de tempo estão ausentes, os estímulos agora em foco são continuamente repetidos, como se acompanhassem Pcp. constantemente. Há uma grande multidão de estímulos desse tipo, boa parte dos quais apresenta ainda uma outra característica – estão articulados a determinados padrões de descarga motora de tal forma que se fazem presentes em Pcp., e lá mudam de aspecto, se tais padrões de descarga motora forem ativadas.

Os padrões de estímulos que estão constantemente ativando Pcp. desde cedo articulam-se em pequenas configurações. Em termos de sistemas mais amplos, no entanto, por muito tempo eles mantêm completa independência, uns em relação aos outros e, nesse início, jamais formam um conjunto harmônico e integrado de estímulos. Enquanto tal unificação não se dá, a excitação retrogressiva de Pcp. a partir de Mnem. e as descargas motoras relativas à interação com o

estímulo benfazejo não encontram grandes resistências e não deixam de ser repetidamente retomadas, apesar disso provocar, como já foi visto: a) excitações excedentes nas zonas erógenas; b) surgimento de grande angústia e, por fim; c) o desencadeamento do turbilhão representacional. Por outro lado, com o início da unificação dos estímulos que constantemente ativam Pcp. inaugura-se a constituição, na área de extensão, da primeira massa de quantidade que é capaz, como formação colateral, de influir sobre os eventuais processos quantitativos que ocorrem em sua vizinhança.

Não é difícil adivinhar que padrões de estímulo são esses que estão sempre chegando a Pcp.. Trata-se, sem dúvida, daqueles estímulos que se referem ao próprio *corpo* do indivíduo, os únicos que podem, sempre, e a qualquer momento, excitar Pcp.. Tais estímulos são incontáveis e a princípio mostram-se tão desarticulados e independentes entre si como são os movimentos de cada grupo muscular dos recém-nascidos. A coordenação dos movimentos e a formação da imagem corporal só se estabelecem muito lentamente, e é exatamente a elas que corresponde, na zona de extensão do aparelho psíquico, a soma daqueles estímulos constantes que, associados e articulados, funcionam como massa colateral de energia capaz de inibir os processos quantitativos adjacentes<sup>(1)</sup>.<sup>202</sup>

A possibilidade da inibição da reativação retrogressiva de Pcp. a partir da memória do estímulo benfazejo depende da existência de *representação do próprio corpo*, mesmo que tal representação ainda seja precária. De fato, só havendo tal representação a atenção psíquica terá uma alternativa para onde se dirigir e, assim, estará em condições de diminuir o deslocamento da quantidade para Pcp. a partir da imagem

<sup>(1)</sup> Seguindo o pensamento de Freud, -deve ficar claro, de qualquer modo, que essa "massa colateral de energia capaz de inibir os processos quantitativos adjacentes" (ou seja, o "eu", como será visto logo adiante) forma-se com base nas excitações proveniente de um *corpo*, e não apenas de uma superfície (ver nota 202).

do estímulo benfazejo em Mnem.. Voltando a atenção para o grande conjunto de trilhamentos que corresponde à representação do próprio corpo há uma intensificação desse complexo representacional que pode, então, atrair para si aquela fração de quantidade que, de outro modo, logo correria de Mnem. para Pcp.. A atenção para esse conjunto de trilhamentos articulados entre si é a condição que possibilita a divisão da atenção entre o estímulo que atinge Pcp. vindo de fora do corpo, e a atenção para o estímulo que ativa Pcp. vindo do próprio corpo, divisão que é necessária para que a estimulação que vem de fora não fascine, ou seja, para que não ganhe tal intensidade dentro do psiquismo que acabe por induzir o despertar da memória em Mnem. e daí consiga excitar Pcp. retrogressivamente<sup>(1)</sup>.

Entende-se mais profundamente o processo de inibição e direção dos processos psíquicos pela massa de quantidade que está reunida no grupo articulado de configurações relativas aos estímulos corporais quando se vê que através de algumas descargas motoras bem selecionadas é possível fazer cessar um estímulo que, entrando por Pcp., circulava no aparelho psíquico. Isso quer dizer, por exemplo, que com movimentos que *desviam* os órgãos receptores de um estímulo externo, a massa de configurações que corresponde à imagem corporal consegue absorver o interesse que estava ligado àquele estímulo externo<sup>(2)</sup>. Como essa massa de configurações que é capaz de operar sobre os processos quantitativos adjacentes na área de expansão refere-se de início essencialmente a tudo o que tem a ver com o corpo do indivíduo, cabe reconhecer que seu desenvolvimento se dá a partir

<sup>(1)</sup> A atenção para as excitações significativas que atingem Pcp. vindo quer de fora quer do próprio corpo é facilitada pelo direcionamento da excitação que é provocado pela mãe e pelos agentes que desempenham a função materna, estimulação que é fundamental para que se desenvolva a distinção "fora" e "dentro", como Anzieu descreve (rever nota 159).

<sup>(2)</sup> Nesse ponto é muito pertinente a noção elaborada por Anzieu de "Eu-pele" enquanto representação de que se serve o "Eu psíquico" para se distinguir do "Eu corporal" no plano operativo (rever nota 160).

do "eu-corpo" ("Körper-Ich" [Freud, 1923: Stud. III: 295] St. Ed. XIX; 27] ESB. XIX; 41)]<sup>(1)</sup> e denominá-la de "eu-estrutura-operante", ou simplesmente "eu-operante". O eu-estrutura-operante é, portanto, a estrutura que atua no interior do psiquismo, na área de expansão, inibindo a excitação retrogressiva de Pcp. a partir de Mnem.

Na medida em que as duas precondições que foram descritas são atendidas, ou seja, que, por um lado, com o decorrer da incontável repetição das interações com o estímulo benfazejo os trilhamentos que a ele se referem tenham ficado bem definidos e que, por outro, o eu-operante esteja suficientemente desenvolvido e energizado a ponto de ser capaz de influir nos processos quantitativos adjacentes, segue-se, como decorrência:

- 1- uma inibição, cada vez mais prolongada e bem sucedida, da estimulação retrogressiva de Pcp. a partir de Mnem.;
- 2- o conseqüente retardamento da descarga motora;
- 3- o paralelo adiamento do brusco aumento da tensão que ocorre sempre que a descarga motora excita as zonas erógenas;
- 4- o natural encurtamento do período de turbilhão que pode anteceder o aparecimento do estímulo benfazejo;
- 5- a maior satisfação do princípio de prazer/desprazer, e o incentivo que nisso a pulsão de vida encontra para continuar a desenvolver a estrutura que inibe a excitação de Pcp. a partir de Mnem..

<sup>(1)</sup> Aqui vale a pena dar atenção ao que, tendo em vista a teorização psicanalítica, Paul-Laurent Assoun escreveu a respeito do termo francês "corps", observações valiosas que também se aplicam ao termo "corpo", da língua portuguesa: "D'une part, Freud emploie plusieurs termes, suivant en cela l'usage sémantique: ainsi, *corps* renvoie en allemand à une distinction que l'usage français du terme masque. Le Corps, c'est en effet *Körper*, le corps réel, objet matériel et visible, étendu dans l'espace et désignable par une certaine cohésion anatomique. Mais c'est aussi *Leib*, soit le corps saisi dans son enracinement, dans sa substance vivante même, ce qui ne va pas sans une connotation métaphysique: ce n'est pas seulement un corps, mais le Corps, principe de vie et d'individuation. Enfin, le corps renvoie au registre du *somatique* (*somatisches*), adjectif qui justement permet d'éviter les effets des deux autres substantifs en décrivant des *processus* déterminés qui s'organisent selon une rationalité elle-même déterminable." (Assoun, 1993: 161/162).

A análise desse quadro faz pensar que o psiquismo de fato aprende com a experiência e assim acaba constituindo o eu-estrutura-operante o qual adota, como um de seus princípios, algo que pode ser enunciado da seguinte maneira – “*só deve estar em Pcp. o que vem de Recep., ou seja, da realidade externa*”. A regência desse princípio define o eu-real-definitivo e aproxima essa organização daquela inicial, que foi denominada de eu-real-do-início. Há, no entanto, uma diferença fundamental. Enquanto que durante a vigência do eu-real-do-início a quantidade ocupava a área de extensão por curtos períodos de tempo durante os quais era, então, modulada pelas configurações que chegavam a Pcp. através de Recep. (e não havia clara diferenciação de Pcp. dentro da área de extensão), muito mais tarde, quando o psiquismo se organiza segundo o modelo que é denominado de eu-real-definitivo, de novo só chega a Pcp. o que vem de Recep.. Agora, porém, a quantidade que está na área de extensão não reflui prontamente para a região de indiscriminação mas, ao invés disso, depois de Pcp., as configurações que a quantidade adota na área de extensão se associam de infinitas formas e compõem, ou determinam, o que pode ser chamado de *representações e afetos* do mundo interno, universo de fenômenos que não mais têm estreita correspondência com o que vem da realidade externa através de Pcp.. Há, assim, na vigência do eu-real-definitivo, uma clara ampliação do universo psíquico e abre-se espaço para uma diferenciação estável do sistema Pcp. dentro da área de extensão. No estreito espaço do sistema Pcp. a quantidade deve sempre ser modulada pelos estímulos que vêm de Recep. e não mais pelos que retrogressivamente poderiam chegar do interior. Na área de extensão mais interna é que se dão os processos que pertencem exclusivamente ao indivíduo, como experiência subjetiva.

O eu-estrutura-operante que, como massa de quantidade colateral, estabelece a inibição do movimento retrogressivo do interior para Pcp. tem, no início, uma extensão muito limitada. Ele constitui-se, na verdade, de uma pequena ampliação das primeiras integrações de base, que são aquelas que ligam Pcp. e M. em unidades básicas de descargas motoras possíveis. Em outras palavras, assim como do corpo vem a quantidade que brota de inúmeras mas definidas zonas erógenas, assim também a descarga da quantidade dá-se através de inúmeras mas definidas saídas através do sistema motor, ou M. A esse sistema motor estão associados canais que informam o psiquismo, através de Pcp., a respeito do que está se passando nas regiões do corpo afetadas pelas descargas M.

A possibilidade de associação entre M. e Pcp. existe em virtude de disposições que são constitucionais, mas a efetivação dessa relação no aparelho psíquico só se estabelece com o decorrer da experiência, no transcurso do tempo. A princípio, os múltiplos elos psíquicos criados entre as extremidades motoras e perceptivas permanecem desarticulados uns em relação aos outros. Afora os atos reflexos e aqueles que são biologicamente determinados, demora bastante tempo até que começa a ocorrer a articulação de vários elos Pcp./M., articulação que é necessária para que se produza algum movimento que tenha valor funcional. Na verdade essas primeiras articulações Pcp./M. poderiam ser denominadas de "eus-parciais-mínimos" ou simplesmente "eus-parciais"<sup>(1)</sup>.

O início do funcionamento do eu-estrutura-operante, que se dá numa época em que ele ainda age muito limitada e precariamente, já

<sup>(1)</sup> A teorização que aqui está sendo desenvolvida aproxima-se, no que diz respeito a esse ponto, do que Edward Glover propôs em termos de "núcleos-eu" como sistemas psíquicos que supõem relações libidinais positivas com objetos, assim como capacidade de descarga de tensão contra eles, o que quer dizer, conseqüentemente, alguma habilidade em reduzir a angústia (rever nota 75).

depende da integração de vários eus-parciais-mínimos<sup>(1)</sup>,<sup>203</sup> É essa integração que, ao crescer, forma a massa de quantidade articulada capaz de operar sobre os movimentos da quantidade em áreas vizinhas, e de exercer sua influência inibindo o movimentos retrogressivos indesejáveis. É razoável imaginar que, de início, o eu-estrutura-operante é pouco extenso e não faz muito mais que inibir a formação de alucinações. Nessa época, portanto, em regiões mais internas do psiquismo a quantidade circula sem inibições.

Na medida em que as zonas erógenas se complexificam e se refinam, e as informações vindas através de Pcp. tornam-se progressivamente mais variadas e discriminadas, os elementos Mnem. naturalmente se multiplicam. Com isso rapidamente cresce o número de configurações da quantidade que se formam e passam a circular em toda a área de extensão, desde a região de indiscriminação até onde o eu-estrutura-operante veio a se estabelecer. O mundo psíquico interno, que não tem correspondência direta com o que está se passando em Pcp., logo se torna muito mais complexo e extenso que a representação imediata e atual do mundo externo. Se, de início, o eu-estrutura-operante compõe-se de uma integração limitada de alguns poucos eus-parciais-mínimos, e tem um alcance de atuação bem pequeno<sup>(2)</sup>,<sup>204</sup> aos poucos ele se expande e passa a inibir também alguns processos quantitativos de regiões um pouco mais internas da área de extensão, nomeadamente, aquelas que estão em sua vizinhança mais próxima<sup>(3)</sup>.

(1) No estudo psicanalítico do psiquismo é central a tese de que originariamente não há "eu" ou qualquer organização unificadora da atividade animica ( ver nota 203). Além disso, a constituição dessas integrações é paulatina e permanece para sempre instável e sujeita a periódicas desarticulações.

(2) Espíritos criativos (e, freqüentemente, também pessoas que vivem profundas dificuldades de ordem emocional) vez por outra alcançam extraordinária compreensão de variados aspectos da vida psíquica. A respeito da questão da progressiva integração de algo equivalente a "eus-parciais-mínimos", isso pode ser constatado num surpreendente texto, dado por Luis Sousa Ribeiro como um escrito anônimo do século XVII (ver nota 204).

(3) Assim como o eu-operante pode se expandir, integrando um número crescente de experiências e padrões de ação, da mesma maneira ele pode se fragmentar, "chegando mesmo a um atomização", se o psiquismo da criança em desenvolvimento for submetido a muitos choques não passíveis de elaboração, conforme Ferenczi corretamente indicou (rever nota 83).



Por mais que se desenvolva, o eu-estrutura-operante nunca conseguirá, no entanto, lançar seu domínio para as regiões mais profundas e mais vastas da área de expansão. Entrar na descrição metapsicológica dessa impossibilidade exigiria a referência a um psiquismo já muito mais desenvolvido, em termos de complexificação, e significaria tratar, em termos dinâmicos, de períodos da história psíquica que são muito posteriores ao que está sendo examinado aqui. Por enquanto basta acentuar dois aspectos que já foram vistos: em primeiro lugar, é a partir de determinado momento que se forma o eu-estrutura-operante o qual, de imediato, é pouco extenso e reduz-se a poucas operações, a principal das quais talvez seja a inibição do desencadeamento dos processos alucinatórios; em segundo lugar, mais para o interior do aparelho há uma área muito ampla na qual se desenvolve uma vida psíquica progressivamente mais complexa e sem aquelas integrações e inibições que são caracteristicamente produzidas pelo eu-estrutura-operante<sup>(1)</sup>.

Se for examinado o que se passa nessas duas regiões em relação à qualidade de consciência, logo ficará patente que os processos que se dão na área mais interna da área de discriminação podem atrair consciência sobre si, mas isso é mais raro e mais difícil de ocorrer que a consciência relativa aos processos do eu-operante. A consciência é o resultado da operação de um dispositivo do aparelho psíquico que é capaz de exponencializar, por breves momentos, através de curtas emissões de energização, alguns dos processos quantitativos que estão ocorrendo em seu interior. Isso sempre se dá de forma seletiva, tal como na passagem de muitos elementos por um estreito

---

(1) As representações visuais bem organizadas, por exemplo, ou formam-se em Cs. ou claramente resultam do trabalho do eu-operante, não correspondendo, portanto, à natureza dos processos psíquicos inconscientes mais profundos.

desfiladeiro<sup>(1)</sup>. O dispositivo da consciência, ou "Cs.", está estreitamente ligado ao sistema Pcp. (do qual de certa forma faz parte) e aos processos do eu-operante que são próximos e que podem parcialmente controlá-lo. Isso não impede, no entanto, que os processos do sistema Cs. (ou seja, a consciência) se voltem sobre os conteúdos dos sistemas Mnem., que estão um pouco mais distantes e ainda, através das representações-palavras (que serão estudadas mais adiante), sobre o que se passa em regiões ainda mais internas e profundas da área de extensão.

Quando alguma fração desses processos mais profundos alcança a consciência (ou é alcançada por ela) tais processos são sentidos como pertencentes ao psiquismo, mas não são sentidos como tendo sido regidos pelo eu-estrutura-operante, isto é, sobre eles não há o controle da massa de quantidade que está articulada entre si e age como energia colateral reguladora dos processos psíquicos vizinhos. Todas as ocorrências psíquicas que alcançam a consciência vindo das regiões mais profundas e internas do aparelho psíquico são sentidas como se tivessem força própria e independente, fossem espontâneas, autônomas, e fugissem ao controle da consciência. Delas o eu-estrutura-operante pode dizer: "isso, esse fato psíquico, ocorre nesse momento". Por esse motivo, e em contraste com a área correspondente ao eu-estrutura-operante, convencionou-se chamar tal região de "isso".

Se o que acontece no *isso* eventualmente pode ter acesso à consciência, tal coisa não se passa de modo freqüente. Pelo contrário, os fenômenos psíquicos que se formam no *isso*, em sua vastíssima maioria, jamais têm acesso à consciência, mesmo porque eles se

---

<sup>1</sup> Essa imagem, muito sugestiva e certa na indicação de aspectos essenciais do processo de consciência, é empregada por Freud em seu texto sobre a psicoterapia da história. Escreve ele: "Pois há certa justificativa em falar de 'desfiladeiro da consciência' ["'Enge des Bewußtseins' "]. ... Somente uma lembrança de cada vez pode entrar na consciência do eu" (Freud, 1893-1895: Stud. Ergänzungsband: 84| St. Ed. II: 291| ESB. II: 348).

constituem simultaneamente, em número incontável, e não podem, portanto, todos alcançar a consciência, a qual só dá atenção a um único, ou no máximo a pouquíssimos elementos de cada vez. Além disso, geralmente a consciência permanece monopolizada pelo eu-estruturante operante porque, embora também opere sem ela, com seu uso e direcionamento o eu-operante consegue reforçar sua própria massa quantitativa e pode, assim, atingir seus objetivos com mais segurança e facilidade. É a soma dessas razões que torna difícil, e relativamente raro, o acesso dos conteúdos do isso à consciência.

Entre outros elementos encontram-se no isso: a) as moções pulsionais, ou seja, os movimentos típicos que tomam a quantidade que se origina nas excitações das zonas erógenas; b) a contínua formação de representantes pulsionais, de novas idéias e disposições afetivas, ou seja, configurações de circulação de quantidade por condensação e deslocamento; c) fragmentos de configurações preexistentes; d) a livre associação dessas idéias e disposições afetivas<sup>(1)</sup>; e) a formação dos sonhos e do núcleo das fantasias inconscientes; f) as memórias inconscientes de modo geral; g) o recalco; h) as memórias filogeneticamente constituídas.

\*

Como pode ser percebido, o raciocínio que foi desenvolvido até aqui aponta para um terceiro tipo de distinção eu//não-eu na vida psíquica. No capítulo anterior foi visto que a oscilação diária entre o período de sono e de vigília indica a conveniência da teorização da

---

<sup>(1)</sup> Aqui vale a pena acentuar que a noção de "objeto transicional" de Winnicott, refere-se a um dado que deve ser incluído, como um complexo produto psíquico, dentro do universo dos produtos do "isso". Nesse sentido, o objeto transicional expressa mais o trabalho da pulsão de vida, enquanto criadora de sínteses originais, que a implantação de algo que vem de fora através da sedução, como quer Laplanche (rever nota 150).

distinção *eu-núcleo/mundo-discriminado*, polaridade que está firmemente indicada no texto freudiano, embora lá não tenha recebido designações que a explicitassem com a nitidez desejada. No presente capítulo foi desenvolvido o raciocínio que descreve, do ponto de vista metapsicológico, o cerne de duas outras distinções eu//não-eu encontradas na construção teórica freudiana, ou seja, a distinção "*eu-interno/mundo-psíquico-externo*" e a distinção *eu/isso* que, aqui, foi denominada de "*eu-estrutura-operante/isso*" para que emergisse com mais visibilidade a diversidade de distinções eu//não-eu pensadas por Freud.

Está claro, já em Freud, que o eu-operante e o isso podem tanto se opor como podem trabalhar na mesma direção, caso em que seus limites se diluem<sup>(1)</sup>. Sem considerar essa perspectiva de análise, o que vai ser destacado aqui é que *isso* e *eu-estrutura-operante* constituem uma dualidade em relação à qual também há uma *oscilação de quantidade* característica. Tal oscilação se dá independentemente de, num determinado momento, haver oposição ou composição no funcionamento dessas duas regiões da área de discriminação.

Para que se entenda como o eu-estrutura-operante e o isso são estruturas distintas dentro do aparelho psíquico deve ser acentuado que neles dominam fórmulas diferenciadas de composição das pulsões. A história do surgimento do eu-operante foi seguida, aqui, a partir da perspectiva das relações que se estabelecem entre a área de discriminação e Pcp.. Sua gênese poderia ter sido analisada, no entanto, a partir da evolução da combinação das pulsões no curso da progressiva complexificação psíquica. O que marca a fórmula de

<sup>(1)</sup> Associando essas considerações às teorizações de Winnicott, pode-se ver que quando o eu-operante se opõe ao isso, ou trabalha em desarmonia com ele, configura-se o que foi denominado de "falso 'self'", enquanto que o "self" verdadeiro, representado privilegiadamente pelo "gesto espontâneo", resulta da conjugação do eu-operante e do isso trabalhando ambos na mesma direção, ou seja, o da diluição dos limites que os separam (veja Winnicott, 1960 [1990: 135]).

composição das pulsões no isso é a igualdade de peso que é dada a cada um dos elementos que a constituem e a não integração delas entre si. Isto quer dizer que as pulsões de vida e a pulsão de morte lá têm igual peso, assim como as diferentes pulsões componentes da pulsão de vida lá também têm peso semelhante, não havendo nenhuma integração entre todos esses elementos.

A composição da fórmula pulsional que move o eu é nitidamente diferente. Com o decorrer do tempo, e fornecidas as condições básicas, ao lado da área do isso, na qual as pulsões convivem em pé de igualdade, desenvolve-se, na área em que o eu-operante começa a se organizar, uma outra fórmula de combinação das pulsões<sup>(1)</sup>.<sup>205</sup> Nessa área a tendência a reunir de Eros consegue marcantes resultados e finalmente estabelece uma organização em que a tendência à descarga é incluída dentro de uma seqüência ordenada de processos. Há, portanto, satisfação do princípio de nirvana e da pulsão de morte, porém isso se dá dentro de uma combinação coerente de movimentos. Em outras palavras, na fórmula pulsional que domina os processos do eu-operante há uma integração entre a pulsão de vida e a pulsão de morte<sup>(2)</sup>.<sup>206</sup> É essa atividade da pulsão de vida, a qual procura as sínteses e a reunião de elementos, que possibilita a instauração do "princípio de realidade", ou seja, a coordenação de Pcp., de M. e das moções internas, realização típica que caracteriza o eu. A integração da pulsão de vida e da pulsão de morte no eu-operante precisa, no entanto,

(1) Com a saída do útero, à vida psíquica é imposta uma profunda modificação. De fato, o surgimento das "necessidades" obriga o psiquismo a voltar-se, pelo menos parcialmente, para a realidade externa, e a formar, tomando-a em consideração, a estrutura operante que virá a ser chamada de "eu" (ver nota 205).

(2) O "eu-operante" deriva do isso e visa um atendimento integrado das pulsões, em parte tal como ocorre na vida intra-uterina. Uma das inclinações do eu é, portanto, voltar ao equilíbrio que caracteriza a vida anterior ao enfrentamento da realidade externa, verdadeiro desejo de dormir, ou "pulsão de dormir", pulsão que, no dizer de Freud, surge no nascimento como tendência de retorno à vida intra-uterina (ver nota 206).

ser bem entendida<sup>(1)</sup>. Na verdade também há, no eu-operante, a integração entre a pulsão de autoconservação (ou do eu) e as pulsões sexuais enquanto elementos que compõem a própria pulsão de vida<sup>(2)</sup>.

Nesse ponto é necessário um esclarecimento. Talvez seja iluminador perceber que assim como Freud separou as pulsões sexuais das pulsões de autoconservação<sup>207</sup>, assim também ele reconheceu dois aspectos que freqüentemente não são distinguidos no princípio de prazer/desprazer que rege a pulsão de vida. Esses dois aspectos incluídos no princípio de prazer/desprazer podem ser discriminados e aqui denominados de “lei de prazer” e “lei de desprazer”.

Como entendeu-se bem tardiamente, e com muitas dificuldades teóricas, a tendência à descarga não é o que marca o princípio de prazer/desprazer, como de início foi suposto. Tal tendência caracteriza o princípio de nirvana. O que caracteriza o princípio de prazer/desprazer, ou, mais especificamente, a “lei de prazer” que compõe esse princípio, é a *tendência a um ritmo privilegiado de excitação e descarga*. Nesse ritmo a formação da tensão constitui-se para permitir a descarga, mas não ultrapassa o tempo e a intensidade que a transformariam em desprazer. A descarga é assim parte do ritmo, mas o ritmo não se restringe a ela, e não é ela que define o prazer.

A pulsão de vida, a tendência a reunir, rege-se pela lei de prazer, pelo ritmo, mas na verdade há aí uma outra lei, subentendida, que freqüentemente passa despercebida por trás da denominação aglutinada “princípio de prazer/desprazer”<sup>(3)</sup>.<sup>208</sup> Se a tendência ao

(1) Em sua última teoria pulsional Freud propôs a dualidade entre Eros e a pulsão de morte, sendo que explicitamente afirmou o pertencimento a Eros tanto da pulsão de autoconservação quanto das pulsões sexuais propriamente ditas.

(2) Pode ser dito, além disso, que não só há integração das pulsões no eu-operante como, mais que isso, em certo sentido ele mesmo é um importantíssimo resultado do movimento integrador da pulsão de vida. Também nessa direção pensou Glover que via na integração dos diversos núcleos de eu iniciais uma expressão da “função sintética” do psiquismo (rever nota 79).

(3) O raciocínio que aqui é desenvolvido (e que parte do acatamento da tese a respeito da dualidade pulsão de vida/pulsão de morte, e da tese que define o prazer por um ritmo, por uma variação temporal no nível da

prazer é a tendência a um ritmo favorável, a tendência à evitação de desprazer, por sua vez, é a tendência à fuga da tensão excessiva, aquela que ultrapassa o nível em que começa a ser sentida como desagradado<sup>(1)</sup>. A pulsão de vida rege-se, portanto, por duas leis: a de prazer, que indica a tendência à *busca dos ritmos favoráveis*, e a de desprazer, que indica a tendência à *evitação das tensões excessivas*. Talvez seja esclarecedor considerar que a *lei de prazer* está referida às pulsões sexuais e a *lei de desprazer* às pulsões de autoconservação, ambos elementos das pulsões de vida<sup>(2)</sup>.

Posto isso pode-se voltar à questão da integração das pulsões de autoconservação e das pulsões sexuais no eu-operante. Essa integração quer dizer que no eu-operante a tendência à evitação de desprazer interage com a tendência ao prazer promovendo resultados em que ambas são levadas em conta<sup>(3)</sup>.<sup>209</sup> Vê-se então que, enquanto na fórmula de composição das pulsões que domina no isso as pulsões de morte e as pulsões de vida têm o mesmo peso mas agem independentemente umas das outras, na fórmula de composição de pulsões que prevalece no eu-operante as pulsões de autoconservação, as pulsões sexuais e as pulsões de morte se integram<sup>(4)</sup>. Há, por assim dizer, dois regimes básicos de composição de pulsões – o que

---

quantidade) tem base em idéias que Freud desenvolvia já mesmo entre 1915 e 1917 ao reconhecer uma diferença entre as tendências das pulsões sexuais e as tendências das pulsões do eu. Nas pulsões sexuais há uma inclinação ao *prazer*, enquanto que nas pulsões do eu a consideração relativa à *evitação do desprazer* é igualmente, ou quase igualmente, relevante (ver nota 208).

(1) É nesse sentido que o masoquismo torna-se compreensível – é o ritmo de prazer que inclui em seus ciclos fases em que, por momentos, a excitação cresce ao ponto do desagradado, antes de se desfazer.

(2) Em relação a essa questão Maldivsky expõe um ponto de vista bastante próximo ao que aqui está sendo desenvolvido. Diz ele: “A pulsão de morte tem como finalidade a descarga segundo o princípio de inércia; as pulsões de autopreservação, segundo o princípio da constância, e as sexuais, segundo o princípio do prazer. Inércia e constância correspondem a modelos quantitativos: só o princípio do prazer introduz um novo tipo de medida, o qualitativo no quantitativo, o ritmo.” (Maldivsky, 1986 [1992; 21]).

(3) Visando a evitação do desprazer, o eu é o paladino do critério de segurança (ver nota 209). Ele funde-se com o isso quando consegue associar os cuidados com a segurança ou ao prazer (o ritmo), ou à extinção das excitações (o esvaziamento da quantidade).

(4) Adota-se aqui a idéia de que toda a energia à disposição do eu-operante é de origem pulsional e discorda-se, portanto, das teses de Hartmann (ver a nota 56) de que haveria um “eu autônomo” e de que, na construção da teoria, seria necessária a referência à fisiologia como fundamento.

prevalece no isso, compatível com a dispersão de incontáveis processos psíquicos simultâneos, e o que se manifesta no eu-operante, em que tais processos tendem a serem reunidos, ordenados e integrados.

Processos psíquicos desenvolvem-se simultaneamente no isso e no eu-operante. Algumas vezes eles se compõem, outras vezes se antagonizam<sup>(1)</sup>. Além disso, mesmo quando há composição pode-se reconhecer uma oscilação da massa da quantidade que ocupa a área de discriminação. No transcurso do tempo ora ela pende mais para a área do isso, ora mais para a área do eu-operante. Ocorre, assim, a cada momento, a dominância de processos do eu-operante ou do isso na vida psíquica. Tal dominância se alterna.

A maior parte da oscilação da quantidade entre as duas estruturas, o eu-operante e o isso, não obedece a nenhuma regularidade preestabelecida reconhecível e, além disso, varia, em seus padrões, de indivíduo para indivíduo. No entanto, tal oscilação jamais falta. Ela é a natural e necessária expressão da atividade psíquica que, enquanto fenômeno vital, não poderia se dar em termos do estabelecimento de um ponto de equilíbrio estático e fixo.

Através da associação, ou à excitação (moderada ou intensa) de Pcp., ou às representações-palavra, os processos que se dão no isso, e que são inobserváveis em si mesmos, eventualmente podem ter acesso à consciência. Sonhos, atos falhos e formações sintomáticas são exemplos disso<sup>(2)</sup>. Essas ocorrências se dão justamente em alguns dos momentos em que, na oscilação da massa da quantidade, há maior canalização para o isso. Tal observação não implica em dizer, no entanto, que sempre que há maior canalização da

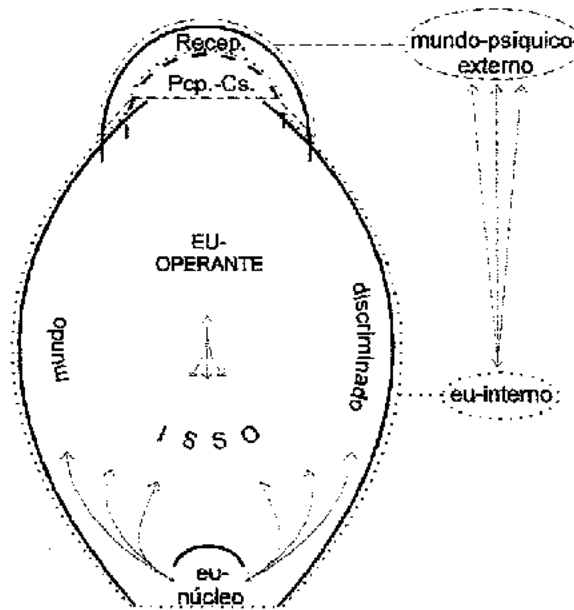
<sup>(1)</sup> Em seus estudos Lacan chamou a atenção especialmente para os momentos em que o eu-operante se opõe aos movimentos pulsionais e, portanto, ao isso. No contexto dessas análises Lacan fala de "moi" e de sua função de desconhecimento (rever nota 100).

<sup>(2)</sup> Enquanto se contrapõe ao eu-operante em termos de "moi", a esse aspecto da vida psíquica Lacan deu o nome de "je". Como contrapõe-se ao "moi", o "je" é, portanto, "um outro" (Lacan, 1978; 16).



quantidade para o isso os processos psíquicos que aí se dão vão necessariamente alcançar consciência.

O jogo das formas de interação da multiplicidade de pulsões, algumas das quais antagônicas entre si, constitui assim oscilações. Estabelecem-se oscilações entre três tipos de dualidade eu//não-eu. A oscilação mais básica e primitiva dá-se entre o eu-núcleo e o mundo-discriminado. Quando, no entanto, a quantidade ocupa a área de discriminação, e tal região se complexifica, surgem duas outras formas de oscilação – a que existe entre o eu-interno e o mundo-psíquico-externo (Pcp. ativado por Recep.), e a que se estabelece entre o eu-estrutura-operante e o isso. A compreensão já obtida pode ser representada da seguinte forma:



(Figura 3 – EU-INTERNO / MUNDO-PSÍQUICO-EXTERNO E EU-OPERANTE / ISSO)

Cabe acentuar que nessa representação tanto os espaços do eu-interno e do mundo-psíquico-externo quanto o eu-estrutura-

operante e o isso devem ser entendidos como partes do mundo-discriminado, ou seja, são diferenciações dentro dele.



# PUC

ANTONIO CARLOS DE SÁ EARP

## A OSCILAÇÃO EU // NÃO-EU

Uma articulação das construções de Freud referentes às  
distinções eu // não-eu

TESE DE DOUTORADO

Volume II

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1999

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

RIO DE JANEIRO — BRASIL

**N.Cham. 150 E12o TESE UC**

**Título A oscilação eu/não eu**



Ex.1 v. 2 PUCB

0141315

ANTONIO CARLOS DE SÁ EARP

A OSCILAÇÃO EU//NÃO-EU

Uma articulação das construções de Freud referentes às  
distinções eu//não-eu

Vol. II

TESE DE DOUTORADO

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Cláudia Amorim Garcia

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1999

96037



150  
 E120  
 TEFEUC  
 V. 2

150  
 E120  
 TEFEUC  
 V. 2

# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	V vol. I
1- INTRODUÇÃO	1
2 - PONTOS DE PARTIDA	6
2.1- A questão	7
2.2- Construções de Freud	12
2.2.1- O eu	16
2.2.2- O mundo externo	25
2.3- Revisão da literatura pós-freudiana	38
3 - AS DISTINÇÕES EU//NÃO-EU E SUAS ARTICULAÇÕES	89
3.1- Expansão e retração - nasce um ritmo	90
3.2- Paz, turbilhão e alvorecer da ordem	103
3.3- Do alvo ao objeto, do objeto ao outro	139 vol. II
3.4- Migração e metamorfose	179
4 - PONTOS CONTROVERSOS	201
5 - CONCLUSÕES E RENDIMENTOS	249
NOTAS	266
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	306

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – ESQUEMA DE 1921	31 vol. I
Figura 2 – EU-NÚCLEO / MUNDO DISCRIMINADO	101
Figura 3 – EU-INTERNO / MUNDO-PSÍQUICO-EXTERNO E EU-OPERANTE / ISSO	137
Figura 4 – EU-OBJETO / OBJETO-OUTRO	177 vol. II
Figura 5 – EU-SUJEITO / OBJETO	181
Figura 6 – EU ATUAL / SOBRE-EU (E PROJETOS SUBLIMATÓRIOS)	200



### 3.3— Do alvo ao objeto, do objeto ao outro

Na primeira seção desse capítulo foi visto que a quantidade flui para a área de extensão (mundo-discriminado) e reflui para a região de indiscriminação (eu-núcleo) atendendo ao jogo das pulsões de vida e de morte diante das excitações vindas das zonas erógenas. Na segunda seção foram examinadas as oscilações entre os processos do eu-interno e as percepções provocadas por Recep., assim como entre o regime de coerência (eu-estrutura-operante) e o regime de dispersão (isso) que o jogo das pulsões sexuais, de autoconservação e de morte impõe à quantidade na área de expansão. Vem a seguir a continuação do desdobramento da constituição das oposições eu//não-eu provocado pelo jogo das pulsões. De fato, há algo mais, de importância também fundamental, a ser acrescentado ao quadro das distinções eu//não-eu já desenhado.

Tal como existem claras articulações entre as oposições *eu-núcleo/mundo-discriminado* por um lado, e as dualidades *eu-interno/mundo-psíquico-externo* e *eu-estrutura-operante/isso* por outro, assim também a nova oposição eu//não-eu, que agora vai ser apresentada, está estreitamente interligada à constituição, que foi indicada no capítulo anterior, do eu-estrutura-operante a partir do isso. Na verdade existem, nessas interligações, articulações essenciais, e não de caráter meramente acidental ou circunstancial, como logo vai se ver.

O que se procurou com o desdobramento do raciocínio na seção anterior não foi, nem de longe, examinar com riqueza de detalhes, e em toda sua extensão, a natureza, as relações e as diferenças entre o eu-interno e o mundo-psíquico-externo e entre o eu-estrutura-operante e o isso. O exame ali feito teve-se ao objetivo mais amplo desse estudo,

ou seja, reconhecer e marcar as diferentes distinções eu//não-eu e desvendar suas articulações. Foi nesse sentido, e principalmente com a intenção de indicar como surge a distinção entre os processos do eu-interno e as percepções das excitações externas através de Recep., e como surge o eu-estrutura-operante, ou seja, sua paulatina diferenciação do isso, que a análise do processo de reconhecimento e discriminação progressivamente maior do estímulo benfazejo veio a ocupar um lugar de destaque especial. Se tal análise gerou a possibilidade de apontar de modo seguro um critério de discriminação entre o eu-interno e o mundo-psíquico-externo e entre o eu-estrutura-operante e o isso, incluindo essas dualidades dentro da série de distinções eu//não-eu, no bojo dessa própria análise emergiu, adicionalmente, um elemento que vai ocupar o lugar de destaque no reconhecimento de uma outra forma de oposição eu//não-eu.

Na medida em que se desenvolve o trabalho de familiarização com o estímulo benfazejo, fica nítido que, em seu seio, encontra-se algo privilegiado, a que cabe a denominação de "objeto", elemento que progressivamente passa a ter papel cada vez maior na consecução da satisfação pulsional<sup>(1)</sup>. Na verdade, enquanto a diferenciação eu-estrutura-operante/isso não se dá, ou é ainda muito incipiente, os processos psíquicos são inteiramente voltados na direção do alcance do *alvo pulsional*. No entanto, a vida psíquica se enriquece e ganha extraordinária diversidade depois que os objetos vinculados aos alvos pulsionais começam a ser delineados<sup>(2)</sup>. O caminho primitivo, direto, que leva da tensão à descarga adequada se transforma no

<sup>(1)</sup> Como bem diz André Green, o que ele chama de "moi", e que aqui está sendo designado como "eu-operante", é uma instância e, portanto, não é representável de todo. Faz-se então necessária a noção de objeto para indicar o que no psiquismo é representado e serve como tela de investimento (rever nota 125).

<sup>(2)</sup> Esse modo de ver coaduna-se perfeitamente com a perspectiva de Edith Jacobson para quem tanto as imagens corporais quanto as imagens dos objetos de amor emergem das crescentes memórias das experiências iniciais de prazer e de desprazer e das percepções a elas associadas (ver página 234).

estabelecimento dos complexíssimos e irreproduzíveis percursos que tomam os processos psíquicos para juntar, a cada vez, objeto e meta pulsional num mesmo ato.

Do ponto de vista heurístico ganha-se muito com a adoção da hipótese de que o objeto inexistente na vida intra-uterina. A vantagem dessa hipótese é que com ela se pode construir um quadro compreensivo da vida psíquica suficientemente amplo para incluir a possibilidade do entendimento diferenciado tanto de conceitos fundamentais, como o de pulsão (com suas fontes, pressão, alvos e eventuais objetos) quanto de toda a amplitude de quadros psíquicos, de natureza psicopatológica ou não, apresentáveis para estudo. Como já foi visto anteriormente, quando, na vida intra-uterina, a quantidade que chega à região de indiscriminação a partir das zonas erógenas ultrapassa a possibilidade de ali ficar contida, acaba por haver um extravasamento dessa quantidade para a área de extensão da qual será descarregada por vias motoras ou vias que vão provocar modificações somáticas internas. Algumas formas de descarga podem levar, de início, ao redobramento da excitação da zona erógena e, logo a seguir, à extinção da excitação por desgaste. O caso típico é o da excitação da mucosa labial implicada na sucção do dedo, ato que já se dá durante a vida intra-uterina.

Como na vida intra-uterina há um atendimento automático tanto das necessidades quanto das excitações erógenas, ali a referência ao objeto é supérflua e inapropriada. Ora, se nesse estágio da vida psíquica tanto as necessidades quanto o desejo ainda não se instalaram, não há nenhuma funcionalidade no registro do que se passa na área de discriminação e na vida psíquica de modo geral. No contato entre o dedo e a boca, por exemplo, nem as tensões que aumentam na área de discriminação em virtude do trabalho das zonas erógenas, nem

sua descarga pelas vias motoras, vão deixar memória relevante. A hipótese que está sendo adotada aqui, portanto, é que na vida intra-uterina a *área de registros mnêmicos* permanece virgem. Os estímulos em Pcp. se apagam com a extinção da excitação. Há apenas prazer acompanhado de sensações que se formam e se esvanecem completamente. Como não há marca, não há reconhecimento. Somente depois do nascimento, por interrupção da satisfação automática das necessidades e pela impossibilidade da segura extinção das excitações erógenas, começa a haver funcionalidade no registro do que se passa em Pcp., e somente aí a *área Mnem.* é ativada. Como também já foi descrito, mesmo depois do nascimento o estímulo benfazejo que rompe a angústia determinada pela necessidade e pela excitação erógena permanece indecifrado para o psiquismo por bastante tempo. Seu delineamento é lento e paulatino, e é fruto de um longo processo de apuramento e correção de marcas em Mnem.. Só quando esse delineamento chega a um nível satisfatório de precisão, só aí o objeto finalmente emerge na vida psíquica<sup>(1)</sup> e, como contribuição de Mnem., o

(1) O período anterior ao surgimento do objeto é tema do valioso livro "*Pre-object Relatedness*", escrito por Ivri Kumin. Nesse livro, depois de citar inúmeros autores que trataram da dimensão precoce da experiência psíquica, Kumin explicita o que entende por "pre-object relatedness": "Pre-object relatedness denotes a modality of experience that develops prior to the baby's conscious, reflective awareness of itself and others as being real, permanent, independently motivated individuals. Pre-object relatedness is characterized by the preverbal exchange of emotional shape and regulatory function between mother and infant and persists as a background capacity in all interpersonal communication throughout life. Pre-object relatedness is, in a sense, a generic term. Part-objects, selfobjects, transitional objects, bizarre objects, and anaclitic objects – all such developmentally primitive experiential configurations are types of pre-object experience." (Kumin, 1996; 4). Diferentemente de Kumin, no entanto, a idéia de "estímulo benfazejo" que aqui está sendo proposta refere-se a situações na verdade ainda mais precoces, tempo em que a configuração do estímulo ainda não chega a formar a *imagem* de objetos propriamente ditos, sejam eles "part-objects, selfobjects, transitional objects, bizarre objects, and anaclitic objects".

Em contraste com a direção do pensamento freudiano, que explicitamente postula até mesmo a vida psíquica intra-uterina (Freud, 1916-1917[1915-1917]: St. Ed. XVI; 417 ESB. XVI; 487 e Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII; 166 ESB. XXIII; 192), a partir de Melanie Klein o não reconhecimento da vida psíquica auto-crótica e anobjetal tem sido a marca distintiva na construção dos mais influentes corpos teóricos psicanalíticos recentes. Dentro de seu estudo a respeito da *série pulsional* e da *série de eleição de objeto*, Diana Rabinovich, por exemplo, coloca, invertendo a ordem e a lógica do pensamento de Freud, o encontro do objeto no início da história psíquica e diz: "La experiencia de satisfacción aparece pues como anterior al autoerotismo, tiempo uno de las dos series que aquí nos ocupan, y como su condición de posibilidad lógica" (Rabinovich, 1988 [1993; 22]). Para Rabinovich o *desejo*, que resulta da experiência de satisfação, é, portanto, anterior à *pulsão* e ao *amor*: "Puede decirse, a mi juicio, que el deseo es el concepto fundante en Freud y que la primera de las pérdidas

que surge em Pcp. pode finalmente ser conhecido. Na verdade o conhecimento será sempre um reconhecimento<sup>(1)</sup>.

Os objetos que muito lentamente vão sendo destacados do bojo do estímulo benfazejo não são, nem de longe, um outro sujeito. O reconhecimento de outro sujeito só se dá em etapas muito mais complexas da vida psíquica. Nesses primeiros momentos de delineamento, o objeto que começa a encontrar representação psíquica é o "objeto da pulsão". Cada uma das pulsões parciais alcança o alvo da satisfação quando é estabelecida uma forma particular de interação com um objeto que, por isso, torna-se um objeto privilegiado. Há, naturalmente, uma variedade de objetos privilegiados desse gênero, já que a especificidade de cada uma das pulsões parciais pede a interação com um tipo particular de objeto<sup>(2)</sup>.

O difícil trabalho de descrição da intrincada vida psíquica exige a adoção de uma qualificação para indicar o gênero dos objetos das pulsões parciais. A escolha natural seria designá-los como "objetos parciais". Freud nunca usa tal designação mas Melanie Klein a utiliza de forma abundante. Ao fazê-lo, no entanto, empregou essa designação num sentido muito específico que talvez seja melhor respeitar. O "objeto parcial" imaginado por Melanie Klein é de certa forma antropomorfizado – é um objeto que ama, odeia, ataca, vingá-se<sup>(3)</sup>. Para não embaralhar ainda mais o já confuso campo teórico psicanalítico, é melhor procurar

---

condiciona la posibilidad de las otras dos, el surgimiento mismo de la posibilidad de sustitución y que, en este sentido, el objeto de la pulsión y el del amor son ya formas de sustitución del objeto perdido del deseo." (Rabinovich, 1988 [1993; 23]).

(1) Como já foi lembrado acima, no dizer de Freud: "O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele" (Freud, 1905: ESB, VII; 229 | St. Ed. VII; 22).

(2) O aspecto da vida anímica que aqui está sendo examinado foi extensamente estudado por Melanie Klein que dá ênfase ao conceito de "part-object", provavelmente criado por Edward Glover (rever notas 71 e 75).

(3) Em seu livro sobre o conceito de objeto na teoria psicanalítica, Diana Rabinovich aponta, com muita pertinência, o apagamento de diferenças que, em seus estudos Melanie Klein promove entre o objeto das pulsões parciais e o objeto total, distinção que é nitidamente reconhecível na teorização freudiana: "...Klein se ve llevada a enfatizar el paso del objeto parcial al objeto total, confundiendo en una las dos series: la serie pulsional y la de la elección del objeto. Al no poder separarlas, su teoría presenta una serie de *impasses*, que se examinarán más adelante ..." (Rabinovich, 1988 [1993; 18]).

uma outra designação para o objeto da pulsão parcial, tal como ele pode ser pensado no âmbito da concepção de Freud.

A idéia de aproveitar o próprio texto freudiano e designar o objeto da pulsão parcial de "o pequeno", ou "objeto pequeno", é atrativa. De fato, Freud reúne sob a denominação de "o pequeno" (das Kleine) o mamilo, as fezes, o pênis e o bebê. Porém, o cuidado que desaconselha a utilização da expressão "objeto parcial" num sentido diferente do que lhe é atribuído inicialmente por Melanie Klein, esse mesmo cuidado também desestimula a modificação da denotação original associada por Freud à expressão "o pequeno". Embora o mamilo, as fezes, o pênis, e o bebê (esse último como deslocamento) sejam objetos de pulsões parciais, a utilização da expressão "o pequeno" para designar o gênero dos objetos das pulsões parciais teria dois claros inconvenientes. Em primeiro lugar, há uma série de outros objetos de pulsões parciais além daqueles quatro reunidos por Freud sob a rubrica "o pequeno". Em segundo lugar, a expressão "o pequeno" é criada por Freud para fazer referência a um achado específico encontrado na vida psíquica das crianças, ou seja, a equivalência por elas estabelecida entre esses quatro elementos (Freud, 1918[1914]: Stud. VIII; 198| St. Ed. XVII; 84| ESB. XVII; 107 e Freud, 1933b[1933]: Stud. I; 534| St. Ed. XXII; 101| ESB. XXII; 126).

O que precisa ser estabelecido aqui, por outro lado, é uma expressão que designe o exato instrumento teórico que está em foco, ou seja, a noção de objeto da pulsão parcial. Para evitar a confusão com o antropomorfizado "objeto parcial" proposto por Melanie Klein, e para não descaracterizar o valor da expressão "o pequeno", criada por Freud, o objeto da pulsão parcial será, nesse texto, designado como "*objeto-local*".

No processo que está sendo descrito, o que se delineia aos poucos no seio do estímulo benfazejo é, portanto, um *objeto-local*. Isso quer dizer que, em termos de representação, trilhamentos vinculados aos objetos que atendem às várias pulsões parciais são construídos paulatinamente. Na verdade surgem representações referidas não a um, mas sim a múltiplos objetos-locais, já que não existe um único objeto-local que possa, por si só, atender toda a variada gama de pulsões parciais que compõem a vida psíquica.

Além do claro reconhecimento da singularidade dos múltiplos objetos-locais, o psiquismo também estabelece algumas diferenciações entre grupos que englobam vários objetos-locais que se associam em virtude de algum ponto em comum decisivo na organização da vida psíquica. A distinção entre objetos-locais referidos às pulsões de autoconservação e objetos-locais referidos às pulsões sexuais tem, do ponto de vista teórico, importância crucial. As pulsões de autoconservação precisam necessariamente ser atendidas e se não forem satisfeitas levam a uma tensão dolorosa, ou mesmo incompatível com a vida. Em relação a essas pulsões e seus objetos-locais a vida psíquica é pobre, direta e pouco sujeita a variações. A riqueza e a complexidade psíquica na verdade derivam das pulsões sexuais que pressionam constantemente e com intensidade, mas podem ter a satisfação adiada, apresentam grande plasticidade, e têm alvos e objetos que podem ser interminavelmente combinados e intercambiados. Como as pulsões de autoconservação são imperiosas, o reconhecimento de seus objetos é feito com presteza. O delineamento dos primeiros objetos das pulsões sexuais muitas vezes aproveita-se das discriminações impostas pelas pulsões de autoconservação ou "apoia-se" nelas para vir à luz. Independentemente disso, os objetos-locais sexuais têm lugar certo, discriminado, e decisivo na vida psíquica

infantil. Prova disso é o reconhecimento do pênis como objeto-local da pulsão sexual, ele que é elemento fundamental e integrante da excitação masturbatória presente já na vida dos nenens.

Há uma segunda discriminação entre dois tipos de objetos-locais que é fundamental na organização da vida psíquica, mas tal distinção é feita com muito mais dificuldade e tem que vencer forte oposição para se firmar. Trata-se da distinção entre o que pode ser chamado de "objeto-local-aqui" e de "objeto-local-aí". Como é sabido, e já foi visto no capítulo anterior, durante algum tempo o psiquismo procura se organizar através de um critério que, na verdade, não pode se manter, ou seja, a atribuição a si mesmo de tudo o que é prazeroso e a exclusão de sua experiência de tudo o que é desagradável. Enquanto perdura essa tentativa de organização, a distinção entre o que é meramente psíquico e o que vem da realidade externa não é alcançada. Quando os objetos das pulsões começam a ser reconhecidos, tal tentativa ainda está em andamento. Isso implica em dizer que o psiquismo ainda não tem como saber a quem pertence os objetos pulsionais que vão sendo reconhecidos. Em outras palavras, aos poucos há um descobrimento do seio, do pênis, etc., mas só mais tarde fica clara a atribuição de uma diferença entre eles no sentido de que uns sempre se acham presentes, enquanto que outros surgem, mas logo podem desaparecer, tornando-se de novo inacessíveis. É o reconhecimento de tal diferença que cria a polaridade designável com os termos "*objetos-locais-aqui*", ou seja, aqueles que sempre estão acessíveis, entre os quais para o menino seu pênis está incluído, e os "*objetos-locais-aí*", isto é, aqueles cuja presença é ocasional, como é o caso do seio<sup>(1)</sup>.

---

(1) Anzieu aponta a importância da pele (enquanto bolsa, interface e meio de comunicação) no processo de delimitação do que é interno e do que está fora (rever nota 161).



Tal distinção de caráter espacial entre o *aqui* e o *aí* é um feito de extraordinário valor. Com ela a vida psíquica organiza-se de forma muito mais eficiente. Essa conquista não é feita com facilidade. Contra ela bate-se a pulsão de morte que tenta se desfazer de todas as formas de organização que encontram alguma estabilidade e, de início, também bate-se parte de Eros, a pulsão sexual, na medida em que procura se assegurar de toda a quota possível de prazer e, nesse sentido, resiste a reconhecer como fora de acesso automático e perene o objeto que é fonte de sensações agradáveis. Só outras vertentes de Eros, ou seja, o cuidado em evitar a frustração e a invasão de desprazer, e o impulso em incluir os objetos externos no universo de investimento, acabam impondo a conveniência do reconhecimento dessa polaridade espacial básica – o aqui e o aí.

A separação entre os *objetos-locais-aqui* (o pênis ou o clitóris, os lábios, a língua, etc.) e os *objetos-locais-aí* (o seio, as fezes, o colo, etc.) é feita por intermédio de pelo menos quatro ou cinco características distintivas. Em primeiro lugar os objetos-locais-aqui sempre propiciam dois tipos de sensação: as externas, na medida em que são objeto de sensações experimentadas por outros órgãos perceptivos ou zonas corporais; e as internas, já que eles mesmos enviam sinais próprios para Pcp. enquanto estão sendo simultaneamente percebidos por outros órgãos que estimulam Pcp. Em contraste com isso, os objetos-locais-aí só propiciam sensações externas<sup>(1)</sup>.<sup>210</sup> O segundo fator que distingue claramente os objetos-locais-aqui dos objetos-locais-aí é que nos primeiros, ou junto a eles, sempre existem terminações motoras que podem ser ativadas por descargas do sistema motor, ou M., enquanto que no caso dos últimos

<sup>(1)</sup> Em certo sentido, o objeto-local-aqui tem a peculiaridade de ser origem de duas classes de sensações que não se confundem: as que ele mesmo sente e outras, das quais ele é apenas objeto. A superfície corporal foi tomada por Freud como exemplo privilegiado para indicar isso ( ver nota 210).

isso não se dá<sup>(1)</sup>.<sup>211, 212</sup> O terceiro elemento distintivo é que os objetos-locais-aqui são, concomitantemente, zonas erógenas, ou seja, são também fonte da quantidade que no psiquismo se expressa como energia capaz de produzir trabalho. Os objetos-locais-aí entrelaçam-se com os alvos de satisfação da pulsão mas nunca podem se tornar fontes dessas pulsões<sup>(2)</sup>.<sup>213</sup> Além desses critérios de distinção há ainda o fato decisivo apontado de início – os objetos-locais-aqui estão sempre presentes, são sempre acessíveis, enquanto que os objetos-aí são inconstantes<sup>(3)</sup>.<sup>214</sup>

Feita a separação entre esses dois grupos de objetos-locais pode-se reconhecer que entre eles a pulsão oscila, já nesse estágio primitivo de discriminação, ora dirigindo-se para um, ora dirigindo-se para o outro. Num tempo há uma atividade francamente auto-erótica; noutro momento virá o precursor de uma procura usualmente designada de objetiva<sup>(4)</sup>.

Nesse ponto da complexificação da vida psíquica o jogo das pulsões ainda não chegou, nem de longe, a sua última etapa. Pelo contrário, o delineamento dos objetos-locais favorece o início de um novo trabalho de Eros, isto é, o de alcançar a *unificação do objeto*. Tal feito vai se dar tanto em relação aos objetos-locais-aí quanto em relação aos objetos-locais-aqui. Entre todas as pulsões parciais, uma

<sup>(1)</sup> Esse critério, usado pelo psiquismo para fazer a distinção entre os objetos-locais-aqui os objetos-locais-aí, é parecido, mas na realidade não deve ser confundido com o que Freud aponta como eficaz para separar de um lado a percepção dos objetos externos e, do outro, a percepção que se origina no corpo do próprio indivíduo ( ver notas 211 e 212).

<sup>(2)</sup> Junto com as zonas erógenas, as fontes corporais de dor também devem ser incluídas como elementos que permitem fazer a distinção entre o que é o corpo próprio e o que é mundo externo ( ver nota 213).

<sup>(3)</sup> Como Freud diz, para aproximar-se dos objetos externos, caso eles não se apresentem por si mesmos, o sujeito é obrigado a fazer alguma ação especial ( ver nota 214). Em contrapartida, se de seu corpo o sujeito não pode se separar, do objeto externo isso pode ser feito se for executada com sucesso outra ação, oposta à primeira.

<sup>(4)</sup> Na medida em que um primeiro objeto-aí traz prazer, instaura o desejo e, como coisa ("das Ding"), nunca pode ser assimilado a nada que o sujeito experimenta em si mesmo (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I, 331| ESB. I; 438), pode-se dizer que tal objeto-aí aproxima-se do que Lacan teoriza como "objeto a", causa do desejo, que sempre escapa ao sujeito, e é resto impossível a simbolizar.

desempenha um papel especial nesse processo. Trata-se da *pulsão escópica*.

De início pode ser privilegiado, como objeto-aí da pulsão escópica, um formato de nariz, uma determinada curva da face, ou um matiz de cor de cabelo, por exemplo. Naturalmente vários objetos-aí, e não apenas um, acabam por ficar favorecidos pela pulsão escópica. Ocorre, no entanto, algo de particular com essa pulsão parcial. De fato, em sua esfera é possível ocorrer uma transposição do valor libidinal de uma imagem de detalhe para a imagem de conjunto. A integração, com valor libidinal, da imagem completa do objeto tem um impacto facilmente reconhecível na vida psíquica dos nenens. O jogo de “esconde – mostra” ou “esconde parte – mostra tudo” é característico do processo de elaboração dessa etapa da evolução da pulsão escópica. Na verdade, porém, a imagem completa do objeto é ainda apenas um objeto-local, já que está referida a uma pulsão indiscutivelmente parcial. De qualquer maneira, ela já é uma aproximação e uma indicação (até mesmo uma antecipação) da relação com o objeto enquanto “objeto total” (“ganze Objekt” [Freud, 1916-1917b{1915-1917}: Stud. I; 302| St. Ed. XVI; 305 e Freud, 1916-1917c{1915-1917}: Stud. I; 324| St. Ed. XVI; 329]), interação que só se dá, no entanto, um pouco mais tarde<sup>(1)</sup>.

Pode-se entender o fascínio que provoca a formação da “gestalt”, da imagem de conjunto do objeto: como antecipação ela parece que prenuncia que algo de novo e muito significativo na vida libidinal está para acontecer. A formação da imagem visual de conjunto do objeto é uma *pré-unificação* desse objeto. Da pulsão escópica pode ser dito, portanto, que trata-se de uma pulsão parcial com lugar especial

<sup>(1)</sup> Já nessa primeira antecipação da relação com o objeto total manifestam-se dificuldades no mundo emocional das crianças que Christopher Bollas diz apresentarem desenvolvimento esquizóide. Tais crianças recusam a relação com as pessoas e objetos culturais e criam um mundo próprio marcado pela presença do “objeto alternativo” que é incluído na vida psíquica da criança e que é caracterizado por não despertar amor, ódio ou qualquer paixão de forma geral (rever nota 95).

na vida psíquica posto que é um dos principais canais através dos quais se chega a esse novo elemento da vida erótica – a unificação. Por si só, porém, mesmo a formação da imagem completa não é capaz de levar a uma verdadeira mudança no registo da relação com o objeto. Para que isso ocorra, processos de natureza inteiramente diversos precisam se dar. Só mais adiante, no âmbito de um outro cenário, será possível compreendê-los.

O trabalho de Eros referido à pulsão escópica leva a resultados que precisam ser examinados mais detidamente. Como foi visto, o impulso de Eros a reunir acaba por formar a imagem completa daquele objeto que já fornecia à pulsão escópica uma série de objetos-locais de detalhe como tela de investimento. De início, tal conquista unificadora de Eros não pode se sustentar por muito tempo. De fato, para que a reunião promovida por Eros se dê, sempre há necessidade de contenção temporária da quantidade que tende a ser antecipadamente descarregada através de algum canal que promova alívio e prazer. Nesse sentido a satisfação de Eros implica em temporária frustração da pulsão de destruição que quer separar. Como tal frustração não pode ser sustentada por muito tempo, enquanto não é encontrada outra via para evacuar a quantidade o aumento da tensão acaba por provocar o movimento que rompe a unidade temporariamente formada. Geralmente isso se dá de forma brusca e violenta. Pode-se assim entender que a constituição de uma imagem completa fascinante simultaneamente gera o mal-estar que acaba por destruí-la.

O que está dito acima pode ser enunciado de outra maneira. Imaginando que a tendência a reunir de Eros junte num só complexo representacional muitos objetos-locais que são tela de investimento das pulsões parciais e surja, na vida psíquica, através desse processo, o objeto total, é de se supor que, do ponto de vista econômico, esteja

havendo, concomitantemente, uma extraordinária contenção daquelas quantidades que estão sendo subtraídas do escoamento natural através das antigas vias abertas para a fruição de satisfação das pulsões parciais. No caso dessa contenção quantitativa, a reação da pulsão destrutiva logo se faz sentir através da eclosão do ódio incontido que destrói a representação globalizante do objeto. Embora isso de fato se dê, a história da vida psíquica acaba se desenvolvendo noutra direção. Hipóteses adicionais, considerações que levem mais longe o que já foi visto em relação à pulsão escópica e à formação da imagem completa do objeto têm, portanto, que ser introduzidas nesse ponto.

Poder-se-ia pensar que depois da satisfação da pulsão destrutiva teria início um novo ciclo, semelhante ao que acabou de se fechar. Nesse sentido, continuando seu trabalho, as fontes pulsionais de novo levariam quantidade ao aparelho psíquico e, novamente, as pulsões parciais procurariam os objetos-locais apropriados. A seguir Eros tentaria reunir os objetos-locais na formação do objeto total, e mais uma vez a pulsão de morte destruiria essa representação globalizada. Poder-se-ia imaginar, então, que, depois de inúmeras repetições desse ciclo, acabaria por surgir um fato novo, ou seja, o reconhecimento psíquico de que, apesar da sucessão de ataques, o objeto que atende e traz conforto sempre mostra-se fiel e presente, satisfazendo as necessidades e as exigências pulsionais. Nessa circunstância viria à luz, talvez, o sentimento de gratidão, movimento que finalmente acabaria por suprimir os ataques destrutivos contra a representação do objeto unificado.

Essa construção é muito curiosa e atrativa mas não pode ser aceita, ou melhor, está nitidamente deslocada no tempo. Processos semelhantes ao que foram descritos de fato têm lugar, mas só ocorrem muito mais tarde no curso da história psíquica. Os mecanismos que

foram aventados para explicar a estabilização da constituição da representação unificada do objeto giram, na seqüência aqui imaginada, em torno das idéias de *gratidão* e de *culpa* por ataque ao objeto que costuma atender as pulsões. Ora, a construção dessa hipótese está supondo a prévia existência do supereu. Vê-se, assim, que o processo descrito na verdade antecipou a existência do supereu e, contraditoriamente, tomou-o em consideração numa fase em que nem mesmo o objetos totais estavam plenamente constituídos. Como o supereu é fruto de uma diferenciação do eu-estrutura-operante, e resulta de uma maciça internalização de complexos processos psíquicos próprios do objeto total já plenamente reconhecido, fica claro que o caminho teórico proposto acima é inaceitável. O que está sendo necessário entender é algo de fato anterior e mais básico, ou seja, como, por quais caminhos, o próprio objeto total chega a ser estabelecido na vida psíquica.

Como certo tem-se, apenas, a constituição da imagem (escópica) global, elemento que, na verdade, não é mais que uma das condições facilitadoras do desenvolvimento do processo que se quer explicar posto que não deve ser esquecido que tal imagem (escópica) global não passa de um objeto-local de uma pulsão parcial. Eventualmente até esse passo prévio pode faltar. Isso se dá, por exemplo, no caso de indivíduos cegos. De qualquer modo, a constituição da "gestalt" visual do objeto serve de *ponte* e certamente facilita de maneira significativa a passagem da interação com os objetos-locais para a relação com o objeto total.

A constituição do objeto total propriamente dito resulta da ação conjunta de dois ou três *movimentos de reunião* instigados por Eros. De um lado há a tendência a reunir, num só elemento, tantos objetos-locais que atendem a pulsões parciais quantos de fato puderem

ser encontrados naquele elemento. Esse movimento por si só já tende a construir a representação do objeto total. Mais importante que isso, porém, é o lugar proeminente desempenhado pela *memória* no processo de emergência de tal objeto. A pulsão de vida, aquela que promove as uniões, procura, através da memória, ligar as experiências de prazer que vão se sucedendo no tempo e mantê-las de alguma forma presentes, mesmo que atenuadamente, durante a ausência do objeto. Isso é conseguido pelo destaque progressivamente maior dado à memória da representação do objeto. Abre-se, assim, um caminho para que um objeto generalizado comece a ganhar existência, objeto independentemente da repetição de cada uma das concretas experiências de satisfação ligadas aos objetos-locais. É fundamental, portanto, na emergência do objeto total na vida psíquica, a *representação em ausência*, ou seja, a permanência dele através do prolongamento da lembrança<sup>(1)</sup>.

O surgimento do objeto total através da memória representa, no entanto, uma extraordinária modificação na vida pulsional. Se a associação momentânea e de desejo ao objeto-local que traz satisfação e prazer define a *corrente sensual* da vida pulsional, a ligação ao objeto ausente através do prolongamento da lembrança de satisfação é a base e o início da *vida afetiva*, ou melhor, o começo da ativação da *corrente afetiva da vida pulsional*<sup>(2)</sup>. Em outras palavras, com o progressivo estabelecimento da ligação ao objeto ausente criam-se facilidades para as pulsões parciais se reunirem. O que vem a luz, por fim, é o amor junto com sua contrapartida, o ódio. É só à vida afetiva, e não às

(1) Com o desenvolvimento dessa capacidade instala-se o que Margaret Mahler chama de "simbiose específica", forma de relação em que, para o neném, o parceiro simbiótico já não é trocável. A "simbiose específica" é a porta de entrada para o processo de "separação-indivuação" (rever as páginas 50/51 acima).

(2) Dentro do amplo universo da vida sexual, Freud singulariza o amor ao dizer: "Pois falamos de amor quando trazemos o lado mental das tendências sexuais para o primeiro plano e queremos forçar para trás as demandas pulsionais físicas ou 'sensuais' subjacentes ou esquecê-las por um momento." (Freud, 1916-1917c[1915-1917]. St. Ed. XVI: 329| ESB. XVI: 385).

pulsões parciais, que o objeto total se mostra<sup>(1)</sup>. Isso significa que é ela a real promotora, ou pelo menos a instigadora, do aparecimento e consolidação do objeto total.

O estabelecimento da relação com o objeto total é assinalado pelo surgimento de um dado típico na vida dos nenens – o início da *oposição aos estranhos*. Essa forma de reação claramente mostra que a relação com o objeto total já se constituiu<sup>(2)</sup>. Nessa oportunidade deve ainda ser dito que, às pulsões de vida, de início nada agrada mais no amor que sua onipotência, ou seja, o poder que ele tem de fazer o objeto subsistir, mesmo em sua ausência.

O fator que está na raiz de todo o processo de complexificação que faz emergir o objeto total e o amor é, sem dúvida, a prematuração que marca o ser humano. A permanência do objeto, através da lembrança da experiência de satisfação, só chega a constituir a representação do objeto total porque a longa duração da dependência do nenem exige que a experiência de satisfação propiciada por um mesmo objeto se repita incontavelmente. A fixação de sua memória torna-se então possível e com ela pode haver a passagem da corrente sensual para a corrente afetiva no registro das pulsões sexuais.

O amor é, sem nenhuma dúvida, um fenômeno psíquico de ordem sexual. Nele a libido e o prazer, pelo menos de início, sempre estão ligados a um objeto concreto e singular, embora possa faltar

(1) Abraham conquistou um lugar de importância incontestável na história do desenvolvimento das teorias psicanalíticas ao escrever seu artigo "Um breve estudo da evolução da libido considerada à luz dos transtornos mentais" no qual leva adiante uma indicação de Freud e claramente distingue da seqüência das "etapas da organização libidinal" a seqüência das "etapas do amor-objeto" (Abraham, 1924 [1973; 218]).

(2) No quadro conceitual criado por Spitz, esse momento corresponde à instalação do "segundo organizador" no processo de complexificação da vida psíquica. De fato, para entender como se dá o desenvolvimento psíquico, Spitz adota a noção de "organizador", idéia que toma emprestado da embriologia na qual é usada para indicar a convergência, num lugar definido do organismo embrionário, de diversas linhas do desenvolvimento biológico. Spitz considera que "... processus analogues avec des centres convergents critiques concomitants opéraient aussi dans le développement psychique du nourrisson." (Spitz, 1965 [1993; 89]). O surgimento, por volta dos três meses de vida, do sorriso como resposta, a angústia diante do estranho, no oitavo mês: e, em torno do décimo quinto mês, o emprego do gesto e da palavra para significar o 'não' são os índices dos três grandes organizadores do desenvolvimento psíquico a que Spitz faz referência em seu livro *The First Year of Life*.



prazer de órgão ( "Organlust" [Freud, 1916-1817b: Stud. I; 323] St. Ed. XVI; 328| ESB. XIV; 383]) e destaque de objetos-locais. Na composição das pulsões que formam o amor o peso relativo das pulsões de vida certamente é muito grande. Isso não quer dizer, no entanto, que nas relações afetivas não surja o ódio. Pelo contrário, a ambivalência sempre acompanha o amor. Em alguns casos o objeto do afeto pode até mesmo ser escolhido para desempenhar o papel de tela para aplicação de um ódio, constitucional ou adquirido, de intensidade desmedida. Deve ser lembrado que, de saída, o objeto-local-aí sempre ativa a pulsão de morte e provoca ódio, já que seu reconhecimento exige uma maior contenção da quantidade, e tira o funcionamento psíquico do padrão inicial de auto-suficiência narcísica.

Até aqui foi possível entender porque se dá a unificação dos objetos-locais-aí, até haver a emergência do objeto total, mas deve ficar claro que dentro das condições consideradas o objeto que foi descrito é um objeto essencialmente evanescente. De fato, em termos de representação psíquica não há nenhum dado concreto que confira consistência a esse objeto. Sua existência depende apenas de lembranças, e isso o torna um objeto naturalmente fugaz. Algo mais terá que ser acrescentado para que se possa dizer que o objeto total de fato passou a integrar a vida psíquica, regularmente. Antes de apontar esse elemento será interessante, no entanto, olhar primeiro noutra direção e examinar o que está simultaneamente ocorrendo com o pólo "aqui" do registro objetal, ou seja, como está se dando a unificação dos objetos-locais-aqui, e como se produz a emergência do "objeto-eu" na vida psíquica.

Muito antes do surgimento do "*objeto-eu*" (fruto de uma ação psíquica original que transforma o auto-erotismo e adiciona à vida libidinal um novo tipo de narcisismo) as pulsões investem uma

multiplicidade de objetos-locais-aqui associados às várias pulsões parciais. Há, por exemplo, o investimento das mucosas em geral, do pênis, dos lábios, e do ânus os quais, nesse contexto, não são apenas zonas erógenas e fontes pulsionais mas são, eles também, objetos da libido que alcança satisfação através da auto-estimulação. Entre muitos outros tipos de objetos-locais-aqui encontram-se imagens do próprio corpo, privilegiadas pela pulsão escópica, e partes do corpo ligadas às pulsões sádicas e masoquistas.

Tal como se dá no que diz respeito aos objetos-aí, também na esfera dos objetos-aqui há uma lenta mudança de direção da libido a qual inicialmente investe objetos-locais, e só bem mais tarde começa a encontrar um objeto total, o objeto-eu, para investir<sup>(1)</sup>. Como foi visto, no plano dos objetos-aí a *pulsão escópica* desempenha um papel especial nessa progressiva passagem de investimento de objetos-locais para o investimento de objetos totais. Também no terreno dos objetos-aqui há uma pulsão que vai desempenhar o papel privilegiado de ser o *filio condutor* dessa transformação. No caso dos objetos-aqui essa função é exercida pela *pulsão de domínio* ("Bemächtigungstrieb" [Freud, 1920: Stud. III; 226] St. Ed. XVIII; 16] ESB. XVIII; 27]). Faz sentido que seja assim posto que no arco "percepção-ação" naturalmente seria de se esperar que os objetos-aí se reunissem em torno da extremidade perceptual, à qual se liga a pulsão escópica, enquanto que cabe unicamente aos objetos-aqui a possibilidade de acesso à extremidade motora, na qual a pulsão de domínio tem sua base<sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> Usando uma linguagem marcadamente diferente da que aqui está sendo empregada, Jacobson também considera que há um forte paralelismo entre o desenvolvimento que ocorre na esfera do "self" e o que ocorre na esfera do "objeto", seguindo sua terminologia. No início, nem o conceito de "self" nem as imagens dos objetos primitivos formam as firmes unidades que depois vão se constituir (ver nota 60).

<sup>(2)</sup> Além do que aqui está sendo acentuado, aspecto que não costuma receber muita ênfase na literatura psicanalítica mais difundida e ocupada exclusivamente com aspectos intersubjetivos, a *pele* sem dúvida também exerce um importante papel na unificação do eu e das fontes pulsionais. Anzieu chegou a transformar isso em tema de seu livro "O Eu-pele". Maldivsky, por sua vez, expõe um modo de ver semelhante ao dizer: "Essa unificação do ego pela mediação do objeto, com o qual se realiza a identificação, é secundária à unificação das

Há um nítido prazer pulsional na aquisição de controle das múltiplas unidades de ação que compõem o esquema motor corporal. Em fases precoces da vida a atenção maior concentra-se sobre os movimentos da cabeça, dos olhos, dos braços, e das mãos, tomados isolada ou coordenadamente. A tensão que emana das unidades motoras, como fontes erógenas, é muito mais facilmente descarregada depois que é adquirido o domínio sobre os movimentos que a elas correspondem. A aquisição da capacidade de integração de várias unidades motoras provoca a fruição de nítido e grande prazer narcísico. A observação do nenem de fato demonstra que por longo tempo ele se ocupa do desenvolvimento dessas habilidades. Chega finalmente o momento em que consegue reunir força e coordenação suficientes para, em movimentos articulados, se pôr a engatinhar e, com isso, se transportar, a si mesmo, através do espaço. Esse é um momento de imenso valor auto-erótico, e disso o júbilo da criança que começa a engatinhar é prova incontestável<sup>(1)</sup>. Diferentemente de outras marcantes conquistas que vão se dar mais tarde, esse primeiro feito não é privilegiado pela criança em virtude da admiração que provoca em outras pessoas, mas sim em função do valor que tem com meio de, em um só golpe, atender e dar vazão a um grande conjunto de tensões motoras localizadas e, mais que isso, de fazer prenunciar um extraordinário prazer da pulsão de domínio, ou seja, a integração corporal e o reconhecimento de uma unificação do objeto-local-aqui até então desconhecida.

---

fontes pulsionais, por um deslocamento dos investimentos de uma a outra, em que adquire valor um elemento conector, vinculador, a pele." (Maldivsky 1986 [1992: 177]).

<sup>(1)</sup> A *pulsão de domínio* está sendo tratada aqui como um verdadeiro *componente da vida sexual narcísica*, e não como um "instinct to master", assexual e ligado ao "ego", como faz Ives Hendrick em artigos que participam do desenvolvimento da "psicologia do ego" nos Estados Unidos (ver Hendrick, 1942; Hendrick, 1943a; e Hendrick, 1943b).

É sempre importante ter em mente que quando se teoriza lida-se com noções que nada mais são que construtos provisórios e imperfeitos, úteis apenas na medida em que auxiliam no encaminhamento da solução de alguma questão que se selecionou para estudo. A noção de "objeto" dentro das pesquisas a respeito da pulsão aplica-se com facilidade a alguns contextos, mas com mais dificuldade a outros. No estudo da pulsão de domínio o lugar que deve ser atribuído ao objeto às vezes é incerto. É bastante razoável que se diga, por exemplo, que uma bola ou um boneco sejam, em certas circunstâncias, objetos da pulsão de domínio de uma criança. Por outro lado, que o próprio corpo motor seja o objeto dessa pulsão no ato de engatinhar, isso provavelmente já não é claro logo à primeira vista<sup>(1)</sup>.<sup>215</sup> A reflexão mais cuidadosa não demora em demonstrar, no entanto, que essa idéia deve ser acatada em função das férteis vias de entendimento que abre.

O engatinhar inaugura mais um capítulo na história *psíquica* de todo indivíduo. De fato, com a possibilidade de engatinhar começa a se dar algo de extraordinariamente novo nas referências ainda muito imprecisas a respeito do que é o objeto-eu. Antes do momentoso ato de engatinhar, comemorado pelo arrebatamento emocional transbordante da criança, facilmente visível, ainda não há um elemento sólido para constituir uma imagem unificada do objeto-local-aqui. As diversas descargas motoras, mesmo que já buriladas e realizadas com controle apurado, ainda se mantêm independentes, desarticuladas entre si, e incapazes de fornecer uma base para a unificação do objeto-local-aqui. Em contraste com isso, com o engatinhar aquele que está deixando de ser nenem produz o efeito de deslocamento de si mesmo no espaço, movimento reproduzível à vontade e autonomamente. Cabe então

---

<sup>(1)</sup> No entanto Freud, ele mesmo, percebe que o sadismo, que claramente tem a ver com a "pulsão de domínio", pode se dirigir ao próprio corpo, e não apenas aos objetos externos. Isso se dá, por exemplo, quando a criança procura obter o controle sobre os próprios membros (ver nota 215).

pensar que isso finalmente cria um elemento capaz de induzir no psiquismo da criança a segura formação da representação da unidade de si mesma. O anterior deslocamento passivo do nenem através do espaço, transporte realizado por outra pessoa enquanto o carrega, apenas fornece um elemento a mais àquele crescente acervo de experiências que se acumulam a partir do nascimento, mas não é suficiente para dar ao psiquismo uma base para a constituição da unificação do objeto-eu. É inegável que com o engatinhar ocorre algo novo – une-se, numa só e mesma experiência, o autodeslocamento ativo através do espaço e a série encadeada de movimentos que o produz. Na verdade o corpo motor unificado é, com grande probabilidade, um dos principais elementos indutores da emergência no psiquismo da criança da concepção de si mesma como distinta do mundo<sup>(1)</sup>.

No nenem paralisado, ou com dificuldades motoras de ordem semelhante, ao psiquismo infantil falta esse modo de acesso à percepção da unidade individual. Nessas condições a imagem unificada de si própria só é alcançada pela criança mais tarde, e terá que ser produzida através de outros meios. De qualquer modo ela certamente pode ser construída, mesmo na ausência de tal capacidade. Essa observação é valiosa na medida em que ratifica a avaliação a respeito da importância do engatinhar mas, ao mesmo tempo, qualifica tal ato apenas como facilitador, e não como elemento fundamental no processo da constituição da representação que a criança elabora de si mesma como distinta do mundo.

Nessa oportunidade pode-se falar, de qualquer maneira, de uma transição do regime pulsional auto-erótico referido a uma grande

---

<sup>(1)</sup> Esse elemento fundamental na vida psíquica freqüentemente é negligenciado em estudos que, como fazem os de Laplanche, restringem a origem do eu ao processo identificatório (rever nota 143).

multiplicidade de objetos-locais-aqui (que, como já foi visto, não são de forma alguma apenas aqueles associados à pulsão de domínio) para um outro regime pulsional, esse já ligado a um objeto-aqui *unificado* ou, mais precisamente, *pré-unificado*. Efetivamente, merece atenção o fato de que, a rigor, trata-se ainda de um objeto-local-aqui, restrito à pulsão *parcial* de domínio. Como já foi observado, tal objeto ocupa um lugar semelhante ao que na esfera do objeto-aí é reservado à imagem integrada do objeto que excita a pulsão parcial escópica. Da mesma forma como esse última, o corpo motor unificado também será *ponte*, objeto de transição que facilitará a passagem da vida pulsional referida a objetos-locais para a vida pulsional associada a objetos totais.

Pouco tempo depois de engatinhar a criança põe-se de pé e começa a andar. A esse ato corresponde uma das maiores transformações que o ser humano vive em seu desenvolvimento psíquico. A conquista da unificação motora que propiciou o engatinhar foi apenas a preparação e uma *precondição* para o que agora vai se dar. Trata-se, é claro, de algo muito mais abrangente que uma conquista de ordem motora a qual, no entanto, sem dúvida também está ocorrendo, e indubitavelmente tem grande peso enquanto gratificação da pulsão parcial de domínio.

O começo da unificação do objeto-aí é anterior a esse momento. Algum tempo antes da criança pôr-se de pé e ensaiar os primeiros passos, as pulsões referidas ao objeto-aí já estavam esboçando sua unificação e, ao lado da corrente sensual, a *corrente afetiva* também já tinha começado a ser ativada<sup>(1)</sup>.<sup>216, 217</sup> Desde então

(1) A importante teoria a respeito da dupla corrente do amor, a *corrente sensual* e a *corrente afetiva*, foi proposta pelo próprio Freud mas não chegou a ficar suficientemente estabilizada em seus escritos. No trabalho sobre a tendência à depreciação na esfera do amor, no qual o que está sendo focalizado é a *expressão genital* da corrente sensual, a corrente afetiva obviamente tem de ser considerada como sendo a mais antiga das duas (ver nota 216). Ao contrário disso, nos "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", nos quais as *pulsões parciais* já são levadas em conta, é a corrente sensual que é tomada como a mais antiga, ao invés da corrente afetiva. Nesse caso Freud considera que a corrente afetiva só surge na puberdade (ver nota 217). No presente estudo são levadas em

havia um *prenúncio* de amor dirigido ao objeto total. Quando a criança começa a andar esse princípio de amor pelo objeto total é, no entanto, ainda relativamente recente, e está sendo experimentado com grande intensidade. Ocorre, nessa circunstância, algo de extraordinário na vida psíquica. No ato de andar a criança percebe-se finalmente executando, com seu próprio esforço, *algo semelhante ao que o objeto de seu amor realiza*. Esse é um momento crucial, de intensa *vivência especular*<sup>(1)</sup>. Como dificilmente falta a transbordante admiração do adulto significativo pelo que a criança está fazendo, forma-se uma sintonia de perspectivas, dá-se uma potenciação da vivência especular e (esse é o ponto decisivo) o ensaio de amor que era dirigido ao objeto começa a ser sentido na direção inversa, isso é, vindo do objeto para aquele que anda<sup>(2)</sup>.<sup>218</sup> Está aí, de fato, o elemento crucial que promove a *integração dos objetos-locais-aqui e a inauguração do objeto-aqui unificado* como objeto de investimento da libido. Em outras palavras, o objeto-total-aqui vem à luz em virtude da promessa de amor originalmente dirigida ao objeto-total-aí, indício de amor que, nesse momento de vivência especular, sendo dirigido ao objeto-aí dele volta, invertido, para constituir, através da unificação dos objetos-locais-aqui, o objeto-total-aqui como tela de investimento<sup>(3)</sup>.

---

conta as manifestações mais precoces das *duas correntes da sexualidade*, concedendo-se anterioridade à corrente sensual, como indica a linha de raciocínio do próprio Freud.

(1) As propostas de Kohut a respeito dos "*selfobjects*" são especialmente significativas nesse contexto. Disse ele: "*Selfobjects* are objects which we experience as part of our self; the expected control over them is, therefore, closer to the concept of the control which a grown-up expects to have over his own body and mind than to the concept of the control which he expects to have over others. There are two kinds of selfobjects: those who respond to and confirm the child's innate sense of vigour, greatness and perfection and those to whom the child can look up and with whom he can merge as an image of calmness, infallibility and omnipotence. The first type is referred to as the mirroring selfobject, the second as the idealized parent image" (Kohut, 1978; 414).

(2) Há aí um fator adicional que se soma ao que Freud apontou ao indicar na "adoção de um postura ereta", a razão da instauração de um "recalque orgânico" na vida psíquica humana (ver nota 218). De fato, a valorização do amor que vem do outro incentiva a formação do ideal de eu e motiva a tendência ao recalque.

(3) Nesse contexto vale a pena lembrar a relação muito propriamente apontada por Borch-Jacobsen entre o narcisismo e a inclinação ao poder: "Le narcissisme est de profonde connivence avec le pouvoir – entendons: le pouvoir tyrannique ou, comme on voudra, la folie politique –, du fait même de son origine mimétique, rivalitaire, (a)sociale. ... Le désir narcissique est, par définition, désir de puissance: assimilation et donc asservissement de l'autre à Sa Majesté le Moi-Même." (Borch-Jacobsen, 1982; 120). De fato, é como se, desde sua origem, o amor

Aquelas experiências psíquicas propiciadas pelos sentimentos que fazem parte do universo amoroso – ou seja, em primeiro lugar o reconhecimento da continuidade do objeto, mesmo quando ele não está presente e, depois, o entendimento de que o objeto significa coisa diferente, e muito mais que a soma das experiências de satisfação das pulsões parciais que ele pode promover – tais experiências esboçadas na relação com o objeto-aí são então duplicadas e em parte transpostas para serem vividas também em relação ao objeto-total-aqui que agora começa a ganhar existência.

Não pode deixar de ser dito que, na verdade, tudo isso se processa paulatinamente e independe do momento preciso em que a criança anda pela primeira vez e é recebida, alguns passos adiante, pelo adulto significativo que, de braços abertos, a acolhe com admiração. No entanto, essa cena concreta merece ser privilegiada porque sintetiza, como nenhuma outra, o que aqui está sendo destacado do curso da complexificação da vida psíquica.

Já ficou indicado que a unificação do objeto-aí, com a formação do objeto total, alvo do esboço inicial do amor, começa antes da unificação do objeto-aqui. Porém, é em relação a esse último que se dá um novo ato psíquico, inteiramente original, ou seja, aquele responsável pela emergência na vida psíquica da *representação de sujeito*. O objeto-total-aqui será o primeiro "*objeto-sujeito*" – ou melhor, "*objeto representado como sujeito*" – que fará parte da vida psíquica individual.

Falar em *objeto-sujeito*, ou em *objeto-representado-como-sujeito*, é introduzir mais um termo nas descrições que aqui estão sendo esboçadas. No entanto, dentro do princípio de economia de discurso o

---

do sujeito a si mesmo dependesse do amor do outro a quem, portanto, inapelavelmente o sujeito irá procurar dominar.



uso desse recurso se justifica se, com sua ajuda, torna-se possível levantar e distinguir idéias que de outro modo permaneceriam obscuras e de difícil referência.

O que nesse capítulo está sendo tratado é o surgimento e a manifestação da distinção eu//não-eu dentro do universo dos *objetos de investimento*, tanto puramente pulsionais quanto (pulsionais-)afetivos. Seguindo o pensamento de Freud, está sendo suposto que, de início, os objetos de investimento pulsional são tomados em sua mais simples e natural opacidade, ou seja, a eles não é atribuída vida psíquica de nenhum tipo. Para acentuar esse fato, aqui foi usado o termo "objeto-local". Com isso procurou-se distinguir tal idéia da noção de "objeto parcial" proposto por Melanie Klein que já considerava o seio, por exemplo, como *sujeito* de amor, de ódio (e assim por diante) na representação da criança.

Ora, na verdade, "sujeito" é, em princípio, aquilo que possui vida psíquica. Nesse sentido, os objetos-locais, como por exemplo o seio, o polegar, o pênis, as fezes, etc. não são sujeitos. Quando, no entanto, ao andar, a criança confunde-se com o objeto-total-aí e dirige para si mesma não mais uma moção pulsional parcial mas um esboço do amor da corrente afetiva, nessa exata circunstância ocorre algo que é inteiramente novo. Efetivamente, ela não só se vê, em virtude desse início de amor, como objeto unificado, tal como estava começando a ver o objeto-total-aí, mas, além disso, fecha-se um círculo, dá-se um ato reflexivo e, nessa representação de objeto-total-aqui, é finalmente inserida a referência à primeira experiência do pleno amor propriamente dito. Esse novo objeto total é um objeto que é percebido como um objeto que *sente, tem vida psíquica*. Nesse sentido é, portanto, um "objeto-

representado-como-sujeito"<sup>(1)</sup>. A introdução de tais termos se justifica, portanto, pois só com o uso deles pode ser veiculada a referência ao fenômeno que estava sendo descrito.

O estabelecimento da representação do objeto-total-aqui enquanto objeto-representado-como-sujeito ou, mais simplesmente, objeto-sujeito, é um ato psíquico inédito na vida infantil. De fato, embora o adulto significativo também seja *sujeito*, isto é, *tenha vida psíquica*, o objeto total que vinha sendo investido de afeto pela criança ainda não era representado como tal. O primeiro objeto de investimento afetivo que a criança *representa como contendo vida psíquica* é ela mesma e, por isso, pode-se considerar que para as crianças o objeto-total-aqui sempre será o primeiro objeto-sujeito que obterá reconhecimento<sup>(2)</sup>.<sup>219,220</sup> Além disso, porque esse primeiro objeto-sujeito é objeto-total-*aqui*, a ele cabe a denominação de "*objeto-eu*" ou simplesmente "*eu*".

No momento especular em que, por instantes, há uma completa transposição do esboço inicial do amor (que passa agora a investir o objeto-aqui da mesma forma como se ligava ao objeto-total-aí) o objeto-eu nascerá sob a aparência de *eu ideal*<sup>(3)</sup>. O arrebatamento incontido da criança que dá seus primeiros passos é a expressão do transbordamento da excitação que marca essa assimilação ilusória do objeto-eu ao ideal<sup>(4)</sup>.

(1) Além disso pode-se dizer, seguindo uma direção similar à do pensamento de Assoun (rever nota 167), que o termo sujeito designa algo que necessariamente cabe ao eu, mas de nenhum modo restringe-se a ele, como logo ficará claro.

(2) Esse é o *narcisismo primário do eu*, fase intermediária de organização libidinal que, conforme diz Freud, vem depois do "auto-erotismo inicial" e antecede o "amor de objeto" propriamente dito (ver notas 219 e 220).

(3) Há, além disso, uma indiscriminação entre o eu e o objeto idealizado tal como, antes mesmo de Lacan fazer referência ao estágio do espelho, Bernold deixou entrever, em 1928, ao falar do fenômeno da *fascinação* (rever nota de rodapé, na página 46).

(4) Esse modo de ver é bem diferente do expresso por Arminda Pichon-Riviere e com ele pode ser contrastado: "I believe that standing erect and walking arise from an overwhelming necessity in the child to break away from the mother in order not to destroy her, although these same achievements serve him later in his need to regain her ..." (p. 167) "The child that walks keeps the mother by withdrawing from her to preserve her, and by approaching her when he needs her." (169) "... I believe that the need of separation from the mother, of moving away not to destroy her, impels him to crawl, climb, walk and play." (p.168/169). (Pichon-Riviere, 1958; 167/169). Arminda Pichon-Riviere de fato segue Melanie Klein que escreve: "The great psychological importance

Logo, no entanto, será observável o surgimento do ódio cego e impotente que toma conta da criança que *cai* e não consegue preservar a representação idealizada de si mesma. Ligado ao ideal, o objeto-eu emerge, assim, alvo de nítida ambivalência afetiva. Em contraposição a esse ódio da criança a si mesma, afeto que é clara expressão da pulsão destrutiva, o trabalho de Eros só consegue um sucesso relativamente estável quando chega a fazer a criança descobrir a possibilidade de se amar enquanto agente capaz de lutar por ideais alçados como alvos. A completa conversão do eu ideal em *ideal de eu* dependerá, no entanto, da interveniência de processos muito complexos que só surgirão bem mais tarde. Até lá perdura a tormenta afetiva desencadeada pela ambivalência com a qual o objeto-eu é encarado a partir de seu dramático início<sup>(1)</sup>.<sup>221</sup> Deve ser observado, então, que com a introdução do objeto-eu, ao lado do antigo auto-erotismo inaugura-se o "narcisismo primário do eu" como nova forma de organização da vida libidinal.

Como estava sendo visto, a emergência do objeto-eu, objeto de investimento, dá-se dentro do contexto especular usualmente facilitado pelo ato de andar. Com tal especularização processa-se na criança a volta sobre si mesma do início de amor originalmente dirigido ao objeto total. A repetição e o prolongamento do espelhamento fazem, no entanto, que o amor comece a se dar em mão dupla e, no caminho de volta, acaba por ser projetado, agora no amado *objeto-total-aí*, a mesma condição de sujeito de vida psíquica que a criança encontrou

---

of standing, crawling and walking has been described by some psycho-analytic writers. My point here is that all these achievements are used by the infant as a means of regaining his lost objects as well as of finding new objects in their stead; all this helps the infant to overcome his depressive position." (Klein, 1952 [1980; 112]).

<sup>(1)</sup> *Aí está*, em parte, a explicação de por que se pode dizer que o masoquismo é mais antigo que o sadismo. O eu é o *primeiro* objeto e, de início, é sobre ele que recaem todos os impulsos pulsionais e afetos, tal como o ódio, por exemplo (ver nota 221).

pela primeira vez em si mesma. Dessa maneira o objeto-total-aí passará a ser percebido como um *outro objeto-sujeito*<sup>(1)</sup>.

A rigor, nesse contexto o termo "objeto-sujeito" deve ser entendido como abreviação de uma denominação mais precisa que seria "objeto-representado-como-sujeito" posto que a condição de ser sujeito é incluída na representação construída a respeito do objeto. A partir do momento em que o objeto-total-aí se transforma em outro *objeto-representado-como-sujeito* ele também pode ser designado como "objeto-outro-sujeito", "objeto-outro", ou simplesmente "outro". Está assim, finalmente, constituído o quadro em que o investimento pulsional e afetivo oscila entre dois pólos: o *eu* e o *outro* ou, melhor dizendo, entre o *objeto-eu* e o *objeto-outro*.

Nesse ponto é preciso voltar atrás no raciocínio que foi desenvolvido para indicar, no quadro de compreensão que está sendo elaborado, um elemento cuja introdução teve que ser adiada até esse momento. Para fazer essa inclusão será necessário, no entanto, partir da noção de *retranscrição dos traços mnêmicos*.

No capítulo anterior foi visto que o eu-estrutura-operante é uma organização que se modifica no transcurso da complexificação da vida psíquica. Depois de um ensaio de organização, constitutiva do que é denominado de "eu-prazer", o eu-estrutura-operante passa a se estruturar de uma outra forma, identificada pela expressão "eu-real-definitivo". Isso se dá em virtude da ineficiência que aquela tentativa anterior apresentava em evitar a invasão do desprazer. Os objetos-locais-aqui e os objetos-locais-aí surgem nas fases iniciais da organização do eu-estrutura-operante dentro do regime de eu-real-definitivo. Está implicada na introdução daqueles objetos uma radical

(1) De certa maneira, e em certos aspectos, parte da representação do mundo externo constitui-se, portanto, por "projeção", processo que, posteriormente, influi extensa e decisivamente nas relações com os objetos (rever nota 72).

retranscrição de impressões anteriores, vividas no regime de eu-prazer-purificado e marcadas na área Mnem. Trata-se, no entanto, apenas de uma primeira retranscrição do que estava em Mnem. Outras retranscrições dão-se daí para frente.

As retranscrições do que está marcado em Mnem. são contínuas e não desfazem as inscrições anteriores – elas vão se somando e cada uma delas pode, eventualmente, em movimentos ditos “regressivos”, ser retomada em sua forma original. Existem, além disso, alguns momentos no processo de complexificação psíquica em que se dão retranscrições radicais, que reorganizam profundamente toda a vida psíquica. Esses momentos são verdadeiros marcos inauguradores de novos cenários experienciais. A passagem da prevalência dos objetos-locais-aqui e dos objetos-locais-aí, telas de investimento de pulsões parciais, para a prevalência dos objetos-sujeitos – o objeto-eu e o objeto-outro –, telas de investimento das correntes afetivas, é uma segunda retranscrição de valor maior, depois daquela que correspondeu à transformação do eu-prazer-purificado em eu-real-definitivo. Essas retranscrições correspondem, e naturalmente são fruto, da reorganização do eu-estrutura-operante, que nunca cessa de se modificar.

O abrandamento da relevância dada aos objetos-locais e sua substituição pela acentuação dos objetos de investimento afetivo é fruto principalmente do trabalho da pulsão de vida que, nesse começo de vida, avança com rapidez na constituição de unificações progressivamente mais abrangentes. No entanto, a estabilidade das representações do objeto-eu e do objeto-outro se constitui, de início, de modo muito precário. Na verdade, o que se tem a princípio são unificações apenas *imagéticas*, bastante instáveis. Até esse momento inicial não há nenhum elemento material ou concreto que consiga dar

solidez a essas conquistas psíquicas. Com isso, os movimentos pulsionais desagregadores podem desfazer tais unidades com grande facilidade. Há, nesses casos, a volta à vida pulsional pulverizada pela distribuição do investimento em direção a uma multidão de objetos-locais-aí e objetos-locais-aqui já conhecidos. A continuidade e persistência do trabalho de Eros leva, contudo, à criação de elementos novos, inteiramente inéditos na vida psíquica, âncoras sólidas que vêm dar estabilidade àqueles investimentos afetivos, tanto os narcísicos quanto os alteritários. Ao fazer isso Eros promove a mais radical retranscrição de marcas psíquicas jamais experimentada até esse momento da complexificação psíquica, e o eu-estrutura-operante sofre uma reorganização cuja extensão mais tarde talvez nunca venha a ser igualada. Do ponto de vista do observador isso está ligado ao fato de que por volta da mesma época em que dá seus primeiros passos, ou freqüentemente um pouco mais tarde, *a criança começa a falar*<sup>(1)</sup>.

Depois de conseguir a união das pulsões parciais, e depois da ativação da corrente afetiva; depois de realizar a reunião dos objetos-locais-aqui na formação do objeto-eu, e depois da reunião dos objetos-locais-aí na formação do objeto-outro; o próximo alvo que Eros visa é a reunião do sujeito com o objeto numa unidade ainda mais ampla. Através do movimento que a criança faz de se inserir no mundo da linguagem<sup>(2)</sup>, 222, 223, 224 esses objetivos serão atingidos, pelo menos parcialmente<sup>(3)</sup>. A fusão completa da criança com o adulto significativo

(1) Corretamente André Green chama a atenção para o fato de que no que diz respeito ao desenvolvimento das teorizações a respeito da linguagem, há uma lacuna nos estudos de Freud, limitação que se repete no conjunto das contribuições de Melanie Klein, Winnicott e Bion (ver: Green, 1983b [1995; 19 e 25]).

(2) Mesmo estudiosos da linguagem que defendem a "hipótese do inatismo" (ver nota 222) reconhecem que o que há de inato em relação à linguagem é uma "capacidade", "faculdade linguística" ou "estrutura cognitiva", algo semelhante ao que Noam Chomsky chamou de "competência" em contraposição a "desempenho" (ver nota 223), e que precisa do contato com seres falantes para ser ativado. Só assim vai se dar o processo que o próprio Chomsky corretamente apontou com a expressão "aquisição da linguagem" (ver nota 224).

(3) O raciocínio que aqui está sendo desenvolvido concorda com o de Aulagnier que distingue da palavra o "pictograma" e a "fantasia" (Aulagnier, 1975 [1979; 20/21]). Nesse sentido existe, segundo ela, um "antes", um

numa só unidade é concretamente irrealizável. No entanto, através do uso de massas sonoras (no caso de surdos-mudos outros veículos serão utilizados) será possível estabelecer *conexões* entre dois aparelhos psíquicos. Nesse sentido *a fala é resultado do trabalho de Eros*. Efetivamente, por meio de uma descarga motora precisa, associada a uma configuração em Pcp. definida, é possível provocar num segundo psiquismo, que recebe aquela massa sonora, uma configuração em Pcp. similar à que no primeiro se associa àquela descarga motora específica. Isso pode ser utilizado como base para a transmissão de conteúdos psíquicos de um sujeito para outro. À primeira vista, para isso basta que se estabeleçam associações entre tais conteúdos e os padrões sonoros que podem ser produzidos através das descargas motoras da fala. Isso sendo feito, massas sonoras são transformadas em palavras.

Na verdade os fatos não se passam exatamente dessa maneira. Como será sucintamente examinado a seguir, o que se dá é que a formação de padrões sonoros privilegiados não pode ser feita sem afetar profundamente o próprio conteúdo psíquico (representação-coisa) que está sendo experimentado e se deseja transmitir a outro sujeito.

Para que exista linguagem é necessário (sempre tendo-se em consideração o caso da linguagem falada) que seja dada relevância a *alguns e apenas alguns* padrões sonoros, em contraste com outros que devem se manter sem valor. É necessário, também, que se estabeleça *mais de um padrão* sonoro privilegiado para que, então, conte-se com elementos necessários para se fazer diferenciações reconhecíveis e significativas. Ainda outro requisito é que o número de padrões sonoros privilegiados de base seja suficientemente amplo para

---

tempo em que o psiquismo ainda não manja a linguagem e não é pensável a "relação Eu-discurso" (rever nota 116).

que se possam fazer combinações em número suficientemente grande, e seja então possível veicular todo o universo de conteúdos que se quiser transmitir.

Mesmo que se restrinja a enumeração das condições da existência de linguagem a esses requisitos mínimos, pode-se ver que a formação dos padrões sonoros da linguagem implica na implantação de um formidável complexo de operações psíquicas as quais devem se processar de acordo com regras precisamente definidas. A extraordinária funcionalidade desse sistema confere-lhe, contudo, grande valor. Com isso começa a haver uma mudança no peso relativo dos elementos em jogo. De fato, se, à primeira vista, as massas sonoras são selecionadas para transmitir um conteúdo psíquico dado, de um sujeito para outro, agora já se vê que, em virtude da complexidade dos processos necessários para se estabelecer o sistema de massas sonoras privilegiadas e, além disso, em virtude da necessidade do sistema de massas sonoras privilegiadas ser compartilhado pelo universo de sujeitos que vão se comunicar, naturalmente é esse *próprio sistema de massas sonoras privilegiadas que ganha o primeiro plano na linguagem*, e a ele o conteúdo psíquico precisa então se submeter para chegar a ser passado de um sujeito a outro na comunicação<sup>(1)</sup>.

A submissão do conteúdo psíquico ao sistema de massas sonoras privilegiadas implica, além do mais, numa transformação fundamental daquilo que vai ser transmitido de um sujeito a outro. De fato, a interação entre os sujeitos não só seleciona as massas sonoras privilegiadas para compor a linguagem em uso como também, associando conteúdos psíquicos a essas massas sonoras privilegiadas,

---

(1) Há, então, uma radical transformação dos conteúdos psíquicos que se inserem nesse campo estruturado pela linguagem o que, no dizer de Lacan, foi indicado pela denominação de campo do "Outro".



forma os *significados* que passam a ser compartilhados por aqueles mesmos sujeitos<sup>(1)</sup>.

Na formação desses significados há, no entanto, uma radical transformação dos conteúdos psíquicos originais posto que dos mais antigos só podem perdurar alguns fatores nos mais recentes. Os elementos que perduram são selecionados e destacados do conteúdo psíquico primitivo e, reorganizando-se, passam a compor o significado que, dessa maneira, é uma transformação profunda de seu material de origem. Com a auto-inserção do sujeito no mundo da linguagem cria-se, portanto, um novo universo de conteúdos psíquicos sendo que com aqueles conteúdos primitivos esse novo mundo psíquico mantém uma eventual relação evocativa distante apenas<sup>(2)</sup> 225

A linguagem não só permite a transmissão entre sujeitos de algumas representações primitivas (se bem que muito modificadas) como, mais que isso, é capaz de propiciar, adicionalmente, a formação de todas as representações mais complexas que de modo algum poderiam existir sem ela<sup>(3)</sup>. Além disso repete-se, no caso de cada um dos seres humanos, o fato de que, pelo menos num determinado nível da organização psíquica, todas as representações passam a ser moldadas pelo conjunto de significantes preexistentes na cultura. Em outros termos, com a entrada no mundo da linguagem não só se dá uma

(1) Christopher Bollas propôs a denominação de "objeto intermediário" para designar qualquer produto da interação paciente-analista (comentário, associações, interpretações, estados de espírito, etc.), já que tais produtos sempre são frutos das contribuições de duas subjetividades. Se essa proposta for generalizada, e se for designado como "elemento intermediário" qualquer elemento psíquico que seja fruto de interações intersubjetivas, ficará claro que de todos os significados lingüísticos poderá ser dito que são *elementos intermediários*. No entanto, ao lado dos significados lingüísticos há conteúdos representacionais *não-lingüísticos* na vida psíquica e na medida em que tais conteúdos não provêm de inter-relacionamentos eles devem ser distinguidos dos elementos intermediários. Seguindo ainda o pensamento de Bollas, pode-se dizer, então, que esses conteúdos não-lingüísticos devem se aproximar mais do que caracteriza os objetos transicionais (rever nota 96).

(2) De qualquer maneira é bom lembrar (e frisar) a tese freudiana de que o pensar inicialmente é inconsciente, prescindindo então da ligação a restos verbais (ver nota 225).

(3) Só através da linguagem é possível, por exemplo, a representação da "realidade exterior social", a qual é imprescindível distinguir da "realidade exterior do mundo físico". distinção fundamental na psicanálise contemporânea e negligenciada por Freud na opinião de André Green (rever nota 132).

radical retranscrição de todas as experiências passadas e armazenadas em Mnem. como também cria-se um crivo que condiciona a formação de qualquer nova representação naquele nível psíquico. De qualquer maneira, se é verdade que Eros não consegue a fusão completa dos indivíduos, a não ser na união sexual que gera um novo ser, através da linguagem, produção privilegiada de sua inventividade, o movimento pulsional chega a se aproximar desse objetivo posto que cria condições para que um psiquismo determine parte do que vai se passar em outro<sup>(1)</sup>.

Só com a instituição da linguagem Eros consegue integrar as representações do objeto-eu e do objeto-outro à vida psíquica *de forma sólida e definitiva*, se bem que, na verdade, modificando-as profundamente. De fato, ao acatar a seleção e atribuição, feitas pelo adulto significativo (e pela cultura), de signos (significantes/significados) específicos para designar tanto o objeto-eu quanto cada objeto-outro que faz parte de seu mundo experiencial, o psiquismo liga às representações modificadas desses objetos (representações até então evanescentes e instáveis) um elemento material, sensorial, acessível a qualquer momento, e capaz de induzir, por associação, o reinvestimento dos outros elementos que compõem o complexo de representações referidas a tais objetos. Em primeira instância, é através da assimilação de significantes atribuídos ao objeto-eu e aos objetos-outros que tais

---

(1) Nesse ponto merece ser ressaltado que se deve entender a linguagem antes de tudo como uma forma dos sujeitos *agirem* uns sobre os outros. Como diz Benilton Bezerra, num artigo em que procura aproximar a psicanálise da concepção pragmática da linguagem, "a linguagem é definida como uma atividade, como um comportamento expressivo" (Bezerra, 1994; 147), ou seja, "usar palavras é agir, dentro de contextos, com determinados objetivos. É fazer parte de uma 'forma de vida', estar inserido na vida social" (Bezerra, 1994; 149). Nesse sentido a linguagem não tem uma função restrita, serve a muitas finalidades e "representar" (ou "fazer representar") é apenas uma das formas que os sujeitos encontram de, através da linguagem, *agirem* uns sobre os outros. Deve ficar claro, dessa maneira, que o destaque dado no raciocínio que aqui está sendo desenvolvido à função de representação resulta, portanto, simplesmente da restrição da atenção a uma função delimitada e particular, de nenhuma forma significando, portanto, que se deva reduzir a linguagem a esse específico aspecto.

objetos são, portanto, definitivamente incorporados à vida psíquica individual<sup>(1)</sup>.

Vendo esses fatos por outro ângulo, pode-se dizer que a entrada no mundo da linguagem implica no acatamento de uma *identificação* que, por não ter precedente, merece a denominação de "identificação primária"<sup>(2)</sup>.<sup>226</sup> Com efeito, reforça-se nesse momento uma forma de ligação com o objeto que a pouco havia sido inaugurada. Enquanto que a princípio a pulsão promove o movimento de *ter os objetos-locais*, aprofunda-se, agora, o movimento no sentido de *ser como o objeto-outro*, movimento que se inicia quando, na especularização que acompanha o andar, o objeto-total-aqui se torna tela do início de amor, *tal como o objeto-total-aí*<sup>(3)</sup>.<sup>227</sup> Na identificação trata-se, na verdade, não só do movimento de ser como o objeto-outro, mas também da transformação de todas as experiências, as quais devem passar a se ajustar aos parâmetros e às descrições feitas por quem está veiculando a linguagem<sup>(4)</sup>. Esse processo é favorecido pelas *tendências de Eros* que são intensamente satisfeitas na união que assim vai se construindo entre o sujeito e o outro. Pode-se dizer que a *assimilação da linguagem tem nítido valor libidinal e por isso é feita rápida e continuamente*<sup>(5)</sup>.<sup>228</sup>

(1) Essas proposições até certo ponto se aproximam do pensamento que Arminda Pichon-Riviere desenvolveu assim: "The uttering of the first word means the magic reparation of the loved object for the child, which he reconstructs inside himself and throws out into the external world. Secondly comes the experience that the word puts him in contact with the world and that it is a means of communication." (Pichon-Riviere, 1958; 169).

(2) Como diz Freud, o grito do semelhante, por exemplo, evocará o grito do próprio sujeito e com isso a dor que a seu grito está associada (ver nota 226). Esse parece ser o princípio da entrada no mundo da comunicação. O desenvolvimento da linguagem parte dessa base, sempre seguindo o caminho da identificação.

(3) Freud fala em dois tipos de laços psicológicos: a 'escolha de objeto propriamente dita' (a qual manifesta-se no impulso em direção a *ter o objeto*) e a 'identificação' (traduzida pelo *ser como o objeto*). Essa dualidade de expressões é nítida no quadro que é típico da situação edipiana (ver nota 227).

(4) Os primeiros objetos-outros significativos são, assim, "objetos transformacionais" (no sentido que Christopher Bollas dá a essa expressão) na medida em que modificam profundamente as experiências do sujeito que está passando pelo intenso processo inicial de complexificação da vida psíquica (ver nota 97).

(5) Na verdade, a assimilação da linguagem não só resulta da prévia relação erótica com o objeto como, além disso, é realizada, em grande parte, com a própria energia (libido) que unia o sujeito àquele objeto. Em termos mais precisos, essa energia é utilizada na alteração do eu subjacente à identificação com o objeto, e dessa identificação resulta a aquisição da linguagem. Uma das conseqüências desse processo é que há um avanço na

Estabelece-se no aparelho psíquico, dessa forma, os elementos fundamentais para que se iniciem os processos psíquicos com *qualidade pré-consciente*, isto é, cria-se um universo de representações-palavra (significantes/significados), suas regras de articulação, e suas associações com as representações-coisa. A associação a palavras – ou seja, a massas sonoras significativas, definidas e reproduzíveis por descargas motoras precisas, perceptíveis por Pcp. – permite a transformação de processos psíquicos basicamente inconscientes em processos acessíveis à consciência. Todo esse conjunto de extraordinárias transformações implica em amplas e importantíssimas reorganizações do eu-estrutura-operante o qual simultaneamente as promove, em retroalimentação, em virtude dos ganhos e benefícios que trazem para a evitação do desprazer e para a instrumentalização do acesso ao prazer que, afinal, são os grandes alvos que nunca deixam de ser perseguidos.

O contínuo desenvolvimento da linguagem faz com que se firme a mudança do entendimento da criança a respeito do outro. A noção de que o objeto total é sujeito de vida psíquica emerge de uma projeção que efetivamente só vai encontrar elementos comprobatórios irrefutáveis quando a criança adquire a compreensão intuitiva do que é a linguagem. Porque a massa sonora que por ela é emitida está associada a, e até mesmo constitui uma percepção ou uma representação dada, a criança acaba por adquirir a certeza de que o objeto que usa a mesma expressão *experimenta* o mesmo que ela e, portanto, *também é sujeito de uma vida psíquica*<sup>(1)</sup>. O outrora opaco objeto total, tela inicial da vida

---

dessexualização daquela relação original. Segue-se, assim, um caminho cujas características mais gerais foram descritas por Freud em "O Eu e o Isso" (ver nota 228).

(1) Em associação a essa questão pode ser lembrado que numa nota acrescentada ao artigo a respeito do "aparelho de influenciar" Tausk relata que na reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena em que se discutiu seu artigo Freud introduziu uma importante observação a respeito do aprendizado da palavra. Escreve Tausk: "Durante o debate sobre este trabalho na Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud sublinhou que a crença da criança, tal como exponho – que os outros conhecem seus pensamentos – tem origem sobretudo no aprendizado da palavra.

afetiva, converte-se, assim, na compreensão da criança, em sujeito de complexo e de certa forma imperscrutável mundo experiencial<sup>(1)</sup>. A confirmação definitiva disso virá mais tarde, de maneira dramática, no momento em que a criança descobre a possibilidade de *esconder* o que é vivido, ou seja, a possibilidade do *engano*, do *segredo* e da *mentira*<sup>(2)</sup>.

Vê-se, assim, que a fala promove duas operações aparentemente opostas. Através dela há, de um lado, uma aproximação de sujeitos, o que quer dizer que com o falar cada um deles adquire sobre outros uma parcela de poder. Por outro lado, entrando no mundo da comunicação a criança descobre a existência do mundo interior, daquilo que fica preservado para si mesma, experiências que de fato nunca serão inteiramente conhecidas pelo outro de quem ela percebe-se, então, separada de forma radical. Em outras palavras, quando Eros opera e cria a linguagem constituem-se *objetos-sujeitos* capazes de comunicação e, ao mesmo tempo, capazes de se reconhecerem em suas singularidades até certo ponto independentes e para sempre indevassáveis.

O reconhecimento da realidade e da independência do outro implica, no entanto, no esfacelamento da onipotência<sup>(3)</sup>. Isso sempre provoca, logo de início, a ativação das pulsões destrutivas que, com

---

Pois a criança, com a linguagem, recebe os pensamentos dos outros, e sua crença em que os outros conhecem seus pensamentos parece fundada em fatos assim como o sentimento de que os outros lhe 'fizeram' a palavra e com ela os pensamentos." (Tausk, 1919 [1990; 55]).

(1) André Green lida com uma idéia semelhante ao afirmar que tanto a criança quanto seu objeto têm um "dentro" e um "fora" próprios o que fica patente em virtude da constatação da associação entre a representação interna da palavra, ligada à representação da coisa, e a palavra própria, externa (ver: Green, 1983b [1995; 132/133]).

(2) O valor das primeiras mentiras no desenvolvimento da vida psíquica é claramente indicado por Tausk: "Conhecemos o estágio durante o qual a criança pensa que os outros conhecem os seus pensamentos. Os pais sabem tudo, mesmo o que há de mais secreto, e isto até que a criança tenha sucesso em sua primeira mentira. Mais tarde, esta idéia reaparece, às vezes em seguida a um sentimento de culpa, quando a criança é pega em flagrante delito de mentira. A luta pelo direito de possuir segredos apesar dos pais é um dos mais fortes fatores de formação do ego, de delimitação e realização de um vontade própria." (Tausk, 1919; [1990:54]).

(3) Um elemento fundamental no reconhecimento, por parte do sujeito, da realidade e independência do outro é o entendimento que para o outro é significativo alguém mais, além do próprio sujeito. A esse terceiro elemento André Green chama de "outro do objeto" criando, assim, um termo que facilita a teorização da "triangulação generalizada com terceiro substituível" (rever nota 127).

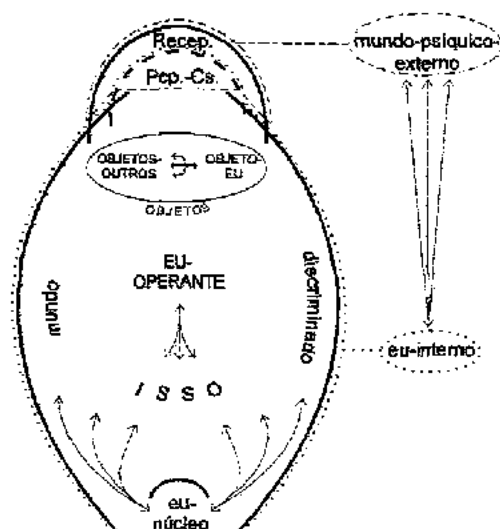
mais ou menos facilidade, acabam por desfazer a discriminação entre o objeto-eu e o objeto-outro tão lentamente construída. Quando isso se dá ocorrem identificações projetivas e introjetivas maciças, geralmente acompanhadas de intensos desdobramentos emotivos e afetivos. Em tais circunstâncias as representações referidas ao objeto-eu e ao objeto-outro se misturam.

O persistente trabalho das pulsões de vida usualmente consegue dar consistência tanto às representações do objeto-eu e do objeto-outro quanto às distinções que as separam mas nos desdobramentos desfavoráveis esse trabalho não é bem sucedido, seguindo-se, como conseqüência, a emergência de formações delirantes em que o objeto-eu e o objeto-outro já não são claramente reconhecíveis em suas diferenças e em suas peculiaridades próprias.

Esse é o momento oportuno de introduzir uma hipótese de natureza topográfica que pode ser apreendida dos textos de Freud e que pode se tornar útil, em seguida, no desdobramento da linha de raciocínio que aqui está sendo desenvolvida. Como se sabe, as representações-palavra que se ligam aos objetos totais, e a eles dão consistência e estabilidade na vida psíquica, são o fundamento dos *processos pré-conscientes* os quais se dão numa região do aparelho psíquico *entre* Pcp. e o eu-estrutura-operante, como indica explicitamente o esquema de Freud de 1932. Pode-se, portanto, situar a região de representação dos objetos de investimento (o objeto-eu, o objeto-outro e o mundo representacional de modo geral<sup>(1)</sup>) na área reservada à ocorrência dos processos pré-conscientes<sup>(2)</sup>. Isso pode ser expresso graficamente da seguinte maneira:

<sup>(1)</sup> Incorpora-se aqui, portanto, a fértil noção de mundo representacional<sup>17</sup>, proposta por Sandler e Rosenblatt em 1962.

<sup>(2)</sup> O aspecto específico que aqui está sendo elaborado introduz uma perspectiva tópica diferente tanto da que primeiro foi proposta por Freud, em termos de sistema Inc. e sistema Prec.-Cc., quanto da que foi por ele elaborada mais tarde, em torno das noções básicas de eu e isso. Na verdade, o presente segmento de teorização



(Figura 4 – EU-OBJETO / OBJETO-OUTRO)

Nesse ponto pode ser dito que já emerge com nitidez uma outra distinção eu//não-eu dentro do universo teórico freudiano<sup>(1)</sup>. Além das distinções eu//não-eu anteriormente examinadas, ou seja, a distinção eu-núcleo/mundo-discriminado, estudada na seção inicial, e as distinções eu-interno/mundo-psíquico-externo e eu-operante/isso, examinadas na seção seguinte, o *objeto-eu* e o *objeto-outro* são agora nitidamente reconhecíveis como pólos opostos dos investimentos afetivos<sup>(2)</sup>. Essa distinção é paralela às transformações que o eu-estrutura-operante sofre como consequência tanto do incessante trabalho das pulsões de vida que procuram promover a neutralização

---

tem a ver com o que André Green denomina de “terceira tópica” referindo-se às noções de “soi” e “objet” as quais certamente estão muito próximas do que aqui foi concebido como objeto-eu e objeto-outro (ver nota 121).

<sup>(1)</sup> Reconhecendo que Freud trata o eu de diferentes formas, Laplanche diz que a partir da noção de eu usada na vida quotidiana foi derivada, metonimicamente, a noção de eu enquanto órgão especializado do aparelho psíquico (“instância-psíquica”), e foi derivada, metaforicamente, a noção de eu enquanto projeção da superfície corporal (“indivíduo-vivo”). Para Laplanche, em primeiro plano deve ser colocada a concepção metafórica, na qual o eu é tomado como objeto libidinal (ver nota 137).

<sup>(2)</sup> Dentro desse pequeno universo de noções, a discriminação entre o eu-operante e o *objeto-eu* é nítida e também pode ser examinada em seus detalhes. O *objeto-eu* faz parte do mundo representacional e, diferentemente do eu-operante, nunca é agente ele mesmo. Essa análise concorda de perto com a de Sandler e Rosenblatt (ver nota 63) os quais apontaram uma diferença entre a “identificação” e a “introjeção” muito interessante e facilmente compreensível a partir da consideração daquelas duas noções, ou seja, a de eu-operante e de *objeto-eu*. A identificação seria a modificação da representação-“self” (objeto-eu) a partir da representação de um outro objeto, enquanto que a introjeção seria a estruturação ou a modificação de um agente ativo no psiquismo (eu-operante) (ver páginas 47/48 acima).

das pulsões de destruição indutoras de separações, quanto da interação com configurações da realidade que se impõem através de Pcp.. Cabe dizer, finalmente, que a constituição dos pólos "objeto-eu" e "objeto-outro" determina uma oscilação dos investimentos que vão se manifestar ora como *libido de eu*, ora como *libido de objeto*<sup>(1)</sup>.<sup>229</sup>

A reflexão sobre as quatro formas de oscilação da quantidade já examinadas mostra a curiosa correspondência que existe entre elas e os três aspectos propriamente psíquicos da pulsão. De fato, a oscilação da quantidade entre o eu-núcleo e a área do mundo-discriminado diz respeito ao nível da pressão pulsional (Drang). A oscilação entre o eu-interno e o mundo-psíquico-externo refere-se aos espaços que o objeto (Objekt) pode ocupar no aparelho psíquico. A oscilação entre o regime do eu-estrutura-operante e o regime do isso diz respeito às formas (processo psíquico primário e processo psíquico secundário) de se atingir os alvos pulsionais (Ziel). Por fim, a oscilação entre o investimento do objeto-eu e o investimento do objeto-outro refere-se, naturalmente à questão das classes de objetos investidos pela pulsão (Objekt).

---

(1) No amor (mas não só nele – também no ódio, e em muitas outras formas de configuração afetiva) há uma constante oscilação do investimento entre o eu (objeto-eu) e o objeto (objeto-outro). Em alguns casos extremos de amor, ou seja, naqueles em que chega a haver um grande esvaziamento libidinal do eu, exatamente nesses casos pode-se falar em "paixão", ou em "estado de enamoramento" como diz Freud (ver nota 229).



### 3.4— Migração e metamorfose

Nas seções anteriores foram apresentadas quatro formas de distinção eu//não-eu a que Freud se refere em seus textos. Concomitantemente foi indicada a articulação que as liga. É no entanto reconhecível, no pensamento de Freud, uma quinta forma de distinção eu//não-eu à qual, até esse momento, ainda não foi feita nenhuma referência explícita. Trata-se, na verdade, de um tipo de polaridade eu//não-eu que decorre, naturalmente, e sem necessidade de nenhum grande acréscimo teórico para seu entendimento, do que já foi apresentado em relação às distinções anteriores. Para fazer a introdução a essa quinta distinção basta agregar uma única idéia à reunião de alguns elementos já estudados e vê-los, agora, a partir de uma perspectiva nova.

Tanto o objeto-eu quanto o objeto-outro são objetos das pulsões ou, mais precisamente, objetos de investimento da corrente afetiva das pulsões. No entanto, como é sabido, não é correto dizer que as pulsões “amam” e que as pulsões “odeiam”. As moções da corrente afetiva das pulsões supõem um “eu-total” (“Gesamt-Ich”. [Freud, 1915a: Stud. III; 99] St. Ed. XIV; 137] ESB. XIV; 159]) e um *sujeito* do amor ou do ódio. Quando se fala em afeto dirigido ou para o objeto-eu ou para o objeto-outro considera-se, portanto, a existência de um lugar psíquico no qual se dá esse afeto. Ora, o que está em jogo é, sem dúvida, o eu-operante, ou ainda melhor, o *eu-operante e o isso quando trabalham em uníssono, formando uma unidade*. Esse é o verdadeiro sujeito metapsicológico do afeto que é dirigido aos objetos, quer se trate do objeto-eu, quer se trate do objeto-outro<sup>(1)</sup>. Esse “*eu-sujeito*” das moções

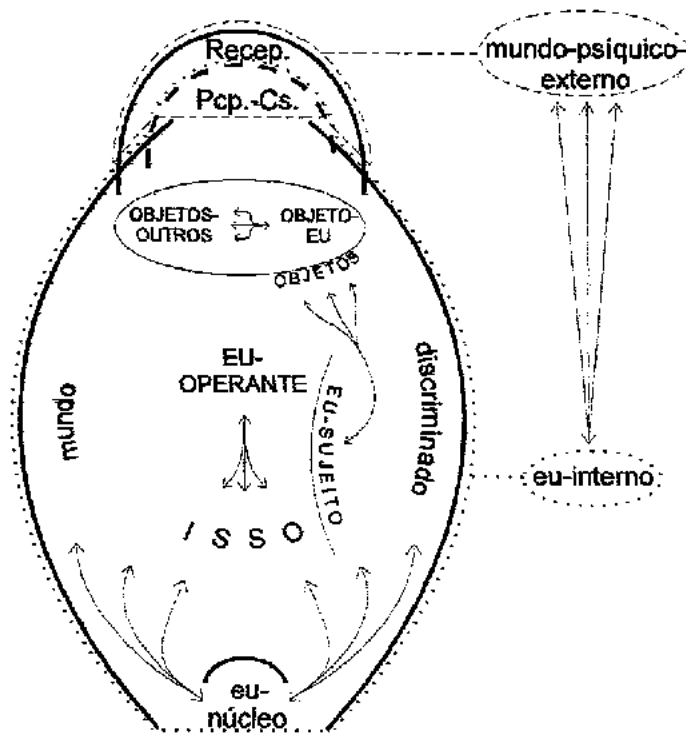
---

<sup>(1)</sup> Lembrando o que Freud mesmo propôs, Paul- Laurent Assoun aponta, numa feliz imagem, o duplo caráter do eu: “Nous savons en effet que ‘le Moi’ est ce Janus bifrons qui comporte un ‘visage sujet’ et un ‘visage objet’ en quelque sorte.” (Assoun, 1993; 254).

afetivas não é, assim, uma nova estrutura do aparelho psíquico. Deve ser reafirmado que se trata daquele mesmo eu-operante—isso que já foi estudado. A diferença de denominação, “eu-operante—isso” ou “eu-sujeito”, não significa a existência de dois elementos distintos no aparelho psíquico mas apenas um elemento visto no contexto de dois diferentes temas de estudo — quando a questão em foco é a *alternativa entre a coerência e a dispersão dos processos psíquicos* fala-se em “eu-estrutura-operante” e em “isso”; quando a questão é o *investimento afetivo* fala-se em “eu-sujeito do investimento” e “objeto do investimento” o qual, por sua vez, pode ser ou o objeto-eu ou o objeto-outro<sup>(1)</sup>. Como o *eu-sujeito* e a *unidade formada pelo eu-operante e pelo isso* são um só e mesmo elemento no aparelho psíquico, o esquema apresentado no final do capítulo anterior pode ser reproduzido aqui, agora com a inclusão da referência ao eu-sujeito, que lá estava faltando:

---

<sup>(1)</sup> Jacobson procura articular as teorizações estruturais e as teorizações referentes ao mundo representacional. Nesse sentido ela dá destaque, em determinada ocasião, a noção de “estado de eu” (“ego state”) que de fato é proposta por Sandler e outros como “estado de ‘self’” (“self-state”) (rever página 49 acima). Parece, no entanto, que a análise do “estado de eu” poderia ser mais precisa se ao lado do agente ativo (eu-operante) e do “self” (objeto-eu) também fosse levado em consideração o *eu-sujeito* que aqui está sendo indicado e que já havia sido estudado, de certa maneira, por Federn ao se referir ao “sentimento de eu” (“Icherlebnis”).



(Figura 5 – EU-SUJEITO / OBJETO)

Esse quinto tipo de distinção eu//não-eu ganha sentido e relevância teórica quando é introduzida a noção de “*acento psíquico*” (“*psychischen Akzent*” [Freud, 1917: Stud. IV; 280] St. Ed. XXI; 164] ESB. XXI; 192]). Essa importante peça teórica foi proposta por Freud para tornar compreensível marcantes mudanças vivenciais que se dão dentro de uma mesma relação. No contexto do que aqui está sendo estudado, dentro de uma relação afetiva, por exemplo, o acento psíquico pode, num determinado momento, estar recaindo sobre o *objeto*. Num caso extremo tal objeto pode dominar todo o campo psíquico e chegar a fascinar ou mesmo hipnotizar o sujeito que, nessa circunstância, se apaga completamente. Noutro momento o acento psíquico pode se deslocar para o sujeito. Nesse caso é o *tipo de vivência* que o sujeito

está experimentando que vai ganhar relevância<sup>(1)</sup>. Tratando-se do *enamoramento*, por exemplo, quando o acento recai sobre o objeto, o que domina é tudo aquilo que marca e caracteriza tal objeto; quando, no mesmo enamoramento, o acento recai sobre o sujeito, o que domina é a experiência de amar que está sendo vivida por tal sujeito<sup>(2)</sup>.<sup>230</sup> Há aí, portanto, uma outra forma de oscilação das características da satisfação pulsional. Numa fase domina a *experiência* ("Erebnis" [Freud, 1928; St. Ed. XXI; 168] ESB. XXI; 197) relativa ao alcance do *alvo* pulsional – trata-se, nesse caso, da incidência do acento psíquico sobre o *eu-sujeito*<sup>(3)</sup>. Na outra fase o domínio é conquistado pela ligação ao *objeto* e nela o acento psíquico naturalmente se desloca para a *representação* do objeto que está em jogo naquela específica situação.

O estudo dessa distinção eu//não-eu mostra-se esclarecedora de alguns aspectos dos processos psicopatológicos. Na melancolia, por exemplo, não só está em jogo uma imobilização da libido, analisável em relação à polaridade objeto-eu//objeto-outro (ou seja, ao quarto tipo de distinção eu//não-eu), como também ocorre uma viscosidade da libido, que não flui e não permite, com facilidade, a troca de acento do *pólo objeto* para o *pólo sujeito* da experiência (dentro do

(1) Na "solidão sem palavras e sem imagens" que marca nosso "self verdadeiro", estamos essencialmente sozinhos, diz Bollas (rever nota 94). Têm-se aí, nesse estado de solidão e "self" verdadeiro, um exemplo privilegiado de uma experiência em que há o completo apagamento do objeto, fazendo-se o investimento psíquico, em sua totalidade, em relação ao "eu-sujeito".

(2) Num dos segmentos de seu artigo "Subjetividade moderna e o campo da psicanálise", Benilton Bezerra lembra as distinções que Vernant aponta entre as noções de "indivíduo", "sujeito" e "eu". Não igual, mas próximo do que ali foi indicado como a "experiência de eu", o que aqui está sendo referido como *eu-sujeito* tem a ver com a "consciência de si", com a consciência do que se passa na "interioridade" e que, no estudo de Bezerra, só teria se constituído, no curso da história, por volta dos séculos III e IV D.C. (ver nota 230).

(3) Em relação a essa questão, Federn desenvolve considerações com alguns pontos de contato com o que está sendo construído aqui, embora o faça dentro de um quadro conceitual certamente bastante diferente do presente. Escreve ele: "Que o traço cardinal da 'experiência do eu' (Icherlebnis) não é o pensamento ou o conhecimento mas a sensação, isso foi primeiro notado em casos de distúrbios patológicos no sentimento de eu. ...

"O sentimento de eu, então, é a totalidade do sentimento que se tem de si mesmo enquanto pessoa que está vivendo. É a experiência residual que persiste depois da subtração de todos os conteúdos ideacionais – um estado que na prática, ocorre somente durante um tempo muito curto. ...

"O sentimento de eu, portanto, é o mais simples e, apesar disso, o mais abrangente estado psíquico que é produzido na personalidade em razão do fato de sua própria existência, mesmo na ausência de estímulos externos ou internos." (Federn, 1932 [1952; 62/63]).

quinto tipo de distinção eu//não-eu). Frequentemente é isso que dificulta, para o melancólico, o processo de situar a relação com tal objeto dentro da história de suas experiências, circunscrevê-la, e dela conseguir se desvencilhar quando, na separação, desenvolvem-se sofrimentos excessivos.

O poder que a concepção da polaridade "eu-sujeito//objeto" tem de fazer entender vários quadros psíquicos não permite que tal tipo de distinção eu//não-eu deixe de ser mencionada aqui embora não haja necessidade de se desenvolver um capítulo especial para seu estudo posto que, como já foi dito, os elementos dessa dualidade já foram delimitados nas seções anteriores<sup>(1)</sup>. Há, no entanto, nos textos de Freud, um sexto e último tipo de distinção eu//não-eu que para ser introduzido exige a referência a uma rica rede de noções. O que se segue é a apresentação dessa última forma de distinção eu//não-eu através da indicação de alguns aspectos do processo de sua emergência no curso da complexificação da vida psíquica.

Como foi visto na última seção, o investimento pulsional afetivo pode se dar em direção ao próprio eu ou em direção ao outro. Aprofundando essa investigação pode-se notar que a inserção social leva ao investimento afetivo não de apenas um objeto-outro mas, na verdade, de um grupo deles, ou melhor, de um pequeno círculo de objetos-outros significativos. O caso de uma criança se desenvolver em

(1) Muitas vezes a distinção entre *eu-sujeito* (aquele que experimenta a moção afetiva) e *objeto-eu* (um tipo particular de objeto da corrente afetiva) não é claramente reconhecida nos textos psicanalíticos. Hartmann, por exemplo, confunde essas duas noções. Isso o faz supor que, no narcisismo, do *eu-operante* (o eu como "sistema psíquico", nos termos dos quais faz uso) distingue-se apenas o *eu-objeto* (ao qual se aplicaria a denominação "self-representation", tal como usada por ele [rever a nota 53]) e não também o *eu-sujeito*, conceito que aqui está sendo explicitado, e que é mais próximo daquilo que foi tratado por Federn em termos de "Icherlebnis (como foi indicado numa das últimas notas de pé de página incluídas acima). Da mesma forma, embora Jacobson também não tenha atinado com a razão de discriminar a "experiência do eu" dos "componentes conceituais da representação do self", tal como Federn o faz (rever nota 59), o raciocínio que aqui está sendo desenvolvido claramente indica o sentido e o valor de tal distinção.

contato exclusivo com apenas um adulto seria absolutamente extraordinário e, por falta de casos de observação, é difícil avaliar precisamente as conseqüências psíquicas dessa restrição em suas relações.

No grupo de objetos-outros significativos há desde logo uma diferenciação nítida. Dentre todos, com um particular objeto-outro faz-se um laço afetivo especialmente forte. Essa primeira relação será a matriz para a constituição da identificação primária do objeto-eu que está surgindo. Geralmente a mãe biológica ocupa o lugar desse primeiro objeto-outro, matriz das identificações primárias mas, mesmo quando ela está presente, tal função pode ser desempenhada pelo pai ou por outra pessoa, sempre aquela que é especialmente significativa para a criança. De qualquer maneira, a *identificação* com o *objeto-outro* é uma forma bastante primitiva de laço afetivo.

É importante ver que, em contraste com essa forma de laço afetivo, simultaneamente, ou mesmo um pouco antes, surge uma outra forma de investimento<sup>(1)</sup>.<sup>231</sup> Embora a genitalidade adulta ainda esteja muito distante, as manifestações iniciais da realidade genital infantil determinam o surgimento de uma ligação com o outro na qual está presente, ao lado do impulso no sentido de "ser como o outro", marca característica do laço de identificação, o impulso no sentido de "ter o

(1) Como já foi lembrado, Freud cita dois tipos de laço ou ligação psicológica: o de *identificação* e o de *investimento de objeto sexual direto*. Talvez porque em "O Eu e o Isso" ele afirmara que a identificação "direta e imediata" é anterior a qualquer investimento de objeto (ver nota 231), Strachey tenha sido levado a erradamente traduzir o termo "vorher", no segundo parágrafo do capítulo VII de "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", colocando, em inglês, "later", ao invés de "earlier", na frase em que Freud situa a escolha de objeto como um processo que, de fato, foi avaliado por Freud, nesse texto, como *simultâneo* ou *anterior* ao da identificação (rever nota 227). Inegavelmente há uma clara contradição nos textos de Freud. No entanto, a dificuldade que daí surge talvez seja aparente e se resolva satisfatoriamente se for levado em consideração, como foi exposto mais acima nessa tese, que a relação afetiva com o *objeto total* de fato só se forma *lenta e paulatinamente*, e que a identificação se constitui *durante* esse processo o qual pode, portanto, ser visto tanto como anterior quanto como posterior a ele. Deve ser notado, além disso, que aquela identificação tratada por Freud em "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" é a *identificação secundária*, forma de identificação que realmente só ocorre depois de ter sido feita a primeira escolha de objeto.

outro"<sup>(1)</sup>.<sup>232, 233</sup> Também aqui podem ocorrer variações mas o mais usual é que o primeiro objeto-outro desejado venha a ser a mãe biológica em virtude dela conter, em si mesma, objetos-locais-aí que foram visadas pelas pulsões parciais primitivas<sup>(2)</sup>.<sup>234</sup> Na verdade, tanto o laço de identificação quanto o de investimento de objeto incidem sobre mais que uma pessoa. Nesse sentido, o desejo de ter a mãe para si e o desejo de ser como ela coexistirão, lado a lado. Fato semelhante se dá na relação com o pai.

Na medida em que o processo de complexificação psíquica se desdobra, e o conhecimento do mundo se amplia, a separação entre os objetos que possuem pênis e os que não o possuem ganha relevância. Os laços afetivos diferenciam-se, na direção do pai e da mãe, com mais e mais nitidez. Ora, em virtude da maturação das fontes das pulsões fálicas, em pouco tempo as cargas libidinais associadas às relações de identificação e de investimento de objeto tornam-se muito intensas e dá-se, então, a inevitável precipitação dos fortíssimos conflitos que caracterizam o complexo de Édipo e o complexo de castração, logo transformados em conteúdos vivenciais angustiantes. No menino, a intensificação dos desejos incestuosos característicos do complexo de Édipo leva ao medo da castração enquanto que, na menina, a frustração de se ver sem pênis e de se sentir incapacitada, por isso, de concorrer com os irmãos homens pela preferência da mãe, levam da sensação de castração à constituição de um desejo edípico de ter o pai, e dele conseguir um filho que equivalha ao pênis que o destino não lhe deu. Além disso, no contexto do complexo de Édipo completo o

(1) A diferença entre os impulsos de "ser" (como o outro) e os impulsos de "ter" (o outro) foi explicitamente indicada por Freud, referindo-se especificamente ao pai (ver nota 232). Joël Dor também escreve a respeito desses impulsos, indicando no entanto o *falo* como o objeto em questão (ver nota 233).

(2) Em relação ao processo de identificação, numa nota Freud afirma que é mais seguro entender que suas primeiras manifestações surgem em relação "aos pais", e não em relação ao pai, como poderia parecer à primeira vista (ver nota 234).

ódio que emerge da rivalidade com o objeto que simultaneamente é amado traz aflições intoleráveis. Com o correr do tempo a intensidade dos sentimentos gerados nessas situações torna-se mais e mais perturbadora. A entrada em cena das pulsões fálicas conduz o desdobramento da história psíquica para uma situação que, tanto no menino quanto na menina, parece portanto sem saída.

O amor possessivo por um dos pais acaba por instigar uma perigosa hostilidade em direção ao genitor do sexo oposto. Tal impulso gera angústia em virtude de uma soma de razões, ou seja, não só porque a criança nessa idade, devido à prematuração característica da espécie, ainda é completamente dependente dos pais, e a eles não "deveria", portanto, dirigir agressividade, como também porque tal hostilidade pode causar a retaliação castradora, ou a provocação da retração do amor, resultados naturalmente inaceitáveis do ponto de vista narcísico e libidinal.

Além disso, desencadeia-se, também nesse contexto, um processo sem precedentes na história psíquica. De um lado a intensidade das emoções em jogo e, de outro, a semelhança da configuração dinâmica das situações acabam por despertar na criança afetos e representações que de fato não são resultado de nada que ela tenha vivido em sua história pessoal, mas indicam conhecimentos que são semelhantes aos de natureza instintiva encontrados nos animais, e por isso herdados, e que se referem a situações cruciais e muitas vezes repetidas no início do surgimento da espécie<sup>(1)</sup> 235, 236 Na verdade é dessa fonte, isto é, da ativação dessas *memórias filogenéticas* de fatos vividos pelos primeiros antepassados da espécie, desses

---

(1) A afirmação da importância da *herança arcaica* é feita por Freud de maneira categórica (ver nota 235 e 236). Avanços científicos em andamento nas áreas da genética, das neurociências e da biologia talvez venham a dar razão a Freud, exigindo a modificação da atual rejeição dessa tese por parte de um bom número de pesquisadores em psicanálise.



conhecimentos instintivos (*"instinktiven Wissen"*) que ainda possuímos<sup>237</sup>, que surgem as representações da possibilidade da castração e da desvalorização radical dos que não têm pênis, e o conseqüente medo associado a elas<sup>(1)</sup>. Esse fator filogenético<sup>(2)</sup>,<sup>238</sup> intensifica extraordinariamente as tensões que já estavam sendo vividas pelo sujeito no contexto de suas relações de amor e de hostilidade filiais.

Há ainda uma outra determinação, que se acrescenta às anteriores, na formação das forças que tornam angustiantes os quadros dos complexos de Édipo e de castração. Quando se dá a unificação dos objetos-locais-aquí e dos objetos-locais-aí e surge o objeto-eu e o objeto-outro como telas para os investimentos libidinais, eles tornam-se, simultânea e imediatamente, objetos das pulsões destrutivas que automaticamente reagem, procurando desfazer o que as pulsões de vida edificam.

O ódio do sujeito a si mesmo como manifestação da pulsão de morte no contexto do complexo de Édipo e de castração é outro aspecto que não deve ser negligenciado ao se fazer o exame desses quadros da vida psíquica. Levar em conta a força motriz contida nesse ódio do sujeito a si mesmo é essencial na compreensão dos desdobramentos posteriores desse conturbado período. Da mesma maneira, o ódio despertado pela emergência dos objetos-outros, que de certa forma são responsáveis pelo eclipse dos objetos-locais que até então absorviam os investimentos das pulsões parciais, contribui com uma considerável parcela de energia para as transformações psíquicas

(1) Variadas concepções psicanalíticas presentemente dominantes como, por exemplo, a de Laplanche, rejeitam completamente o valor da noção de "fantasma originário filogeneticamente transmitido". Na verdade, tal noção torna-se compreensível (e justifica-se) através da noção de *conhecimentos instintivos*, adquiridos através da experiência da espécie, e não através do recurso à noção de "mito". Nesse sentido, a crítica de Laplanche ao generalizado uso da idéia de "mito" está coberta de razão (ver nota 151).

(2) Na direção oposta à tendência até hoje dominante no meio psicanalítico, mais e mais Freud reconheceu o valor do fator filogenético na vida psíquica. Se em 1918 procurava justificá-lo apoiando-se no noção de "instinto" (*"Instinkt"*), ao escrever "Moisés e o Monoteísmo" chega a inverter seu raciocínio e, então, explica o próprio instinto pela aprendizagem da espécie (ver nota 238).

que acabam, em pouco tempo, por transformar os complexos de Édipo e de castração nos quais tais objetos desempenham papéis fundamentais.

Todos os fatores que tornam insuportável o prolongamento da vigência dos complexos de Édipo e de castração naturalmente têm grande peso no movimento de modificação daqueles quadros vivenciais. Porém, talvez nenhum tenha a importância de uma última força, até agora não citada, ou seja, aquela que sob certo prisma representa, de forma direta, as exigências aparentemente insaciáveis das pulsões de vida.

Como já foi lembrado, no curso da complexificação da vida psíquica é preciso superar o império absoluto do narcisismo e abrir vias para o amor ao outro. Se isso não se der, o sujeito adoecerá. Em outras palavras, o narcisismo não chega a dar conta, como tela de aplicação, de toda a energia das pulsões de vida. Ora, a pulsão de vida também não consegue se apaziguar ao se restringir ao contexto do amor sexual. A relação concreta e pessoal com outros sujeitos não é suficiente para esgotar toda a energia que impele o psiquismo a fazer ligações. Na infância a impossibilidade da satisfação sexual completa acentua tal insuficiência. Mesmo depois de todas as ampliações da corrente sensual e da adição da corrente afetiva, o indivíduo acabará por adoecer se ficar restrito ao amor sexual. A observação demonstra a exigência do princípio de prazer/desprazer de que, ao lado do amor sexual, parte da pulsão seja dessexualizada e transformada em energia capaz de promover tanto a reunião de grupos maiores de indivíduos quanto a satisfação dos interesses da coletividade como um todo. Ao final, essa parece ser a força que incide sobre o sujeito durante a vigência das angústias que resultam dos complexos de Édipo e de castração e lhe aponta o caminho do acatamento das leis básicas da vida social

(interdição do incesto e do parricídio) como a única saída satisfatória possível para os conflitos que até então pareciam insolúveis<sup>1, 239</sup>.

De qualquer forma, o que deve ser ressaltado nesse ponto é que a angústia determinada pela instauração dos complexos de Édipo e de castração, situações de jogos de força dentro das quais não há esperança de encontro de posições satisfatórias, acaba por provocar uma radical e inesperada guinada no curso da história psíquica. O modo de dissolver, ou pelo menos de mitigar, os complexos de Édipo e de castração é fazer a internalização, não do adulto significativo com o qual o sujeito compete, mas da relação com os princípios que dominam e regulam as atitudes e a vida emocional dos próprios pais<sup>(2)</sup>. Fazer essa internalização quer dizer abrir um novo lugar na vida psíquica, lugar a ser ocupado não mais pela representação de um outro sujeito específico, seja qual for, mas pela *representação impessoal e abstrata dos interesses e valores coletivos*, uma representação do outro generalizado que se sobrepõe aos objetivos do eu e, nesse sentido,

(1) Paralelamente a isso, a formação do ideal de eu também vai permitir satisfações que o eu infantil não pode preservar indefinidamente (ver nota 239).

(2) Juntando sua voz a de muitos outros e outras psicanalistas, com razão Cláudia Garcia chama a atenção para a realidade da capacidade sublimatória das mulheres, que de nenhuma forma é menor que a dos homens, como erroneamente Freud tinha feito crer: "As mulheres contemporâneas expandiram sua capacidade sublimatória, como talvez Freud nunca tivesse imaginado possível, e assim deslocam, substituem o objetivo sexual da pulsão e inventam novos objetos de investimento libidinoso." (Garcia, 1997; 196). Ora, esse inegável dado da contemporaneidade exige uma reavaliação da equivocada argumentação teórica que levava a justificar o preconceito que desfavorecia as mulheres. Nesse sentido, parece muito acertada a indicação que Cláudia Garcia faz da importância da situação pré-edípica na construção do sobre-eu e do ideal de eu nas mulheres: "No entanto, se optarmos por seguir numa outra direção teórica, apenas apontada por Freud em 1931 e 1933, quando mais extensamente se dedicou à discussão sobre a sexualidade feminina, talvez a questão da construção do superego/ideal de ego feminino se apresente sob um novo ângulo. Essa outra direção teórica é aquela que enfatiza a função constituinte da relação pré-edípica mãe e filha – em oposição complementar à relação edípica pai e filha – e privilegia a análise do componente ideal de ego –, em oposição complementar ao componente consciência moral – do superego." (Garcia, 1993; 48). De fato, assim como, na saída do Édipo, a ameaça de castração faz com que no menino o sobre-eu se instale de forma completa, assim também no inevitável engano da castração que atinge a menina antes da entrada no Édipo, seu eu ideal da menina é profundamente abalado. É fácil ver que isso pode dar lugar à formação de fortes ideais de eu compensatórios, e à instalação igualmente completa do sobre-eu, com a diferença de que nela isso pode ocorrer, pelo menos no que diz respeito a alguns dos elementos condicionantes, num tempo ainda anterior ao que costumadamente marca o aparecimento do sobre-eu nos meninos. Essa linha de raciocínio merece ser extensamente investigada e cuidadosamente avaliada a partir dos dados que a clínica oferece.

mostra-se como estando acima do eu, como um verdadeiro “sobre-eu”<sup>(1)</sup>,  
 (2),<sup>240</sup> com o qual o eu passa a se relacionar a partir daí<sup>(3)</sup>. Com isso  
 constituem-se, como novos alvos dessexualizados das pulsões de vida,  
 tanto o atendimento do interesse da vida coletiva, quanto o  
 estabelecimento de uma convivência menos conflituada com o sobre-eu  
 internalizado<sup>(4)</sup>.<sup>241</sup> Em primeira instância esses alvos são bastante  
 amplos para absorver os excedentes de energia de Eros que fariam o  
 sujeito adoecer caso ficasse fechado no contexto dos conflitos de ordem  
 sexual. A internalização dos princípios e ideais coletivos dominantes na  
 vida dos próprios pais significa a formação de um “sobre-eu” impessoal  
 e uma parcial demolição, ou pelo menos forte mitigação, dos complexos  
 de Édipo e de castração. Já a internalização restrita aos idealizados pais  
 amados e odiados desse período da história infantil resultará, apenas,  
 em recalque dos anseios edípicos, e será um poderoso fator na criação  
 e no desenvolvimento de inibições, angústias e “inadequadas” defesas  
 na vida psíquica<sup>(5)</sup>.<sup>242</sup>

Mesmo quando se está examinando uma transformação brusca e inesperada, na maioria das vezes é possível descobrir na vida psíquica o laço que estabelece a continuidade entre o que está começando a surgir e o que recentemente vinha sendo vivido. Aqui, por exemplo, é possível apontar o elemento-chave que permite entender as

(1) Talvez valha a pena, pelo menos nesse contexto, contrariar o costume e a tradição da língua portuguesa e, seguindo a correta indicação de Jochen Kemper (Kemper, 1997: 111), traduzir “Überich” mais adequadamente, dando logo início à utilização da expressão “sobre-eu”. Essa decisão acompanha parcialmente a língua francesa, que emprega o termo “surmoi”, e abandona definitivamente o engano de compreensão introduzido pelo desnorteneante termo “superego”, regularmente usado na língua inglesa. De fato, o prefixo alemão “über” significa “sobre” e não “super”.

(2) No dizer de Freud, ao sobre-eu está ligada a *ética* (ver nota 240).

(3) Instala-se, então, uma relação interna, em muitas ocasiões conflituosa, que reproduz, pelo menos em parte, os conflitos originalmente vividos na relação com o mundo externo, como Ferenczi lembra muito oportunamente (ver nota 80).

(4) A abertura às possibilidades de teorização a respeito de relações psíquicas internas é parte integrante de inúmeras correntes de pensamento psicanalítico, e foi clara e frequentemente admitida pelo próprio Freud (ver nota 241).

(5) Freud tem o cuidado de acentuar a diferença que existe entre esses dois diferentes caminhos que a história psíquica individual pode tomar (ver nota 242).

impressionantes transformações que os complexos de Édipo e de castração tipicamente sofrem no curso da complexificação da vida psíquica. Como já foi visto anteriormente, quando a corrente afetiva das pulsões sexuais constitui o primeiro objeto de amor, a força que procura ligar o sujeito ao objeto-outro encontra na palavra um auxílio privilegiado. Nesse sentido, a linguagem é criação de Eros e o inverso do autismo<sup>(1)</sup>,<sup>243</sup> instigado pela pulsão de morte.

Além disso, através da palavra, que pode ser produzida e repetida a qualquer momento, o sujeito consegue manter consigo mesmo um traço do objeto, mesmo quando ele não está presente. A memória do objeto amado liga-se, assim, a um elemento material e concreto que não a deixa se perder e que permite ao sujeito retomá-la a qualquer momento. Mais ainda, a representação-palavra associa processos internos a massas sonoras significativas que são perceptíveis através de Pcp., o que os faz passíveis de se tornarem objeto do foco da atenção. Com a formação do instrumental da linguagem, que é a base dos processos pré-conscientes ou Prec., cria-se, na verdade, a possibilidade do sujeito tomar-se, em seus processos psíquicos, como objeto de observação.

Na verdade, está na novidade da vida psíquica aí implícita, ou seja, na possibilidade do psiquismo *dividir-se em dois conjuntos simultâneos de processos que se dão, ambos, sob a égide do regime de coerência*, o elemento que um pouco mais tarde será aproveitado no processo de encaminhamento de uma saída para as angústias geradas com a instalação dos complexos de Édipo e de castração. A formação dos processos pré-conscientes efetivamente prenuncia, prepara, e induz uma nova diferenciação no interior do eu-estrutura-operante, aquela

---

<sup>(1)</sup> Frances Tustin considera que no autismo os processos psíquicos são assimbólicos e que a fala está ausente ou restringe-se à ecolalia (ver nota 243).

que, justamente a partir de restos verbais ou acústicos significativos ("akust." [Freud, 1923: Stud. III; 293] St. Ed. XIX; 24] ESB. XIX; 38]) vai se desenvolver como *sobre-eu* ("Überich", "surmoi"). Pode-se por isso dizer, num sentido bastante preciso, que na raiz do sobre-eu, como sistema, existe a realidade verbal (e a linguagem).

Aberto o caminho da *diferenciação de sistemas no eu-operante*, torna-se então possível o extraordinário e surpreendente processo de interiorização da relação do sujeito com seus pais, ou melhor, com o outro impessoal dos quais os próprios pais tomam os valores e princípios na regulação de suas interações sociais e intersubjetivas. É a diferenciação do eu-operante, fenômeno metapsicológico preparado pela aquisição da linguagem, que permite, portanto, a dramática *migração* do sobre-eu dos pais para o interior do próprio sujeito e leva a vida psíquica ao início da radical *metamorfose* que poderá ser claramente observada a partir daí<sup>(1)</sup>.<sup>244</sup> Nesse momento de transformações decisivas inaugura-se um novo modo de funcionamento do aparelho psíquico e faz-se uma completa reinscrição das marcas lá gravadas

A criança começa por perceber, diretamente, que cada um dos pais se auto-observa, adota ideais e se autocritica e, através da identificação empática, ela acaba por entender, sem que tenha clara consciência disso, que nos pais dá-se algo equivalente a uma relação de instâncias psíquicas das quais uma é, na verdade, um outro impessoal que desempenha as funções de observação, crítica e imposição de ideais. Quando a criança tiver introjetado o sobre-eu dos pais, terá internalizado, portanto, uma relação que de início era exterior

<sup>(1)</sup> Na realidade, a própria transformação do relacionamento parental em sobre-eu já implica numa verdadeira metamorfose (ver nota 244).

a ela mesma<sup>(1)</sup>.<sup>245</sup> Como Freud muito bem entendeu, nos tempos pré-históricos esse outro estava de fato fora. Depois de morto, foi recuperado na formação inaugural da instância psíquica do sobre-eu em virtude tanto da culpa gerada pelo amor frustrado, quanto da necessidade de encontrar, através da ordem social determinada por essa instância, um substituto para a proteção que anteriormente era oferecida pelo próprio pai da horda<sup>(2)</sup>.

Retomando-se agora a questão que estava sendo estudada, pode-se dizer que na criança várias conseqüências são produzidas pela eclosão dos complexos de Édipo e de castração nos quais o amor se manifesta em termos de laços de identificação e de investimento libidinal de objeto. A princípio surge forte hostilidade agressiva contra ambos os genitores; depois a pulsão de morte se expressa em termos de ódio dirigido ao próprio eu e, finalmente; são despertadas memórias filogenéticas que tinham permanecido preservadas em "rastros do herdado" ("Spuren des Ererbten" [Freud, 1918(1914): Stud. VIII; 230] St. Ed. XVII; 121| ESB. XVII; 150]), e que se referem a configurações intersubjetivas semelhantes às que agora estão sendo vividas. O paradigma de diferenciação interna preparado no psiquismo por ocasião de sua auto-inserção no universo da linguagem agora vai sugerir o caminho para a solução dos conflitos que emergem no contexto dos complexos de Édipo e de castração ao oferecer, à pulsão de vida, a possibilidade de encontrar uma ampliação de satisfação através da abertura do horizonte para a ligação pulsional dessexualizada à realidade social. A introjeção do outro generalizado, e do princípio regulador da vida social que age no interior dos próprios pais, é feita

<sup>(1)</sup> Nas palavras de Freud, para seu sobre-eu a criança toma como modelo não os pais, mas o sobre-eu dos pais (ver nota 245).

<sup>(2)</sup> Ao invés de ser entendida como *mito*, toda a história elaborada por Freud a respeito da horda primitiva (tendo seu clímax no assassinato do pai) pode talvez ser compreendida como *metáfora* do processo evolutivo que de fato ocorreu, fazendo o "homo sapiens" surgir dos hominídeos mais próximos.

através de uma diferenciação de parte do eu-estrutura-operante, ou seja, dos processos psíquicos que se dão sob o regime de coerência<sup>(1)</sup>.

<sup>246</sup> A identificação dessa parte diferenciada com o outro generalizado e impessoal presente na vida psíquica dos pais forma o sobre-eu. Estabelece-se por esse caminho a internalização de uma relação intrapsíquica preexistente nos pais<sup>(2)</sup>.<sup>247</sup>

As marcas características da relação com os pais aparecem, agora, repetidas na relação interna do eu-operante com o sobre-eu. A observação vigilante dos pais *migra* para o interior do sujeito e tem continuidade na observação exercida pelo sobre-eu. As duas formas de laço libidinal que ligam a criança a seus pais, ou seja, os impulsos de ser como eles e o impulso de tê-los permitem, por sua vez, a atribuição ao sobre-eu de suas outras duas principais funções. *Desejar ser como o outro* é absorver dele, tomado como ideal, os ideais valorizados. É exatamente em virtude desse desejo que o sobre-eu pode assumir a função de indicação ou imposição do que são os ideais. Por outro lado, *desejar ter o outro* leva à necessidade de submissão ao julgamento desse outro, que pode aceitar ou rejeitar o sujeito. Está aí a via através da qual o sobre-eu adquire a função de crítica<sup>(3)</sup>.<sup>248</sup> Quando finalmente os processos de internalização se completam, os impulsos dirigidos aos pais perdem força e no sobre-eu são reencontradas as funções de *auto-observação*, de indicação de *ideais* e de *crítica (consciência)*.<sup>249</sup>

A observação clínica muitas vezes distingue com clareza quadros onde predominam os sentimentos de inferioridade e quadros

<sup>(1)</sup> Ao eu-operante, e ao sobre-eu como diferenciação dele, cabe a característica de *coerência*, já que ambos são *organizações* (ver nota 246).

<sup>(2)</sup> A partir da formação do sobre-eu há, portanto, na vida de todos os indivíduos, relações internas entre organizações psíquicas que podem estar mais ou menos diferenciadas entre si. Esse fato é explicitamente reconhecido por Freud ao tratar das relações entre o ideal de eu e o que ele chama, então, de "eu real" (ver nota 247).

<sup>(3)</sup> Vê-se que essas duas funções do sobre-eu, a função de ideal e a função de crítica, manifestam-se como partes constituintes do sobre-eu que consiste, como Freud claramente indica, em algum tipo de união de duas identificações (ver nota 248).



onde a ênfase recai sobre os sentimentos de culpa. No primeiro caso a função de ideal é mais atuante, enquanto que no outro é a função de crítica que ocupa o primeiro plano<sup>(1)</sup>.<sup>250</sup> Isso indica, paralelamente, a maior importância do laço de identificação no primeiro caso e, no outro, a maior relevância do desejo de ter o objeto.

Não só os impulsos incestuosos de ter o outro e de ser como ele escapam, através das transformações variadas, dos impasses impostos pelo complexo de Édipo e encontram, na formação do sobre-eu, novos escoadouros. A *competição*, as *invejas* e as *lutas contra sistemas de pensamento ou de valores alternativos*, forças que invariavelmente emergem na vida social, são claras herdeiras das hostilidades cruzadas que caracterizam o quadro edípico e que lá estavam imobilizadas. O ódio gerado pela pulsão de morte contra o eu unificado, aquele que surgiu das primeiras etapas da história infantil e deu início à dinâmica edípica, reaparece na agressividade punitiva do sobre-eu sádico contra o próprio sujeito. Da mesma forma, parte do desligamento dos pais, que é consecutiva à formação do sobre-eu e à dissolução do complexo de Édipo, deve-se a uma transformação do ódio que inicialmente era dirigido ao objeto unificado. Além disso, a reativação dos traços de memórias filogenéticas ("phylogenetische Erinnerungsspur" Freud, 1940a[1938]: Gesammelte Werke, XVII; 117n. | St. Ed. XXIII, 190 | ESB. XXIII, 218]) relativas ao pai da horda primitiva encontram na formação do sobre-eu um ponto de aplicação adequado e acabam sendo parcialmente responsáveis pela severidade, intratabilidade e rudeza dessa instância.

A crueldade do sobre-eu é as vezes tão marcante e dramática que pode acabar por encobrir alguns de seus outros

<sup>(1)</sup> A compreensão adotada aqui aproxima-se, mas na verdade é um pouco diferente da expressa por Laplanche, para quem os sentimentos de inferioridade estão ligados ao eu ideal, enquanto que a culpabilidade se associa ao ideal de eu (ver nota 250).

aspectos. Com isso é freqüente o estudioso da vida psíquica se iludir e concluir que essa instância é, na verdade, apenas um *perseguidor interno*. O exame da situação em que o sujeito se sente *orgulhoso* e é tomado de bem-estar depois de ter alcançado sucesso numa atividade valorizada socialmente mostra que o sobre-eu, esse outro introjetado que se sobrepõe ao eu, pode perfeitamente se aliar ao eu<sup>(1)</sup>.<sup>251</sup> O bem-estar experimentado nessa circunstância resulta da sobra de energia que é economizada e fica à disposição do eu-operante, não precisando ser despendida no apaziguamento da instância do sobre-eu. Mais revelador ainda é o estudo da experiência de *humor*. Diante de uma situação que realisticamente ameaça o sujeito, e exige do eu-operante esforços custosos e penosos, o brusco alívio produzido pela emergência do humor pode ser entendido como o resultado do inesperado deslocamento do acento psíquico ("psychischen Akzent") que, passando do eu para o sobre-eu, vai encontrar nesse substituto do pai poderoso da infância uma reavaliação da situação, e uma interpretação que minimiza seu caráter ameaçador<sup>(2)</sup>.<sup>252, 253</sup> O humor e o orgulho com uma vitória psíquica mostram, como exemplos, que o essencial do sobre-eu não está em seu caráter punitivo mas no fato de representar uma radical metamorfose na configuração da vida psíquica.

A partir da formação do sobre-eu a vida psíquica internaliza uma relação que tem como critério do que é relevante o que é valorizável do ponto de vista da vida social. Apenas nos casos em que não foram suficientemente ultrapassados: a) a situação edipiana de um modo geral; b) o falso julgamento de ser castrada que acossa as

<sup>(1)</sup> Tem-se aí uma riqueza de entendimento (ver nota 251) que merece ser estudada com especial atenção.

<sup>(2)</sup> Com o acento psíquico deslocado para o sobre-eu que, então, ganha ascendência e confere cores próprias à apreensão da realidade, desaparece o sentido de ameaça à qual o eu, ligado às questões de valorização narcísica e de autoconservação, é tão sensível. A economia de energia que daí deriva traduz-se em alívio e naquilo que é sentido como humor (ver nota 252). Como Freud diz, isso mostra que ainda há muito a aprender a respeito do sobre-eu (ver nota 253).

mulheres e; c) o medo de ser castrado que atemoriza os homens, é que se forma um sobre-eu no qual falta impessoalidade e generalização, e reaparece, com intensidade, as marcas singulares e específicas das relações com os pais concretos da infância. Esse é o caso em que ressurgem a ressexualização dos ataques sádicos do sobre-eu em articulação com o sofrimento masoquista do eu-operante<sup>(1)</sup>.<sup>254</sup> Fora desses casos, a teorização do sobre-eu aponta-o como aquele produto da fusão das pulsões de morte e de vida em que se consegue tanto um afastamento efetivo dos laços incestuosos com os pais concretos quanto a constituição de um laço social que permite, ao lado da preservação de uma área definida para a expansão da vida sexual, o estabelecimento das formas possíveis de interação social, ou seja, aquelas que se dão sob a égide do respeito e da cooperação (mesmo que mínimos) e sem o desenvolvimento de lutas fratricidas desabridas.

A constituição inata assim como o acervo de experiências e as condições pessoais de vida variam significativamente, de indivíduo para indivíduo. As condições mais vantajosas mostram, no entanto, que mesmo a saída dos conflitos edípicos por meio de sua relativa dissolução, e paralela constituição de um sobre-eu que insira o sujeito nas regulações da vida social na qual haja "colaboração" e "convivência pacífica", não é solução suficiente para a procura de uma balança favorável de experiências de prazer e de desprazer. Tal reorientação da vida psíquica de fato não é capaz de dar conta de toda a energia que continua exigindo algum outro uso para não se transformar de novo em tensão, não levar à ressexualização regressiva e, daí, à recriação de conflitos e sintomas. Nessas circunstâncias um último desdobramento psíquico pode ainda ocorrer. Trata-se da sublimação das pulsões,

---

<sup>(1)</sup> Além disso, ao "elucidar o significado de algumas palavras como 'sobre-eu', 'consciência', 'sentimento de culpa', 'necessidade de punição' e 'remorso'" (Freud, 1930[1929]: *St. Ed.* XXI, 136; *Esb.* XXI, 160), Freud mostra como o medo dos ataques do sobre-eu é também uma manifestação da pulsão masoquista (ver nota 254).

processo que passa a alimentar a atividade criadora de situações e produtos socialmente valorizados<sup>(1)</sup>.

As atividades que provocam mudanças, e reestruturam o que estava estabelecido, canalizam “produtivamente” as pulsões destrutivas<sup>(2)</sup>. Efetivamente, a pulsão de morte sempre desempenha um papel fundamental na criatividade. Os produtos que são valorizados socialmente expressam, por outro lado, os mais amplos movimentos de reunião que as pulsões de vida chegam a criar. Todas as produções que atendem aos interesses sociais e coletivos, a atividade política, a religião, a arte e a ciência são claras expressões dessa expansão sublimatória das pulsões.

O sobre-eu e os projetos sublimatórios traduzem os laços mais amplos que as pulsões constróem com o que não é eu. Merece atenção especial o fato de que neles há uma relevante transformação da perspectiva temporal. De fato, o sobre-eu e os projetos sublimatórios referem-se a um *tempo ideal*, sempre mais vasto que o presente concreto no qual o sujeito está imerso. Essa ampliação do horizonte temporal, novo cenário no qual o sobre-eu e os projetos sublimatórios se inserem, supõe e, mais que isso, exige considerável capacidade de ligação de grandes parcelas de energia psíquica. Ora, tal ligação não pode ser sustentada indefinidamente a não ser ao custo do aumento de tensão e do surgimento de angústia<sup>(3)</sup>.<sup>255</sup> Na verdade o psiquismo não

<sup>(1)</sup> Aqui cabe reproduzir a citação, feita por Freud no texto de introdução ao narcisismo, de alguns versos de Heine a respeito do valor da atividade criativa (de Deus) para a cura:

“[Imagina-se Deus dizendo: ‘A doença foi sem dúvida a causa final de todo anseio de criação. Criando, pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável.’ *Neue Gedichte*, ‘Schöpfungslieder VII’]” (Freud, 1914b: ESB, XIV: 102| St. Ed. XIV: 85).

<sup>(2)</sup> Numa carta a Marie Bonaparte, citada por Jones, Freud escrevem: “Todas las actividades que reestructuran algo o que producen cambios son en cierta medida destructivas y realizan una desviación del instinto original de destrucción.” (Freud, 1937c; 479).

<sup>(3)</sup> Num artigo a respeito da sublimação e cultura de consumo, entre outras idéias Cláudia Garcia defende uma perspectiva que vai na mesma direção do que aqui está sendo exposto. Diz ela que talvez esteja na extrapolação da produção sublimatória, no *excesso sublimatório*, a chave para o entendimento do mal estar que é característico desse final de século ( ver nota 255).

consegue se manter voltado para a realização dos projetos sublimatórios e para a satisfação dos ideais indicados pelo sobre-eu de forma permanente. Depois de algum tempo em que o psiquismo está num alto padrão de contenção das descargas imediatas, é exigência imperiosa das pulsões que haja algum desligamento. Quando isso é feito o sujeito pode ter a satisfação de experimentar *o que ele mesmo é, e o que está vivendo no momento*. Há, por assim dizer, um reinvestimento do que Freud chamou por vezes de “*eu atual*” ou “*eu real*” (“*aktuelle Ich*” ou “*wirkliche Ich*” [Freud, 1914b: Stud. III; 60, 62] St. Ed. XIV; 93-95] ESB. XIV; 111-112 e Freud, 1916-1917f[1915-1917]: Stud. I; 413] St. Ed. XVI; 429] ESB. XVI; 500)]<sup>(1)</sup>.<sup>256</sup> Depois desse necessário tempo de alívio pode-se seguir outro período de aplicação de energia no investimento de ideais e de projetos socialmente valorizados.

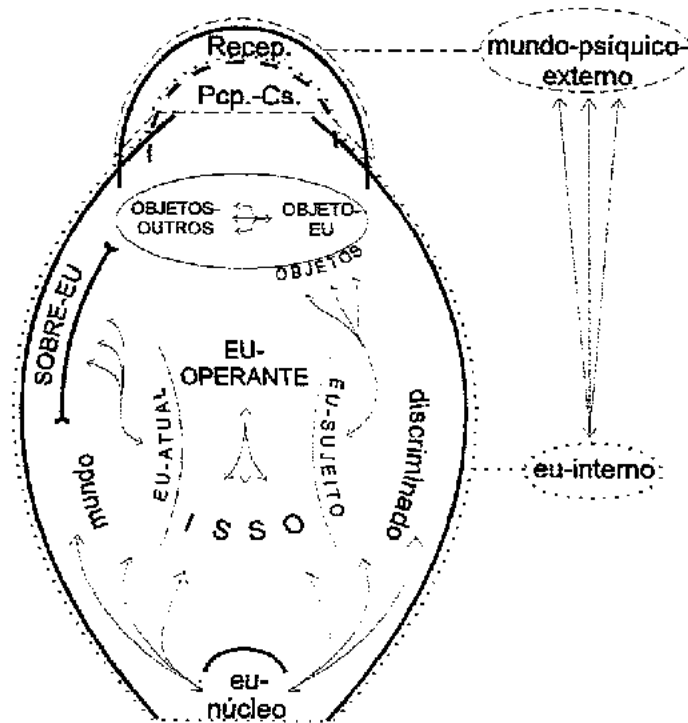
Indubitavelmente isso quer dizer uma outra forma de clara oscilação de energização de diferentes configurações psíquicas, isso é, *ora do sobre-eu e das estruturas sublimatórias, ora do eu-atual*. Em outras palavras, há aqui uma oscilação de padrões de satisfação pulsional que se associam a uma última forma de oposição eu//não-eu. Junto com as descritas anteriormente, a oposição eu-atual//sobre-eu (e projetos sublimatórios) deve ser reconhecida como parte do amplo quadro de distinções eu//não-eu que são encontráveis no pensamento freudiano<sup>(2)</sup>.

Por eu-atual não se está designando nenhuma nova estrutura ou instância localizável no aparelho psíquico. O eu-atual não é, na verdade, mais que a unidade do eu-operante e do isso quando

(1) Embora não tenha chegado a publicar o desenvolvimento dessa iluminadora idéia, é certo que Freud pensou num “teste de atualidade” (“*Aktualitätsprüfung*”), ligado ao aspecto temporal, e diferenciável do “teste de realidade” (“*Realitätsprüfung*”), posto que fez explícita referência a esse processo numa nota acrescentada ao texto “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos” (ver nota 256).

(2) A inclusão dos projetos sublimatórios junto com o sobre-eu no pólo oposto ao do eu-atual é resultado de um raciocínio semelhante ao de André Green para quem o próprio investimento pode se tornar “objeto”, tal como ocorreria, também no parecer de Green, no caso das sublimações, por exemplo (ver: Green, 1990b; 73).

operam harmoniosamente e quando essa unidade é vista no contexto das alternativas possíveis dos destinos pulsionais dentro do contexto da oscilação do acento psíquico que pode recair ou sobre esse mesmo eu-atual ou sobre os projetos sublimatórios e os imperativos do sobre-eu. O esquema abaixo representa o conjunto de todas as formas de distinções eu//não-eu que aqui foram examinadas:



(Figura 6 – EU ATUAL / SOBRE-EU [E PROJETOS SUBLIMATÓRIOS])

## 4 – PONTOS CONTROVERSOS

*“Nas grandes coisas não nos acordemos apressadamente”  
(Heráclito)*

Esse trabalho partiu da hipótese de que seria valioso estudar, no contexto dos escritos de Freud, uma das três polaridades que governam a vida anímica, ou seja, a polaridade “eu/não-eu” enunciada pelo próprio Freud em “Pulsões e destinos das pulsões”. O objetivo seria fazer o levantamento da diversidade de manifestações daquela polaridade e estabelecer os caminhos de suas articulações. O estudo optou por tomar a construção teórica de Freud como matéria básica porque partiu do julgamento que sua abrangência e consistência ainda a apontam como a melhor apresentação que se tem do objeto psicanalítico. Isso obviamente não quer dizer que se deva desconsiderar o restante da vastíssima produção teórica psicanalítica já produzida no curso desse século. Pelo contrário, no caso desse trabalho, por exemplo, foi só através do exame e da valorização de todas as extensões teóricas criadas pelo campo psicanalítico que o texto freudiano pôde ser relido, nele pôde ser encontrada a multiplicidade de

distinções “eu//não—eu” que lá está subjacente, e as articulações que as ligam puderam ser percebidas.

Como se dá em qualquer trabalho desse tipo, a construção aqui desenvolvida em muitos segmentos exigiu, para que fosse levada a cabo, tomadas de decisão diante de inúmeros caminhos teóricos alternativos. Como resultado disso chegou-se a posições que, em relação a outros corpos de teorização, apresentam colaborações, ampliações, convergências, aproximações ou diferenças e divergências. Esse capítulo é dedicado a situar, dentro do amplo campo teórico psicanalítico, algumas das opções mais importantes que foram feitas nesse trabalho, e a apontar as linhas de argumentação que as justificam. A leitura do que vem a seguir será facilitada se for entendido que a *ordem* dos tópicos apresentados simplesmente acompanha, de forma estrita, a construção do capítulo anterior, e não tem a intenção de fazer mais que discutir uma pequena parcela das opções teóricas ali realizadas.

\*

Algumas teorizações incluídas no campo psicanalítico procuram prescindir da noção de *quantidade* e de *energia psíquica*. Em relação a esse aspecto há, em tais construções, um nítido afastamento do pensamento freudiano. De fato, para Freud a noção de quantidade e idéias correlatas é certamente fundamental. Holt faz julgamento semelhante quando diz que o “conceito de energia psíquica” foi o principal instrumento de Freud na construção metapsicológica e na explicação das observações clínicas<sup>257</sup>.

A adoção dessa noção em psicanálise costuma despertar a discussão em torno do tema *mente/corpo*. Efetivamente, quando se fala



em “energia psíquica”, ou “quantidade”, é fácil ver o interlocutor atribuir a quem fala uma interpretação biologizante da psicanálise. Rubinstein, por exemplo, é categórico em sua posição. Para ele Freud nunca teria deixado de pensar, implicitamente, que a “energia psíquica” seria definível em termos fisiológicos<sup>258</sup>. Rubinstein pensa, no entanto, que na verdade a escolha de Freud ficou ambígua. A energia físico-química é não-direcional enquanto que a energia psíquica seria inequivocamente direcional. Isso seria indicado por expressões como “energia libidinal”, “energia agressiva”, etc.. Seguindo essa linha de raciocínio Rubinstein acaba por acompanhar a opinião de Holt de que Freud teria subentendidamente adotado uma concepção “vitalista” de energia<sup>259</sup>. Assim Holt anuncia:

“I do submit, however, that psychic energy is a vitalistic concept in the sense of being similar to and influenced by vital force, and being to a large extent functionally equivalent to it. They are at the least historically and methodologically homologous – buds from the same branch” (Holt, 1967; 24/25).

A análise feita por Holt passa pela constatação de que partindo da “influência da fisiologia physicalista”, que teria inspirado o “projeto para neurologistas”, Freud reconheceu o fracasso de suas tentativas teóricas “mecanicistas” e procurou trabalhar, a partir daí, unicamente com termos psicológicos retendo, no entanto, a idéia de energia. Nesse sentido nunca teria havido um claro posicionamento diante do problema mente/corpo<sup>260</sup>.

Discutindo esses trabalhos de Holt e Rubinstein, Paes de Barros opina que Freud nunca abandonou ostensivamente as “bases neurofisiológicas” da teoria psicanalítica<sup>261</sup> e que embora alguns conceitos metapsicológicos tenham recebido “nomes psicológicos”, na verdade eles seriam variáveis intervenientes correlacionadas com

“entidades neurofisiológicas”<sup>262</sup>. Distinguindo a questão “mente/corpo”, que se referiria a “entidades metafísicas”, da questão das “correlações epistêmicas”, como a que pode ser estabelecida entre “dados empíricos” e “conceitos teóricos”<sup>263</sup>, Paes de Barros considera que Freud adotava uma “posição metafísica” “monista materialista”<sup>264</sup> e o uso de termos psicológicos surgia, no que diz respeito às “correlações epistêmicas”, num nível “intermediário”, como recurso a “variáveis intervenientes” entre o “nível dos dados psicanalíticos empíricos” e os “construtos hipotéticos metapsicológicos, potencialmente reais”<sup>265</sup>.

Dentro desse quadro de entendimento Paes de Barros discorda da afirmação de Holt de que a energia psíquica seria um conceito vitalista, defendendo a tese de que ela deve ser entendida como um “agregado de energias físicas”, sem características “direcionais” ou “teleológicas”<sup>266</sup>. Para Paes de Barros, Freud teria, na verdade, seguido um “programa neurologizante” sem cair nos enganos de uma “localização prematura”<sup>267</sup>.

A questão criada pela decisão de Freud de colocar a noção de quantidade e de energia psíquica no cerne de seu esforço de elaboração da teoria psicanalítica tem sido amplamente discutida. Hyppolite participou desses debates defendendo a idéia de que Freud teria tentado evitar separar a “filosofia da natureza” da “filosofia do espírito” e que negar isso, escolhendo uma das duas interpretações, seria trair Freud em sua procura original de estabelecer uma “espécie de síntese” entre esses domínios<sup>268</sup>. Indo um pouco adiante em seu pensamento, Hyppolite sugere que em Freud a “representação energética na metapsicologia” e a “máquina psíquica” não teriam sido mais que “uma maneira provisória de representar” os resultados da “análise compreensiva”<sup>269</sup>.

De sua parte, mesmo quando valoriza o estudo do *Projeto*, Garcia-Roza é categórico ao rejeitar um retorno ao “ponto de vista neurológico” ou “fiscalista”<sup>270</sup>. Isso não quer dizer que desconsidere as questões energéticas e o problema mente/corpo que elas introduzem. Pelo contrário, Garcia-Roza pensa que o conceito dinâmico de pulsão, do qual não se pode separar o fator energético<sup>271</sup>, necessariamente implica na consideração do dualismo entre “as pulsões e as representações, ou, para usar uma linguagem mais antiga, o dualismo entre o corpo e a alma”<sup>272</sup>. Para ele, se por um lado a pulsão não pode ser considerada como uma “força natural”, por outro Freud teria deixado claro que ela existe “*por trás* do Isso, representando as exigências que o corpo faz à mente”, algo, portanto, que “está para além do Isso e não algo que o habita”<sup>273</sup>. De modo mais claro ainda, sua afirmação é de que “a pulsão é extra-psíquica”<sup>274</sup>. Isso implicaria na compreensão de que sendo, no dizer de Freud, “estímulo para o psíquico”, ela não é estímulo *psíquico*, é algo que “externamente ao aparato psíquico funciona como estímulo para este último”<sup>275</sup>. Garcia-Roza é incisivo em sua indicação de que há aí uma questão substantiva a ser considerada:

“Há, portanto, não apenas uma questão ontológica dizendo respeito à natureza do psíquico, sua autonomia ou dependência com relação à pulsão, como também a da natureza mesma da energia pulsional, pensada por alguns como ‘energia psíquica’.” (Garcia-Roza, 1990; 55).

Reconhecendo a impossibilidade de assimilar o corpo pulsional tanto ao corpo simbólico quanto ao corpo biológico<sup>276</sup>, Garcia-Roza afirma-o como “*diferença*”<sup>277</sup>.

A leitura que Birman faz dos textos de Freud o leva a avaliar que uma precisão gradativamente maior foi sendo conseguida no

entendimento do valor do registro quantitativo na construção do conceito de pulsão. Em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* os registros quantitativo e qualitativo misturavam-se livremente no enunciado ambíguo desse conceito, e a pulsão estava sempre inscrita no campo das representações<sup>278</sup>. Por volta de 1915 mudanças se anunciaram e Freud afirmou, diz Birman, que a pulsão era uma força que só depois “de um trabalho de ligação e simbolização” poderia “se inscrever no psiquismo propriamente dito”<sup>279</sup>. Mas em 1923 Freud propôs a existência de um “pólo pulsional do psiquismo”. A partir daí “força e representação” devem ser entendidos como “pólos antinômicos do aparelho psíquico”, conclui Birman<sup>280</sup>.

Nesse trabalho, que tomou como objeto de estudo as distinções “eu//não—eu” tal como podem ser reconhecidas e articuladas no contexto da obra freudiana, as noções de quantidade e de energia psíquica foram desde o princípio adotadas como postulados básicos e serviram como elementos fundamentais na elaboração teórica que foi desenvolvida a seguir. Nesse sentido acompanhou-se o pensamento freudiano que claramente adota essas noções como fatores centrais no entendimento psicanalítico da vida anímica. Tal tomada de posição levanta questões que sem dúvida são pertinentes. Em primeiro lugar, será, o que está sendo feito aqui, um antecipação da explicação biológica, neuroanatômica e neurofisiológica do fato psíquico, explicação provisoriamente vazada em termos psicológicos em virtude das limitações atuais dos conhecimentos das ciências biológicas como um todo? Ou será que a noção de energia psíquica indica a adoção de uma posição vitalista que inclui o psiquismo entre os fenômenos da vida, tomando-se essa última como uma realidade em si mesma, não redutível às questões físico-químicas do mundo material<sup>281</sup>? Será o uso

da noção de quantidade parte de uma tentativa conceitual inovadora de articular a “filosofia do espírito” e a “filosofia da natureza”? Ou será que a psicanálise funda uma perspectiva nova e introduz, com o conceito de pulsão e sua energia, uma área original entre o psíquico e o biológico, tal como eram tradicionalmente reconhecidos? Se, de outro modo, está de fato sendo feita a proposta de um lugar próprio e autônomo para a quantidade na vida psíquica, como conceber tal idéia sem voltar a cair na questão do reducionismo, e sem retornar à questão da realidade material, neurofisiológica, da energia psíquica?

Em primeiro lugar, seguramente a noção psicanalítica de energia psíquica não se inclui dentro do universo das teorias vitalistas. Se é possível falar em “tendências” no contexto da metapsicologia, não será em referência à quantidade e à energia psíquica mas em referência aos princípios de nirvana e de prazer/desprazer. Mesmos esses, no entanto, estão tão distantes do vitalismo quanto estão, por exemplo, os princípios da termodinâmica.

Em segundo lugar, de forma nenhuma a metapsicologia é uma antecipação da explicação biológica, neuroanatômica ou neurofisiológica do fato psíquico. Pelo contrário, do ponto de vista epistemológico a realidade psíquica tem completa independência. Mesmo a possibilidade da redução da descrição da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico à descrição de seu substrato neuroanatômico e neurofisiológico – extremamente difícil, totalmente improvável e claramente antieconômica – em nada abalaria a completa autonomia da ciência psicanalítica em relação às ciências biológicas.

Dois exemplos ajudam a entender essa questão. Talvez fosse possível indicar a que corresponde os processos de “software” em termos de ocorrências de “hardware”, ou traduzir uma sinfonia e a teoria musical em termos da realidade subjacente de ondas físicas. Além da

dificuldade, da improbabilidade e da “deseconomia” dessas empreitadas, estar-se-ia diante de descrições que, de fato, em nada acrescentariam ao pensar a respeito das questões de “software” e nada somariam à experiência musical propriamente dita. Mais importante, no entanto, é que essas tarefas só poderiam ser realizadas *se fossem guiadas pelo conhecimento prévio das realidades de “software” e de música em si mesmas*. Isso demonstra, definitivamente, a total independência dessas realidades em termos epistemológicos. Evidentemente o fenômeno psíquico depende de um substrato neuroanatômico e neurofisiológico para ganhar realidade. Essa condição de existência não quer dizer, no entanto, que ele possa ser reduzido à realidade biológica.

A partir da perspectiva adotada nesse trabalho, o modo de responder às outras questões levantadas é facilitada pela volta a alguns textos de Freud.

Quando Freud diz que “a pulsão é um estímulo para o psíquico” (“*der Trieb sei ein Reiz für das Psychische*”) é importante notar que, nesse trecho de seus escritos, ele está explicitamente falando a partir do ângulo da “fisiologia” (“*Physiologie*”) (Freud, 1915a: Stud. III; 82| St. Ed. XIV; 118|ESB. XIV; 138), ou seja, da *fonte* pulsional. Em outras palavras, o estímulo para o psíquico é a quantidade que é produzida pela fonte somática e que é representada no psiquismo pela pulsão em seus outros aspectos (*Drang, Ziel e Objekt*). Esse entendimento é corroborado pela trecho que vem algumas páginas adiante no qual é afirmado – justamente quando o assunto em estudo é a fonte (*Quelle*) – que a pulsão é o representante *na vida mental* do estímulo somático, ou seja, que ela (a pulsão) *faz parte da vida psíquica* em contraste com o processo que ocorre no nível somático<sup>282</sup>.

É importante notar que a avaliação de Freud de que “a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica aos instintos” (Freud, 1915c: St. Ed. XIV; 177|ESB. XIV; 203) só quereria dizer que a pulsão não é psíquica *se o que é psíquico se reduzisse ao que é ou consciente ou inconsciente*. Nesse texto o sentido da posição de Freud é, no entanto, que a antítese consciente/inconsciente se refere aos *representantes pulsionais* e não à pulsão propriamente dita. Para a pulsão não se aplica aquela oposição, *que nesse momento da construção da teoria refere-se à pertinência a sistemas*. Entende-se, assim, a proposição que diz que a pulsão é psíquica, embora não pertença nem ao sistema Inc. nem aos sistemas Prec.–Cs.. Pode-se ver, agora, retrospectivamente, que havia já aí, nessa tese de Freud, o embrião da noção de “isso” e da reformulação teórica que seria proposta alguns anos mais tarde. A consideração de tais idéias permite compreender melhor o que Freud escreve a seguir:

“Se a pulsão não se ligasse a uma idéia ou não se manifestasse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ela.” (Freud, 1915c: St. Ed. XIV; 177|ESB. XIV; 203).

O que aí está sendo veiculado é justamente que a pulsão *não é* nem a representação nem o estado afetivo (que são apenas suas manifestações), e que *não saber* ou *não poder saber* a respeito de uma coisa, não ter acesso a ela, *não quer dizer que tal coisa não exista, não faça parte da realidade*. Mais precisamente, essa formulação está justamente indicando *a condição* para o reconhecimento de algo que, por si mesmo, faz parte da vida psíquica.

A pertinência da pulsão ao psíquico já havia sido afirmada explicitamente em “Pulsões e destinos das pulsões”. Isso foi feito, por sinal, quando Freud deixou as considerações biológicas de lado e

começando a tratar da perspectiva propriamente psíquica da pulsão afirmou:

“Se agora passarmos do lado biológico para a contemplação da vida anímica, [“Wenden wir uns nun von der biologischen Seite her der Betrachtung des Seelenlebens zu”] uma ‘pulsão’ surge para nós como um conceito na fronteira entre o mental e o somático, como o **representante psíquico** [psychischer Repräsentant] do estímulo que se origina no interior do organismo ... ” (posto em negrito aqui) (Freud, 1915a: Stud. III: 85| St. Ed. XIV; 121/122|ESB. XIV; 142).

É preciso frisar, além do mais, que aquela posição assumida por Freud em 1915, a de *incluir a pulsão na vida anímica mas excluí-la do inconsciente*, foi modificada, mais tarde, a partir da reformulação que propõe a noção de “isso”. Com a introdução dessa última mudança teórica o “inconsciente” deixou de ser considerado em termos de sistema, passando a ser tomado apenas como *qualidade* daquela parte do que é psíquico e que, em sentido dinâmico, contrasta com o que é pré-consciente ou consciente. Com essa virada, o que tem a qualidade inconsciente se amplia e *passa a incluir também as pulsões em si mesmas*, como processos quantitativos livres, e que ainda não se organizaram formando “representações” ou “estruturas afetivas”. De fato, a clássica analogia introduzida na Lição XXXI deixa poucas dúvidas a respeito da inclusão da pulsão no isso, que é todo ele inconsciente no sentido qualitativo:

“Abordamos o isso com analogias: chamamo-lo um caos, um caldeirão cheio de excitação fervilhante [brodelnder Erregungen]” (Freud, 1933a[1932]: Stud. I: 511| St. Ed. XXI; 73| ESB. XXII; 94).

Em algumas oportunidades Freud faz referência à presença no aparelho psíquico da energia psíquica ainda não associada aos representantes pulsionais, quer ideativos ou afetivos. Por exemplo, em um trecho do *Esboço de Psicanálise*, no qual ele procura “reunir os



princípios da Psicanálise” (Freud, 1940a[1938]: ESB. XXIII; 168) pode-se ler:

“Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como ‘libido’, acha-se presente no eu-isso ainda indiferenciado e serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes. ... Num estágio posterior, torna-se relativamente fácil para nós acompanhar as vicissitudes da libido, mas isto é mais difícil com a pulsão destrutiva.” (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII; 149/150).

Aí está claro que no “estado inicial”, *quando ainda não se formaram representações e nenhum tipo de estrutura afetiva*, as energias pulsionais já estão presentes no psiquismo, neutralizando-se mutuamente, antes mesmo que seus representantes sejam constituídos. É relativamente fácil acompanhar as vicissitudes da libido depois desse estado inicial porque surgem, então, os representantes pulsionais, ou seja, as representações e os estados afetivos. As idéias de 1915 se confirmam, portanto, no desdobramento do pensamento de Freud. Mais que isso, aliás, retrospectivamente pode-se ver, como já foi sugerido acima, que em 1915 elas já antecipavam as reformulações teóricas introduzidas a partir de “O Eu e o Isso”.

Cabe então explicitar uma tomada de posição. Freud afirmou que a pulsão é um conceito que está na fronteira entre o anímico e o somático. Ao invés de entender essa postulação como referência a uma terceira área entre esses dois domínios, o presente estudo a respeito das distinções eu//não-eu toma outra direção e considera que a pulsão é um conceito que está na fronteira entre o anímico e o somático porque entende que a *fonte* da pulsão é somática, enquanto que seus outros aspectos são de ordem psíquica. Não se trata, portanto, de um conceito que é fronteiro porque não é *nem somático nem psíquico*, mas sim de

um conceito que é *fronteiriço porque é somático em sua fonte e psíquico em sua realidade específica*.

Voltando às perguntas acima formuladas, cabe dizer, por último, que a adoção da metapsicologia como foi feita aqui, e tal como foi proposta por Freud (incluindo as noções fundamentais de quantidade e energia psíquica) não vai na direção da articulação da "filosofia do espírito" com a "filosofia natural" em termos de seus objetos de estudo mas, isso sim, implica na *articulação epistemológica dos processos de compreensão e de explicação* no estudo do fato psíquico. Nesse sentido a postulação da quantidade e da energia como elementos da realidade psíquica é não só justificável como, mais que isso, é imprescindível como passo da construção metapsicológica.

\*

Quanto à questão da *constância* das excitações provenientes do corpo, foi assumida, aqui, uma posição que em parte difere do entendimento formado por Lacan a respeito das teses de Freud. A leitura que Lacan faz do texto em que Freud afirma a constância da força pulsional<sup>283</sup> mostra que ele entende que "a pulsão é um força constante" por que ela não teria variação, não teria ritmo, diferentemente do que se dá com as funções biológicas. Por isso Lacan diz que a pulsão "não tem subida nem descida" e daí que "é uma força constante":

"A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante." (Lacan, 1973 [1979; 157]).

Na verdade, a proposta de Freud não parece ser essa. Para ele, diferentemente do estímulo externo, em relação ao qual é possível a fuga, o estímulo pulsional é constante *simplesmente porque sua fonte está no corpo do qual o psiquismo não pode se separar*. Tal como num rio em que a *corrente é constante*, mas a *quantidade de água varia* entre o tempo da seca e o tempo das chuvas, da mesma forma na pulsão a excitação é constante porque não para de atuar, mas *sua intensidade é variável*. De fato, a *pulsão* “é o representante psíquico dos estímulos que se originam no interior do corpo e alcançam a mente”; a *pressão* (“Drang”) é o “fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa”; e o alvo (“Ziel”) é “sempre a satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão” (Freud, 1915a: St. Ed. XIV; 121/122 | ESB. XIV; 142/143). Há, portanto, a clara indicação, nessas definições, das *variações* que sofrem tanto a *pressão pulsional* quanto a *estimulação na fonte*, variações em parte provocadas pela “experiência de satisfação”, experiência a qual Freud já fazia referência no *Projeto*. Da experiência de satisfação faz parte integrante a eliminação da “urgência” e a “descarga”<sup>284</sup>.

Além disso, não é só a noção de “experiência de satisfação” que se associa à idéia de variação na pulsão. Freud fala claramente de variações e reforços pulsionais, de pulsões mais ou menos fortes, devido às vicissitudes da vida biológica, ou seja, ocorrências na fonte pulsional:

“Duas vezes no curso do desenvolvimento individual certas pulsões [“Triebe”] são consideravelmente reforçadas: na puberdade, e, na mulher, na menopausa. De modo algum ficamos surpresos se uma pessoa, que não era neurótica antes, assim se torna nessas ocasiões. Quando suas pulsões não eram fortes, ela teve sucesso em dominá-las; mas quando elas são reforçadas ela não pode mais fazê-lo. Os recalques comportam-se como represas contra a pressão da água. Os mesmos efeitos que são produzidos

por esses dois reforços fisiológicos da pulsão podem ser ocasionados de uma maneira irregular por causas acidentais em qualquer outro período da vida. Tais reforços podem ser estabelecidos por novos traumas, frustrações forçadas, ou pela influência colateral das pulsões, umas sobre as outras. O resultado é sempre o mesmo e ele salienta o poder irresistível do fator quantitativo na causação da doença." (Freud, 1937a: St. Ed. XXIII: 228| Stud. Ergänzungsband; 366/367| ESB. XXIII; 258).

Que, no pensar de Freud, dão-se aumentos na força da pulsão, isso ainda pode ficar mais evidenciado nos trechos seguintes, no quais a referência ao "aumento da pulsão" e ao "aumento da força das pulsões" são explícitas:

"Podemos aplicar a esses recalques infantis nossa afirmação geral de que os recalques dependem absoluta e inteiramente do poder relativo das forças envolvidas e que eles não podem se manter contra um **aumento na força das pulsões**." (posto em negrito aqui) (Freud, 1937a: St. Ed. XXIII: 227| Stud. Ergänzungsband; 368| ESB.; 259)

"Se assim for, isso significará que a análise *algumas vezes* tem êxito em eliminar a influência de um **aumento na pulsão ...**". (posto em negrito aqui) (Freud, 1937a: St. Ed. XXIII: 228| Stud. Ergänzungsband; 368| ESB. XXIII; 260).

\*

Outro ponto fundamental no desenvolvimento do presente estudo é a tese da *dualidade pulsional*. Essa teoria é acatada por grande parte dos teóricos em psicanálise. A maneira de concebê-la mostra-se, no entanto, muito variada.

André Green reconhece que não há mais unanimidade em torno do "modelo teórico geral da atividade psíquica", ou seja, a respeito do "aparelho psíquico" proposto por Freud. Segundo ele "o objeto, no seu duplo estatuto interno e externo, desempenha um papel constitutivo deste funcionamento" (Green, 1986 [1988; 54/55]). A partir dessa idéia Green considera que, embora os grandes mecanismos característicos

da pulsão de vida e de morte sejam a ligação e o desligamento, tais aspectos são insuficientes para fazer compreender o que são as pulsões de vida e de morte. Sua hipótese é que "a meta essencial das pulsões de vida é garantir *uma função objetalizante*", entendendo com isso tanto a criação de uma relação com o objeto quanto a transformação de estruturas em objeto<sup>285</sup>. A pulsão de morte, por outro lado, visa alcançar uma "*função desobjetalizante através do desligamento*", o que significa ataques não só à relação com o objeto, mas também ao "*próprio investimento à medida que sofreu o processo de objetalização*" (Green, 1986 [1988; 60]).

Laplanche, por outro lado, tem um modo bastante peculiar de entender a questão da dualidade pulsional. De início ele se afasta radicalmente da noção freudiana de um "Isso ou de um inconsciente primário, *não-recalcado*", noção que estaria ligada, segundo sua maneira de ver, a uma introdução errônea do biológico na psicanálise e que suporia a idéia de uma "mônada inicialmente fechada sobre si mesma"<sup>286</sup>. Para Laplanche, como o recalque sempre recai sobre o sexual, "a pulsão é pulsão sexual"<sup>287</sup>. Julga ele que o que diferencia o aparelho psíquico e constitui a pulsão sexual é o "recalque originário". Isso se inclui em sua teoria fundamental da "sedução originária" que deve ser entendida não como "manobras" do adulto, mas como o fato de que a criança imatura é confrontada com mensagens carregadas de sentido e de desejo, impossíveis de serem por ela decifradas, e que por isso introduzem os "significantes enigmáticos" que vão se constituir como "a fonte da pulsão (objetos-fonte)"<sup>288</sup>. Partindo da "base de uma energia libidinal comum" as pulsões seriam *sempre* sexuais – ou "pulsões sexuais de vida", visando a "manutenção ou a constituição de

unidades e de laços”, ou “pulsões sexuais de morte”, que teriam como fim “a descarga pulsional total”<sup>289</sup>.

Birman, por sua vez, chama a atenção para o fato de que a noção de pulsão de morte resulta da concepção de pulsão como força “que tem na descarga a sua finalidade originária”. Nesse sentido “a pulsão é sempre de morte”. Para que ela seja transformada “é necessário um trabalho de ligação ... de maneira a se constituir um circuito pulsional”. Isso depende, no entanto, da intervenção do “outro”<sup>290</sup>. Central na compreensão de Birman a respeito da pulsão de morte é que ela “opera fundamentalmente em silêncio e não se restringe aos poderes da agressão destrutiva”, diferentemente do que teria sido erroneamente suposto por grande parte da comunidade psicanalítica<sup>291</sup>. Na verdade há uma “dimensão criativa e inventiva da pulsão de morte” que seria fundamental na “reinvenção permanente do sujeito face às ordens estabelecidas”<sup>292</sup>. Em outras palavras, “é a pulsão de morte que obriga efetivamente o sujeito a produzir novas formas de dizer e de enunciar, isto é, se inventar”<sup>293</sup>. Essa inscrição no universo da representação seria feita “pelo trabalho de ligação empreendido pela pulsão de vida (Eros)”<sup>294</sup>.

A distinção entre a “ordem” e o “acaso” é tomada por Garcia-Roza como aquilo que separa, no “campo psicanalítico”, o “aparato psíquico” e as “pulsões”<sup>295</sup>. Garcia-Roza indica, também, que “a cultura estaria ... a serviço de Eros” e que a pulsão sexual seria “conservadora” enquanto que “a pulsão de morte, entendida como potência destrutiva, tem como alvo a disjunção dessas unidades, a recusa da permanência” sendo, portanto, “renovadora”, “potência criadora”<sup>296</sup>. Essas colocações levam Garcia-Roza a uma questão crucial. A concepção de pulsão de

morte como “pulsão de destruição (ou *potência de destruição*)” aproxima-a da idéia de pulsão como “pura dispersão, pura potência dispersa” e “faz jus à afirmação de que ela é a *pulsão por excelência*”. O problema que surge é “como situar, agora, as pulsões sexuais?”<sup>297</sup>. De qualquer forma, indaga Garcia-Roza, “admitir uma distinção entre pulsão de morte e pulsão sexual” não seria “estabelecer uma diferença qualitativa onde só há o indiferenciado da pulsão?”<sup>298</sup>. O entendimento que ele adota, finalmente, é que “não há *pulsão sexual*” propriamente dita. O sexual “pertence ao registro do desejo e não ao registro da pulsão” e só surge com a “captura das pulsões pela rede significante”. Em si mesma a pulsão seria vazia de forma, não seria “nem sexual nem agressiva”. Nesse sentido, o ponto sobre o qual incide o dualismo defendido por Freud ficaria deslocado<sup>299</sup>.

A posição adotada nesse trabalho apresenta pontos de convergência e de divergência em relação às perspectivas indicadas acima. Em primeiro lugar, considera-se, aqui, que a fonte da excitação pulsional é sempre somática e nunca um significante ou um objeto, seja de que tipo for. Isso não implica numa biologização da psicanálise, mas apenas no reconhecimento da existência de pontos de contato entre o psíquico e o somático.

Entende-se, por outro lado, que a pulsão é um “conceito básico” (“Grundbegriff” [Freud, 1915a: Stud. III 81] ESB. XIV: 137| St. Ed. XIV; 117]) da psicanálise em referência à *vida psíquica como um todo, mesmo naqueles níveis de organização e complexidade que são anteriores à constituição da representação de objeto*. Faz sentido dizer que a função objetalizante se associa à pulsão de vida e que a função desobjetalizante liga-se à pulsão de morte, mas tais funções se restringem a apenas algumas formas de vida psíquica, não esgotam

todo o universo psíquico estudado pela psicanálise, e não explicam seus processos mais fundamentais.

Em si mesmas as pulsões são forças que movem o psiquismo. Seu alvo não é apenas a descarga (princípio de nirvana) mas também a evitação da tensão excessiva e o ritmo, a variação da intensidade dentro de limites definidos (princípio de prazer/desprazer e sua modificação, o princípio de realidade)<sup>300</sup>. Suas operações podem ser tanto a ligação quanto o desligamento de parcelas da quantidade. Nesse sentido as pulsões de vida e as pulsões de morte têm pesos rigorosamente equivalentes na vida psíquica<sup>(1)</sup>,<sup>301</sup>,<sup>302</sup> A tendência de retorno a um estado anterior e a compulsão à repetição, que inicialmente levaram à idéia de que a pulsão de morte seria básica, foram logo redescobertas por Freud como integrantes das pulsões de vida também. Tais características referem-se, portanto, às pulsões em geral, ou seja, a todo o universo pulsional, e não são distintivas de formas específicas de pulsão<sup>303</sup>. Da mesma forma, a incognoscibilidade da pulsão em si mesma é característica *tanto da pulsão de vida quanto da pulsão de morte*. Só conhecemos as pulsões através de seus trabalhos: a constituição de representações e de processos afetivos (pulsões de vida) ou a operação disruptiva sobre eles (pulsões de morte). A criação, o estabelecimento do novo, é produto do *trabalho comum* da pulsão de morte e da pulsão de vida – da pulsão de morte porque o que estava estabelecido foi abandonado; da pulsão de vida, porque algo de novo foi construído. A constituição de novas unidades não quer dizer homogeneização e apagamento de diferenças. Pelo contrário, Eros é o perturbador ("Störenfried"), o verdadeiro promotor de desordem<sup>304</sup>. Além disso, na concepção de um filho, na criação de um

(1) Parece que Carlos Alberto Plastino corretamente reconhece na última fase das teorizações de Freud a proposta de uma dualidade pulsional na qual aos dois termos (pulsão agressiva autônoma e originária, e pulsão de vida igualmente originária) são atribuídos pesos equivalentes ( ver notas 301 e 302).



estado e no estabelecimento de uma comunidade supranacional não se apagam as diferenças entre os pais, os indivíduos e as nações. O que se faz é multiplicar as formas de existência, trabalho de Eros (e da *pulsão de morte* que concomitantemente trabalha na determinação do abandono de outras vias possíveis de existência).

\*

Na primeira seção do segundo capítulo dessa tese foi proposta a noção de “núcleo psíquico”, “região de indiscriminação”, ou “eu-núcleo”. Essa idéia surgiu da construção de Freud a respeito daquilo que no *Projeto* foi chamado de “neurônios nucleares” [“Kern-Neurone”] e “núcleo  $\Psi$ ” em contraste com os “neurônios do pallium” (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 315/316 | ESB. I; 419/420). Diz Freud que quando tais neurônios nucleares se enchem (a partir do interior do corpo) surge uma “urgência”, uma tendência à descarga (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 317 | ESB. I; 421).

Com a ajuda da noção de eu-núcleo pode-se, na verdade, juntar dois importantes segmentos da teoria. Efetivamente, esse núcleo psíquico é concebido não só como o primeiro lugar ocupado no aparelho psíquico pelas excitações provenientes das fontes somáticas das pulsões como também a região do “eu” para onde reflui a quantidade, deixando o “mundo”, quando o indivíduo dorme:

“De tempos em tempos, o eu abandona sua conexão com o mundo externo e se recolhe no estado de sono no qual faz mudanças de grande alcance em sua organização. É de se inferir a partir do estado de sono que essa organização consiste numa particular distribuição da energia mental.”  
(Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII: 147 | ESB. XXIII; 171).

Explicitamente Freud afirma que durante o sono a energia psíquica retira-se de todos os interesses da vida<sup>305</sup>. Na literatura

psicanalítica pós-freudiana há uma construção que se aproxima significativamente desse entendimento assim como da proposta, feita nesse trabalho, de um “eu-núcleo” para o qual a energia psíquica corre de tempos em tempos, afastando-se de tudo que faz parte do “mundo-discriminado”. Trata-se do “estado de não-estar-vivo” proposto por Winnicott como mais primitivo ainda que a “solidão essencial”. O “primeiro despertar”, diz ele, sugere a idéia de um “estado de não-estar-vivo” pacífico, que seria anterior à vida propriamente dita. Nesse sentido a vida seria “um intervalo entre dois estados de não-estar-vivo” (Winnicott, 1988 [1990; 153/154]). Ao que parece Winnicott imagina esse “estado de não-estar-vivo” como anterior ainda ao “estado de não-integração” no qual haveria “uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo” e ausência de consciência. “O começo”, diz ele, “certamente está em alguma data anterior ao nascimento a termo” (Winnicott, 1988 [1990; 136/137]), concepção que é bastante próxima da que aqui foi exposta

\*

A idéia de *vida psíquica intra-uterina*, decididamente retomada nesse estudo, e colocada como início do processo cujo desenvolvimento conduz ao estabelecimento da distinção eu//isso, tem sido posta de lado por boa parte das teorizações pós-freudianas. Contrapondo-a a sua “teoria da sedução generalizada”, Laplanche, por exemplo, repudia a consideração psicanalítica de tal idéia. Para ele a idéia de vida psíquica intra-uterina está associada a uma compreensão da noção de pulsão que, na tentativa de “explicar a força do determinismo inconsciente”, seria biologizante e extra-analítica<sup>308</sup>. Na mesma linha de raciocínio, “narcisismo originário, narcisismo primário”,

seria, para Laplanche, "uma das noções mais enganosas" das teorizações psicanalíticas porque costuma ficar referida, predominantemente, a um "*primeiro estado hipotético, no qual o organismo formaria uma unidade fechada* em relação àquilo que o circunda", ou seja, é uma idéia referida "ao protótipo da vida intra-uterina, ou ao recém-nascido"<sup>307</sup>.

Laplanche propõe que se abandone essa concepção, que considera ser uma perspectiva biológica da psicanálise. Seria inconcebível, diz ele, fazer a sexualidade emergir "biologicamente da autoconservação". Parece, assim, que ele associa, de alguma maneira, a autoconservação à biologia, e liga a sexualidade à vida cultural<sup>308</sup>. É na continuação dessas articulações que Laplanche vai propor a noção de "sedução" como aquilo que pode propiciar o surgimento "de uma emergência, de uma divergência progressiva, no seio de um funcionamento biológico, entre a autoconservação e a sexualidade" as quais nunca poderiam se distinguir "num movimento espontâneo, nem endógeno"<sup>309</sup>. A "atividade auto-erótica" de fato só se instalaria através da "sedução originária", aquela que é veiculada pelos gestos do adulto que atende a criança, gestos que "são portadores de mensagens sexuais inconscientes"<sup>310</sup>. Estaria aí a origem dos "objetos-fontes" de uma pulsão que não seria, então, uma força biológica, nem mesmo um conceito-limite, mas sim "a estimulação constante, exercida do interior, pelas representações-coisa recalçadas"<sup>311</sup>. No contexto dessa teorização o narcisismo primário (ou originário) não poderia ser mais que o mito do retorno ao seio materno<sup>312</sup>, e nunca algo relacionado com a vida intra-uterina.

Ter chamado a atenção para o aspecto incontornavelmente sedutor dos necessários cuidados maternos, observação aliás já feita

por Freud<sup>313</sup>, e ter tirado daí inúmeras conclusões que enriqueceram a conhecimento psicanalítico, essa foi uma grande contribuição de Laplanche para a ciência psicanalítica. É muito discutível, porém, sua “teoria da sedução generalizada”, com todas as modificações que exige no tecido conceitual básico. Ao que parece, as contradições criadas por ela dificilmente são resolvíveis. Por exemplo, como imaginar o primeiro momento do recalque originário das representações-coisa, a “inscrição dos significantes enigmáticos”<sup>314</sup>, “objetos-fontes”, *antes* da constituição do eu? O recalque, mesmo em seu primeiro momento, não é executado pelo eu? Mas, se de fato for assim, como se explicaria a constituição do eu *antes* da sedução originária que, em sua teorização, é o momento do início da vida psíquica propriamente dita? Além disso, como entender o *surgimento* da pulsão, movida pelos objetos-fontes, *depois* da primeira etapa do recalque originário? Se a pulsão *aparece depois*, que força, então, teria promovido essa inscrição dos significantes enigmáticos? (Essa questão é pertinente porque a força que realiza todas as operações psíquicas é, como se sabe, a própria força pulsional, ou seja, quer diretamente, quer através de sua transformação, quando se trata da atividade do eu.) Como, além disso, explicar a *percepção* e a absorção do estímulo sedutor a ser inscrito, mesmo que inconsciente e incompreendidamente, se, nessa teoria de Laplanche, a vida propriamente psíquica só surgiria a partir do recalque primário?

Na elaboração do estudo a respeito das distinções eu/não-eu, os problemas teóricos imediatamente levantados pela hipótese de Laplanche logo desaconselham a adotá-la, mesmo sem se chegar ao estudo de suas outras desestabilizadoras conseqüências secundárias. Mais produtivo parece ser voltar a Freud e assim não perder a profundidade, a coerência e a extensão explicativa de suas construções.

Fica claro a partir da leitura dos textos de Laplanche que, entre outras, há duas destacadas intenções no desenvolvimento de seus raciocínios: a defesa da importância da sexualidade, e a marcação da independência da psicanálise em relação à biologia. Retornando à teorização freudiana vê-se que nela essas teses estão, na verdade, bem melhor defendidas. Em primeiro lugar é conveniente examinar a questão do lugar da biologia na psicanálise.

A idéia de que há um biologismo nas teorias de Freud pode ser vista como resultado de uma dificuldade insuspeitada, ou seja, a resistência em admitir uma área da realidade que fugindo da *observação de dados externos, da observação compartilhada*, merece no entanto ser estudada. Provavelmente é a dificuldade em admitir um campo da realidade inacessível à observação compartilhada que leva certos teóricos a construírem a seguinte alternativa: ou bem a psicanálise gravitaria em torno da biologia, ou bem deveria se centrar no estudo que decorre dos fenômenos de interação, de comunicação, de significação ou de linguagem que emergem do contato entre sujeitos.

Ora, Freud foi muito claro e decidido a esse respeito. Seu campo de estudo era o *fato psíquico*, ou seja, justamente aquilo que só é observado *privadamente*<sup>315</sup>. O conceito central de inconsciente foi forjado para dar conta das lacunas que existem na cadeia de fatos psíquicos acessíveis através da consciência. Ao criar o conceito de inconsciente (e ao supor uma realidade a ele correspondente) Freud pôde fundar a psicanálise como ciência *independente*, e não mais submetida nem à biologia nem ao estudo dos fenômenos do campo social<sup>(1)</sup>. As óbvias relações do psíquico com o campo biológico e com o

(1) Para precisar as alternativas, vale a pena registrar que, diferentemente dessa perspectiva de Freud, em seus estudos a respeito das "relações subjetais" Naomi Rucker e Karen Lombardi seguem a tendência do pensamento americano e absolutizam a importância da *relação entre sujeitos* na constituição da vida psíquica. Ao mesmo tempo elas desenfocizam as pulsões, quer sexuais quer agressivas. Nesse sentido Lombardi escreve: "Our

campo social, relações que inúmeras vezes Freud aponta, deixaram de significar uma ameaça ao reconhecimento da realidade própria do psíquico como objeto de estudo autônomo. A evidência comprovadora de que a construção teórica de Freud se afasta completamente da biologia é que nenhum de suas noções pode ser estudada em qualquer tipo de laboratório, de qualquer ramo que seja das ciências biológicas. Sobre eles a biologia não faz, nem pode fazer, qualquer pesquisa<sup>316</sup>.

Ao que tudo indica, o entendimento de que o psíquico constitui um campo epistemológico próprio foi o verdadeiro motivo do repúdio do texto (mas não das idéias) do *Projeto* que, numa época de transição, ainda fora escrito para *neurólogos*.

Como já foi proposto acima, diante da questão das relações entre essas duas ciências o melhor caminho parece ser entender a psicanálise como uma ciência que tem total independência epistemológica em relação à biologia, tal como a ciência do "software" tem autonomia em relação à ciência do "hardware". Embora seja possível conceber a possibilidade da futura construção de conhecimentos a respeito da ligação entre a psicanálise e a biologia (pouco provável, antieconômica e excessivamente complexa), tal possibilidade, ao invés de anular a independência dos campos, para se concretizar precisaria, pelo contrário, dos subsídios das ciências biológicas e da ciência psicanalítica, reafirmadas na autonomia de seus objetos próprios.

Tendo esse quadro compreensivo em vista pode-se ver, então, que ao falar de vida psíquica intra-uterina evocada pelo sono, por exemplo, Freud não está biologizando a psicanálise, não está apontando somente a realidade biológica da qual o fenômeno psíquico

---

concept of the unconscious and of its homologue, consciousness, places their origins in relatedness, in primary introjective and projective processes, and not in sexual and aggressive instincts." (Ruckler & Lombardi, 1998; 4).

surgiria<sup>317</sup>. Pelo contrário, o que está indicado nessa referência de Freud é *a forma de organização da vida propriamente psíquica que é concebida como básica e inicial* e que não é redutível nem a dados da biologia nem a dados das relações sociais:

"O quadro do isolamento bem-aventurado da vida intra-uterina que, no sono, toda pessoa mais uma vez evoca diante de nós, a cada noite, é assim completado também em seu lado psíquico. Naquele que dorme é restaurado o primitivo estado de distribuição da libido – narcisismo total, no qual a libido e o interesse do ego, ainda unidos e indiferenciáveis, habitam no eu auto-suficiente." (Freud, 1916-1917[1915-1917]: St. Ed. XVI; 417 | ESB. XVI; 487).

Passando agora para a consideração da segunda questão, isto é, a do lugar da sexualidade dentro da teorização psicanalítica, vê-se que as observações que acabam de ser feitas em relação à vida intra-uterina são muito valiosas e vão permitir *acentuar* a importância da sexualidade através de uma via inteiramente diferente daquela tomada por Laplanche.

De fato, para valorizar a sexualidade na vida psíquica Laplanche chega a *sexualizar a pulsão de morte*, como já foi visto acima, e, simultaneamente, toma o caminho de *desvalorizar as pulsões de autoconservação*, considerando-as não mais como pulsões que se somam às pulsões sexuais na constituição da categoria mais geral de pulsões de vida, como propôs Freud. Ao invés disso, Laplanche rebaixa as pulsões de autoconservação e as *assimila* às "funções de autoconservação" que visam a "homeostase do organismo", no plano biológico.<sup>318</sup>

As implicações dessa proposta de Laplanche precisam ser consideradas com atenção. Há aí dois aspectos que merecem destaque.

Em primeiro lugar, com o rebaixamento de categoria da pulsão de autoconservação, que perdendo o caráter de pulsão passa

então a ser vista simplesmente como força das “funções de autoconservação”, o que ocorre, paradoxalmente, é uma volta à questão do lugar da biologia. De fato, na proposta de Laplanche dá-se uma involuntária *valorização do aspecto biológico* que já não pode deixar de ser incluído na teorização a respeito tanto dos processos de “apoio” quanto dos processos de determinação dos significantes que serão “implantados” como “objetos-fontes”.

A formulação original de Freud é bem mais elegante do ponto de vista teórico e estabelece a independência do campo psicanalítico, em relação ao campo biológico, de uma forma muito mais nítida e decisiva. Em sua pesquisa Freud restringe-se claramente ao campo psíquico. Constata-se isso quando se olha com mais profundidade o que na verdade significa “pulsão de autoconservação”.

A partir das teorizações freudianas, a pulsão de autoconservação deve ser entendida como aquela exigência de trabalho imposta pelo corpo (fonte) ao psiquismo que *não pode deixar de ser atendida* sob pena de se atravessar um período de tempo em que vai se instalar intenso *desprazer* depois do qual a vida psíquica se extinguirá. Ao lado dessa espécie de pulsão existe a pulsão que Freud denominou de sexual e que, diferentemente da primeira, se refere àquela exigência de trabalho imposta pelo corpo ao psiquismo que *pode deixar de ser atendida*, pelo menos direta e imediatamente, *pode* ver seus representantes psíquicos sofrerem recalque (“Verdrängung”) ou rejeição (“Verwerfung”), mas que, quando é atendida, *gera prazer*. Isso quer dizer que no princípio de prazer/desprazer a busca de prazer representa a direção da pulsão sexual, enquanto que a evitação de desprazer representa a direção da pulsão de autoconservação<sup>319</sup>. Essas duas pulsões ganham, portanto, significados psíquicos precisos, inteiramente



autônomos e independentes das questões que pertencem ao âmbito das ciências biológicas.

De passagem deve ser ainda observado que a pulsão de autoconservação, ou do eu<sup>320</sup> (evitação de desprazer), é um elemento teórico essencial para que seja mantida a perspectiva dinâmica (conflitiva), fundamental no pensamento psicanalítico, assim como para que seja explicada a *força recalçadora*<sup>321</sup>. Reconhecer que os representantes e a força da pulsão de autoconservação não se encontram entre os conteúdos recalçados não deve, portanto, levar à errônea conclusão de que eles não fazem parte da vida psíquica de todo. Procurá-los lá, no material recalçado, é apenas procurá-los no lugar errado. Eles não estão no universo do recalçado simplesmente porque são exatamente eles que constituem o elemento recalçador<sup>322</sup>. Na verdade, mantê-los como parte do tecido teórico é fundamental porque é isso que permite fazer entender a luta entre as pulsões sexuais e o eu, assim como o desenrolar dos processos defensivos<sup>323</sup>. Garantem-se, com sua manutenção, os elementos consistentes para a sustentação da tese de que no entendimento da vida psíquica é central o reconhecimento da existência do conflito.

A partir daquelas considerações – ou seja, tendo em mente: (1) a proposta que aqui foi exposta no sentido de se entender a pulsão de autoconservação em associação à evitação do desprazer, em contraste com a pulsão sexual que se liga à busca de prazer, e; (2) a compreensão da autonomia que Freud deu à ciência psicanalítica, em completa desvinculação das ciências biológicas – pode-se revalorizar a tese da *vida intra-uterina inicial como momento de bem-aventurança*<sup>324</sup>. Com essa tese Freud está indicando que há uma época inicial em que as considerações relativas ao prazer são dominantes e as questões de evitação de desprazer são secundárias, período que se prolonga

durante algum tempo depois do nascimento<sup>325</sup>. O que aí está implícito é, portanto, nada mais nada menos que a *reafirmação da autonomia da sexualidade em relação às questões da autoconservação* dentro de uma rigorosa formulação teórica psicanalítica que independe de outras ciências.

\*

No curso do desenvolvimento da articulação aqui desenvolvida entre as diversas formas de distinção eu/não-eu encontradas no corpo das teorizações freudianas foi indicado que à medida em que o processo de complexificação da vida psíquica se dá, em algum momento o *objeto*, primeiramente como objeto da pulsão ("Objekt"), começa a se configurar e, a partir daí, esse objeto se associa aos *alvos pulsionais* ("Ziel"), que já estavam sendo buscados desde o início. No amplo leque de alternativas de pesquisas que se abriu a partir das construções de Freud, essa direção de investigação, claramente presente em seus textos, muitas vezes foi frontalmente rejeitada. Na verdade, ultimamente esse modo de ver de Freud foi retomado apenas algumas vezes, embora quase sempre com pouca ênfase. O ponto de vista de que o *objeto* é um elemento que aparece tardiamente na vida psíquica, não estando nela presente desde o início, é de fato uma das teses mais controvertidas da psicanálise. Há algumas formulações clássicas que devem ser lembradas em associação com a posição que aqui foi assumida.

Em seu artigo "Um breve estudo da evolução da libido, considerada à luz dos transtornos mentais", fundamental na precipitação da direção das pesquisas que marcaram seu tempo, Abraham define-se claramente a favor da tese da valorização da pulsão como elemento

central na vida psíquica, *mesmo em anterioridade ao surgimento de qualquer apreensão da realidade do objeto*. Diz ele:

"Podemos decir con seguridad: ao principio la libido infantil carece de objeto (es autoerótica). Luego toma como objeto a su propio ego; y no se dirige hacia objetos externos sino después de eso." (Abraham, 1924 [1973; 133]).

A leitura que Abraham faz de Freud é que para o criador da psicanálise a presença do objeto na vida psíquica não existe desde o início. Abraham escreve a esse respeito:

"Así como hemos distinguido tres fases en la evolución de la libido, hemos reconocido tres fases en la relación del individuo con su objeto. Y una vez más, es a Freud a quien debemos los primeros descubrimientos de importancia al respecto. Dividió el desarrollo de esa relación en una fase autoerótica, correspondiente a la primera infancia, en la cual el individuo no tiene objeto, una fase narcisista en que él mismo es su propio objeto amoroso, y una fase en la que hay un amor-objeto en el sentido verdadero de la palabra." (Abraham, 1924 [1973; 199/200]).

Finalmente, em sua própria proposta a respeito das etapas de "organização libidinal" e de "amor-objeto" Abraham inclui, no primeiro período, uma etapa em que a vida pulsional se dá sem referência ao objeto:

<i>*Etapas da organização libidinal</i>	<i>Etapas del amor-objeto</i>	
VI. Etapa genital final.	Amor-objeto.	(Postambivalente)
V. Primera etapa genital (fálica).	Amor objeto. Com exclusión de los genitales.	(Ambivalentes)
IV. Última etapa anal-sádica.	Amor parcial.	
III. Primera etapa anal-sádica.	Amor parcial com incorporación.	
II. Última etapa oral (canibalística).	Narcisismo (total incorporación del objeto).	(Preambivalente)
I. Primera etapa oral (succión).	Auto erotismo (sin objeto).	

(Abraham, 1924; 218).

Em parcial continuidade com o pensamento de Abraham, na Inglaterra Glover veio a compreender que a "estrutura do eu" é composta de uma variedade de "núcleos de eu", mais primitivos, os quais só depois de algum tempo de atividade chegam a se organizar numa estrutura que apresenta unidade e articulação. Esses "núcleos de eu" resultam de "precipitados de experiências" que deixam "traços de memória". No início é uma "variedade de pressões" ligadas a "pulsões componentes" com base em "zonas corporais e órgãos centrais" que promovem tais "precipitados de experiências" (rever nota 78). Nessa proposta de entendimento a respeito da formação da "estrutura do eu", feita por Glover, é bem nítida a idéia da atividade de pulsões parciais em busca da satisfação de seus *alvos* antes mesmo que os *objetos* e os

próprios “núcleos de eu” tenham se configurado. Na teorização de Glover está claro, portanto, que não só essa atividade pulsional em busca da satisfação de seus alvos é anterior como é, ela mesma, a provocadora da progressiva formação das configurações das experiências que vão definir o que mais tarde serão os objetos e o eu. Nesse sentido Glover está dando continuidade ao pensamento de Freud.

Embora tenha recebido forte influência de Abraham, dele Melanie Klein diverge em relação à questão que agora está sendo examinada. Para ela o *objeto* é parte integrante da pulsão e, portanto, está presente *desde o início da vida psíquica*. Nesse sentido *não há alvo pulsional sem objeto*. Originalmente esse objeto é um objeto parcial, fantasiado em torno do seio como estímulo prevalente, e marcado por atributos emocionais variados. Os aspectos perceptuais, realísticos, só surgem mais tarde. Em seu estudo do pensamento kleiniano, Hinshelwood veicula essa forma de compreensão da seguinte maneira<sup>(1)</sup>: 326

“Os primeiros objetos concretos têm apenas atributos emocionais. Isso cria um mundo animístico em que tudo sente e tem intenções. É somente mais tarde, com o desenvolvimento de habilidades perceptuais ulteriores, especialmente os receptores de distância, que um conjunto objetivo de atributos pode vir a ser conhecido e atribuído aos objetos reais emocionalmente já existentes. ...

“... No nascimento, acreditava Klein, o bebê se relaciona com objetos que são primitivamente distinguidos do ego ...” (Hinshelwood, 1991 [1992; 89]).

Na verdade, já desde 1936 Melanie Klein via na construção de fantasias “a mais primitiva forma de atividade mental” do ser

<sup>(1)</sup> Uma transcrição mais completa desse trecho do estudo de Hinshelwood pode ser encontrada nas notas finais (ver nota 326)

humano<sup>327</sup>. Susan Isaacs, uma de suas mais importantes seguidoras, também adota esse modo de ver no livro para o qual contribui com textos, juntamente com Melanie Klein, Paula Heimann e Joan Riviere. Diz Isaacs:

"Um estudo das conclusões decorrentes da análise de crianças pequenas leva-nos à opinião de que as fantasias são o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes. ...

"Ora, na opinião dos autores deste volume, essa 'expressão mental' do instinto é a 'fantasia' inconsciente. A fantasia é (no primeiro caso) o corolário mental, o representante psíquico do instinto. Não existe impulso, nem ímpeto ou reação instintivos, que não sejam experimentados como 'fantasia' inconsciente." (Isaacs, 1948 [1969; 96]).

A proposta original de Melanie Klein (que, por sinal, vai se tornar central em suas elaborações) surge, na verdade, bem precocemente. Em "Weaning", por exemplo, já se pode ler:

"Analytic work has shown that babies of a few months of age certainly indulge in phantasy-building. I believe that this is the most primitive mental activity and that phantasies are in the mind of the infant almost from birth. ... As I said before, the object of all these phantasies is, to begin with, the breast of the mother." (Klein, 1936 [1980; 290]).

Tal modo de pensar não permite conceber tensões primitivas que sejam difusas, desprovidas de objeto e referidas unicamente ao alvo da satisfação, na ausência de claras representações. Trata-se de uma perspectiva que é, assim, nitidamente discordante da que foi desenvolvida por Freud<sup>(1)</sup>.

(1) Conhecer essa tese de Melanie Klein e levá-la em consideração é, no entanto, necessário para que se possa alcançar o entendimento do que é a "identificação projetiva", em contraste com o processo mais simples da mera "projeção". O que está acrescentado na noção de "identificação projetiva" é justamente que nela não se passa apenas a *projeção* de um afeto ou de uma representação sobre um objeto do mundo exterior, tal como no caso da projeção, mas também, além disso, o fato de que o próprio objeto sobre o qual há a projeção é *constituído* ou *significativamente modificado* a partir das fantasias primitivas que ligam as pulsões a *objetos internos*. Não se abandonando a perspectiva freudiana, essa iluminadora noção de Melanie Klein talvez possa ser aproveitada noutro contexto.

Levando, em relação a esse ponto, o pensamento de Melanie Klein adiante, também Fairbairn não reconhece os aspectos da vida psíquica que estão referidos apenas aos alvos pulsionais e procura sustentar uma teoria que se restrinja somente às relações de objeto. A questão dos *alvos* libidinais teria importância secundária portanto. Para ele, Freud partiu da valorização da "natureza e do destino do impulso" e construiu uma teoria que foi modificada por Abraham tendo em vista considerações do desenvolvimento. Mais tarde Freud elaborou uma psicologia do eu, tendo como texto básico *O Eu e o Isso*, e aquela teoria pulsional teria ficado subjacente, sem sofrer um questionamento sério. Para Fairbairn, seria necessário, já em 1941, o desenvolvimento de uma *psicologia das relações de objeto*. Tal teoria tornara-se possível a partir das reflexões de Melanie Klein a respeito dos "objetos internalizados". A proposta de Fairbairn foi feita em "Uma psicopatologia revista das psicoses e das psiconeuroses" e foi por ele mesmo resumida da seguinte maneira:

\*Amongst the conclusions formulated in the above-mentioned paper two of the most far-reaching are the following: (1) that libidinal 'aims' are of secondary importance in comparison with object-relationship, and (2) that a relationship with the object, and not gratification of impulse, is the ultimate aim of libidinal striving." (Fairbairn, 1943 [1966; 60]).

Para Fairbairn, portanto, a emergência do objeto libidinal não se dá numa época em que a complexificação da vida psíquica já percorreu várias etapas e está bastante adiantada. Pelo contrário, não se deve, de todo, pensar em vida psíquica sem referência às relações com o objeto.

Em contraste com essa corrente de pensamento, Edith Jacobson adota uma posição nitidamente diversa. Embora suas preocupações teóricas principais sejam outras, de qualquer maneira em

seus textos surgem algumas referências nas quais pode-se ver a adoção, por parte dela, de uma concepção similar à de Freud no que diz respeito à existência de uma vida pulsional inicial, sujeita a experiências de prazer e desprazer, na qual o reconhecimento do objeto (e do "self") ainda não teria se dado. É desse universo de experiências prazerosas e desprazerosas, e de percepções a elas associadas, que as imagens dos objetos vão surgir. Em seu artigo de 1954 pode-se ler:

"From the ever-increasing memory traces of pleasurable and unpleasurable experiences and of perceptions with which they become associated, body images as well as images of the love objects emerge which, at first vague and variable, gradually expand and develop into consistent and more or less realistic endopsychic representations of the object world and of our own self." (Jacobson, 1954; 85).

Sandler e Rosenblatt têm a esse respeito uma posição bastante semelhante à de Jacobson. É fato que também para eles (tal como para ela) o foco de atenção não era a questão da caracterização das experiências em que os alvos pulsionais eram ativamente procurados sem que, por outro lado, os objetos já estivessem claramente delineados. De qualquer modo, o reconhecimento da ocorrência dessas experiências é feita por Sandler e Rosenblatt de um modo um pouco mais nítido que aquele que aparece nos trabalhos de Jacobson. Isso pode ser visto a partir do seguinte trecho do clássico artigo "The concept of the representational world", publicado por ela em 1962:

"Clearly the delineation of discrete self- and object representations in the representational world can only come about gradually, with maturation and experience. We assume that initially the child's representational world contains *only the crudest representations of pleasure and unpleasure, of need-satisfying experiences and activities*, and it is only gradually that the infant learns to distinguish self from not-self, and self from object in his representational world." (Sandler & Rosenblatt, 1962; 134).



Margaret Mahler é outra investigadora que reconhece alguma forma de vida pulsional *anterior* ao surgimento de qualquer representação do objeto. No entanto, diferentemente dos autores citados previamente, Mahler constrói um segmento teórico especial para dar conta desse fato. A noção de "autismo" é elaborada por ela a partir de uma referência de Freud à vida intra-uterina e lhe serve para descrever o que seria a fase inicial da história psíquica. No começo estariam as tentativas de alcançar o que ela chama de "homeostase". O bebê a princípio não faz nenhuma distinção entre as iniciativas do meio para reduzir suas tensões e seus próprios movimentos nesse mesmo sentido. Com o tempo o sucesso de tais esforços ajuda na criação de uma distinção entre as qualidades agradáveis e dolorosas das experiências. O começo da consciência do objeto que satisfaz as necessidades marca o início da fase que ela denominou de "simbiose normal"<sup>328</sup>.

É muito difícil avaliar a posição de Winnicott diante da questão que está sendo estudada. Essa dificuldade deve-se a uma curiosa contradição encontrada em alguns de seus textos. Talvez trate-se, no entanto, de posições que só seriam contraditórias aparentemente. A elucidação de tal questão não parece ser fácil de ser obtida. Alcançá-la exigiria o desenvolvimento de um estudo específico. Aqui basta mostrar as divergentes teses que estão em jogo.

Em 1962, no artigo "A integração do eu no desenvolvimento da criança", Winnicott diz que "não há id sem ego" e que "o início está no momento em que o ego inicia"<sup>329</sup>. Em termos da questão em discussão essas afirmações fariam crer que não se deve pensar em

procura de satisfação de *alvos* pulsionais desvinculadamente da referência ao *objeto*.

Há, no entanto, em outros textos, asserções que fazem pensar de maneira oposta. Os pontos referentes às noções de “estado de não-integração e não-consciência” e de “estado de não-estar-vivo”, por exemplo, já foram indicados anteriormente, no primeiro capítulo (rever notas 91 e 92). Agora é oportuno acrescentar que no capítulo “A experiência do nascimento”, incluído no livro *Natureza Humana*, Winnicott afirmou que no nascimento já há um ser humano “capaz de ter experiências e acumular memórias corporais” e que:

“...é possível imaginar um nascimento no qual, do ponto de vista do bebê, a mudança do estado intra-uterino para o estado de recém-nascido é provocado pelo próprio bebê ... Com isso quero dizer que o bebê tem uma série de impulsos e que a progressão em direção ao nascer surge no interior da capacidade do bebê de se sentir responsável.” (Winnicott, 1988 [1990; 165/166]).

Afirmações como essas fazem supor que Winnicott admitia a existência de vida pulsional dirigida a *alvos* antes mesmo da inclusão de *objetos* no mundo vivencial. De fato, não parece provável que ele supusesse o reconhecimento do objetos durante a vida intra-uterina na qual, por outro lado, surgem processos psíquicos como essa “progressão em direção ao nascer”.

Nas teorizações de Margaret Little encontram-se muitas aproximações ao pensamento de Winnicott e nelas também há uma clara referência a modos de funcionamento psíquico em que os *alvos* pulsionais ainda não estão ligados a *objetos* reconhecíveis e definidos. As noções de “unidade básica” e “indiferenciação total primária” são mostras disso. O texto de Margaret Little é bastante explícito a esse respeito:

"In this earlier state nothing exists but himself: it is a monistic state of autoerotism, or more accurately perhaps "panautism", by which I mean a state in which nothing but the self exists.

"Ideas such as projection, introjection, identification, subject, or object can have no meaning in relation to something totally undifferentiated, except from outside it. Differentiation comes about through movement, contact with the outside world (discovery), and assimilation back to the lump, or integration. At this point 'autoerotism' may begin to change into narcissism, narcissism being by definition concerned with the self as both subject and object.

"I am thinking here of a passage in Freud's paper 'On Narcissism' ... a new psychical action ...

"In my view this 'new psychical action' is the beginning of the rhythmic processes of differentiation out from the primordial, undifferentiated state, an integration, or assimilation back, of the differentiated. The tendency toward it is inherent, .. (Little, 1981; 114/115).

André Green, por sua vez, procurou se situar numa posição intermediária entre aqueles que valorizando a importância do *objeto* na vida psíquica acabaram por abandonar o conceito de pulsão, e aqueles que, mantendo-se mais perto das formulações originais de Freud, distinguem formas de vida psíquica em que o movimento pulsional ainda não está associado a nenhum objeto reconhecível. Apesar de resgatar o conceito de pulsão, é claro, no entanto, que Green não aceita teorizar a respeito de processos psíquicos anobjetais. Para ele só se pode falar de "psíquico" na medida em que estão se dando associações com o "outro semelhante" (rever nota 134). Nuclear é, então, o "par pulsão-objeto":

"Revenons à notre modernité. On sait combien les théorisations centrées sur l'objet ont contribué à la dévaluation de la théorie des pulsions. Nous avons proposé quant à nous de tenir pour nucléaire le couple pulsion-objet. Contentons-nous d'indications sommaires. Introduire l'objet au niveau d'un référent conceptuel ne signifie pas pour moi renoncer à la théorisation du narcissisme primaire à laquelle je ne cesse pas d'adhérer. Mais continuer à reconnaître la valeur du narcissisme primaire ne signifie pas considérer l'intervention de l'objet comme inexistante – ni même en limiter la portée aux 'soins maternels'. La fonction de l'objet – dans le cadre de l'organisations

narcissique primaire, c'est-à-dire de l'indistinction sujet-objet – est d'être inducteur d'investissement." (Green, 1995a; 319/320).

O presente trabalho a respeito da oscilação eu//não-eu faz uma postulação discordante dessa tese de Green assim como das teorias que propõem a onipresença do objeto. A perspectiva aqui adotada considera que o objeto *não* é um elemento constitutivo de *todos* os momentos da vida psíquica mas, pelo contrário, é introduzido, em determinadas circunstâncias, como resultado do complexo trabalho pulsional em busca de satisfação. Mantém-se, assim, uma concordância com o ponto de vista de Freud que, por exemplo, afirma:

"Certamente não podemos supor que o feto tenha qualquer espécie de conhecimento de que existe a possibilidade de sua vida ser destruída. Ele somente pode estar cômico de alguma grande perturbação na economia de sua libido narcísica. Grandes somas de excitação nele se acumulam, dando margem a novas espécies de sentimentos de desprazer, e alguns órgãos adquirem maior catexia, renunciando assim a catexia objetual que logo se estabelecerá. (Freud, 1926[1925]: St. Ed. XX: 135| Stud. VI: 275/276) ... "Mas não devemos nos esquecer que durante sua vida intra-uterina a mãe não era um objeto para o feto, e que naquela ocasião não havia absolutamente objetos." (Freud, 1926[1925]: St. Ed. XX: 138).

Claramente há para Freud, portanto, trechos da vida psíquica em que a vida pulsional se desenvolve sem nenhuma referência ao objeto. Essa é justamente a posição adotada no presente estudo.

\*

Concluindo, ainda um último ponto de vista aqui assumido precisa ser situado dentro da literatura psicanalítica. Em determinado trecho do raciocínio que desenvolvia as articulações encontradas entre as diversas formas de distinções eu//não-eu, foi dito que só tardiamente a criança se insere no mundo da linguagem. Isso se dá quando ela começa a falar, ou, mais precisamente, pouco tempo antes daquele

momento<sup>(1)</sup>. Nessa afirmativa está suposto que grande parte da vida psíquica se desdobra, no plano do desenvolvimento, *antes* da complexificação introduzida pela linguagem. Adicionalmente, tal suposição sugere a hipótese de que, mesmo depois da auto-inserção no mundo da linguagem, uma parcela da vida psíquica pode continuar a ocorrer, no plano da estratificação psíquica, em camadas nas quais a participação da linguagem permanece ausente. Essas posições contrastam com boa parte das formulações psicanalíticas contemporâneas. Porém, não com todas, como será visto a seguir.

O principal movimento de idéias que defende a tese de que uma estrutura semelhante a da linguagem sempre está no cerne do fato psíquico psicanaliticamente relevante é aquele que seguiu o pensamento de Lacan para quem "o inconsciente é estruturado como uma linguagem"<sup>330</sup>. Na verdade Lacan foi bem explícito, indo mesmo mais longe que isso ao afirmar (no prefácio ao livro de Anika Lemaire, por exemplo) que "a linguagem é a condição do inconsciente", e que "não há inconsciente sem linguagem" (Lemaire, 1977 [1979; 25]).

Tais teses contrastam com a perspectiva que aqui foi adotada. Várias questões podem então ser levantadas. Condiria realmente com os fatos a afirmativa de que a auto-inserção na linguagem só se dá por volta da época em que está havendo o aprendizado da fala? Não seria verdade que a criança nasce imersa no mundo da linguagem? Todas as relações estabelecidas com ela não são, desde o princípio, estruturadas pelo universo lingüístico? Desde logo a criança não é nomeada, compreendida e tratada a partir do que a linguagem constrói como realidade? Não é a partir do que a linguagem

---

<sup>(1)</sup> Rever nota de rodapé, número 2, na página 173.

descreve que a criança vai sendo introduzida ao mundo e ao que ela mesma vive? Com as crianças não se fala desde o início?

A resposta a essas perguntas pode ser dada por aproximações. Em primeiro lugar deve ser lembrado (e mesmo que isso pareça fora de propósito) que com as *estrelas* e com as *pedras* também se pode falar. No entanto, certamente isso não faz com que, por si próprias, elas participem do mundo da linguagem. Além disso, é inegável que a relação dos homens com as *pedras* e as *estrelas* usualmente se dá a partir da realidade instituída a partir do universo lingüístico mas, da mesma forma, também isso não faz com que, em si mesmas, elas se insiram no mundo da linguagem.

A consideração da psicologia animal, por sua vez, levanta questões mais interessantes. Além do fato de que, como qualquer outra, a relação dos homens com os animais também é informada pela compreensão do mundo que é estabelecida a partir da linguagem, a lembrança da existência de comunicação com eles pede a revalorização de distinções fundamentais. De fato, há uma tese que afirma que a linguagem é marca distintiva do homem. No entanto, *com os animais os homens também falam* e deles, principalmente no caso dos domésticos, muitas vezes se têm respostas esperadas e "inteligentes". A partir dessa constatação uma pergunta pode ser feita. Dever-se-ia ampliar o universo dos que estão imersos no mundo da linguagem para nele incluir também os animais? Ou é melhor precisar, com mais cuidado, o que é "linguagem", e assim manter o entendimento de que só no mundo dos homens há linguagem?

Uma breve observação pode ajudar na tomada de posição diante dessa questão. Além do fenômeno da *comunicação*, que com certeza existe mesmo no próprio mundo animal, há de se levar em conta que no terreno da semiologia propriamente dita há diferentes áreas a

serem discriminadas. Já Peirce chamava a atenção para as distinções que devem ser feitas entre o “ícone”, o “índice” e o “símbolo”. Lembrando as propostas desse pensador americano, Jakobson escreve:

“1) O *ícone* opera, antes de tudo, pela semelhança de fato entre seu significante e seu significado, por exemplo, entre a representação de um animal e o animal representado: a primeira equivale ao segundo ‘simplesmente porque se parece com ele’. 2) O *índice* opera, antes de tudo, pela contigüidade de fato, vívida, entre seu significante e seu significado; por exemplo, a fumaça é índice de fogo; ... 3) O *símbolo* opera, antes de tudo, por contigüidade instituída, apreendida, entre significante e significado. Esta conexão ‘consiste no fato de que constitui uma regra’ e não depende da presença ou da ausência de qualquer similitude ou contigüidade de fato. O intérprete de um símbolo, qualquer que seja, deve obrigatoriamente conhecer esta regra convencional, e ‘é só e exclusivamente por causa desta regra’ que o signo será efetivamente interpretado.” (Jakobson, 1965 [1969; 100/101]).

Ora, tendo em vista esse universo de possibilidades, só o “símbolo” (ou “signo lingüístico” como atualmente se costuma chamá-lo) define o campo da *linguagem* propriamente dita. Assim delimitada, a linguagem é, de fato, característica distintiva da vida social da espécie humana e não pode ser encontrada entre os animais. Esse parecer se reforça mais ainda se for levado em conta que a linguagem, em primeiro lugar deve ser entendida como a adição da fala à *língua* e, em segundo lugar, deve ser tomada (como no parecer de Borch-Jacobsen foi feito corretamente por Lacan) em referência à língua enquanto:

“... système clos d’oppositions réglées, ordonnant une multiplicité homogène d’unités signifiantes indépendamment de la réalité qu’elle désigne.” (Borch-Jacobsen, 1990 [1995; 206]).

Ocorre que quando se define a linguagem como acabou de ser feito, deve-se, em contrapartida, reconhecer que ela só pode passar a fazer parte da vida psíquica humana *a partir do período que marca o aprendizado do uso de uma língua comum a vários indivíduos*. Com

efeito, antes dessa época não há, na vida psíquica da criança, “símbolo” ou “signo lingüístico”, no sentido de “conexão instituída, aprendida entre significante e significado” nem “sistema fechado de oposições regradas, ordenando uma multiplicidade homogênea de unidades significantes independentemente da realidade que ela designa”.

A preservação do reconhecimento de um lugar de destaque para a linguagem, em seu sentido próprio, tal como ela surge quando a criança está para começar a falar é, por outro lado, fundamental do ponto de vista das construções teóricas psicanalíticas. De fato, só no bojo da linguagem constituem-se as “representações-palavra” que, na compreensão psicanalítica, são a base dos processos pré-conscientes e são os elementos que vão permitir o surgimento da consciência dos processos que pertencem ao mundo interno. Da mesma forma, sem linguagem, em seu sentido próprio, não se constituiria o sobre-eu, assim como a vida libidinal ficaria restrita à corrente sensual (ligada aos objetos locais das pulsões parciais) e a apenas um esboço de corrente afetiva (ligada a um objeto total transitório, evanescente, e definitivamente incapaz de ganhar estabilidade na vida psíquica).

Além disso, a maneira de ver aqui adotada também abre espaço para a consideração e o estudo de todo o período da vida psíquica que se desenvolve *anteriormente à aquisição da linguagem*. Com isso pode-se somar à parcela dos processos inconscientes que são estruturados como linguagem (representantes-representações [“Vorstellungsrepräsentanz”] [Freud, 1915c: Stud. III; 13] St. Ed. XIV; 177] ESB. XIV; 209)) compostos por representações-palavra (“Wortvorstellung” [Freud, 1915c: Stud. III; 159] St. Ed. XIV; 201] ESB. XIV; 229)) e representações-coisa [“Sachvorstellung”] [Freud, 1915c: Stud. III; 159] St. Ed. XIV; 201] ESB. XIV; 229)) todo o vastíssimo *mundo inconsciente pulsional* que, ou ainda não chegou a ganhar



representantes (e se restringe, portanto: a) à formação de circuitos de quantidade que são caóticos e estão em constante transformação e; b) à criação de caminhos que na área de extensão provocam apenas a geração de prazer ou desprazer), ou ganha representância quer através de *desdobramentos afetivos*, quer através de *representantes-representações*, que se aproximam mais do “ícone” e do “índice” que de “signos lingüísticos”, posto que não fazem parte de “sistema fechado de oposições regradadas, ordenando uma multiplicidade homogênea de unidades significantes independentemente da realidade que ela designa”, como ocorre com os “signos lingüísticos”<sup>(1)</sup>.

Na verdade, em relação à questão da onipresença da linguagem na vida psíquica, caminhos teóricos alternativos ao adotado por Lacan foram diferentemente trilhados, em períodos relativamente recentes, por Laplanche, Anzieu e Aulagnier, entre outros. Dessas alternativas o presente trabalho se aproxima em um ou outro ponto.

Ao invés de considerar a linguagem como condição do inconsciente, Laplanche, por exemplo, afirma que justamente o oposto é verdadeiro. Numa nota, acrescentada logo no início do texto que apresentou com Serge Leclair no Colóquio de Bonneval, em 1960, Laplanche diz:

(1) Em seu artigo “Représentation freudienne e signifiant lacanien” Guy Le Gaufey quer aproximar o “Vorstellungsrepräsentanz” de Freud do “significante” de Saussure: “Mais pourquoi Freud ne s’est-il pas contenté de la *Vorstellung*? Pourquoi lui a-t-il fallu y ajouter ce *Vorstellungsrepräsentanz*, ce ‘représentant de la représentation’ dont il précise bien que dans l’opération du refoulement, c’est lui – et rien d’autre – qui est refoulé? C’est que – même si le célèbre enseignement de Saussure lui fait historiquement défaut – il est contraint de faire la différence entre la face signifiante et la face signifiée du signe qui organise la représentation en jeu dans l’opération” (Gaufey, 1984; 41). Diferindo dessa posição de Gaufey, na leitura de Freud aqui adotada supõe-se que o significante saussuriano aproxima-se mais da “Wortvorstellung” (“representação-palavra”, como Jochen Kemper indica que deve ser traduzido [Kemper, 1997; 96]) do que da “Vorstellungsrepräsentanz” o qual, por sua vez, não deve ser traduzido como “representante da representação”, mas sim como “representante representacional”, ou “representante-representação”, já que se trata da representação que é representante da pulsão, como o texto de Freud reproduzido a seguir claramente indica: “Temos razão de presumir que existe um recalque *primordial*, uma primeira fase do recalque, que consiste em ser negada entrada no consciente ao representante (representação-) psíquico da pulsão [“psychischen (Vorstellungs-)Repräsentanz des Triebes”] (Freud, 1915b: St. Ed. XIV; 148; Stud. III; 109; ESB; 171).

"Tentar-se-á aclarar a realidade do Inconsciente por aquela da linguagem, objeto da lingüística? Dificilmente se escapará de uma dupla dificuldade: ou reduzir a especificidade do inconsciente freudiano e esquecer a diferença existente entre o jogo e a natureza das representações nos níveis inconsciente de um lado e pré-consciente-consciente de outro; ou então, graças à uma certa subversão dos conceitos lingüísticos; notadamente aqueles de metáfora e de metonímia, oferecer, sob medida, uma certa noção da linguagem, para em seguida mostrar que o inconsciente não funciona de outro modo. ...

"Vamos mais longe. O Inconsciente freudiano, e a linguagem dos lingüistas se *opõem* tão radicalmente que a transposição termo por termo de suas propriedades e de suas leis *pode*, com razão, aparecer como um tentativa paradoxal. De sorte que o confronto de psicanálise e de lingüística não nos pareceu possível senão ao preço de um desdobramento de cada um de seus campos. ...

"Desenvolvendo ao extremo nossa linha de pensamento, procuramos mostrar a ligação operando no processo de *recalque originário*, concebido sobre o modelo de uma metáfora. O que conclui essa proposição surpreendente: o que condiciona a passagem do processo primário ao processo secundário, é precisamente a constituição e a manutenção do Inconsciente como domínio separado. O *Inconsciente*, dizíamos nós, mais do que uma linguagem, é a condição mesma da linguagem." (Laplanche & Leclaire, 1960 [1969; 112]).

Essas considerações de Laplanche merecem atenção. Na verdade, por um lado Lacan considera que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Em princípio poder-se-ia pensar, restringindo o raciocínio a esse aspecto, que Lacan está querendo apontar como marca fundamental do inconsciente sua estruturação de acordo com alguns traços distintivos da linguagem como são a dominância dos significantes e o lugar central de suas ordenações, combinações e substituições na determinação dos significados. Nesse sentido seria possível imaginar a existência da atividade do inconsciente, estruturado como uma linguagem, antes mesmo da aquisição, pela criança, da linguagem propriamente dita. Como será visto logo a seguir, há, no entanto, sérios problemas na adoção dessa proposta. De qualquer forma, e antes de mais nada, surgem dificuldades maiores, e

preliminares, no acatamento das sugestões de Lacan a partir do complemento de sua tese.

Efetivamente, quando ele diz não só que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, mas também que “a linguagem é a condição do inconsciente” e que “não há inconsciente sem linguagem”, constitui-se uma posição difícil de ser sustentada. Sem dúvida, reconhecendo-se a impropriedade de se negar o fato de que a aquisição e uso da linguagem só se dá a partir de determinado momento da história da complexificação psíquica, por coerência sua tese teria que excluir do mundo inconsciente (e da consideração psicanalítica) a vida psíquica infantil anterior à assimilação da linguagem. Como evidentemente esse não é o sentido da argumentação de Lacan, nesse contexto ganha sentido as observações de Laplanche que foram citadas, posto que antecipar a inserção no mundo da linguagem para períodos anteriores àquele em que a criança começa a falar só poderia ser feito passando-se a entender por linguagem algo diferente daquilo que é estabelecido pela lingüística.

Dizer, por outro lado, que a linguagem é condição do inconsciente em virtude do fato de já estar presente no meio no qual a criança nasce, isso não resolve a dificuldade porque simplesmente desloca para a consideração dos fatos sociais e, mais que isso, da história da espécie, a questão que está em debate. Ora, o que vai se ver, do ponto de vista psicanalítico, é que também na história da espécie há uma vida psíquica anterior ao surgimento da linguagem. Isso é claramente indicado por Freud quando afirma, mesmo que marginalmente, que as bases da vida psíquica humana já existem em seres mais simples os quais, evidentemente, não fazem uso da linguagem em sentido próprio. Em 1923, por exemplo, ele escreve:

"A diferenciação entre eu e isso deve ser atribuída não apenas ao homem primitivo, mas até mesmo a organismos muitos mais simples ..." (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 38| ESB. XIX; 53).

Idéia semelhante é reafirmada em 1938, no *Esboço de Psicanálise*, onde se pode ler:

"Pode-se supor que este quadro esquemático geral de um aparelho psíquico aplique-se também aos animais superiores que se assemelham mentalmente ao homem. Temos de presumir que um sobre-eu se acha presente onde quer que, como é o caso do homem, exista um longo período de dependência na infância. Uma distinção entre eu e isso é uma suposição inevitável. A Psicologia Animal ainda não tomou a seu cargo o interessante problema que é aqui apresentado." (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXII; 147| ESB. XXII; 171/172).

Para Freud o pensamento é originalmente inconsciente, preexiste à assimilação de restos verbais, e parte do estabelecimento de relações entre impressões de objetos, tal como se dá entre os animais não humanos. Isso pode-se deduzir do que escreveu em 1900 e 1911:

"Os processos de pensamento em si mesmos são sem qualidade, exceto pelas excitações agradáveis e desagradáveis que os acompanha e as quais, em vista de seus possíveis efeitos perturbadores sobre o pensamento, precisam ser mantidas dentro de limites. Para que os processos de pensamento possam adquirir qualidade, **nos seres humanos** eles se associam a memórias verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência e para dotar o processo de pensamento de um novo investimento móvel a partir da consciência." (Freud, 1900: St. Ed. V; 617| ESB. V; 656) (posto em negrito aqui).

"É provável que originalmente o pensamento fosse inconsciente, na medida em que ia além das meras apresentações ideativas e era dirigido às relações entre impressões de objetos, e não adquiriu qualidades adicionais, perceptíveis pela consciência, até ter se conectado a resíduos verbais." (Freud, 1911b: St. Ed. XII; 221| ESB. XII; 281).

Ao invés de adotar uma compreensão excessivamente generalizada do que é a linguagem, fazendo-a condição de todas as formas de manifestação da vida psíquica humana, o presente trabalho tomou uma direção divergente e preferiu valorizar a linguagem em sua especificidade própria, ou seja, enquanto sistema de articulações regradas de representações-palavras (ou de elementos equivalentes). Tal tomada de posição é valiosa do ponto de vista da teorização psicanalítica porque como a referência à linguagem *assim concebida* é o caminho para o entendimento tanto da possibilidade de tomada de consciência dos processos do mundo interno quanto da finalização da passagem das relações restritas aos objetos locais e à corrente sensual da libido para a relação com os objetos totais no registro da corrente afetiva, preserva-se, com essa tomada de posição, o instrumento conceitual básico e necessário para se desenvolver os conhecimentos relativos aos processos psíquicos citados. Além disso, só reconhecendo que a linguagem está no nível de complexidade que caracteriza a *palavra* é possível claramente distinguir dela, como Aulagnier faz, outras formas de representação psíquica, as quais giram em torno do "pictograma" e da "fantasia", representações que são mais primitivas e que, diferentemente da representação-palavra, não dependem, para existir, da assimilação de corpos de significantes *socialmente compartilhados*.

Na verdade, a aquisição da linguagem supõe uma forma de vida psíquica anterior, seguramente organizada em outras bases. Isso Anzieu procura mostrar ao apontar que ao lado do modelo de "arborescência", empregada por Freud para construir o aparelho de linguagem e para descrever os processos psíquicos em *Interpretação dos Sonhos* e nos trabalhos metapsicológicos dos anos dez, é necessário também levar em conta o modelo da "vesícula", claramente

introduzido em 1923, o qual para Anzieu é essencial no entendimento do "eu-pele", campo que inicialmente organiza o mundo psíquico para que nele, então, possam se dar processos psíquicos mais complexos como, por exemplo, a linguagem (rever nota 162).

As intrincações entre as múltiplas e ricas correntes teóricas em psicanálise são certamente muito complexas. O presente trabalho tem ligações relevantes com praticamente todas as mais importantes linhas de pesquisa psicanalítica já citadas. Isso resulta do fato desse estudo se referir a uma das grandes polaridade ou distinções que dominam a vida psíquica como um todo e ter-se situado, fundamentalmente, no contexto teórico freudiano, que foi o ponto de partida, e evidentemente está relacionado a tudo que depois se construiu em psicanálise.

Nesse último capítulo foram indicados apenas alguns pontos de contato mais relevantes com a literatura pós-freudiana. Talvez tenha chegado a ficar claro, no entanto, que o pensamento psicanalítico pode (e deve) dar continuidade à pesquisa das variadas questões que nascem diretamente do corpo das construções freudianas aproveitando-se para isso de todas as iluminadoras contribuições pensadas depois delas.

## **5 – CONCLUSÕES E RENDIMENTOS**

*“Avançar é como recuar”  
(Lao Tsé)*

Movido pela idéia de Freud a respeito das três grandes polaridades que governam a vida psíquica, o estudo que aqui foi desenvolvido procurou delimitar as distinções eu//não-eu reconhecíveis nos textos freudianos e encontrar as articulações porventura existentes entre elas. Isso foi feito através do exame dos escritos freudianos assim como da literatura psicanalítica pós-freudiana a eles relacionada no que diz respeito à questão em jogo.

Nessas conclusões, numa brevíssima recapitulação, serão de início arrolados, como rendimentos que a produção dessa tese gerou, as questões que aqui foram trabalhadas com mais originalidade, pontos que futuramente poderão ser retomados em estudos que visem a ampliação da ciência psicanalítica.

O primeiro capítulo, dividido em três partes, foi dedicado à delimitação do problema a ser tratado e ao levantamento, na obra de Freud e na literatura pós-freudiana, das indicações necessárias para que a questão em estudo ficasse explicitada em toda sua complexidade.

Na primeira seção do segundo capítulo foi resgatada e revalorizada a idéia de prazer enquanto experiência psíquica básica. O prazer foi visto como decorrência de um ritmo, e não como resultado de redução de tensão.

Propôs-se a noção de "região de indiscriminação". Lá estaria o "núcleo psíquico" ao qual caberia a denominação de "eu-núcleo".

Em complemento às noções de "região de indiscriminação" e "eu-núcleo" foram formuladas as noções de "área de extensão" e "mundo discriminado".



A seguir foi feita a construção teórica que tornou possível entender o sono sem sonho como parte integrante da vida psíquica.

Chegou-se à formalização da primeira forma de distinção eu//não-eu em termos da idéia da oposição eu-núcleo/mundo-discriminado e definiu-se, a partir daí, a idéia da oscilação da quantidade entre esses pólos.

Na seção seguinte foi revalorizada a idéia de vida psíquica intra-uterina e apontado como seu reconhecimento permite um importante reentendimento da tese da dominância da sexualidade na vida anímica.

Foi proposto um particular modo de compreender a idéia freudiana de que na vigência do eu-real-do-início há um sólido critério para determinar que algo existe na realidade.

Surgiram as noções de "turbilhão representacional", "período de bonança" e "estímulo benfazejo".

Apresentou-se a noção de "sistema de recepção" ou "Recep." e reconheceu-se no aparelho psíquico o "eu-interno" e o "mundo-psíquico-externo" como segunda forma de distinção eu//não-eu. Entre eles foi suposta uma regular oscilação da dominância da atividade psíquica. O sistema Pcp. foi considerado como um elemento de intercessão, parte tanto do eu-interno quanto do mundo-psíquico-externo. A diferença entre mundo externo e mundo-psíquico-externo foi especialmente enfatizada.

O conjunto dessas noções permitiu distinguir as percepções, processos do mundo-psíquico-externo, das alucinações, processos do eu-interno que atingem Pcp..

Tanto as fantasias quanto os delírios foram considerados produtos do eu-interno, sendo que no caso dos delírios dá-se a equivocada atribuição de seus conteúdos ao mundo externo.

A denominação "eu-estrutura-operante" (ou, mais simplificada-mente, "eu-operante") ganhou destaque para indicar as configurações psíquicas altamente energizadas, fortemente associadas entre si, e capazes de operar sobre os processos adjacentes.

Fez-se um aprofundamento da tese de que na base do eu-operante está o "eu-corpo".

Esclareceu-se a idéia de "eus-parciais-mínimos" e compreendeu-se o início do eu-estrutura-operante como a resultante da integração de vários eus-parciais-mínimos. Apontou-se, então, a terceira forma de distinção eu//não-eu: a distinção eu-operante/isso.

Explicitou-se o que é o desprazer em termos metapsicológicos e foi feita a proposta de se distinguir a "lei de prazer" e a "lei de desprazer" dentro do princípio de prazer/desprazer mais geral. De passagem isso permitiu a abertura de uma via para a ampliação do entendimento do que é o masoquismo.

Foi enfatizada a idéia de dois regimes de composição das pulsões. Num regime há dispersão dos processos psíquicos. Essa dispersão dá-se no isso, lugar dos processos psíquicos primários. O outro regime traduz-se pela reunião/integração dos processos psíquicos. Essa é a marca do eu-estrutura-operante, lugar próprio dos processos psíquicos secundários. A construção desses elementos teóricos permitiu o reconhecimento de uma terceira forma de oscilação da quantidade: a que se dá entre o eu-operante e o isso.

Na terceira seção propôs-se a noção de "objeto-local".

A diferença entre pulsão sexual e pulsão de auto-conservação foi revalorizada e pôde ser explicitada independentemente de qualquer consideração biológica.

Introduziram-se as noções de "objeto-local-aí" e de "objeto-local-aqui" e reconheceu-se uma forma de oscilação de investimento entre eles.

A pulsão escópica foi examinada como elemento instigador privilegiado em termos da provocação de processos que têm o valor de ponte, ou passo intermediário, na formação da unificação do objeto.

A função de memória foi avaliada como central no processo de unificação dos objetos-locais-aí e conseqüente formação do objeto total.

A pulsão de domínio e o engatinhar foram reconhecidos como particularmente significativos no processo de formação da pré-unificação dos objetos-locais-aqui e de uma quase constituição do objeto-total-aqui.

Foi visto como o andar e a volta do amor sobre si mesmo atuam de maneira também decisiva na formação definitiva do "objeto-total-aqui". Sugeriu-se, além disso, que o eu-ideal manifesta-se de forma privilegiada a partir do ato de andar.

A continuação do estudo indicou como se dá a emergência da representação de sujeito e como nascem os "objetos-representados-como-sujeitos" (ou simplesmente "objetos-sujeitos"), ou seja, o "objeto-eu" e o "objeto-outro" (ou, também mais simplificada, o "outro").

Examinou-se como a auto-inserção no mundo da linguagem e a assimilação do uso da palavra oferecem elementos sólidos, processos bem definidos, estabilizados, repetitivos, reproduzíveis e, conseqüentemente, capazes de vir a dar consistência ao objeto total. Foi dito, de fato, que é a introdução no mundo da linguagem e no uso da palavra que permitem a superação do caráter evanescente da configuração inicial, apenas imagética, daquele objeto. Reconheceu-se ainda que a linguagem, processo que reúne aparelhos psíquicos, é nítido produto de Eros. A formação da identificação primária foi compreendida em associação à assimilação de um mundo lingüístico definido emergindo,

assim, a idéia de que a adoção da linguagem responde a um movimento de ordem libidinal de aproximação e associação aos objetos significativos. Foi levantada a hipótese de que a compreensão de que o outro também é sujeito de uma vida psíquica resulta da auto-inserção no mundo da linguagem.

A linha de raciocínio seguida conduziu à idéia de que no aparelho psíquico a região de representação inicial dos objetos totais (objeto-eu e objetos-outros) desenvolve-se na área reservada aos processos pré-conscientes. Chegou-se, nessa seção, ao reconhecimento de uma quarta forma de distinção eu//não-eu, ou seja, a oposição objeto-eu/objeto-outro. Viu-se, além disso, que na vida psíquica há inegável oscilação entre os investimentos do objeto-eu e os investimentos referidos aos objetos-outros.

Finalmente, na última seção do segundo capítulo foi destacada a noção de "eu-sujeito" e foi indicada, logo de início, a quinta forma de distinção eu//não-eu: a distinção eu-sujeito/objeto.

Abriu-se lugar para a reintrodução da noção de conhecimentos instintivos ("instinktiven Wissen") com o acatamento da idéia freudiana de memórias filogenéticas e rastros do herdado.

Em vez da forma tradicional, "supereu", valorizou-se o termo "sobre-eu" como tradução que indica melhor o que a expressão "Überich" de fato significa.

Realçou-se a idéia de que, em relação aos diversos aspectos do trabalho do sobre-eu, os sentimentos de inferioridade se associam especificamente às funções de ideal e os sentimentos de culpa se associam particularmente às funções de crítica.

A noção freudiana de eu-atual foi destacada e valorizada teoricamente. Chegou-se, assim, à sexta e última forma de distinção

eu//não-eu reconhecida nos escritos freudianos, ou seja, a distinção eu-atual//sobre-eu (e projetos sublimatórios). No final foi indicado como entre esses dois pólos também se dá, regularmente, a oscilação quantitativa que caracteriza a vida psíquica.

No terceiro capítulo foi defendida a idéia de que a noção freudiana de energia psíquica não se inclui no universo das teorias vitalistas. Foi dito que a metapsicologia não deve ser entendida como uma antecipação das explicações biológicas, neuroanatômicas ou neurofisiológicas do fato psíquico. Defendeu-se a idéia de que em si mesma a pulsão é psíquica, embora sua fonte seja somática, e que é em virtude desses dois aspectos que a compõem que dela se diz que é um conceito de fronteira. Também foi dito que a quantidade pode existir sem estar organizada no aparelho psíquico – só quando ela se organiza é que se formam as representações e as experiências afetivas. Avaliou-se que o conjunto das teorias freudianas mostra que, em termos epistemológicos, a metapsicologia articula os processos de compreensão e explicação no estudo do fato psíquico.

A pulsão foi entendida como constante enquanto excitação, mas variável em sua intensidade.

Considerou-se que a fonte da excitação pulsional é sempre somática e nunca um significante ou um objeto.

Adotou-se o ponto de vista de que as noções de pulsão de vida e de pulsão de morte têm peso equivalente no entendimento da vida psíquica.

Aproximou-se a idéia de "eu-núcleo" da noção winnicottiana de "estado-de-não-estar-vivo".

A idéia de vida psíquica intra-uterina foi decididamente retomada.

A pulsão de auto-conservação foi entendida como aquela que, sob pena de extremo desprazer ou mesmo extinção da vida psíquica, não pode deixar de ser atendida. Por sua vez, em virtude de processos defensivos ou não, a pulsão sexual eventualmente pode deixar de ser atendida. Quando é satisfeita, regularmente gera prazer. Explicitou-se ainda que a noção de pulsão de auto-conservação é essencial para que se sustente a perspectiva dinâmica (e conflitiva), fundamental no pensamento psicanalítico.

Seguiu-se a idéia de Freud de que o objeto só aparece na vida psíquica tardiamente. Da mesma maneira entendeu-se que há camadas primitivas da vida psíquica que não são estruturadas pela linguagem. Nela, em sentido próprio, a vida psíquica só se insere um pouco antes da época em que começa o uso da fala.

\*

Numa síntese geral pode-se dizer que, partindo das indicações a respeito da polaridade “eu – mundo externo, sujeito – objeto”, apresentadas em *Pulsões e destinos das pulsões*, o estudo que aqui está chegando ao fim indica que, no conjunto de sua obra, Freud lidou, de fato, com várias formas de distinções eu//não–eu.

A investigação que foi levada a cabo mostra que é possível reconhecer seis formas de distinções eu//não–eu na vida psíquica, tal como é analisada por Freud:

- 1) *eu-núcleo/mundo-discriminado* – O eu-núcleo é a realidade psíquica que se apresenta quando a soma total de quantidade diminui até o nível mínimo, refluindo para a região de indiscriminação, e não produzindo mais que leves oscilações de prazer/desprazer desacompanhadas de qualquer forma de representação. O mundo-

discriminado é composto de todas as formas de realidade psíquica que são constituídas a partir do momento em que o nível da quantidade começa a crescer, indo além do ponto mínimo.

- 2) *eu-interno/mundo-psíquico-externo* – O eu-interno é a parte do mundo-discriminado na qual ocorrem todos os processos psíquicos que podem ser experimentados ou traduzidos em representações e afetos, com exclusão dos que compõem o mundo-psíquico-externo. O mundo-psíquico-externo é o conjunto de processos psíquicos que se manifestam em termos de percepções resultantes dos estímulos externos que chegam ao psiquismo através dos sistemas de recepção, ou “Recep.”.
- 3) *eu-estrutura-operante/isso* – O eu-operante é a estrutura psíquica em que domina a fórmula de composição pulsional na qual Eros consegue se impor e fazer incluir a tendência à descarga dentro de uma seqüência ordenada de processos que cuidam tanto da evitação de desprazer quanto da geração de prazer. O isso, por outro lado, é a estrutura na qual as pulsões de vida e de morte manifestam-se com igual peso e determinam a dispersão de incontáveis processos psíquicos simultâneos que se desenvolvem sem integração ou ordenação de conjunto.
- 4) *eu-sujeito/objeto* – O eu-sujeito é o que emerge quando o acento psíquico recai sobre a qualidade da vivência que está sendo experimentada enquanto que o objeto é o elemento que ganha destaque quando o acento enfatiza o conteúdo para os quais se dirigem as moções pulsionais.
- 5) *eu-objeto/objeto-outro* – O eu-objeto é o polo *aquí* do investimento afetivo no sentido de que é o objeto que propicia sensações externas e internas, reúne a possibilidade de atividade à de passividade enquanto tela de investimento e, ao mesmo tempo, é a própria base

que contém as zonas erógenas. O objeto-outro é o polo *aí* dos investimentos afetivos no sentido de que só é conhecido na sua exterioridade, não é submetível aos comandos motores do sujeito de quem ele é objeto, e não é base das zonas erógenas desse sujeito.

6) *eu-atual/sobre-eu (e projetos sublimatórios)* – O eu-atual é a organização psíquica referida à satisfações que advêm da realidade específica do sujeito, e que são experimentadas no momento presente, nele se esgotando. O sobre-eu (e os projetos sublimatórios) é a organização que submete a satisfação ao que é valorizável do ponto de vista da vida social. Isso inclui a referência a um tempo ideal, mais vasto que o presente concreto no qual o sujeito está imerso.

A investigação feita revelou que essas seis formas de distinções eu//não-eu decorrem da atividade pulsional na medida em que ela procura ser atendida, em toda sua complexidade. O estabelecimento daquelas formas de distinção eu//não-eu, associadas a diferenciações topográficas, permite e ao mesmo tempo resulta do processo de *oscilação*, processo que aqui foi destacado e proposto como um dos fatores básicos e necessários na vida pulsional em sua perene busca de satisfação<sup>(1)</sup>.

A multiplicidade de distinções eu//não-eu que foi apresentada não é uma característica de todas as etapas da vida psíquica mas, ao contrário, surge no curso de uma trabalhosa complexificação que se

<sup>(1)</sup> A perspectiva adotada nessa tese se aproxima da idéia de que Freud teria concebido o aparelho psíquico como um aparelho complexo, composto de partes que ao mesmo tempo se *completam* e se *opõem*. Em seu estudo em torno da questão "por que Freud foi Freud?", Renato Mezan enuncia esse entendimento quando diz: "O primeiro ponto a assinalar é que, para Freud, não existe a mente, nem a alma. O que existe é um 'aparelho psíquico', cujas partes se articulam na dimensão da complementaridade e na dimensão da oposição. Em outros termos, as peças do aparelho estão articuladas não somente de modo a se completar mutuamente, do que resultaria um modo linear de operação, mas principalmente de tal forma que algumas funcionam *contra* as outras, superpondo-se a elas e inibindo-as no seu jogo." (Mezan, 1993; 143). As idéias que aqui foram desenvolvidas não só seguiram um entendimento semelhante ao apontado por Mezan como, na verdade, até mesmo levaram-no adiante ao propor a hipótese de *oscilação das configurações pulsionais em atendimento*.



desenvolve no tempo. Foi possível reconhecer que entre tais distinções existem nítidas e ricas articulações, delas indicando-se os principais aspectos.

As idéias centrais levantadas nesse estudo geraram uma questão que nesse momento não deve ser evitada porque é só em sua resposta que o desenvolvimento dessa tese na verdade se completa. Comparando as seis formas de distinção eu//não-eu, ou seja:

eu-núcleo	/	mundo-discriminado
eu-interno	/	mundo-psíquico-externo
eu-estrutura-operante	/	isso
eu-sujeito	/	objeto
eu-objeto	/	objeto-outro
eu-atual	/	sobre-eu (e projetos sublimatórios)

constata-se que de um lado das oposições há um termo que se repete: o *eu*. Do outro lado há uma diversidade irreduzível. Isso suscita algumas perguntas. Por que, nesse primeiro pólo da oposição, sempre se fala de *eu*? O que há de comum nesse pólo, em suas seis formas, que justifique que seja sempre designado, pelo menos em parte, com o mesmo nome? O que há de comum em todos esses "*eus*"? O que, na verdade, é o *eu*? Será que o estudo aqui desenvolvido (ou melhor, a configuração teórica criada por esse estudo) permite ganhar algum terreno na compreensão do conceito de "*eu*"?

A essa última pergunta a resposta parece ser positiva. A avaliação de tudo o que foi visto nessa pesquisa aponta insistentemente para um fato que se repete no contexto das seis formas de distinção eu//não-eu. Esse fato pode ser descrito nos seguintes termos: em cada uma das

oposições eu//não-eu, no pólo *não-eu* há uma clara *diversidade de manifestações* em contraste com a maior *unificação* do pólo *eu*. A indicação de como isso se manifesta é feita a seguir.

Na distinção eu-núcleo/mundo-discriminado, ao eu-núcleo corresponde o estado em que a vida psíquica está reduzida a seu mínimo, à simples variação prazer-desprazer, sem conteúdo. Já ao mundo-discriminado corresponde uma multiplicidade incalculável de conteúdos, ou seja, todos os que são conscientemente discrimináveis ou, sendo pré-conscientes ou inconscientes, poderiam vir a ser distinguidos caso se tornassem conscientes

Na distinção eu-interno/mundo-psíquico-externo uma avaliação semelhante pode ser feita. Embora os processos do eu-interno sejam incontáveis e extremamente complexos, sua discriminação é bastante difícil e limitada e em relação a eles têm-se a impressão de serem em grande parte conhecidos e recorrentes. O mundo-psíquico-externo (ou seja, as percepções que advêm de estímulos externos) é considerado praticamente infinito em sua dispersão e variedade, sendo incalculável o número de elementos mutáveis que nele podem ser fácil, clara e rapidamente discriminados.

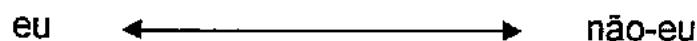
Na distinção eu-operante/isso dá-se uma situação similar. Enquanto que no *isso* há um conjunto incalculável de processos que estão sempre se desenvolvendo mais ou menos caótica e dispersamente, no *eu-operante* há organização e relativa coerência daí resultando, conseqüentemente, que, nesse nível, há uma clara redução da variedade das manifestações psíquicas.

Na distinção eu-sujeito/objeto o mesmo fenômeno se repete. Em todas as experiências subjetivas há inquestionável tendência à unidade no *eu-sujeito* da experiência enquanto que as configurações reconhecidas como *objeto* são incalculavelmente diversificadas.

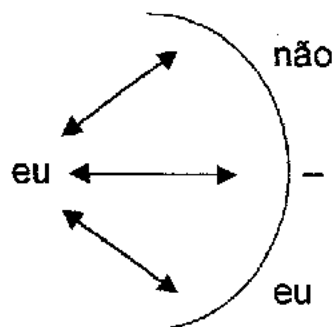
Na distinção eu-objeto/objeto-outro a repetição do fenômeno é óbvia: o investimento do *eu-objeto* é singular enquanto que o investimento do *objeto-outro* é sempre plural e diferenciado.

Finalmente, também a distinção eu-atual/sobre-eu não foge a esse padrão. Essa distinção tem a ver com uma troca de acento psíquico que ora recai sobre o *sobre-eu*, e dá-se, então, o envolvimento com uma multiplicidade de situações referidas a tempos ideais diversos, ora há a ênfase no *eu-atual*, com a dominância da momentaneidade do presente, na qual há uma inegável repetição da experiência de atualidade.

O pólo *eu* é, portanto, o pólo de *convergência*, e o pólo *não-eu* é o pólo de *dispersão*. Isso sugere que a oscilação das massas quantitativas dentro das distinções eu/não-eu não se dá entre pólos estruturalmente equivalentes, intercambiáveis, mas entre pólos *estruturalmente diferenciados*, um marcado pela *dispersão* e outro pela *convergência*<sup>(1)</sup>. Dessa forma, a representação das oscilações não deve ser feita como se segue:



Mas, em princípio, poderia ser feita da seguinte forma:



(1) Talvez haja aqui elementos para o desenvolvimento, com base na noção de pulsão como matriz, da "linhagem subjetal" de teorização (termo empregado por André Green) a qual precisaria ser construída ao lado da já mais conhecida e explorada "linhagem objetal" (rever nota 133).

Chega-se assim, em virtude dessa noção de “convergência/dispersão”, à idéia de que a oscilação das massas quantitativas dentro das distinções eu//não-eu determina uma forma peculiar de *pulsção*, que poderia ser chamada de “*pulsção psíquica*”.

Ora, a noção de “*pulsção psíquica*” com facilidade permite, por sua vez, a construção de uma formulação enriquecedora a respeito do que é o “eu”, formulação extremamente sucinta que está num nível de abstração mais elevado (mais distante do dado fatural) inserindo-se dentro do tecido teórico com mais profundidade e rigor. Efetivamente, pode ser dito que *o eu é o pólo de convergência na pulsção psíquica*. Deve ficar bem claro, no entanto, que isso não quer dizer que o eu seja o centro ou o núcleo da vida anímica. Adotar esse modo de entender seria simplesmente voltar atrás na compreensão que a psicanálise arduamente conquistou. O eu, pólo da *convergência*, está caracteristicamente num dos extremos do campo. Isso, aliás, está bem indicado no desenho acima. No extremo oposto, pólo da dispersão, estará o não-eu. *Nenhum deles é centro da vida anímica*.

Ao invés de ser desfecho de teorização, a formulação de que *o eu é o pólo de convergência na oscilação psíquica* na verdade não passa de uma nova abertura para mais estudos e entendimentos a respeito da vida psíquica. Nesse sentido repete-se a constatação de que o trabalho de construção teórica é infundável.

Nessas conclusões devem ainda ficar apontados alguns ganhos que resultaram do estudo que agora chega a seu final. Esses ganhos referem-se tanto à teoria da clínica quanto à metapsicologia.

Em termos clínicos, a atenção para a questão da oscilação da energização entre as várias estruturas eu//não-eu permite o melhor reconhecimento da natureza de algumas formas de dificuldades

emocionais. Efetivamente, em diferentes situações torna-se mais fácil compreender a realidade do analisando quando se destaca o fato de que no quadro clínico houve rigidificações e, com isso, a necessária oscilação psíquica ficou dificultada. Ainda no terreno clínico, não desconsiderar a realidade da oscilação da energização entre as diversas estruturas eu/não-eu também é vantajoso porque pode levar à modificação do entendimento de parte do que é mostrado por aqueles que fazem suas análises. A modificação em jogo está em deixar de repetir o erro, que freqüentemente se faz, de se atribuir a qualidade de sintoma ao que na verdade não é mais que manifestação de naturais e necessárias formas de oscilação na vida psíquica, tais como as que aqui foram estudadas.

Quanto à metapsicologia<sup>(1)</sup>,<sup>331</sup>,<sup>332</sup> com a discriminação das várias formas de distinção eu//não-eu assim como das articulações entre elas, e com o reconhecimento das oscilações das configurações pulsionais em atendimento e da quantidade entre as diversas áreas ou estruturas do aparelho psíquico, esse estudo aspira a produzir o que talvez seja um significativo ganho conceitual, nomeadamente, a articulação de dois grandes setores de teorização: *a teoria da arquitetura do aparelho psíquico e a teoria da montagem pulsional*. As ligações que foram indicadas podem ser resumidamente lembradas através do quadro que se segue:

---

(1) Essa tese valoriza a metapsicologia numa linha de raciocínio semelhante à que Mezan indica num recente livro (ver nota 331). Da mesma maneira, a idéia de *oscilação*, central nesse estudo, tem uma clara afinidade com a noção de "movimentos opostos uns aos outros" que, ainda segundo Mezan, está na origem da orientação dada por Freud a suas procuras de entendimento da vida anímica (ver nota 332).

---

**MONTAGEM PULSIONAL**

---

---

1- pressão

---

2- espaços de localização do objeto no aparelho psíquico

---

3- modos de alcance do alvo  
(tipos de processos psíquicos:  
processo psíquico secundário  
processo psíquico primário)

---

4- passagem alvo-objeto

---

5- classes de objeto

---

6- transformações pulsionais

---

---

**ARQUITETURA DO APARELHO PSÍQUICO**

---

---

1- eu-núcleo/mundo-discriminado

---

2- eu-interno/mundo-psíquico-externo

---

3- eu-estrutura-operante/isso

---

4- eu-sujeito/objeto

---

5- eu-objeto/objeto-outro

---

6- eu atual/sobre-eu (e projetos sublimatórios)

---

Essa tese chega a seu desfecho com a esperança de que a linha de pensamento aqui proposta efetivamente possa vir a ser útil àqueles que procuram desenvolver uma maior e melhor integração das teorias psicanalíticas.

## NOTAS

<sup>1</sup> "A relatividade do nosso conhecimento é uma consideração que pode ser formulada contra todas as outras ciências do mesmo modo que contra a psicanálise. Origina-se de conhecidas correntes reacionárias do pensamento atual hostis à ciência, e pretende o surgimento de uma superioridade a que ninguém pode aspirar. Nenhum de nós pode adivinhar qual será o julgamento final da humanidade sobre nossos esforços teóricos. Existem exemplos em que a rejeição das três primeiras gerações foi corrigida pela seguinte e transformada em reconhecimento. Depois de se ter ouvido com cuidado a voz da autocritica e de haver prestado certa atenção às críticas dos adversários, não resta mais nada a fazer senão sustentar, com todas as forças, as próprias convicções baseadas na experiência. A pessoa deve contentar-se em agir com o máximo de honestidade, não devendo assumir o papel de juiz, reservado ao futuro remoto. Dar ênfase a opiniões pessoais arbitrárias, em assuntos científicos, é mau; constitui claramente uma tentativa de questionar o direito da psicanálise de ser considerada uma ciência – aliás, depois de já ter sido esse valor depreciado pelo que foi dito antes. Quem quer que dê grande valor ao pensamento científico procura, antes, todos os meios e métodos possíveis para limitar o fator predileções pessoais fantasiosas tanto quanto possível, onde quer que ele desempenhe papel grande demais." (Freud, 1914a: ESB. XIV; 73/74 | St. Ed. XIV; 58/59).

<sup>2</sup> "Mas sou da opinião de que é exatamente nisso que consiste a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência erigida a partir da interpretação empírica. Esta última não invejará a especulação por seu privilegio de ter um fundamento suave, logicamente inatacável, contentando-se, de bom grado, com conceitos básicos nebulosos mal imagináveis, que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros. Pois essas idéias não são o fundamento da ciência, no qual tudo repousa: Esse fundamento é tão-somente a observação. Não são a base mas o topo de toda a estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-la. Em nossos dias a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas noções básicas no tocante a matéria, centros de força, atração etc., são quase tão discutíveis quanto as noções correspondentes em psicanálise." (Freud, 1914b: ESB. XIV; 93/94 | ESB. XIV; 77).

<sup>3</sup> "Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição: não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nitida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas o qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções – embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerente numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo 'conceitos básicos', que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo." (Freud, 1915a: ESB. XIV; 137 | St. Ed. XIV; 117).

<sup>4</sup> "Há em tudo isto contradição? Penso que sim, se há pretensão de uma leitura da teorização freudiana como um sistema. A perspectiva destas notas, porém, é outra. Nelas nenhuma formulação freudiana deixa de ter uma razão de ser no interior de sua obra, mesmo nos casos em que a pesquisa e a reflexão posterior levem a considerar erradas algumas destas formulações. Como foi sugerido acima, mais do que contradição – e é óbvio que há contradições na obra de Freud –, as oscilações e vacilações a que ele se refere em seu último trabalho exprimem a riqueza de um pensamento que não aceita encerrar-se num sistema e representam – quicá – o percurso de uma constituição científica que não ignorou os limites do conhecimento." (Plastino, 1989; 86).



<sup>5</sup> "No caso do par de opostos sadismo — masoquismo, o processo pode ser representado da seguinte maneira: ...c) uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade pulsional, tem de assumir o papel de sujeito." (Freud, 1915a: St. Ed. XIV; 127 ESB. XIV; 148).

<sup>6</sup> "Assim formamos a idéia de que há um investimento libidinal original do eu, parte do qual é posteriormente transmitido a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionado com os investimentos objetivos assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz... Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre libido do eu e libido objetivo. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia." (Freud, 1914b: St. Ed. XIV; 75/78 ESB. XIV; 91/94).

<sup>7</sup> "O menino recalca seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. ... ele ... encontra os objetos de seu amor seguindo o caminho do narcisismo..." (Freud, 1910b: St. Ed. Vol. XI; 100 ESB. XI; 92).

<sup>8</sup> "... invertidos ... partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar como eram amados por sua mãe." (Freud, 1905: St. Ed. VII; 145 ESB. VII; 145/146).

<sup>9</sup> "Disto pode-se concluir que na paranóia a libido liberada vincula-se ao eu e é usada para seu engrandecimento. Assim é feita uma volta ao estágio do narcisismo (conhecido por nós a partir do desenvolvimento da libido) no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio eu." (Freud, 1911a: St. Ed. XII; 72 ESB. XII; 96).

<sup>10</sup> "O homem doente recolhe seu investimento libidinal de volta sobre seu eu, e o manda para fora de novo quando fica curado." (Freud, 1914b: St. Ed. XIV; 82 ESB. XIV; 98).

<sup>11</sup> "Também a condição de dormir se assemelha à doença na medida em que implica num recolhimento narcísico das posições da libido sobre a própria pessoa." (Freud, 1914b: St. Ed. XIV; 83 ESB. XIV; 98).

<sup>12</sup> "No caso da esquizofrenia, por outro lado, fomos levados à suposição de que, após o processo de recalque, a libido que foi retirada não procura um novo objeto e refugia-se no eu; isto é, que aqui os investimentos objetivos são abandonados, restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo e de ausência de objeto. A incapacidade de transferência desses pacientes (até onde o processo patológico se estende), sua consequente inacessibilidade aos esforços terapêuticos, seu característico repúdio ao mundo externo, o surgimento de sinais de um superinvestimento de seu próprio eu, o resultado final de completa apatia — todas essas características clínicas parecem concordar plenamente com a suposição de que seus investimentos foram abandonados." (Freud, 1915c: St. Ed. XIV; 196/197 ESB. XIV; 224/225).

<sup>13</sup> "Possuímos, assim parece, uma certa capacidade de amar — que chamamos de libido — que nas etapas mais iniciais do desenvolvimento é dirigida no sentido do nosso próprio eu. Mais tarde, embora ainda numa idade muito precoce, essa libido é desviada do eu para os objetos, que são assim num certo sentido incorporados no nosso eu. Se os objetos são destruídos ou se ficam perdidos para nós, nossa capacidade para o amor (nossa libido) é uma vez mais liberada; e pode então ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao eu." (Freud, 1916: St. Ed. XIV; 306 ESB. XIV; 346/347).

<sup>14</sup> "Existem, num dado momento, uma escolha objetiva, uma ligação da libido a uma pessoa particular. Então, devido a uma desconsideração real ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetiva foi destroçada. O resultado não foi normal — uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo... a libido livre não foi deslocada para um outro objeto; foi retirada para o eu." (Freud, 1917a [1915]: St. Ed. XIV; 248/249 ESB. XIV; 281).

<sup>15</sup> "... esses pacientes que analisei tinham gozado de boa saúde mental até ao momento no qual uma ocorrência de incompatibilidade ocorreu em suas vidas emocionais — isto é, até que o eu foi confrontado com uma experiência, uma idéia ou um sentimento que levantou um afeto tão penoso que o sujeito decidiu esquecê-lo ..." (Freud, 1894: St. Ed. III; 47 ESB. III; 59).

<sup>16</sup> "A base para o recalque ele mesmo só pode ser um sentimento de desprazer, a incompatibilidade entre uma idéia isolada que deve ser recalçada e a massa dominante de idéias que constituem o eu." (Freud, 1893-1895: St. Ed. II: 116| ESB. II; 164).

<sup>17</sup> "Do eu do paciente aproximou-se uma idéia a qual provou ser incompatível, o que provocou da parte do eu uma força repulsora cujo propósito era a defesa contra essa idéia incompatível." (Freud, 1893-1895: St. Ed. II: 269| ESB. II; 325).

<sup>18</sup> "Aqui, o eu rejeita a idéia incompatível junto com seu afeto e se conduz como se a idéia nunca tivesse ocorrido ao eu de todo." (Freud, 1894: St. Ed. III: 58| ESB. III; 71).

<sup>19</sup> "É portanto justificado dizer que o eu rechaçou a idéia incompatível através de uma fuga para a psicose." (Freud, 1894: St. Ed. III: 59| ESB. III; 72).

<sup>20</sup> "A exclusão de grupos psíquicos pode ser considerada como um processo normal no desenvolvimento adolescente; e é fácil ver que a posterior recepção deles no eu fornece ocasiões frequentes de distúrbios psíquicos." (Freud, 1893-1895: St. Ed. II: 133/134| ESB. II; 182).

<sup>21</sup> "Nós não derivamos a cisão psíquica de uma incapacidade inata para síntese por parte do aparato mental; nós a explicamos dinamicamente a partir do conflito de forças mentais opostas e a reconhecemos como o resultado de um luta ativa por parte dos dois grupos psíquicos, um contra o outro... esforços do eu para manter afastadas memórias penosas são, evidentemente, extremamente comuns..." (Freud, 1910a[1909]: St. Ed. XI: 25/26| ESB. XI; 26).

<sup>22</sup> "O 'eu' se sente ameaçado pelas demandas das pulsões sexuais e as rechaça pelo recalque." (Freud, 1910c: St. Ed. XI: 215| ESB. XI; 201).

<sup>23</sup> "... o recalque... emana dos mais desenvolvidos sistemas do eu..." (Freud, 1911a: St. Ed. XII: 67| ESB. XII; 91).

<sup>24</sup> "Assim, pois, um investimento colateral atua como uma inibição para a passagem da  $Q_n$ . Imaginemos o eu como uma rede de neurônios investidos e bem facilitados entre si ... portanto, quando existe um eu, ele, por força, deve inibir os processos psíquicos primários." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 324| ESB. I; 429).

<sup>25</sup> "Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente dos processos mentais e chamamos a isso o seu eu. É a esse eu que a consciência se acha ligada: o eu controla as abordagens à motilidade - isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desses eu procedem todos os recalques, por meio dos quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade." (Freud, 1923: St. Ed. XIX: 17| ESB. XIX; 28/29).

<sup>26</sup> "Se o nível de investimento aumenta no núcleo do eu, a amplitude desse último poderá dilatar-se; se ele [o nível] diminui, o eu se constringirá concentricamente." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 370| ESB. I; 485).

<sup>27</sup> "... a condição prévia do sono é a queda da carga endógena no núcleo de  $\Psi$ , que torna supérflua a função secundária." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 336| ESB. I; 444).

<sup>28</sup> "... os mecanismos patológicos, revelados pela análise mais cuidadosa nas psiconeuroses, guardam a maior analogia com os processos oníricos." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I: 336| ESB. I; 443).

<sup>29</sup> "A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do eu; com isso ela se desincumbiu de sua tarefa." (Freud, 1937a: St. Ed. XXIII: 250| ESB. XXIII; 284).

<sup>30</sup> "Não acredito mais em minha *neurótica*." (Freud, 1950d[1897]: St. Ed. I: 259| ESB. I; 350).

<sup>31</sup> "Certamente não há mais necessidade de duvidar que estamos lidando apenas com uma fantasia, que nasceu talvez da observação de relações sexuais de animais ... Em vez disso, admitirei algo mais: pretendo, nesta

oportunidade encerrar a discussão da realidade da cena primária com um *non liquet*. Este caso clínico ainda não chegou ao fim; no curso do seu desenvolvimento surgirá um fator que irá abalar a certeza que parecemos desfrutar no momento. Nada restará então, julgo eu, a não ser referir aos meus leitores os trechos das *Conferências Introdutórias* nos quais tratei do problema das fantasias primitivas ou das cenas primárias." (Freud, 1918[1914]: St. Ed. XVII; 59/60) ESB. XVII; 79/80.

<sup>32</sup> "...não posso negar que a cena com Grusha, o papel que representou na análise e os efeitos que se lhe seguiram na vida do paciente podem ser mais completa e naturalmente explicados se consideramos que a cena primária que pode em outros casos ser uma fantasia, era uma realidade no caso presente. Afinal de contas, nada há de impossível nela; e a hipótese da sua realidade é inteiramente compatível com a ação incitante das observações de animais, que são indicadas pelos cães pastores na imagem do sonho.

Dessa conclusão insatisfatória, voltar-me-ei agora para uma consideração do problema, ensaiada em minhas *Conferências Introdutória sobre Psicanálise* [Conferência XXIII]. Devia ficar satisfeito em saber se a cena primária, no presente caso, foi uma fantasia ou uma experiência real; mas, levando em conta outros casos semelhantes, devo admitir que a resposta a essa pergunta não é, na verdade, uma questão de muita importância. Essas cenas de observação das relações sexuais entre os pais, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são, inquestionavelmente, um dote herdado, uma herança filogenética, mas podem também facilmente ser adquiridas pela experiência pessoal. Com meu paciente, a sedução pela irmã mais velha foi uma realidade indiscutível; por que não deveria também ser verdadeira a sua observação da cópula dos pais?

Tudo o que encontramos na pré-história das neuroses é que a criança lança mão dessa experiência filogenética quando sua própria experiência lhe falha. Ela preenche as lacunas da verdade individual com a verdade pré-histórica; substitui as ocorrências da sua vida própria por ocorrências na vida dos seus ancestrais." (Freud, 1918[1914]: St. Ed. XVII; 96/96) ESB. XVII; 121/122.

<sup>33</sup> "A única impressão que nos fica é esses eventos da infância serem de certo modo exigidos como uma necessidade, incluírem-se entre os elementos essenciais de uma neurose. Se ocorreram na realidade, não há o que acrescentar; mas, se não encontram apoio na realidade, são agregados a partir de determinados indícios e suplementados pela fantasia. O resultado é o mesmo, e, até o presente, não conseguimos assinalar, por qualquer diferença nas conseqüências, se foi a fantasia ou a realidade aquela que teve a participação maior nesses eventos da infância. Aqui, de novo temos simplesmente uma das relações complementares que mencionei tantas vezes; ela, principalmente, é a mais estranha de todas que já encontramos. De onde procede a necessidade dessas fantasias, e o material para elas? Não pode haver dúvida de que suas fontes situam-se nas pulsões; contudo, está ainda por ser explicado por que são geradas as mesmas fantasias com o mesmo conteúdo. Tenho pronta uma resposta, a qual sei que lhes parecerá audaciosa. Acredito que essa *fantasias primitivas*, como prefiro denominá-las, e, sem dúvida, também algumas outras, constituem um acervo filogenético. Nelas, o indivíduo se contata, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar. Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia - sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) - foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica." (Freud, (1916-1917c[1915-1917]): St. Ed. XVI, 370/371) ESB. XVI, 432/433.

<sup>34</sup> "...o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória, tal como ainda acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite\* {nota: \* O estado de sono é capaz de restabelecer a semelhança da vida mental, tal como era antes do reconhecimento da realidade porque um dos pré-requisitos do sono é uma rejeição deliberada da realidade (o desejo de dormir)}. Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. ... Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso." (Freud, 1911b, St. Ed. XII; 219) ESB. XII; 278/279.

<sup>35</sup> "...a natureza dos invólucros das terminações nervosas age como um crivo, de tal forma que nem todo tipo de estímulo pode operar sobre os diversos pontos terminais." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I; 313) ESB. I; 416.

- <sup>36</sup> "Posso nesse ponto lembrar que em *Além do Princípio do Prazer* demonstrei que o aparelho perceptual de nossa mente consiste em duas camadas, de um escudo protetor externo contra estímulos, cuja missão é diminuir a intensidade das excitações que estão ingressando, e de uma superfície por trás dele receptora dos estímulos, ou seja, o sistema Pcp.-Cs." (Freud, 1925b[1924]: St. Ed. XIX; 230 | ESB. XIX; 288).
- <sup>37</sup> "O processo de algo tornar-se consciente está, acima de tudo, ligado às percepções que nossos órgãos sensoriais recebem do mundo externo." (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII; 161 | ESB. XXIII; 187).
- <sup>38</sup> "...distinguir entre percepção e idéia." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I; 325 | ESB. I; 430).
- <sup>39</sup> "a informação de descarga vinda de  $\omega$  é assim a indicação de qualidade ou de realidade para  $\psi$ ." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I; 325 | ESB. I; 431).
- <sup>40</sup> "A experiência biológica ensinará então que a descarga não deve ser iniciada até que a *indicação de realidade tenha chegado*..." (Freud, 1950b[1895]: St. Ed. I; 326 | ESB. I; 432).
- <sup>41</sup> "A melancolia ... é, por um lado, como o luto, uma reação à perda real de um objeto amado." (Freud, 1917a [1915]: St. Ed. XIV; 250 | ESB. XIV; 283).
- <sup>42</sup> "...uma perda de natureza mais ideal." (Freud, 1917a[1915]: St. Ed. XIV; 245 | ESB. XIV; 277).
- <sup>43</sup> "...estamos ... em perfeita posição de fornecer a fórmula para a constituição libidinal dos grupos ... Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal de eu..." (Freud, 1921: St. Ed. XVIII; 116 | ESB. XVIII; 147).
- <sup>44</sup> "Até agora não tivemos oportunidade de considerar a angústia realística sob qualquer luz diferente da angústia neurótica. Sabemos qual é a distinção. Um perigo real é um perigo que ameaça uma pessoa a partir de um objeto externo, e um perigo neurótico é aquele que a ameaça a partir de uma exigência pulsional." (Freud, 1926[1925]: St. Ed. XX; 167 | ESB. XX; 192).
- <sup>45</sup> "...os conhecimentos que até agora obtivemos do mecanismo das psicoses... apontam para um distúrbio no relacionamento entre o eu e o mundo externo." (Freud, 1924[1923]: St. Ed. XIX; 150 | ESB. XIX; 190).
- <sup>46</sup> "...conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade." (Freud, 1940b[1938]: St. Ed. XXIII; 275 | ESB. XXIII; 309).
- <sup>47</sup> "...responde ao conflito por duas reações contrárias, ambas válidas e eficazes. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; pelo outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subsequentemente tenta desfazer-se do medo." (Freud, 1940b [1938]: St. Ed. XXIII; 275 | ESB. XXIII; 309).
- <sup>48</sup> "no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva." (Freud, 1916-1917e[1915-1917]: St. Ed. XVI; 368 | ESB. XVI; 430).
- <sup>49</sup> "...existe um caminho que conduz da fantasia de volta à realidade - isto é, o caminho da arte." (Freud, 1916-1917e[1915-1917]: St. Ed. XVI; 375/376 | ESB. XVI; 438).
- <sup>50</sup> "A criação do reino mental da fantasia encontra um paralelo perfeito no estabelecimento das 'reservas' ou 'reservas naturais', em locais onde os requisitos apresentados pela agricultura, pelas comunicações e pela indústria ameaçam acarretar modificações do aspecto original da terra que em breve o tornarão irreconhecível. Uma reserva natural preserva seu estado original que, em todos os demais lugares, para desgosto nosso, foi sacrificado à necessidade. Nesses locais reservados, tudo, inclusive o que é inútil e até mesmo nocivo, pode crescer e proliferar como lhe apraz. O reino mental da fantasia é exatamente uma reserva desse tipo, apartada do princípio de realidade." (Freud, 1916-1917e[1915-1917]: St. Ed. XVI; 372 | ESB. XVI; 434/435).

<sup>51</sup> "...a escola kleiniana, inglesa na origem, a escola americana da 'ego-psychology' e a escola francesa lacaniana... a essas três correntes ... eu proponho juntar uma quarta ... corrente marginal onde eu coloco, em seguida a Ferenczi no seu último período de vida (1ª geração), M. Balint e R. Fairbairn (2ª geração), D. Winnicott e H. Searles (3ª geração) como membros essenciais e originais." (Bercherie, 1984b; 96).

<sup>52</sup> "From the standpoint of the psychology of drive, the individual is seen in terms of lasting urges, forged in the crucible of early bodily and family experience, represented in conscious and unconscious fantasies, undergoing endless vicissitudes, and organized especially around conflict – with defenses, conscience, and reality at times arrayed against the drives. Second, from the standpoint of the psychology of object relations, the individual is seen as the carrier of an internal drama, derived from childhood, in which he or she repeatedly lives out one or more or all of the roles...Third, from the standpoint of the psychology of the self, the individual is seen in terms of the gradually solidifying differentiation of boundaries, of the achievement of continuity and cohesion of the ongoing subjective sense of self and of a generally positive, though realistically and responsively flexible, affective tone (self esteem) – or failures in any of these. Overall, these have reference to subjective experience around self-definition in relation to the object...And fourth, from the standpoint of the psychology of the ego, the individual is seen in terms of the slow accretion of capacities for adaptation, reality testing, and defense: while the traditional focus here has been on defense and its role in conflict, I give a significant place to ego defect as well." (Pine, 1989; 33/34).

<sup>53</sup> "But actually, in using the term narcissism, two different sets of opposites often seem to be fused into one. The one refers to the self (one's own person) in contradistinction to the object, the second to the ego (as a psychic system) in contradistinction to other substructures of personality... It therefore will be clarifying if we define narcissism as the libidinal cathexis not of the ego but of the self (it might also be useful to apply the term self-representation as opposed to object representation)." (Hartmann, 1950 [1981; 127]).

<sup>54</sup> "Freud pensava que o eu se forma a partir dos impulsos ou, utilizando-se uma terminologia posterior, que o eu é um nível cortical modificado do isso, que se forma sob o impacto da realidade externa." (Loewenstein, 1966; 94).

<sup>55</sup> "Devemos reconhecer que, embora o ego certamente se desenvolva a partir de conflitos estes não são a única raiz da evolução do ego. Muitos dentre nós esperamos que a psicanálise se converta numa *psicologia geral do desenvolvimento*; para que tal aconteça, tem de abranger aquelas outras raízes do desenvolvimento do ego, reavaliando, segundo o seu próprio ponto de vista e com seus próprios métodos, os resultados obtidos nessas áreas pela psicologia não-analítica." (Hartmann, 1939 [1968; 9]).

<sup>56</sup> "The question whether all energy at the disposal of the ego originates in the instinctual drives, I am not prepared to answer. Freud thinks that 'nearly all of the energy' active in the psychic apparatus comes from the drives, thus pointing to the possibility that part of it may have a different origin. ... It may be that some of the energy originates in what I described before as the autonomous ego. However, all these questions referring to the *primordial origin of mental energy* lead ultimately back to physiology – as they do in the case of instinctual energy. ... We return to the ego. Regardless of whether its energetic aspect be wholly or only partly traceable to the instinctual drives, we assume that once it is formed it disposes of independent psychic energy, which is just to restate in other terms the character of the ego as a separate psychic system." (Hartmann, 1950 [1981; 130]).

<sup>57</sup> "One evening, in the course of a discussion at a meeting of the New York Psychoanalytic Society, Hartmann pointed out that Freud used *das Ich* to mean different things at different times. ... Edith Jacobson, who was in the audience, was very taken with what Hartmann said and they had a lively discussion. I think it was in English, but maybe it was in German. At any rate the idea of using the term "self", clearly appealed to her." (Brenner, 1987; 551).

<sup>58</sup> "Since the concept of self-representations is still rather unfamiliar, I believe we must define it more precisely and describe the genetic development of these psychic formations." (Jacobson, 1954; 85/86).

<sup>59</sup> "Freud's concepts of 'ego feeling' and 'ego experience' emphasize this point. But for no good reasons, he separates this feeling aspect entirely from the conceptual components of the self-representation." (Jacobson, 1954; 86n.).

<sup>60</sup> "As indicated above, the kernels of the early infantile self-images are the memory traces of pleasurable and unpleasurable sensations which under the influence of autocrotic activities and of playful general body investigation become associated with body images.

"Like the primitive object images, our concept of the self is at first not a firm unit. Emerging from sensations hardly distinguishable from perceptions of the gratifying part-object, it is first fused and confused with the object images and is composed of a constantly changing series of self-images which reflect mainly the incessant fluctuations of the primitive mental state. We shall discuss the preoedipal development of self- and object-images further in connection with primitive identifications." (Jacobson, 1954; 86).

<sup>61</sup> "However, if we take into account our knowledge that perception of objects in the external world cannot take place without the development, within the ego of the child, of an increasingly organized and complex set of representations of external reality, then we have to go further than a purely descriptive differentiation between 'internal' and 'external', and for our present theoretical purpose, we will have to approach the metapsychological problem of the child's 'world' from a rather different point of view.

"The representations which the child constructs enable him to perceive sensations arising from various sources, to organize, and structure them in a meaningful way. We know that perception is an *active* process (Sandler) by means of which the ego transforms raw sensory data into meaningful percepts. From this it follows that the child creates, within its perceptual or *representational* world, images and organizations of his internal as well as external environment. It is well known that the infant constantly confuses aspects of what we as *observers* would describe as 'internal' and 'external' reality within its representational world." (Sandler & Rosenblatt, 1962; 131/132).

<sup>62</sup> "By the self-representation we mean that organization which represents the person as he has consciously and unconsciously perceived himself, and which forms an integral part of the representational world. This self-organization is a perceptual and conceptual organization within the representational world. The construction of the representational world is a product of ego functions, and the self- and object representations are part of the representational world." (Sandler & Rosenblat, 1962; 134).

<sup>63</sup> "...mundo representacional nunca é um agente ativo." (Sandler & Rosenblat, 1962; 136).

<sup>64</sup> "...a modification of the self-representation on the basis of another (usually an object) representation as a model." (Sandler & Rosenblat, 1962; 137).

<sup>65</sup> "...*identification with the introject*. This is an extremely common occurrence seen particularly when the child has, in his turn, become a parent and for the first time identifies with his (introjected) parental attitudes in his attitudes to his own children." (Sandler & Rosenblat, 1962; 139).

<sup>66</sup> "For a variety of historical and scientific reasons, representational world phenomena have tended to be conceptualized either apart from structural theory, as special psychologies of early phenomena; or so embedded within the structural theory that the details of the various elements do not stand out in sharp relief." (Jacobson, 1983a; 514).

<sup>67</sup> "Some have gone on to claim the creation of a new paradigm, a new formulation which completely replaces structural theory for all levels of psychopathology. Fairbairn was an early example of this; Kohut's more recent work also took this direction." (Jacobson, 1983a; 515).

<sup>68</sup> "The concept of ego state as developed by Sandler and others will enable us to integrate the two models for clinical analysis, for the two models converge in this concept. ... The ego state can usefully be defined as an affectively toned state involving a certain constellation of relationships between self and object, along with the drive derivatives, fantasies, defenses, superego reactions, and ego capacities of the time in question." (Jacobson, 1983a; 523/524).

<sup>69</sup> "Although clinically we may deal with states of object loss, we would stress again that what is lost in object loss is ultimately a state of the self for which the object is the vehicle." (Joffe & Sandler, 1965; 421).

<sup>70</sup> "While what is lost may be an object, it may equally be the loss of a previous state of the self." (Sandler & Joffe, 1965; 91).

<sup>71</sup> "According to Edward Glover (1932), the ego at first but loosely organized, consists of a considerable number of ego-nuclei. In his view, in the first place an oral ego-nucleus and later an anal ego-nucleus predominates over the others. In this very early phase, in which oral sadism plays a prominent part and which in my view is the basis of schizophrenia, the ego's power of identifying itself with its objects is as yet small, partly because it is itself still unco-ordinated and partly because the introjected objects are still mainly partial objects, which it equates with faeces." (Klein, 1935 [1980; 263]).

<sup>72</sup> "Much of the hatred against parts of the self is now directed towards the mother. This leads to a particular form of identification which establishes the prototype of an aggressive object-relation. I suggest for these processes the term 'projective identification'. ... As far as the ego is concerned the excessive splitting off and expelling into the outer world of parts of itself considerably weaken it. For the aggressive components of feelings and of the personality is intimately bound up in the mind with power, potency, strength, knowledge and many other desired qualities.

"It is however, not only the bad parts of the self which are expelled and projected, but also good parts of the self. ... The projection of good feelings and good parts of the self into the mother is essential for the infant's ability to develop good object-relations and to integrate his ego. However, if this projective process is carried out excessively, good parts of the personality are felt to be lost and in this way the mother becomes the ego-ideal; this process too results in weakening and impoverishing the ego. ...

"The processes of splitting off parts of the self and projecting them into objects are thus of vital importance for normal development as well as for abnormal object-relations." (Klein, 1946 [1980; 8/9]).

<sup>73</sup> "Ya mencioné la concepción de Melanie Klein de la posición esquizoparanoide, y el papel importante desempeñado en ella por las fantasías infantiles y ataques sádicos al pecho materno. Ataques idénticos se dirigen contra el aparato de percepción, desde el principio de la vida. Esta parte de la personalidad es recordada, dividida en fragmentos pequeños, y entonces usando la identificación proyectiva es expulsada de la personalidad. Habiéndose librado del aparato de percepción consciente de la realidad interna y externa, el paciente logra un estado en que no se siente ni vivo ni muerto. ...

"Dentro de la fantasía del paciente las partículas expulsadas del yo tienen una existencia independiente e incontrolada fuera de la personalidad. Pero, sea que contengan objetos externos o que sean contenidas por ellos, desempeñan allí sus funciones, como si la orfandad a que han sido sometidas sirviera sólo para incrementar su número y provocar hostilidad contra la psiquis que las ha rechazado. Por consiguiente, el paciente se ve rodeado de objetos grotescos cuya naturaleza pasará a describir." (Bion, 1967 [1972; 58/60]).

<sup>74</sup> "The work of Jacobson, Mahler and van der Waals, as well as my own earlier studies all point to our present understanding that self and object representations stem from a primary undifferentiated self-object representation out of which narcissistic and object investment develop simultaneously. Therefore in contrast to the traditional psychoanalytic viewpoint according to which there first exists a narcissistic investment of libido and later an object investment of libido, and in contrast to Kohut's view that narcissistic investment and object investment start out together and then evolve independently, and that aggression in narcissistic personalities is in large part secondary to their narcissistic lesions, it is my belief that the development of normal and pathological narcissism always involves the relationship of the self to object representations and external objects, as well as instinctual conflicts involving both libido and aggression. The general implication is that the concept of 'primary narcissism' no longer seems warranted because, metapsychologically, 'primary narcissism' and 'primary object investment' are in effect coincidental; the libidinal investment of a primary 'all good' self-object representation, the aggressive investment of a primary 'all bad' self-object representation, and the vicissitudes of the development and interrelationships of these two primary structures precedes the development of the libidinal investment of a differentiated self." (Kernberg, 1975 [1980; 341]).

<sup>75</sup> "If we take this view of infantile history, it is obvious that not only the adult ego but the ego of a child of five, however well organized, is essentially a composite. This can be supported by theoretical considerations which I have elaborated elsewhere, viz, that any psychic system which (a) represents a positive libidinal relation to objects or part objects, (b) can discharge reactive tension (i.e. aggression and hate against objects), and (c) in one or other of these ways reduces anxiety, is entitled to be called an ego system or ego-nucleus. Thus an oral system gratifies instinct on a part-object (mother's nipple); it can exert aggression towards the nipple (sucking, pulling, biting), and it is able to prevent some degree of anxiety. This is the model or prototype of an independent autonomic primitive ego-nucleus. Applying this system to the conception of a series of primacies, it seems

reasonable to conclude that the primitive ego, from at any rate the age of one year onwards, is polynuclear, in the sense of a series of comparatively independent organizations; also that the more primitive the ego formation, the more primitive the part objects with which it is concerned." (Glover, 1932 [1956; 168/169]).

<sup>76</sup> "To sum up at this point, the primitive structure of the ego might be figured as a kind of skeletal system. At the beginning is a cluster formation of ego-nuclei converging on a consecutive series, the elements of which show an increasing degree of organization." (Glover, 1932 [1956; 170]).

<sup>77</sup> "Indeed it might be held that the concept of a primitive Ego itself requires further elaboration. It is conceivable that at the stage we usually describe as that of primary identification, there are as many primary Egos as there are combinations of erotogenic zones with reactive discharge systems: in other words, it is conceivable that the so-called primitive Ego is originally a polymorphous construction." (Glover, 1930; 9/10).

<sup>78</sup> "Rather briefly condensed, my views on early psychic structure are as follows. From the earliest weeks of life the primitive psyche (I use this term to avoid the confusion arising from the phrase Primitive Total Ego) experiences a variety of primitive urges. As a consequence of partial or sometimes total frustration of these urges it is forced to exploit a number of psychic reactions and tendencies which are sooner or later perfected as unconscious mechanisms. As, however, many of the instincts with which the primitive psyche has to deal are component instincts (no doubt various combinations of components also exist) arising from different body zones and organ centres each one of which has an optimum importance and, despite the theory of primacy of certain instincts, a specific intensity, it follows, in my opinion, that primitive ego-structure is best described as *multi-nuclear* or *multi-locular*. ... Precipitates of experience are represented in memory traces which are organized in Psi-systems as described by Freud. It is from these systems of memory traces built up from summations of different instinctual experiences and reactions, that ego nuclei are formed." (Glover, 1943; 10).

<sup>79</sup> "However fragmented the early ego there is from the first a synthetic function of the psyche which operates with gradually increasing strength. As development proceeds, the nuclei merge more or less (it is always a case of more or less with ego-synthesis) and a coherent and complicated ego structure appears." (Glover, 1943; 11).

<sup>80</sup> "Modern psycho-analysis, by dint of laborious effort, can restore the interrupted harmony and adjust the abnormal distribution of energy amongst the intrapsychic forces, thus increasing the patient's capacity for achievement. But these forces are but the representatives of the *conflict originally waged between the individual and the outside world*." (Ferenczi, 1930[1929] [1980; 125]).

<sup>81</sup> "If, in the analytic situation, the patient feels hurt, disappointed, or left in the lurch he sometimes begins to play by himself like a lonely child. One definitely gets the impression that to be left deserted results in a split of personality. Part of the person adopts the role of father or mother in relation to the rest thereby undoing, as it were, the fact of being left deserted. In this play various parts of the body – hands, fingers, feet, genitals, head, nose or eye – become representatives of the whole person, in relation to which all the vicissitudes of the subject's own tragedy are enacted and then worked out to a reconciliatory conclusion. It is noteworthy, however, that over and above this we get glimpses into the processes of what I have called the 'narcissistic split of the self' in the mental sphere itself." (Ferenczi, 1931 [1980; 135]).

<sup>82</sup> "The same anxiety, however, if it reaches a certain maximum, compels them to subordinate themselves like automata to the will of the aggressor, to divine each one of his desires and to gratify these; completely oblivious of themselves they identify themselves with the aggressor. Through the identification, or let us say, introjection of the aggressor, he disappears as part of the external reality, and becomes intra- instead of extra-psychic; the intra-psychic is then subjected, in a dream-like state as is the traumatic trance, to the primary process, i.e. according to the pleasure principle it can be modified or changed by the use of positive or negative hallucinations." (Ferenczi, 1933[1932] [1980; 162]).

<sup>83</sup> "If the shocks increase in number during the development of the child, the number and the various kinds of splits in the personality increase too, and soon it becomes extremely difficult to maintain contact without confusion with all the fragments, each of which behaves as a separate personality yet does not know of even the existence of the others. Eventually it may arrive at a state which – continuing the picture of *fragmentation* – one would be justified in calling *atomization*." (Ferenczi, 1933[1932] [1980; 165]).



<sup>84</sup> "Whereas the area of the Oedipus conflict is characterized by the presence of at least two objects, apart from the subject, and the area of the basic fault by a very peculiar, exclusively two-person relationship, the third area is characterized by the fact that in it there is no external object present. The subject is on his own and his main concern is to produce something out of himself; this something to be produced may be an object, but is not necessarily so. I propose to call this the level or area of creation. The most often-discussed example is of course, artistic creation, but other phenomena belong to the same group, among them mathematics and philosophy, gaining insight, understanding something or somebody, and last, but not least, two highly important phenomena: the early phases of becoming – bodily or mentally – 'ill' and spontaneous recovery from an 'illness'." (Balint, 1968 [1979; 24]).

<sup>85</sup> "Here we come up again with the difficulties created by our adult conventional language... We know that there are no 'objects' in the area of creation, but we know also for most – or some – of the time the subject is not entirely alone there. The trouble is that our language has no words to describe, or even to indicate, the 'somethings' that are there when the subject is not completely alone; in order to be able to talk about them at all I propose to use the term 'pre-object'; 'object-embryo' would be too definite. In German *Objekt-Anlage* may prove a good term. If I understood Bion (1962 and 1963) he was faced with the same difficulty; his proposition for this special case was to call them  $\alpha$  and  $\beta$  elements, and  $\alpha$  function." (Balint, 1968 [1979; 25]).

<sup>86</sup> "As has been described by Edward Glover, the ego is gradually built up in the course of development from a number of primitive ego-nuclei: and we must believe that these ego-nuclei are themselves the product of a process of integration. The formation of the component nuclei may be conceived as a process of localized psychical crystallization occurring not only within zonal, but also within various other functional distributions. Thus there still arise within the psyche, not only e.g. oral, anal and genital nuclei, but also male and female, active and passive, loving and hating, giving and taking nuclei as well as the nuclei of internal persecutors and judges (super-ego nuclei)." (Fairbairn, 1941a; 251).

<sup>87</sup> "Introduzi os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (Diga: "bigado")." (Winnicott, 1971 [1975; 14]).

<sup>88</sup> "...construído sobre identificações." (Winnicott, 1962 [1990; 131]).

<sup>89</sup> "...ocultar e proteger o self verdadeiro." (Winnicott, 1962 [1990; 130]).

<sup>90</sup> "...verdadeiro self é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o self verdadeiro em ação." (Winnicott, 1962 [1990; 135]).

<sup>91</sup> "É necessário postular, portanto, um estado de não-integração a partir do qual a integração se produz. O bebê que conhecemos como uma unidade humana seguro dentro do útero ainda não é uma unidade em termos de desenvolvimento emocional. Se examinamos [isto] do ponto de vista do bebê (embora o bebê, como tal, não esteja lá para ter um ponto de vista), a não-integração é acompanhada por uma não consciência.

"No começo teórico existe o estado de não-integração\* [nota de pé de página: \* Estas idéias derivam do conceito de Edward Glover sobre os 'núcleos do ego, mas o leitor deverá consultar a própria obra de Glover, em vez de basear-se na minha, já que não era minha intenção descrever a sua contribuição], uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo. Neste estágio não há consciência. Assim que começamos a falar de um conjunto de impulsos e sensações, já estamos muito afastados do início, quando o centro de gravidade (por assim dizer) do self migra de um impulso ou sensação para outro. O começo certamente está em alguma data anterior ao nascimento a termo.

"A partir do estado de não-integração se produz a integração por breves momentos ou períodos, e só gradualmente o estado geral de integração se transforma em fato." (Winnicott, 1988 [1990; 136/137]).

<sup>92</sup> "No princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima. ...

"Com exceção do próprio início não haverá jamais uma reprodução exata desta solidão fundamental e inerente. Apesar disso, pela vida afora do indivíduo continua a haver uma solidão fundamental, inerente e inalterável, ao lado da qual continua existindo a inconsciência sobre as condições indispensáveis a este estado de solidão.

“O desejo de alcançar esse estar sozinho é bloqueado por diversas ansiedades, e por fim ele se oculta no interior da capacidade da pessoa saudável de estar a sós e se fazer cuidar por uma parte do self especialmente destacada para tomar conta do todo.

“O estado anterior ao da solidão é um estado de não-estar-vivo, sendo que o desejo de estar morto é em geral um disfarce para o desejo de ainda-não-estar-vivo. A experiência do primeiro despertar dá ao indivíduo a idéia de que existe um estado de não-estar-vivo cheio de paz, que poderia ser pacificamente alcançado através de uma regressão extrema. Muito do que geralmente é dito e sentido a respeito da morte, na verdade se refere a este estado anterior ao estar-vivo, no qual o estar sozinho é um fato e a dependência ainda se encontra muito longe de ser descoberta. A vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vivo. O primeiro dos dois, a partir do qual emerge o estar-vivo, dá colorido às idéias que as pessoas costumam ter sobre o segundo.” (Winnicott, 1988 [1990; 153/154]).

<sup>93</sup> “The concept of basic unity, a state of total absence of differentiation, is a very difficult one for many people to accept. It arouses the most primitive psychotic anxiety of all – annihilation anxiety (not anxiety about death).

“The idea of losing one’s identity, of being merged in some undefined homogeneous mass or lost forever in a bottomless pit is very frightening and disturbing, an idea which we all tend to avoid.

“The logical conclusion of the idea is that there is a point at which all separation or difference ceases to be – when *all* polarities and all distinctions vanish; where life and death, pleasure and pain, hope and despair, love, hate, destructiveness and creativity, all persons, places and things are one and the same. There *is* only one – and *no* other.” (Little, 1981; 159).

<sup>94</sup> “Em nosso self verdadeiro estamos essencialmente sozinhos. Embora negociemos nosso ego com o outro, povoamos nosso mundo interno com selves e outros e, não obstante, o Outro, que é o discurso, nos represente e nos testemunhe (teoria do Simbólico de Lacan), a essência absoluta do ser de uma pessoa é a solidão sem palavras e sem imagens. Não podemos alcançar esse self verdadeiro por meio de *insight* ou da introspecção. Somente vivendo por meio desse desconhecido idioma sabemos alguma coisa dessa amostra da pessoa que somos.” (Bollas, 1989 [1992; 34]).

<sup>95</sup> “Acho que poderia ser valioso levar em consideração um uso particular dos objetos que deve ser encontrado ao longo da linha de conduta esquizóide. Me refiro àquelas crianças que se afastam dos objetos transicionais para adotarem objetos alternativos. A criança, silenciosamente, se recusa a usar o mundo objetal real (das pessoas e dos objetos culturais). Esse desenvolvimento esquizóide envolve uma apropriação dos objetos (reais e mentais) para construir um espaço interior mental que é especial (Stewart 1985) e que se torna um mundo alternativo. O objeto alternativo, se for real, é usado como se não tivesse nenhum significado psicossomático. Não é amado nem odiado. Não é usufruído com paixão como acontece com o objeto transicional.” (Bollas, 1989 [1992; 138]).

<sup>96</sup> “Proponho que denominemos qualquer objeto mental (associação, comentário, interpretação, estado de espírito, meio etc.) proveniente da interação paciente-analista de *objeto intermediário*. Isso diz respeito ao fato de que ele se origina da contribuição de duas subjetividades e de que é uma parte da dialética transicional das relações do sujeito. Esses objetos não são transicionais porque o objeto transicional não provém do inter-relacionar, mas reflete o desenvolvimento do sujeito em relação ao seu próprio idioma, desconsiderando o desejo do outro. Um objeto intermediário se refere ao *status* de um objeto que é na verdade negociado por duas subjetividades, e a maioria dos objetos analíticos é conseqüentemente, objeto intermediário.” (Bollas, 1989 [1992; 128]).

<sup>97</sup> “Objeto transformacional. Refere-se à função da mãe como uma processadora do bebê. Menos conhecida como outro real ou como um objeto interno formável, a mãe é, não obstante, um objeto conhecido por meio de sua contínua atuação que altera o ser psicossomático do bebê.” (Bollas, 1989 [1992; 237]).

<sup>98</sup> “E desde a origem, desde as primeiras pesquisas de Freud, a resistência está ligada à noção do ego. Mas, quando lemos no texto dos *Studien* certas frases surpreendentes, onde se trata não somente do ego como tal, mas do ego como representando a massa ideacional, apercebemo-nos de que a noção de ego já deixa pressentir, em Freud, todos os problemas que ela nos põe agora.” (Lacan, 1975a [1979; 33]).

<sup>99</sup> “É o mesmo problema que se exprime ainda sob esta forma – por que o sujeito se aliena tanto mais, quanto mais se afirma como eu?” (Lacan, 1975a [1979; 64/65]).

<sup>100</sup> “É a partir dessa função imaginária que podemos conceber e explicar o que é o ego na análise. Não digo o ego na Psicologia, onde ele é função de síntese, mas o ego na análise, função dinâmica. O ego aí se manifesta como defesa, recusa. Aí está inscrita toda a história das oposições sucessivas que o sujeito manifestou à integração daquilo a que se chamará em seguida na teoria, em seguida somente, suas pulsões as mais profundas e as mais desconhecidas. Em outros termos, nesses momentos de resistência, tão bem indicados por Freud, apreendemos aquilo através de que o movimento mesmo da experiência analítica isola a função fundamental do ego, o desconhecimento.” (Lacan, 1975a [1979; 67]).

<sup>101</sup> “Je est un autre.” (Lacan, 1978; 16).

<sup>102</sup> “C’est précisément ce qui est le plus méconnu par le champ du moi qui vient dans l’analyse à se formuler comme étant à proprement parler le je.” (Lacan, 1978; 16).

<sup>103</sup> “Freud nos diz - o sujeito não é a sua inteligência, não está no mesmo eixo, é excêntrico. O sujeito como tal, funcionando como sujeito, é algo diferente de um organismo que se adapta. É outra coisa, e para quem sabe ouvi-lo, a sua conduta toda fala a partir de um outro lugar que não o deste eixo que podemos apreender quando o consideramos como função num indivíduo, ou seja, com um certo número de interesses concebidos na *areté* individual.” (Lacan, 1978 [1987; 16]).

<sup>104</sup> “... modificações no decurso dos tempos, segundo uma causalidade, uma dialética própria, que vai de subjetividade a subjetividade, e que talvez escape a qualquer espécie de condicionamento individual.” (Lacan, 1978 [1987; 19]).

<sup>105</sup> “Freud introduziu a partir de 1920 as noções suplementares, então necessárias para manter o princípio do descentramento do sujeito. Mas longe de ser entendido como devia, houve uma abalada geral, verdadeira libertação dos escolares - *Ah! ei-lo de volta, esse euzinho [egozinho] boa-praça! Ei-nos de novo norteados - Voltamos para as trilhas da psicologia geral.* E como não voltar com alegria, quando esta psicologia geral não é apenas um assunto de escola ou de comodidade mental mas, justamente, a psicologia de todo mundo? Ficou-se contente em poder acreditar de novo que o eu [moi] era central. E presenciamos as últimas manifestações disto nas geniais efúcubrações que nos chegam atualmente de além-mar.” (Lacan, 1978 [1987; 19]).

<sup>106</sup> “... vida é orientada por uma problemática que não é a da sua vivência, porém, a de seu destino, isto é - o que será que sua história significa?” (Lacan, 1978 [1987; 61]).

<sup>107</sup> “O núcleo de nosso ser não coincide com o eu [moi].” (Lacan, 1978 [1987; 62]).

<sup>108</sup> “...o inconsciente é esse sujeito desconhecido do eu [moi], não reconhecido pelo eu [moi].” (Lacan, 1978 [1987; 61/62]).

<sup>109</sup> “O sujeito se coloca como operante, como humano, como [eu], [“je”, no original] a partir do momento em que aparece o sistema simbólico. E este momento não é dedutível de nenhum modelo que seja da ordem de uma estruturação individual.” (Lacan, 1978 [1987; 72]).

<sup>110</sup> “O sujeito é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado... . A dificuldade, quando se fala de subjetividade, consiste em não entificar o sujeito.” (Lacan, 1978 [1987; 74]).

<sup>111</sup> “...entre o sujeito do inconsciente e a organização do eu, não há apenas dissimetria absoluta, porém diferença radical.” (Lacan, 1978 [1987; 81]).

<sup>112</sup> “...oposição entre a função consciente e a função inconsciente.” (Lacan, 1978 [1987; 401/402]).

<sup>113</sup> “Se não houvesse esta fala recebida pelo sujeito e que incide no plano simbólico, não haveria nenhum conflito com o imaginário, e cada qual seguiria, pura e simplesmente, sua inclinação. A experiência nos mostra que não é nada disso. Freud nunca renunciou a um dualismo essencial...” (Lacan, 1978 [1987; 406]).

<sup>114</sup> “...que ignora a imagem da palavra e tem como material exclusivo a imagem da coisa corporal.” (Aulagnier, 1975 [1979; 20]).

<sup>115</sup> "...o primário e a representação cênica (fantasia) ... o secundário e a representação ideativa, ou seja, a atribuição de sentido como obra do eu." (Aulagnier, 1975 [1979: 21]).

<sup>116</sup> "antes, ... uma etapa preexistente em que era não pensável a relação Eu-discurso, devido à não constituição da instância do Eu e à não aquisição, pela psique, do manejo da linguagem." (Aulagnier, 1975 [1979: 19]).

<sup>117</sup> "...perenidade de uma atividade de representação que usa um pictograma, que ignora a imagem da palavra e tem como material exclusivo a imagem da coisa corporal." (Aulagnier, 1975 [1979: 20]).

<sup>118</sup> "... analisar a atividade psíquica hipostasiando um espaço psíquico isolado do meio ambiente é uma ficção impossível de se evitar, cuja vantagem é a de privilegiar a análise das características próprias do 'originário em si'. A atividade do originário se especifica pela metabolização de todas as experiências, fonte de afetos, em pictograma, cuja estrutura já definimos." (Aulagnier, 1975 [1979: 61]).

<sup>119</sup> "O termo 'originário' define uma forma de atividade e um modo de produção que são os únicos presentes na fase inaugural da vida." (Aulagnier, 1975 [1979: 55]).

<sup>120</sup> "...a criança não distingue entre o seio e seu próprio corpo." (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII; 188; ESB. XXIII; 217).

<sup>121</sup> "Je me suis demandé si, sans qu'on s'en soit douté, une nouvelle métapsychologie, une sorte de troisième topique, ne s'était pas subrepticement installée dans la pensée psychanalytique dont les pôles théoriques étaient le Soi et l'objet. Ceci sous la pression de l'expérience qui a fait aspirer les psychanalystes au besoin d'une construction théorique plus profondément ancrée dans la clinique. Autrement dit, on n'aurait pas la pratique d'une part et la théorie de l'autre, mais une théorie qui ne serait que – qui n'est pas le cas chez Freud – théorie de la clinique.

"Ainsi, le transfert n'est plus un des concepts de la psychanalyse à penser comme les autres, il est la condition à partir de laquelle les autres peuvent être pensés..."

"Si quelque chose de neuf est advenu dans la psychanalyse ces derniers décennies, c'est du côté d'une pensée du couple qu'il faut le chercher. Cela nous aura permis de délivrer la théorie freudienne d'un relent de solipsisme. Car il faut bien le dire, la relecture de Freud donne trop souvent l'impression que tout ce qu'il décrit semble se dévoiler indépendamment de son propre regard, ou, dans les cas cliniques qu'il expose, de sa propre action. (Green, 1983a; 18/19).

<sup>122</sup> "... On pourrait appliquer à cette configuration la notion de Moi-Idéal (Nunberg, Lagache), laquelle n'est pas sans rapport avec le "Moi-plaisir purifié" de Freud." (Green, 1983a; 43).

<sup>123</sup> "Dans l'appareil théorique de la psychanalyse, il n'est pas de concept qui ait connu autant de révisions modernes que celui du Moi. Sa complexité, pour ne pas parler des contradictions qui semblent inévitables aux formulations dont il est l'objet, a paru telle que bon nombre d'auteurs post-freudiens, mettant l'accent sur un aspect particulier de l'ensemble des fonctions qu'il est supposé assurer, en ont donné des versions très différentes. En outre, beaucoup d'autres auteurs ont fait valoir qu'il fallait compléter la théorie freudienne du Moi et adjoindre à celui-ci un Soi (le *Self* des auteurs anglo-saxons) comme instance représentative des investissements narcissiques. Hartmann fut sans doute celui des auteurs post-freudiens qui défendit le plus la nécessité d'un complément à la métapsychologie du Moi. Il fut suivi en cela par Kohut, ... Grunberger, en France. ... Spitz, Winnicott, Lebovici, et même les kleinien, préférèrent se référer au *Self*, plutôt qu'au Moi. Edith Jacobson introduit la notion d'un *Self primaire psychophysiologique*. Des concepts voisins, tels que celui d'*identité* qu'on trouve sous la plume d'Erikson, de Lichtenstein, de Spiegel, ou de *personation* (Recamier), sont eux aussi plus proches du *Self* que du Moi." (Green, 1983a; 80/81).

<sup>124</sup> "Ce qui a produit cette surabondance de conceptions adjacentes ou vicariantes du Moi freudien est probablement la question de la différence entre Moi et Je que Freud ignore sans doute délibérément." (Green, 1983a; 61).

<sup>125</sup> "...quant au Moi lui-même, il est un concept théorique et non une description phénoménologique, c'est une instance. De même qu'il serait absurde de parler d'une représentation du Ça ou du Surmoi, il est absurde de

parler d'une représentation du Moi. ... Le Moi travaille *sur* les représentations, il est travaillé *par* les représentations, il ne peut être représenté. Il peut, et même il ne peut faire que cela, avoir des représentations d'objet. C'est par l'affect que le Moi se donne une représentation irréprésentable de lui-même. ... Les représentations du Moi sont en fait des représentations d'objet qui se travestissent en représentations du Moi par investissement narcissique." (Green, 1983a; 139/140).

<sup>126</sup> "La théorie psychanalytique du Moi est particulièrement confuse, puisque, comme on le sait, elle oscille constamment entre le Moi comme instance partielle de l'appareil psychique et le Moi comme entité unitaire, totalisation de la personnalité psychique." (Green, 1983a; 141).

<sup>127</sup> "...cada objeto remite a otra cosa, distinta de él mismo, y que no es el sujeto. A esto llamamos otro del objeto. En consecuencia, nos vemos llevados a considerar una estructura ternaria fundamental: el sujeto, el objeto y el otro del objeto, constitutiva de una teoría de la triangulación generalizada con tercero sustituible." (Green, 1983b [1995; 136/137]).

<sup>128</sup> "Sabemos que Freud ... nos fez observar que a verdadeira experiência de separação não coincidia com o parto, mas sim com o desmame. Considerava que as condições da vida extra-uterina ao nascer reproduziam, com pequenas diferenças, as da vida intra-uterina. Em contrapartida, a 'perda' do seio era, ela sim, uma experiência mutativa, frequentemente traumatizante. ... Hoje em dia podemos compreender que o desmame deve ser menos levado em consideração *per se* do que, realmente, em relação às experiências de separação da mãe." (Green, 1990a [1991; 56]).

<sup>129</sup> "Freud pensa que o aparelho psíquico se desdobra num espaço que é da ordem da extensão (ao contrário do que pensava Descartes) mas ele o ignora. Pois sempre houve em Freud uma fascinação pela distribuição espacial, pela noção de superfície." (Green, 1990b; 25).

<sup>130</sup> "...o limite não é uma linha, o limite é, ele próprio, um território." (Green, 1990b; 29).

<sup>131</sup> "La théorie freudienne est fondée sur l'opposition entre les systèmes perception-mémoire." (Green, 1995a; 42).

<sup>132</sup> "Tout porte donc à croire que Freud a opté pour une solution discutable en ne voulant pas distinguer entre réalité extérieure du monde physique et réalité extérieure social (humaine), parce que les rapports de cette dernière avec la réalité psychique du monde intérieur n'étaient pas faciles à définir. ... Aujourd'hui une telle distinction paraît nécessaire, d'autant que les acquisitions postérieures à Freud se placent – pour une grande part – sous le chef des relations d'objet qui prennent le contre-pied de beaucoup des opinions de Freud." (Green, 1995a; 117).

<sup>133</sup> "Désormais, de la même manière qu'on a développé en psychanalyse la lignée objectale, à travers les conceptions de la relation d'objet qui impliquent de prendre en compte l'objectif comme l'objectal, il faut procéder à l'invention d'une lignée 'subjectale' qui comprendra les diverses notions, éparpillées dans la littérature de 'Moi', de 'sujet', de 'je' et même de 'personne' qui, selon moi, doivent être conçues d'une manière différente. Je propose l'hypothèse que la pulsion en formerait la matrice originelle, source et fondement de la subjectivité." (Green, 1995a; 270).

<sup>134</sup> "Le niveau psychique de sens est atteint par l'entrée en jeu de la catégorie de l'autre-semblable. Le psychique naît de la rencontre entre un événement qui se passe au sein du sujet (éprouvé, connaissance, représentation, etc.); celui-ci trouve sa réflexion ou sa complémentarité chez l'autre semblable." (Green, 1995a; 274/275).

<sup>135</sup> "Le psychisme auquel nos sommes habitués à nous référer, apparaîtra quand il y aura intériorisation de cette relation, c'est-à-dire lorsque la réflexion aura lieu entre soi et soi et qu'elle s'étendra à d'autres sentiments que l'amour. C'est alors que le psychisme sera capable de produire de la représentation. On voit combien l'autre-semblable a été nécessaire à l'opération qui a permis de constituer la représentation comme *analogon*, c'est-à-dire comme une modalité singulière produite par l'autre-semblable. Le psychisme, en ce cas, est moins de l'ordre de l'intersubjectivité que de l'intrapsychique." (Green, 1995a; 277).

<sup>136</sup> “Em oposição à orientação que designamos como metonímica, situemos uma segunda concepção do ego, a que denominamos de ‘metafórica’. Dessa vez, o ego não é concebido como um prolongamento do indivíduo vivo, mas como um *deslocamento* deste, ou de sua imagem, em um *outro lugar*, logo, como uma espécie de realidade intrapsíquica, uma concreção intrapsíquica à imagem do indivíduo.” (Laplanche, 1970 [1985; 59]).

<sup>137</sup> “Freud nos indica assim nitidamente, as duas derivações conjuntas do ego a partir da ‘superfície’: ele é, de um lado, a superfície do aparelho psíquico, diferenciada a partir deste, órgão especializado em continuidade com o aparelho, e, do outro lado, a projeção ou metáfora da superfície corporal, metáfora pela qual os diferentes sistemas perceptivos têm um papel a desempenhar. Dessas duas concepções da relação do ego – instância-psíquica ao ego – indivíduo-vivo colocamos, entretanto, uma em primeiro plano: a concepção metafórica segundo a qual o ego se constitui *fora* das funções vitais, como objeto libidinal.” (Laplanche, 1970 [1985; 86]).

<sup>138</sup> “... escolher entre essas duas ‘concepções’ do ego, seria, a meu ver, mutilar o pensamento psicanalítico. Reduzir o ego a uma simples função, função de realidade ou de adaptação, por exemplo, é permanecer muito aquém das descobertas propriamente psicanalíticas, para se voltar àquilo que é apenas o último avatar de uma psicologia acadêmica das faculdades. Mas fazer do ego uma ‘simples’ metáfora, isto é, uma imagem que representaria no aparelho psíquico apenas um papel de ‘logro’ (Lacan), é subestimar a eficácia, o peso de realidade que essa imagem adquiriu.” (Laplanche, 1970 [1985; 140]).

<sup>139</sup> “Será que se pode escapar de tornar o termo ‘sujeito’ uma nova instância, de desdobrar ainda mais a tópica para introduzir uma instância que seria a do sujeito, ao lado daquela do ego, por exemplo? Numerosos psicanalistas tendem a isso. Cito-lhes, de maneira muito diferente e em horizontes inteiramente distintos: Lagache, opondo ego-sujeito e ego-objeto – de um modo mais vasto, se assim podemos dizer, a quase totalidade do movimento psicanalítico anglo-saxão, que foi levado a distinguir o ego e o si (ou seja, o *ego* e o *self*) – e talvez mesmo numa tópica como a de Lacan poderíamos encontrar, por vezes, essa tendência, visto que, em certos momentos, o próprio sujeito verte-se num pólo da tópica sob a designação de um S! ... Não se poderá falar de posição subjetiva sem multiplicar as instâncias? E não haverá *um perigo em apresentar como instância a instância do sujeito?* Penso, por exemplo, numa posição como a dos anglo-saxões, em que o *self* (que se pode traduzir por: o eu [le soi]) representa a personalidade tal como está estruturada em suas diversas identificações. O *self* reúne uma parte da herança do ego freudiano, uma vez que, por exemplo, o narcisismo, segundo esses autores, seria amor, não do ego mas do eu. Ora, numa tal teoria, a consequência inclutável é chegar, por tabela, a isolar e a ‘desembaraçar’ um ego, doravante purificado de seus aspectos identificatórios e que se tornaria tão-somente racionalidade, instância do real, sujeito do pensamento. Ora, que essa instância do real e do racional (esse ego) seja ela própria moldada historicamente, distorcida pelas identificações, construída, é o que Freud queria mostrar ao deixar subsistir uma espécie de confusão em sua noção do ego. ... Creio ser necessário deixar subsistir essa ambigüidade. É abusivamente que se faria do ego, ou do ‘ego-sujeito’, o lugar de predileção da subjetividade, quando, como vimos, a subjetividade pode-se encontrar situada em outro lugar, por exemplo, na depressão, do lado do superego.” (Laplanche, 1980 [1987; 312/313]).

<sup>140</sup> “Mas, são sobretudo certas grandes contradições presentes na obra, de ponta a ponta, que devem ser interpretadas dialeticamente, seja como contradições do pensamento – remetendo, pois, a um certo “não-dito”, seja como contradições do próprio objeto: é o caso, por exemplo, da contradição maior inerente à noção do ‘eu’, ao mesmo tempo totalidade e instância particular, objeto de amor e de investimento, mas se arrogando a posição de sujeito ...etc.” (Laplanche, 1970 [1985; 10]).

<sup>141</sup> “*Auto-erotismo*: Freud toma esse termo dos sexólogos de sua época, sobretudo a Havelock Ellis, conferindo-lhe, contudo, uma nova dimensão. Define-o essencialmente pela ausência de objeto (*Ojektlosigkeit*) ... Fazer surgir o objeto de um estado sem objeto, parece a certos psicanalistas tão pouco provável que eles não hesitam em afirmar – reação talvez louvável em suas intenções, mas que não faz senão conduzi-los a um outro erro – que a *sexualidade*, como tal, tem, de imediato, um objeto. Essa é a posição de um autor psicanalítico como Balint, que se empenha, com numerosos argumentos muitas vezes sedutores, em demonstrar que existe ‘um amor primário do objeto’ na criança.” (Laplanche, 1970 [1985; 26]).

<sup>142</sup> “...o auto-erotismo é, ao contrário, um segundo tempo, um tempo de perda do objeto. Perda do objeto ‘parcial’, acrescentamos, já que se trata de perda do seio, e Freud introduz aí a observação preciosa, segundo a qual o objeto parcial talvez se perca no momento em que começa a perfilar-se o objeto total: a mãe enquanto pessoa. Mas, sobretudo, se tal texto deve ser tomado a sério, significa que *por um lado há desde o início, um*

*objeto, mas que, por outro lado, a sexualidade não tem, desde o início, um objeto real. Que fique bem claro que o objeto real, o leite, era o objeto da função, sendo essa como que preordenada em relação ao mundo da satisfação. Foi esse objeto real que foi perdido, mas o objeto que está ligado ao retorno auto-erótico, o seio, – transformado em seio fantasmático – é, ele próprio, o objeto da pulsão sexual. Assim o objeto sexual não é idêntico ao objeto da função, está deslocado em relação a ele, numa relação de contigüidade absolutamente essencial, que nos faz deslizar insensivelmente de um para o outro, do leite ao seio como seu símbolo. ‘Encontrar o objeto’ – assim conclui Freud numa fórmula que se tornou célebre – ‘encontrar o objeto sexual é, na realidade, reencontrá-lo’; o que interpretamos assim: o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento, o objeto perdido é o objeto de autoconservação, é o objeto da fome, e o objeto que se tenta reencontrar, na sexualidade, é um objeto deslocado em relação a esse primeiro objeto. Daí, evidentemente, a impossibilidade de, em suma, nunca reencontrar o objeto, já que o objeto perdido não é o mesmo que aquele que se deseja reencontrar.’ (Laplanche, 1970 [1985; 27]).*

<sup>143</sup> “O narcisismo consiste em que o ego assume a consistência de um objeto de amor. As identificações constituem um outro aspecto da mesma descoberta que poderia ser assim enunciado: se o ego se converte num objeto de amor interno, é por ser o precipitado, o resíduo interno de relações com objetos externos, o que, aliás, impõe a seguinte indagação: existe um ego que não seja isto, quer dizer, que não seja formado a partir do outro? Faz sentido falar de um ego desde o início, com uma outra origem que não a das identificações?” (Laplanche, 1981 [1992; 135]).

<sup>144</sup> “O que é preciso dizer do recalçamento originário aqui é que seus dois tempos são indissociáveis do movimento que desemboca na criação do ego. No primeiro tempo não há ‘ego’, ou, então, se já se quer empregar esse termo, é preciso dizer que ele coincide com o todo do indivíduo e, mais especificamente, com sua periferia que o delimita. Neste momento ele é ego-corpo como diz Freud. Enquanto que, no segundo momento do recalçamento originário, o que está em questão é, desta vez, o começo do ego como *instância*. O ego-instância é, desta vez, uma *parte* do aparelho, *à imagem* do todo, e, portanto, metáfora do todo biológico, mas também órgão do todo, em continuidade metonímica com ele.” (Laplanche, 1987a [1993; 142/144]).

<sup>145</sup> “o inconsciente é um como-uma-linguagem, não-estruturado’. Essa fórmula vale o que vale. Vale por fazer entender, pelo ‘como-uma-linguagem’, que o inconsciente é de fato feito de elementos significantes, mas não necessariamente e não primariamente lingüísticos; e por lembrar, pelo ‘não-estruturado’, que falta precisamente nele, o essencial de toda linguagem, isto é, as noções de oposição e de valor.” (Laplanche, 1987b [1993; 103]).

<sup>146</sup> “... duas opções contraditórias do freudismo, a saber; um inconsciente que vem antes do consciente, que é o fundo de nosso ser, que é cronologicamente primitivo; e um inconsciente que é o recalçado, que é verdadeiramente criado no ser humano a partir de um certo ato que seria o recalque originário.” (Laplanche, 1987a [1992; 44]).

<sup>147</sup> “A irrupção, a intrusão do estruturalismo logicista na teoria do inconsciente pode se esclarecer usando os termos ‘digital’ e ‘analógico’: que se pense, por exemplo, nos dois tipos de mostradores de relógio definidos assim. O nível analógico do inconsciente é o nível do Ego e dos objetos mais ou menos totais, possuindo uma forma. É o que alguns desvalorizam sob o termo imaginário. O nível mais profundo do inconsciente (‘pulsão de morte’) é muito mais desarticulado, feito de elementos separados, de fragmentos de cenas, em resumo, por assim dizer, de pedaços disjuntos. Esta descontinuidade do inconsciente pode dar origem à inferência de que ele funcionava como uma máquina binária. Mas a descontinuidade do inconsciente, que não conhece a negação e deixa subsistir lado a lado todos os elementos mnésicos, nada tem a ver com a lógica binária, a dos ‘bits’ (no sentido de *binary bits*’).” (Laplanche, 1988; 37).

<sup>148</sup> “...levam vida própria no interior do sujeito, provocando nele efeitos reais, quase mecânicos de agressão e de excitação em particular. O par real/fictício é então substituído pelo par introjetado/projetado.” (Laplanche, 1987a [1992; 89]).

<sup>149</sup> “...dotada de propriedades afetivas ou energéticas e ... agora, no interior, agindo completamente só, ela é atacante, excitante.” (Laplanche, 1987b [1993; 90]).

<sup>150</sup> “... no sentido inverso. É algo que vai do sedutor ao seduzido, algo que é depositado na criança, um transicional a princípio implantado como que debaixo da pele (entre a pele [e] a carne), algo de incluso, mas que

vem de fora e não de dentro. E convém sublinhar que, segundo a gênese da sexualidade que Freud propõe em sua primeira concepção, o movimento vai nesse sentido, ou seja, do *not-me* ao *me*, através desse *first not-not-me*, que seria o sexual-pré-sexual." (Laplanche, 1987b [1993; 197]).

<sup>151</sup> "Sou totalmente oposto a todo recurso ao mito no freudismo: fantasmas originários filogeneticamente transmitidos, mito da horda, do assassinato do pai, etc. ... Na minha opinião, é por ter deixado de perceber a situação originária de sedução, verdadeiro irredutível além do qual não é necessário (nem possível) regredir no tempo, que Freud se envolve nesta corrida de regressão pré-histórica, uma corrida que seus sucessores embelezaram e enobreceram falando de dimensão mítica." (Laplanche, 1988; 125).

<sup>152</sup> "A equivalência simbólica da série seio, fezes, pênis, criança, mostra a partir de que experiências vividas pode-se elaborar a angústia de castração sem que seja preciso recorrer à realidade de uma ameaça proferida ou de um ato castrador pré-histórico. Nessa linha, situam-se as indiscutíveis contribuições de Melanie Klein, não obstante Lacan, que a chama 'a carniceira'. Nessa perspectiva, todo o material de *O homem dos lobos* poderia ser lido de outra forma, sem o recurso a uma cena primitiva observada em um primeiro tempo do pensamento de Freud, recomposta em um segundo tempo." (Chiland, 1971 [1993; 43]).

<sup>153</sup> "A fantasia que comporta uma representação do objeto não pode ser confundida com a recordação alucinatória da satisfação, mas nasce de seu recalçamento e do nascimento da distinção Ego - não-ego." (Chiland, 1971 [1993; 44]).

<sup>154</sup> "Assinalemos que Freud utiliza o mesmo termo fantasia para designar as fantasias primitivas, as fantasias inconscientes e as fantasias conscientes, os devaneios diurnos. A vida onírica (os sonhos noturnos) é uma forma de vida fantasística cujo estatuto é original.

"Teria sido preciso falar das relações entre as fantasias e os mitos. Teria sido preciso desenvolver a questão das relações entre a vida fantasística e a linguagem.

"Sobretudo, fica em aberto a importantíssima questão do estatuto diferente da fantasia segundo as diversas organizações psicopatológicas: carência de elaboração fantasística ou falta de valor funcional da vida fantasística (somatoses e talvez psicopatia); fantasia percebida como uma realidade exterior (projeção, psicose); agida deliberadamente (perversão); agida à revelia do sujeito, repetitivamente (neuroses de destino, estruturas caracteriais) ou não (atos falhos); tornada sintoma; percebida como realidade psíquica mas desconhecida em seu sentido; enfim, percebida como realidade psíquica com *insight*." (Chiland, 1971 [1993; 44/45]).

<sup>155</sup> "Freud fala de um bebê primitivamente indiferente, assim como Margaret Mahler fala de uma fase de autismo normal, contrariando a afirmação de pulsões ativas imediatas que são, *mutatis mutandis*, para o desenvolvimento afetivo, o que são os esquemas assimiladores de Piaget para o desenvolvimento cognitivo. Há, ao contrário, de imediato um investimento do mundo exterior e percepções, correspondendo ao que Francis Pasche chamou de 'antinarcisismo'." (Chiland, 1976b [1993; 108]).

<sup>156</sup> "Quaisquer que sejam os termos escolhidos para designar o Ego e o objeto primitivos, parece impossível atualmente recusar a existência de dois *pólos de investimento* a partir do nascimento: narcísico e objetal (ou antinarcísico, como diz Francis Pasche). A polêmica narcisismo primário *versus* autor primário do objeto parece superada." (Chiland, 1988; 149).

<sup>157</sup> "A insistência sobre o apoio mostra, de certo modo, a existência de um investimento objetal, que se dá de imediato, e o caminho pelo qual se constitui a possibilidade de reconhecer externamente o objeto em sua existência isolada, específica e permanente." (Chiland, 1976a [1993; 227]).

<sup>158</sup> "Proponho considerar o narcisismo não como um estágio, nem como um estado, nem como uma estrutura (André Green - *Le narcissisme primaire: structure ou état*), nem como uma instância (B. Grunberger - *Le narcissisme*), mas como um pólo de investimento, o que se aproxima da posição de J.-B. Pontalis (*Naissance et reconnaissance du 'self', Psychologie de la connaissance de soi*)." (Chiland, 1976a [1993; 228]).

<sup>159</sup> "Quando da amamentação e dos cuidados com ele, o bebê tem uma terceira experiência concomitante às duas precedentes [experiência da zona buco-faríngea e experiência de repleção]: ele é segurado nos braços, apertado contra o corpo da mãe de quem ele sente o calor o cheiro e os movimentos; ele é carregado, manipulado esfregado, lavado, acariciado, e tudo geralmente acompanhado por um banho de palavras e de cantarolar.



Encontramos aí reunidas as características da pulsão de apego descritas por Bowlby e Harlow e aquelas que em Spitz e Balint, evocam a idéia de cavidade primitiva. Estas atividades conduzem progressivamente a criança a diferenciar uma superfície que comporta uma face interna e uma face externa, isto é, uma interface que permite a distinção do de fora e do de dentro, e um volume ambiente no qual ele se sente mergulhado, superfície e volume que lhe trazem a experiência de um continente.” (Anzieu, 1985 [1989; 40/41]).

<sup>160</sup> “Por Eu-pele designo uma representação de que se serve o Eu da criança durante fases precoces de seu desenvolvimento para se representar a si mesma como Eu que contém os conteúdos psíquicos a partir de sua experiência da superfície do corpo. Isto corresponde ao momento em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo e permanece confundido com ele no plano figurativo.” (Anzieu, 1985 [1989; 44]).

<sup>161</sup> “A pele, primeira função, é a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno aí armazenados com o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras.

“A pele, segunda função, é a interface que marca o limite com o de fora e o mantém no exterior, é a barreira que protege da penetração pela cobiça e pelas agressões vindas dos outros, seres ou objetos. A pele, enfim, terceira função, ao mesmo tempo que a boca e, pelo menos, tanto quanto ela, é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes; é além disso uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações.

“Desta origem epidérmica e proprioceptiva o eu herda a dupla possibilidade de estabelecer barreiras (que se tomam mecanismos de defesa psíquicos) e de filtrar as trocas (com o Id o Superego e o mundo exterior).” (Anzieu, 1985 [1989; 45]).

<sup>162</sup> “Durante trinta anos, esse esquema de uma dupla arborescência assimétrica se torna para Freud um dos modelos implícitos de suas conceitualizações e de sua prática. *Au-delà du principe du plaisir* (1920), *Le Moi et le Ça* (1923) marcam a ruptura com esse esquema: para representar o aparelho psíquico, a dupla arborescência cede lugar à imagem e à noção de uma vesícula, de um envelope. A ênfase é deslocada dos conteúdos psíquicos conscientes e inconscientes para o psiquismo como um continente.” (Anzieu, 1985 [1989; 84]).

<sup>163</sup> “Freud retorna a *Au delà du principe du plaisir* (1920), capítulo 4, onde ele introduz a comparação decisiva do aparelho psíquico com a vesícula protoplasmática. O sistema Pcpt.-Cs, análogo ao ectoderma cerebral aí é descrito como sendo a casca. Sua posição ‘no limite que separa o de fora do de dentro’ lhe permite ‘receber as excitações dos dois lados’. A ‘casca’ consciente do psiquismo aparece então como aquilo que os matemáticos chamam hoje de uma ‘interface’.” (Anzieu, 1985 [1989; 94n]).

<sup>164</sup> “Desde o Renascimento o pensamento ocidental é obnubilado por um tema epistemológico: conhecer é romper a casca para atingir o núcleo. Este tema chega à exaustão, depois de ter produzido alguns bons resultados mas também graves perigos: a física do núcleo não conduziu sábios e militares até à explosão atômica? A neurofisiologia, desde o século XIX, deu uma parada brusca que não foi de pronto notada. O cérebro é efetivamente a parte anterior e superior do encéfalo. Por sua vez, o córtex – palavra latina que quer dizer casca, passada em 1907 para a linguagem da anatomia – designa a camada externa de substância cinzenta que envolve a substância branca. Eis-nos em presença de um paradoxo: o centro está situado na periferia. O descontente Nicolas Abraham esboçou em um artigo e depois em um livro que traz este título a dialética que se estabelece entre ‘a casca e o núcleo’. Sua argumentação se confirmou em minha própria pesquisa e dá sustentação à minha hipótese: e se o pensamento fosse uma questão tanto de pele quanto de cérebro? E se o Eu, definido agora como Eu-pele, tivesse uma estrutura de envelope?” (Anzieu, 1985 [1989; 9/10]).

<sup>165</sup> “Assim a teoria psicanalítica requer complementos e extensões. Entre outros, cinco pontos seriam desejáveis:

“Completar a perspectiva tópica sobre o aparelho psíquico através de uma perspectiva mais estritamente topográfica, isto é, em relação à organização espacial do Eu corporal e do Eu psíquico...” (Anzieu, 1985 [1989; 12]).

<sup>166</sup> “Le plus remarquable est que ce terme-clé – *Subjekt* – n’est que ponctuel dans le texte freudien. Il ne l’évoque guère que pour l’éluder – plus encore que pour le récuser – et introduire une stratification topique.” (Assoun, 1993; 27).

- <sup>167</sup> "...le terme 'sujet' reste infiniment plus parcimonieusement présent que celui de 'moi' justement parce que le 'moi' désigne une instance métapsychologique de plein droit (topique), tandis que 'le sujet' désigne une 'fonction' qu'endosse, nécessairement mais ponctuellement, 'le moi'." (Assoun; 1993; 252).
- <sup>168</sup> "Le sujet, c'est donc ... le Moi en tant qu'Autre, saisi par l'altérité." (Assoun; 1993; 261).
- <sup>169</sup> "Là où l'Autre a fait trace, se forme un sujet." (Assoun; 1993; 263).
- <sup>170</sup> "O sonho, como se sabe, embora comporte outros ingredientes, é essencialmente composto de imagens visuais." (Pontalis, 1988 [1991; 208]).
- <sup>171</sup> "Num rébus, a imagem deve ser tomada, deve ser lida com um sinal: uma palavra, uma sílaba, uma letra ou um sinal de pontuação." (Pontalis, 1988 [1991; 213]).
- <sup>172</sup> "...a imagem oferece um sentido, mas esse sentido oferecido oculta o sinal. É enganador, trapaceiro." (Pontalis, 1988 [1991; 213]).
- <sup>173</sup> "Do infantil restam traços, e não imagens, nem lembranças, e esses traços são secundariamente representados sob forma plástica e visual." (Pontalis, 1988 [1991; 217]).
- <sup>174</sup> "Gostaria finalmente de demorar-me por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que nas funções mentais deve ser distinguida alguma coisa – uma quota de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo." (Freud, 1894: ESB. III: 73 | St. Ed. III, 60).
- <sup>175</sup> "Numa pulsão podemos distinguir sua origem, seu objeto e seu alvo. Sua origem é um estado de excitação do corpo, seu alvo é a remoção dessa excitação; no caminho que vai desde sua origem até sua finalidade, a pulsão toma-se atuante psiquicamente. Imaginamo-la como uma determinada quantidade de energia que faz pressão em determinada direção. É dessa pressão que deriva seu nome 'Trieb'." (Freud, 1933b[1932]: ESB. XXII: 121/122 | St. Ed. 96).
- <sup>176</sup> "Não discuto o fato de que o terceiro passo pela teoria das pulsões, por mim dado aqui, não pode reivindicar o mesmo grau de certeza que os dois primeiros: a extensão do conceito de sexualidade e a hipótese do narcisismo." (Freud, 1920: St. Ed. XVIII: 59 | ESB. XVIII: 80).
- <sup>177</sup> "Os dois princípios fundamentais de Empédocles – *φιλία* e *νεῖκος* – são, tanto em nome quanto em função, os mesmos que nossas duas pulsões primeiras, *Eros* e *destrutividade*, das quais a primeira se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores, ao passo que a segunda se esforça por dissolver essas combinações e destruir as estruturas que elas deram origem." (Freud, 1937a: St. Ed. XXIII: 246 | ESB. XXIII: 280).
- <sup>178</sup> "Uma vez que tenhamos admitido a idéia de uma fusão das duas classes de pulsões uma com a outra, a possibilidade de uma 'defusão' – mais ou menos completa – se impõe a nós." (Freud, 1923: St. Ed. XIX: 41 | Stud. III: 308 | ESB. XIX: 56).
- <sup>179</sup> "Podemos acrescentar, agora na linha da teoria da libido, que o sono é um estado no qual todos investimentos de objeto, tanto os libidinais como os egoísticos, são abandonados e retirados para dentro [ins Ich] do eu." (Freud, 1916-1917[1915-1917]: Stud. I: 402 | ESB. XVI: 486 | St. Ed. XVI; 417).
- <sup>180</sup> "A analogia de nossas duas pulsões básicas estende-se da esfera das coisas vivas até o par de forças opostas – atração e repulsão – que governa o mundo inorgânico." (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII: 149 | ESB. XXIII: 174).
- <sup>181</sup> "Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como "libido", acha-se presente no eu-isto ainda indiferenciado e serve para

neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes.” (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII: 149 ESB. XXIII; 175).

<sup>182</sup> “As pulsões que cuidam dos destinos desses organismos elementares que sobrevivem à totalidade do indivíduo, que lhes fornecem um abrigo seguro enquanto se acham indefesos contra os estímulos do mundo externo, que ocasionam seu encontro com outras células germinais, etc., constituem o grupo das pulsões sexuais. São conservadoras no mesmo sentido das outras pulsões porque trazem de volta estados anteriores de substância viva; contudo, são conservadoras num grau mais alto, por serem peculiarmente resistentes às influências externas; e são conservadoras ainda em outro sentido, por preservarem a própria vida por um longo período. São as verdadeiras pulsões de vida. Operam contra o propósito das outras pulsões, que conduzem, em razão de sua função, à morte, e este fato indica que existe oposição entre elas e as outras, oposição que foi há muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses. É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de pulsões se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada.” (Freud, 1920: St. Ed. XVIII: 58 ESB. XVIII; 40/41).

<sup>183</sup> “Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído por diversas partes – ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero. Não obstante algumas tentativas anteriores no mesmo sentido, a elaboração sistemática de uma concepção como esta constitui uma novidade científica.” (Freud, 1940a[1938]: ESB. XXIII: 169 St. Ed. XXIII, 145).

<sup>184</sup> “No sono, o indivíduo se encontra no estado ideal de inércia, livre do acúmulo de  $Q_{\eta}$ .” (Freud, 1950 b[1895]: ESB. I, 444 St. Ed. I; 336).

<sup>185</sup> “Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como “libido”, acha-se presente no eu-isso ainda indiferenciado e serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes.” (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII: 149/150 ESB. XXIII; 175).

<sup>186</sup> “Se é isso o sono, os sonhos possivelmente não fazem parte do seu programa, parecendo, ao contrário, ser um indesejável acréscimo ao sono. Também ao nosso ver, um sono sem sonhos é o melhor, o único apropriado. Não deveria existir qualquer atividade mental no sono: se este começa a ficar inquieto, é por que não conseguimos atingir o estado fetal de repouso; não fomos inteiramente capazes de evitar os remanescentes da atividade mental.” (Freud, 1916-1917a[1915-1917]: ESB. XV, 112 St. Ed. XV; 89).

<sup>187</sup> “O núcleo de  $\psi$  está em conexão com as vias pelas quais ascendem as quantidade endógenas de excitação. ... O que sabemos a respeito dos estímulos *endógenos* se pode expressar na suposição de que são de natureza intercelular, que se produzem de forma contínua e que só periodicamente se transformam em estímulos psíquicos. A idéia de sua acumulação é inevitável e a intermitência de seu efeito psíquico leva a admitir que na sua via de condução até  $\psi$  enfrentam resistências só superadas quando há um aumento da quantidade.” (Freud, 1950b[1895]: ESB. I, 419/420 St. Ed. I; 315/316).

<sup>188</sup> “Acrescentarei algumas palavras para esclarecer nossa terminologia, que experimentou certo desenvolvimento no curso da presente obra. Vimos a saber o que eram as pulsões sexuais pela sua relação com os sexos e com a função reprodutora. Mantivemos esse nome após termos sido obrigados, através das descobertas da psicanálise, a vinculá-las menos estreitamente à reprodução. Com a hipótese da libido narcisista e com a extensão do conceito de libido às células individuais, a pulsão sexual foi por nós transformada em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Aquelas que são normalmente chamadas de pulsões sexuais são por nós encaradas como a parte de Eros voltada para os objetos.” (Freud, 1920: St. Ed. XVIII: 60/61 ESB. XVIII; 82).

<sup>189</sup> “A diferença toda decorre do fato de que idéias são investimentos – basicamente de traços de memória –, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sensações.” (Freud, 1915c: St. Ed. XIV: 178 ESB. XIV; 204/205).

<sup>190</sup> “Em nossa discussão, até aqui, tratamos do recalque de um representante pulsional, entendendo por este último uma representação ou grupo de representações, investida por uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de uma pulsão. Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única, de vez que essa observação nos indica que, além da representação, outro elemento representativo da pulsão tem que ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por destinos de recalque que podem ser bem diferentes dos experimentados pela representação. Geralmente, a expressão *quota de afeto* tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde à pulsão na medida em que esta se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos.” (Freud, 1915b; St. Ed. XIV; 152 ESB. XIV; 175/176).

<sup>191</sup> “Assim, com o nascimento, demos o primeiro passo de um narcisismo absolutamente auto-suficiente para a percepção de um mundo externo cambiante e para os primórdios da descoberta dos objetos. A isso está associado o fato de não podermos suportar o novo estado de coisas por muito tempo, de periodicamente dele revertermos, no sono, à nossa anterior condição de ausência de estimulação e fuga de objetos.” (Freud, 1921; St. Ed. XVIII; 164/165 ESB. XVIII; 130).

<sup>192</sup> “Podemos imaginar que, se o G. ps. [grupo sexual psíquico] se defronta com uma grande perda de quantidade de sua excitação, pode acontecer uma *retração para dentro* (por assim dizer) *na esfera psíquica*, que produz um efeito de sucção sobre as quantidades de excitação contíguas.” (Freud, 1950a; St. Ed. I; 205 ESB. I; 281).

<sup>193</sup> “O quadro do isolamento bem-aventurado da vida intra-uterina que, no sono, toda pessoa mais uma vez evoca diante de nós, a cada noite, completa-se, assim, também em seu lado psíquico. Em uma pessoa que dorme, reconstitui-se o primitivo estado de distribuição da libido – narcisismo total, no qual a libido e o interesse do eu, ainda unidos e indiferenciáveis, habitam o eu auto-suficiente.” (Freud, 1916-1917[1915-1917]; St. Ed. XVI; 417 ESB. XVI; 487).

<sup>194</sup> “Assim, originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado. A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início.” (Freud, 1925c; ESB. XIX; 298 St. Ed. XIX 237).

<sup>195</sup> “Retorno a linhas de pensamento já desenvolvidas noutra parte quando sugiro que o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas.” (Freud, 1911b; ESB. XII; 278 St. Ed. XII; 219).

<sup>196</sup> “Nas pulsões do eu incluímos tudo o que tinha relação com autopreservação, afirmação e engrandecimento do indivíduo.” (Freud, 1933b[1932]; St. Ed. XXII; 96 ESB. XXII; 120).

<sup>197</sup> “O ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do eu narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação de desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com as pulsões de autoconservação, de modo que as pulsões sexuais e as do eu possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio.” (Freud, 1915a; St. Ed. XIV; 139 ESB. XIV; 161).

<sup>198</sup> “Minha teoria expunha que inervações do investimento são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema Pcp.-Cs. completamente permeável. Enquanto investido dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que o investimento é retirado, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém.” (Freud, 1925b[1924]; St. Ed. XIX; 231 ESB. XIX; 290).

<sup>199</sup> “Pensamos nos resíduos mnêmicos como se estivessem contidos em sistemas que são diretamente adjacentes ao sistema Pcp.-Cs., de maneira que os investimentos desses resíduos podem facilmente estender-se, de dentro, para os elementos do último sistema. Imediatamente pensamos aqui nas alucinações, e no fato de que a mais vivida lembrança é sempre distinguível, tanto de uma alucinação quanto de uma percepção externa; mas também nos ocorre em seguida que quando uma lembrança é revivida, a catexia permanece no sistema mnêmico, enquanto que uma alucinação, que não é distinguível de uma percepção, pode surgir quando o investimento não

se estende simplesmente do traço mnêmico para o elemento *Pcp.*, mas se transfere *inteiramente* para ele.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 20| ESB. XIX; 33/34).

<sup>200</sup> “De acordo com as idéias subjacentes à nossa tentativa de representação esquemática, só podemos encarar a percepção consciente como a função própria a um sistema determinado e, para isto, a abreviação *Cs.* parece apropriada. Em suas propriedades mecânicas, encaramos este sistema como assemelhando-se ao sistema perceptivo *Pcp.*, ou seja, como suscetível de excitação por qualidades, mas incapaz de reter traços das alterações, isto é, como não possuindo memória. O aparelho psíquico, que se volta para o mundo exterior com seu órgão sensorial dos sistemas *Pcp.* é, ele próprio, o mundo externo em relação ao órgão dos sentidos do *Cs.* cuja justificação teleológica reside nesta circunstância.” (Freud, 1900: St. Ed. V; 615/616| ESB. V; 654).

<sup>201</sup> “Isso é possibilitado pela existência do *mundo de fantasia*, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade.” (Freud, 1924c: ESB. XIX; 233| St. Ed. XIX; 187).

<sup>202</sup> “O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 26| ESB. XIX; 40).

<sup>203</sup> “... uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido.” (Freud, 1914b: St. Ed. XIV; 76/77| ESB. XIV; 93).

<sup>204</sup> “Dentro de mim existe um espaço; não só entre mim e mim mas também no interior de cada mim. Nele movem-se pessoas; não se movem apenas, pois cada uma tem o seu trabalho, família e interesses. Há-as bastantes quase como pessoas, mas muitíssimas mais existem como esboços de pessoas; quero dizer como retratos apressados ou como minuciosos estudos anatómicos. O que é curioso neste lugar é que não só as pessoas-quase-pessoas e os esboços-de-pessoas são dotados de raciocínio e intenção, como ainda o são quaisquer elementos dos seus corpos – ouvido, pé, olho, etc. – uma vez isolados. Devo mesmo acrescentar, vencendo minha estupefação, de que as mesmas características humanas residem e se manifestam em qualquer outro dos objectos deste espaço – copos, cadeiras, casas, etc. – de que estas gentes se sirvam no seu dia-a-dia. Embora vivam em aldeias cada um deles é uma aldeia e, o mais extraordinário que me foi dado observar, quando suficientes deles se juntam em coro, a sua polifonia – julgo que por uma densidade de ressonância harmônica – produz os objectos e pessoas do nosso mundo, e nos coloca neste lugar em que as coisas são umas e no estado que designamos de vigília; embora anteriormente não nos pareça que tenhamos estado menos vigis.” (Anônimo, século XVII; 315/316).

<sup>205</sup> “Originalmente, com efeito, tudo era isso; o eu desenvolveu-se a partir dele, através da influência contínua do mundo externo.” (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII; 163| ESB. XXIII; 188).

<sup>206</sup> “O eu dá prova de sua derivação original do isso fazendo cessar ocasionalmente suas funções e permitindo uma reversão a um estado anterior de coisas. Isto é logicamente desencadeado pelo rompimento das suas relações com o mundo externo e pela retirada de seus investimentos dos órgãos dos sentidos. Justifica-se assim dizermos que surge no nascimento uma pulsão de retornar à vida intra-uterina que foi abandonada – uma pulsão de dormir.” (Freud, 1940a[1938]: St. Ed. XXIII; 166| ESB. XXIII; 192).

<sup>207</sup> “Desenvolvi ultimamente uma visão das pulsões que sustentarei aqui e tomarei como base de meus debates ulteriores. Segundo essa visão, temos de distinguir duas classes de pulsões, uma das quais, as pulsões sexuais ou Eros, é, de longe, a mais conspícua e acessível ao estudo. Ela abrange não apenas a pulsão sexual desinibida propriamente dita e os impulsos pulsionais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dela derivam, mas também a pulsão autoconservadora, que deve ser atribuída ao eu e que, no início de nosso trabalho analítico, tínhamos boas razões para contrastar com as pulsões objectais sexuais.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 40| ESB. XIX; 55).

<sup>208</sup> “Afim de avaliar a plena significação da diferença que assinali entre os dois grupos de pulsões, devemos retroceder por um longo caminho e introduzir uma dessa dimensões que merecem ser descritas como *econômicas*. Isto nos leva a uma das mais importantes, mas, infelizmente, também uma das mais obscuras regiões da psicanálise. Podemos nos perguntar se, no funcionamento de nosso aparelho mental, pode ser evidenciado um propósito principal, e podemos responder, como proposição inicial, que esse propósito se orienta

pela obtenção de prazer. É como se a totalidade de nossa vida mental fosse dirigida para obter o prazer e evitar o desprazer – que é automaticamente regulada pelo *princípio de prazer*. Gostaríamos de saber, dentre todas as coisas, o que é que determina a geração do prazer e do desprazer; isto, contudo ignoramos. Podemos apenas arriscar-nos a dizer o seguinte: que o prazer está de *alguma forma* relacionado com a diminuição, redução ou extinção das cargas de estímulos reinantes no aparelho mental e que, de maneira semelhante, o desprazer está em conexão com o aumento dessas cargas. Um exame do prazer mais intenso acessível aos seres humanos, o prazer de efetuar o ato sexual, deixa pouca dúvida quanto a esse ponto. De vez que, em tais processos relativos ao prazer, a questão é saber o que acontece com as *quantidades* de excitação ou energia mental, damos a essa nova dimensão o nome de econômica. Notar-se-á que podemos descrever as atribuições e realizações do aparelho mental de outra forma mais geral do que simplesmente enfatizando a obtenção de prazer. Podemos dizer que o aparelho mental serve ao propósito de dominar e eliminar as cargas de estímulo e as somas de excitação que incidem sobre ele, provenientes de fora e de dentro. É imediatamente óbvio que as pulsões sexuais, do começo ao fim de seu desenvolvimento, atuam com vistas à obtenção de prazer; elas mantêm inalterada sua função original. As outras pulsões, as pulsões do eu, têm, inicialmente, o mesmo objetivo. Sob a influência da instrutora Necessidade, porém, logo aprendem a substituir o princípio de prazer por uma modificação do mesmo. Para elas, a tarefa de evitar desprazer vem a ser quase tão importante como a de obter prazer. O eu descobre que lhe é inevitável renunciar à satisfação imediata, adiar a obtenção de prazer, suportar um pequeno desprazer e abandonar inteiramente determinadas fontes de prazer.” (Freud, 1916-1917d[1915-1917]: St. Ed. XVI, 356/357 ESB. XVI; 415/416).

<sup>209</sup> “Assim como o isso é voltado exclusivamente para a obtenção de prazer, da mesma maneira o eu é governado por considerações de segurança. O eu estabeleceu-se a tarefa de autoconservação, que o isso parece negligenciar. Ele faz uso das sensações de angústia como sinal de alerta dos perigos que ameaçam a sua integridade.” (Freud, 1940a [1938]: St. Ed. XXIII, 199 ESB. XXIII; 228).

<sup>210</sup> “O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, *ao tato*, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna.” (Freud, 1923: ESB. XIX, 39 | St. Ed. XIX, 25).

<sup>211</sup> “Num trecho anterior atribuímos ao organismo ainda inerte a capacidade de efetuar uma primeira orientação no mundo por meio de suas percepções, distinguindo ‘externo’ e ‘interno’ de acordo com a relação entre essas percepções e a ação muscular do organismo. Uma percepção que desaparece por meio de uma ação é reconhecida como externa, como realidade; nos casos em que tal ação não tem influência, a percepção se origina dentro do próprio corpo do indivíduo – não é real.” (Freud, 1917b[1915]: ESB. XIV, 264/265 | St. Ed. XIV, 232).

<sup>212</sup> “Imaginemo-nos na situação de um organismo vivo quase inteiramente inerte, até então sem orientação no mundo, que esteja recebendo estímulos em sua substância nervosa. Esse organismo muito em breve estará em condições de fazer uma primeira distinção e uma primeira orientação. Por um lado, estará cômico de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga); estes, ele atribui a um mundo externo. Por outro, também estará cômico de estímulos contra os quais tal ação não tem qualquer valia e cujo caráter de constante pressão persiste apesar dela; esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades pulsionais. A substância perceptual do organismo vivo terá assim encontrado, na eficácia de sua atividade muscular, uma base para distinguir entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’.” (Freud, 1915a: St. Ed. XIV, 119 | ESB. XIV, 139).

<sup>213</sup> “A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo.” (Freud, 1923: ESB. XIX, 40 | ESB. XIX, 25/26).

<sup>214</sup> “Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu eu do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos. Ela deve ficar fortemente impressionada pelo fato de certas fontes de excitação, que posteriormente identificará como sendo os seus próprios órgãos corporais, poderem provê-la de sensações a qualquer momento, ao passo que, de tempos em tempos, outras fontes lhe fogem – entre as quais se destaca a mais desejada de todas, o seio da mãe – só reaparecendo como resultado de seus gritos de socorro. Desse modo, pela primeira vez, o eu é contrastado por

um 'objeto', sob a forma de algo que existe 'exteriormente' e que só é forçado a surgir através de uma ação especial." (Freud, 1930[1929]: St. Ed. XXI; 66/67) ESB. XXI; 84/85).

<sup>215</sup> "Mas existe uma importante divergência com respeito ao que acontece no caso do sadismo, pelo fato de que podemos reconhecer no caso da pulsão escopofílica uma fase ainda mais anterior à descrita em (a). Para o início de sua atividade a pulsão escopofílica é auto-erótica; ela possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que a pulsão é levada, por um processo de comparação a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem – fase (a). ... Esse tipo de fase preliminar se acha ausente no sadismo, que desde o começo é dirigido para um objeto estranho, embora talvez não fosse inteiramente absurdo compor tal fase a partir dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros." (Freud, 1915a: St. Ed. XIV; 130) ESB. XIV; 151).

<sup>216</sup> "Nos casos que estamos considerando, duas correntes cuja união é necessária para assegurar um comportamento amoroso completamente normal, falharam em se combinar. Podem-se distinguir as duas como a corrente *afetiva* e a corrente *sensual*.

"A corrente afetiva é a mais antiga das duas. Constitui-se nos primeiros anos da infância; forma-se na base dos interesses da pulsão de autoconservação e se dirige aos membros da família e aos que cuidam da criança." (Freud, 1912: St. Ed. XI; 180) ESB. XI; 164).

<sup>217</sup> "As resultantes da escolha de objeto infantil são transmitidas para o período seguinte. Elas ou persistem como tais ou são revividas na época real da puberdade. Mas, em consequência do recalque que se desenvolveu entre as duas fases, revelam-se inutilizáveis. Seus objetivos sexuais se atenuam e agora representam o que pode ser descrito como 'corrente afetiva' da vida sexual. Só a investigação psicanalítica pode mostrar que atrás desta afeição, admiração e respeito estão ocultos os velhos anseios sexuais das pulsões parciais infantis, que agora se tornaram inuteis. A escolha de objeto do período puberal é obrigada a abrir mão dos objetos da infância e começar de novo como uma 'corrente sensual'. Se estas duas correntes deixarem de convergir, o resultado freqüentemente é que um dos ideais da vida sexual, a concentração de todos os desejos num único objeto, será inatingível." (Freud, 1905: St. Ed. VII; 200) ESB. VII; 206).

<sup>218</sup> "A periodicidade orgânica do processo sexual persistiu, é verdade, mas seu efeito sobre a excitação sexual psíquica foi invertido. Parece mais provável que essa modificação se tenha vinculado à diminuição dos estímulos olfativos, através dos quais o processo menstrual produzia efeito sobre a psique masculina. Seu papel foi assumido pelas excitações visuais, que, em contraste com os estímulos olfativos intermitentes, conseguiram manter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva-se desse 'recalque orgânico', como defesa contra uma fase do desenvolvimento que foi superada. Todos os outros motivos são, provavelmente, de natureza secundária (cf. C. D. Daly, 1927). Esse processo se repete em outro nível quando os deuses de um período de civilização superado se transformaram em demônios. A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter-se erguido do chão, de sua adoção de um postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessitados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele.

"O processo fático da civilização ter-se-ia assim estabelecido com a adoção pelo homem de uma postura ereta. A partir desse ponto, a cadeia de acontecimentos teria prosseguido, passando pela desvalorização dos estímulos olfativos e o isolamento do período menstrual até a época em que os estímulos visuais se tornaram predominantes e os órgãos genitais ficaram visíveis, e, daí, para a continuidade da excitação sexual, a fundação da família, e, assim, para o limiar da civilização humana. Isso não passa de especulação teórica, mas é suficientemente importante para merecer uma averiguação cuidadosa a respeito das condições de vida que predominam entre os animais estreitamente relacionados ao homem.

"Um fator social está também, inequivocamente, presente na tendência cultural para a limpeza, que recebeu, *ex post facto*, justificativa em considerações higiênicas, embora se tenha manifestado antes da descoberta destas. O incentivo à limpeza origina-se num impulso a livrar-se das excreções, que se tornaram desagradáveis à percepção dos sentidos. Sabemos que, no quarto das crianças, as coisas são diferentes. Os excrementos não lhes despertam repugnância. Parecem-lhes valiosos, como se fossem parte de seu próprio corpo, que dele se separou. A partir disso, a educação insiste com especial energia em apressar o curso do desenvolvimento que se segue e que tornará as excreções desvalorizadas, repugnantes, odiosas e abomináveis. Essa inversão de valores dificilmente seria possível, se as substâncias expelidas do corpo não fossem condenadas por seus intensos odores a partilhar do destino acometido aos estímulos olfativos depois que o homem adotou a postura ereta. O erotismo anal, portanto, sucumbe em primeiro lugar ao 'recalque orgânico' que preparou o caminho para a civilização. A

existência do fator social responsável pela transformação ulterior do erotismo anal é atestada pela circunstância de que, apesar de todos os progressos evolutivos do homem, ele dificilmente acha repulsivo o odor de *suas próprias* excreções, mas somente o das outras pessoas. Assim uma pessoa não asseada – que não esconde as suas excreções – está ofendendo outras pessoas; não mostra consideração para com elas. E isso é confirmado por nossa expressões de injúria mais fortes e mais comuns. Seria incompreensível, também que o homem empregasse o nome de seu mais fiel amigo no mundo animal – o cachorro – como termo injurioso, se essa criatura não provocasse seu desprezo através de duas características: ser um animal cujo sentido dominante é o do olfato e não ter horror dos excrementos nem se envergonhar de suas funções sexuais.” (Freud, 1930[1929]: St. Ed. XXI; 99/100 ESB. XXI; 119/121).

<sup>219</sup> “Estudos ulteriores demonstraram que é conveniente e verdadeiramente indispensável inserir uma terceira fase entre aquelas duas, ou, em outras palavras, dividir a primeira fase, a do auto-erotismo, em duas. Nessa fase intermediária, cuja importância a pesquisa tem evidenciado cada vez mais, as pulsões sexuais até então isoladas já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio eu, que se constituiu aproximadamente nessa mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas dessa nova fase, que se tornam observáveis mais tarde, demos-lhe o nome de ‘narcisismo’.” (Freud, 1913[1913-1912]: St. Ed. XIII; 88/89 St. Ed. XIII; 111/112).

<sup>220</sup> “Avançando mais cautelosamente, a psicanálise observou a regularidade com que a libido é retirada do objeto e dirigida para o eu (o processo de introversão), e, pelo estudo do desenvolvimento libidinal das crianças em suas primeiras fases, chegou à conclusão de que o eu é o verdadeiro e original reservatório da libido, sendo apenas desse reservatório que ela se estende para os objetos. O eu encontrou então sua posição entre os objetos sexuais e imediatamente recebeu o lugar de proa entre eles. A libido que assim se alojara no eu foi descrita como ‘narcisista’.” (Freud, 1920: St. Ed. XVIII; 51/52 ESB. XVIII; 71/72).

<sup>221</sup> “Se, também no que diz respeito à pulsão de destruição e à libido, corresponde à verdade que o eu – porém aqui queremos nos referir preferentemente ao isso, à pessoa total – originalmente inclui todos os impulsos pulsionais, somos levados a pensar que o masoquismo é mais antigo do que o sadismo e que este, o sadismo, é a pulsão destrutiva dirigida para fora, adquirindo assim a característica de agressividade.” (Freud, 1933b[1932]: St. Ed. XXII; 105 ESB. XXII; 131).

<sup>222</sup> “A ‘hipótese do inatismo’ pode, então, ser formulada da seguinte maneira: A teoria linguística, a teoria de GU [Definamos ‘gramática universal’ (GU) o sistema de princípios, condições e regras que são elementos ou propriedades de todas as línguas humanas, não por mero acaso, mas por necessidade – quero dizer, é claro, necessidade biológica, e não lógica. Então, pode-se dizer que GU expressa ‘a essência da linguagem humana’ {Chomsky, 1975; 28}] pode, então, ser formulada da seguinte maneira: A teoria linguística, a teoria de GU, concebida tal como foi delineado acima, é uma propriedade inata da mente humana. Em princípio, deveríamos poder explicá-la em termos de biologia humana.” (Chomsky, 1975 [1980; 32]).

<sup>223</sup> “Não há nada de essencialmente misterioso no conceito de uma estrutura cognitiva abstrata, criada por uma faculdade mental inata, representada de modo ainda não conhecido no cérebro, e com participação no sistema de capacidades de disposições para agir e interpretar. Pelo contrário, uma formulação nessa linha, incorporando a distinção conceptual competência-desempenho parece ser pré-requisito para um estudo sério do comportamento. A ação humana só pode ser compreendida a partir da premissa de que as capacidades de primeira ordem e os conjuntos de disposições comportamentais envolvem o uso de estruturas cognitivas que expressam sistemas de conhecimentos (inconscientes), de crenças, de previsões, de avaliações, de julgamentos, etc. Pelo menos é o que me parece.” (Chomsky, 1975 [1980; 24]).

<sup>224</sup> “A observação dos primeiros estágios da aquisição da linguagem pode conduzir a mal-entendidos nesse sentido. É possível que em um estágio primitivo haja uso de expressões semelhantes à linguagem, mas fora ainda do quadro de referência imposto, em um estágio mais avançado de maturação intelectual, pela faculdade da linguagem – da mesma forma como um cão pode ser treinado para responder a certas ordens, embora não se possa concluir, a partir deste fato, que ele esteja usando linguagem.” (Chomsky, 1975 [1980; 45]).

<sup>225</sup> “É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras



qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais.” (Freud, 1911b: ESB. XII; 281 | St. Ed. XII; 221).

<sup>226</sup> “Os complexos perceptivos emanados desses seus semelhantes serão, então, em parte novos e incomparáveis – como, por exemplo, seus traços, na esfera visual; mas outras percepções visuais – o movimento das mãos, por exemplo – coincidirão no sujeito com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes, emanadas de seu próprio corpo, que estão associadas a lembranças de movimentos experimentados por ele mesmo. Outras percepções do objeto também – se, por exemplo, ele der um grito – evocarão a lembrança do próprio grito e, com isso de suas experiências de dor.” (Freud, 1950a[1895]: ESB. I; 438 | St. Ed. I; 331).

<sup>227</sup> “Ao mesmo tempo que essa identificação com o pai, ou um pouco antes [“vorher”], o menino começa a desenvolver um investimento de objeto verdadeiro em relação à mãe, de acordo com o tipo de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: um investimento-de-objeto sexual direto para com a mãe e uma identificação com o pai a qual o toma como modelo.” (Freud, 1921: Stud. IX; 98 | St. Ed. XVIII; 133 | ESB. XVIII; 105).

<sup>228</sup> “...o eu trata com os primeiros investimentos objetais do isso (e certamente com os posteriores também) deles retirando a libido para si próprio e ligando-os à alteração do eu produzida por meio da identificação. A transformação em libido do eu naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 45/46 | ESB. XIX; 61).

<sup>229</sup> “Assim, por exemplo, supomos que a diferença entre um investimento objetal erótico normal e o estado de se achar enamorado é que, neste último, um investimento incomparavelmente maior se transfere para o objeto, e o eu se esvazia, por assim dizer, em favor do objeto.” (Freud, 1927: St. Ed. XXI; 164/165 | ESB. XXI; 193).

<sup>230</sup> “A dimensão psicológica, no sentido de uma atitude mental e de uma prática voltadas para o interior do sujeito, aparece, de forma incipiente, a partir da prática da *askesis* moral dos cidadãos. A observação de si próprio e o exercício do autocontrole têm como objetivo permitir ao cidadão afirmar-se como homem livre, insumisso às paixões, aos apetites, às necessidades, às contingências da matéria, fossem de que tipo fossem. Mas ainda assim era uma atividade voltada para o externo, pois era na dimensão social da existência do indivíduo que ele buscava atingir a ‘excelência’. A experiência do eu como consciência de si, como vivência de uma interioridade singular, só começa a se constituir por volta dos séculos III e IV D.C. É a partir de então que os germes dessa forma peculiar de experiência de subjetividade, típica do indivíduo moderno, começam a se desenvolver. Nesse ponto o argumento de Vernant encontra-se com os últimos trabalhos de Michel Foucault.” (Bezerra, 1989; 225).

<sup>231</sup> “Isso nos conduz de volta à origem do ideal de eu; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de um investimento de objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer investimento de objeto.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 31 | ESB. XIX; 45/46).

<sup>232</sup> “É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de *ser*; no segundo, o que gostaríamos de *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do eu.” (Freud, 1921: St. Ed. XVIII; 106 | ESB. XVIII; 134).

<sup>233</sup> “Claro, isto implicaria retomar em detalhe toda a dinâmica edípica, que se joga, como sabem, na *dialética do ser e do ter*, ou seja, esse momento que leva o sujeito, de uma posição em que está *identificado com o fato da mãe*, a uma outra posição onde, renunciando a esta identificação, aceitando, então a *castração simbólica*, ele tende a se identificar, seja com o sujeito *suposto não tê-lo*, seja, pelo contrário, com aquele *suposto tê-lo*.” (Dor, 1991; 25).

<sup>234</sup> “... a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. [Nota – Talvez fosse mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe. ...].” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 31 | ESB. XIX; 45).

<sup>235</sup> “Mas uma nova complicação surge quando nos damos conta da probabilidade de que aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele próprio experimentou, mas também coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, elementos com uma origem filogenética – uma herança arcaica.” (Freud, 1939[1934–1938]: ESB, XXIII: 119 | St. Ed. XXIII: 98).

<sup>236</sup> “As experiências do eu parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do isso, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no isso, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis eus; e quando o eu forma o seu sobre-eu a partir do isso, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos eus e ressuscitando-as.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX: 38).

<sup>237</sup> “... Se se considera o comportamento do menino de quatro anos em relação à cena primária reativada, ou mesmo se se pensa nas reações muito mais simples da criança de um ano e meio, quando a cena foi realmente experienciada, é difícil descartar a opinião de que algum tipo de conhecimento dificilmente definível, algo, como se fosse, preparatório para uma compreensão, estivesse agindo na criança na época. Não podemos formar uma concepção sobre aquilo em que poderia ter consistido esse conhecimento; nada temos à nossa disposição, a não ser uma única analogia – e ela é excelente – a do extenso conhecimento *instintivo* [“*instinktiven Wissen*”] dos animais.” (Freud, 1918 (1914): Stud. III: 230 | St. Ed. XVII: 120 | ESB, XVII: 149).

“Se os seres humanos possuísem também uma propriedade instintiva [“*instinktiven*” Besitz”] como esta, não seria surpresa se fosse muito particularmente referida aos processos da vida sexual, mesmo que não pudesse ser de forma alguma confinada a eles. Esse fator instintivo [“*Instinktven*”] seria então o núcleo do inconsciente, um tipo primitivo de atividade mental, que seria depois destronado e encoberto pela razão humana, quando essa faculdade viesse a ser adquirida; mas que, em algumas pessoas, talvez em todas, mantivesse o poder de atrair para si os processos mentais superiores. O recalque seria o retorno a esse estágio instintivo [“*instinktiven Stufe*”], e o homem estaria, assim, pagando por sua grande nova aquisição com a sua sujeitabilidade à neurose, e estaria testemunhando, pela possibilidade das neuroses, a existência desses estádios preliminares de tipo instintivo [“*instinktartigen Vorstufe*”]. A significação dos traumas da primitiva infância estaria no material que transmitiriam a esse inconsciente o qual o preservaria de ser exaurido pelo curso subsequente do desenvolvimento.

“Estou ciente de que, em muitos lugares, deu-se expressão a pensamentos como estes, que enfatizam o fator hereditário, filogeneticamente adquirido na vida mental. Na verdade, sou de opinião que as pessoas têm estado prontas demais a encontrar espaço para eles e a lhes atribuir importância na psicanálise. Penso que só são admissíveis quando a psicanálise observa estritamente a ordem correta de precedência, e, depois de forçar seu caminho através dos estratos daquilo que foi adquirido pelo indivíduo, chega afinal aos rastros do herdado.” (Freud, 1918 [1914]: Stud. III: 230 | St. Ed. XVII: 120/121 | ESB, XVII: 149/150).

<sup>238</sup> “Estamos diminuindo o abismo que períodos anteriores de arrogância humana rasgaram entre a humanidade e os animais. Se se quiser encontrar qualquer explicação dos chamados instintos dos animais, que permitem que eles se comportem, desde o início, numa nova situação de vida como se fosse antiga e conhecida, se se quiser encontrar qualquer explicação dessa vida instintiva dos animais, ela só pode ser a de que eles trazem consigo as experiências da espécie para sua própria e nova existência – isto é, que preservaram recordações do que foi experimentado por seus antepassados. A posição do animal humano, no fundo, não seria diferente. Sua própria herança arcaica corresponde aos instintos dos animais, ainda que seja diferente em extensão e conteúdo.” (Freud, 1939[1934–1938]: St. Ed. XXIII: ESB, XXIII: 121).

<sup>239</sup> “Em ocasiões anteriores, fomos levados à hipótese de que no eu se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele eu e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de ‘ideal de eu’ e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência no recalque. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o eu infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao eu, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio eu, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal de eu que se diferenciou do eu.” (Freud, 1921: St. Ed. XVIII: 109/110 | ESB, XVIII: 138).

<sup>240</sup> “O sobre-eu cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas, aquelas que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. As pessoas, em todos os

tempos, deram o maior valor à ética, como se esperassem que ela, de modo específico, produzisse resultados especialmente importantes. De fato, ela trata de um assunto que pode ser facilmente identificado como sendo o ponto mais doloroso de toda civilização. A ética deve, portanto, ser considerada como uma tentativa terapêutica – como um esforço por alcançar, através de uma ordem do sobre-eu, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais.” (Freud, 1930[1929]: St. Ed. XXI; 142 ESB. XXI; 167).

<sup>241</sup> “Queremos transformar o eu, o nosso próprio eu, em tema de investigação. Mas isto é possível? Afinal, o eu é, em sua própria essência, sujeito; como pode ser transformado em objeto? Bem, não há dúvida de que pode sê-lo. O eu pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Nisto uma parte do eu se coloca contra a parte restante. Assim o eu pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas – pelo menos temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente.” (Freud, 1933 a[1932]: St. Ed. XXII; 58 ESB. XXII; 76/77).

<sup>242</sup> “A saúde mental muito depende de o sobre-eu ser normalmente desenvolvido – isto é, de haver-se tomado suficientemente impessoal. E é isso precisamente o que não ocorre nos neuróticos cujo complexo de Édipo não passou pelo processo correto de transformação. O sobre-eu deles ainda se confronta com seu eu como um pai rigoroso se defronta com um filho; e sua moralidade atua de maneira primitiva devido ao eu ser punido pelo sobre-eu.” (Freud, 1926: St. Ed. XX; 223 ESB. XX; 253/254).

<sup>243</sup> “This means that the activities of autistic children are mostly a-symbolic. They do not play, dream, fantasize or imagine to any appreciable extent. It is a progress when, in treatment, such a child has visual hallucinations. ... Their thinking, if it can be called such, is restricted and meagre. Imagination is completely lacking. Speech is either absent or crippled by echolalia.” (Tustin, 1984; 281).

<sup>244</sup> “O sobre-eu, que assim assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, é, porém, não simplesmente seu sucessor, mas também, realmente, seu legítimo herdeiro. ...

“Não posso dizer-lhes tanto quanto gostaria a respeito da metamorfose do relacionamento parental em sobre-eu ... (Freud, 1933a[1932]: St. Ed. XXII; 62 ESB. XXII; 81).

<sup>245</sup> “Assim, o sobre-eu de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do sobre-eu de seus pais, os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração.” (Freud, 1933a[1932]: St. Ed. XXII; 67 ESB. XXII; 87).

<sup>246</sup> “...dentro do próprio eu uma instância específica tornou-se diferenciada, sendo ela designada como sobre-eu. Esse sobre-eu ocupa uma posição especial entre o eu e o isso. Ele pertence ao eu e partilha de seu alto grau de organização psicológica...” (Freud, 1926: St. Ed. XX; 223 ESB. XX; 253/254).

<sup>247</sup> “Mas não nos esqueçamos de acrescentar que a distância entre esse ideal de eu e o eu real é muito variável de um indivíduo para outro e que em muitas pessoas essa diferenciação dentro do eu não vai além da que existe nas crianças.” (Freud, 1921: St. Ed. XVIII; 110 ESB. XVIII; 138).

<sup>248</sup> “O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no eu, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do eu retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do eu como um ideal de eu ou sobre-eu.” (Freud, 1923: St. Ed. XIX; 34 ESB. XIX; 49).

<sup>249</sup> “Mas voltemos ao sobre-eu! Atribuímos a ele a auto-observação, a consciência [Gewissen] e a função de ideal.” (Freud, 1933a[1932]: Stud. I; 504 St. Ed. XXII; 67 ESB. XXII; 86).

<sup>250</sup> “Os sentimentos de inferioridade situar-se-iam mais do lado do ego ideal e os sentimentos de culpabilidade ou de insuficiência moral do lado do ideal do ego.” (Laplanche, 1980 [1987; 291]).

<sup>251</sup> “Mas enquanto a renúncia pulsional, quando se dá por razões externas, é *somente* desprazerosa, quando se deve a razões internas, em obediência ao sobre-eu, tem um efeito econômico diferente. ... Quando o eu traz ao sobre-eu o sacrifício de uma renúncia pulsional, ele espera ser recompensado recebendo mais amor dele. A

consciência de merecer esse amor é sentida por ele como orgulho.” (Freud, 1939 [1934–1938]: St. Ed. XXIII, 116/117 ESB. XXIII; 139).

<sup>252</sup> “Obteremos uma explicação dinâmica da atitude humorística, portanto, se supusermos que ela consiste em ter o humorista retirado o acento psíquico de seu eu, transpondo-o para o sobre-eu.” (Freud, 1927: St. Ed. XXI, 164/ Stud. IV, 280 ESB. XXI; 192).

<sup>253</sup> “Se é realmente o sobre-eu que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao eu intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do sobre-eu.” (Freud, 1927: St. Ed. XXI, 166 ESB. XXI; 194).

<sup>254</sup> “O medo dessa agência crítica (um medo que está no fundo da relação inteira), a necessidade de punição, é uma manifestação pulsional da parte do eu que tornou-se masoquista sob a influência de um sobre-eu sádico; é uma porção, por assim dizer, da pulsão em direção à destruição interna presente no eu, empregada para formar uma ligação erótica com o sobre-eu.” (Freud, 1930[1929]: St. Ed. XXI, 136 ESB. XXI; 161).

<sup>255</sup> “Penso que, em princípio, a tese de um excesso de sublimação pode ser uma forma interessante de abordar a questão. Cada época histórica apresenta uma marca distintiva do inevitável mal estar na cultura a que Freud se refere em 1930. Neste sentido proponho que, neste final de século, o mal estar se manifesta principalmente no campo da sublimação, mais especificamente numa extrapolação da produção sublimatória. Aqui a expressão *excesso sublimatório* se refere, por uma lado, a um predomínio da atividade sublimatória em detrimento dos investimentos libidinais ou, como dizia Freud, em prejuízo da satisfação sexual direta. Por outro lado *excesso sublimatório* também diz respeito à própria atividade de sublimação que pode resultar em construções culturais demasiadamente ‘depuradas’ ou ‘embelezadas’ (Freud, 1897), desvinculadas do sujeito, como se se tratasse de uma pura concretude.” (Garcia, 1998; 84).

<sup>256</sup> “Cf. um trecho ulterior sobre a distinção entre o teste referente à realidade [“Realitätsprüfung”] e o teste referente à atualidade [“Aktualitätsprüfung”].” (Freud, 1917b[1915]: ESB, XIV, 265n | St. Ed. XIV, 189n).

<sup>257</sup> “The concept of psychic energy is central to Freud’s metapsychology; in fact, it was the principal means he called upon to help him explain the events of clinical observation.” (Holt, 1967; 1).

<sup>258</sup> “The concept of psychic energy Freud derived from his early neurophysiological concept of a quantity that is propagated along neuronal pathways. That he continued (at least) implicitly to think of psychic energy as physiologically definable is evidenced by the fact that he also occasionally referred to it as *nervous energy*.” (Rubinstein, 1965 [1997; 53]).

<sup>259</sup> “If taken in its literal meaning, the term ‘psychic energy’ stands not for a physiochemical, but for a vitalistic concept.” (Rubinstein, 1965 [1997; 53]).

<sup>260</sup> “... Freud began his scientific work under the influence of physicalistic physiology; the Project is clearly and explicitly an attempt to sketch out a “psychology for neurologists” in the mechanistic tradition. Recognizing its failure, he tried to work instead in psychological terms, retaining energy but using an abstract model without any explicit relation to the body and nervous system. He always insisted that it should eventually become a neurological model, however, and being from the beginning faced with psychosomatic problems he was confronted by a theoretical dilemma, although he does not seem to have realized it. A consistent theory employing psychic energy would have had to remain severely limited in scope, avoiding all issues that involve the body, or else it would have had to become explicitly dualistic and interactionistic. The first of these possibilities was and remains impossible for psychoanalysis; Freud flirted with interactionism, but did not espouse it definitively, and in fact did not adopt any one clear-cut consistent stance on the mind-body problem.” (Holt, 1967; 19/20).

<sup>261</sup> “The neurophysiological bases of psychoanalysis have never been ostensible dropped (or replaced by psychological concepts), as Strachey and Jones gladly assumed.” (Barros, 1971; 95).

<sup>262</sup> “Some of Freud’s metapsychological concepts (neurophysiological hypothetical constructs) have been given psychological names (psychic energy, ego, psychic apparatus, system Cs., wish, and so forth).” ... “As the

psychologically named entities are actually neurophysiological ones, psychoanalytic dualism only reflects a common misinterpretation of metapsychological nomenclature." (Barros, 1971; 96).

<sup>263</sup> "Whereas the mind-body relationship refers to metaphysical entities, the epistemic correlations refer to the empirical data, on one hand, and to the theoretical concepts on the other; the later, we have seen, may have real (metaphysical) or systemic (epistemological) existence." (Barros, 1971; 95).

<sup>264</sup> "Though it is true that Freud's metaphysical position corresponds to a materialistic monism ..." (Barros, 1971; 96).

<sup>265</sup> "When we examine the 'rules of correspondence' that have been established between the psychoanalytic empirical data and the metapsychological hypothetical constructs, we have to distinguish the intermediate types of 'epistemic correlations', namely, the correlation between the empirical data and the psychological intervening variables and the correlation between the provisional (and fictional) intervening variables and the potentially real, metapsychological hypothetical constructs.

"Freud's assertions about moving onto psychological ground, and staying in psychological ground ..., therefore, always refer to the psychological intervening variables (*Hilfsworstellungeng*) and not to real psychological entities." (Barros, 1971; 95).

<sup>266</sup> "We have seen above (1) that Freud's position is consistently monistic, (2) that the psychic apparatus is extended in space, (3) that psychic energy is an aggregate of physical energies, and (4) that psychic energy is neither directional nor teleological and should not be confused with the concept of urge." (Barros, 1971; 103).

<sup>267</sup> "Actually, Freud was candidly stating his intention of proceeding with his neurologizing program, only avoiding the pitfalls of premature localization in the same vein of his previous position in regard to the nonlocalizatory (but neurophysiological) interpretations of the speech apparatus." (Barros, 1971; 103).

<sup>268</sup> "É bem certo que há um contraste entre a representação energética (energia ligada e não ligada, investimentos e contra-investimentos diversos desta energia) que Freud faz de todo o aparelho psíquico e o método de 'pesquisa do sentido' que ele inaugura. Entretanto, Freud não abandonará nunca completamente esta representação energética; e o contraste é muito forte entre este materialismo da energia e esta análise intencional. Talvez seja preciso evitar traír Freud escolhendo uma interpretação e não outra, pois ele próprio quis uma espécie de síntese, a qual não conseguirá atingir, e há uma originalidade nesta mistura, nesta recusa de separar uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito. Em Freud, vai-se sempre de uma imagem naturalista [Nota - Há em Freud uma filosofia de vida como em Bergson, mas não se trata de uma evolução criadora como em Bergson; é uma representação do aparelho psíquico.] a uma compreensão, e *vice-versa*." (Hypollite, 1959 [1989; 90]).

<sup>269</sup> "O esforço de compreensão de Freud conduzia sempre a novos problemas ...

"Que Freud tenha traduzido tudo isto num sistema psíquico contestável, já o dissemos. Mas este sistema (o id, o ego, o superego, o inconsciente, o pré-consciente, o consciente - e sobretudo a representação energética na metapsicologia) não o impediu nunca de levar sua análise compreensiva a cabo em cada caso concreto. O sistema [Nota - Uma estrutura, uma máquina psíquica. Estrutura que se explica por uma gênese.] sempre foi uma maneira provisória de representar esta própria compreensão e modificou-se com o alargamento da compreensão." (Hypollite, 1959 [1989; 92/93]).

<sup>270</sup> "A proposta atual de retornar ao texto do *Projeto* não significa, de modo algum, um retorno ao ponto de vista neurológico ou mesmo fisicalista que marcaram as leituras que dele foram feitas." (Garcia-Roza, 1991; 17).

<sup>271</sup> "O aparato psíquico deve ser entendido, portanto, como um aparato de captura, transformação e ordenação dessas intensidades que lhe chegam de fora (de fora do aparato, bem entendido), e dentre elas as que o atingem com maior intensidade são as intensidades pulsionais." (Garcia-Roza, 1995; 84).

<sup>272</sup> "No nível das pulsões, há o dualismo entre pulsões de vida e pulsão de morte, e o próprio dualismo entre as pulsões e as representações, ou, para usar uma linguagem mais antiga, o dualismo entre o corpo e a alma.

"Por mais que isto possa ferir os sofisticados ouvidos psicanalíticos ou ameaçar a mente crítica dos filósofos, a psicanálise recoloca o velho problema da relação corpo-alma." (Garcia-Roza, 1990; 54).

<sup>273</sup> “Ocorre, porém, que uma coisa é a *representação* do corpo, outra coisa é o corpo pulsional, corpo real, situado para além da representação. Por outro lado, se a pulsão não é uma ‘força natural’ nem por isso ela deixa de ser potência corporal. Freud é bastante claro quando afirma que as pulsões são forças que ele supõe existentes por trás do Isso, representando as exigências que o corpo faz à mente. Portanto, algo que está para além do Isso e não algo que o habita. O ponto central está no fato de que estas exigências não são exigências naturais e, mais ainda, que as pulsões são a “causa última” de toda atividade psíquica.” (Garcia-Roza, 1990; 55).

<sup>274</sup> “O Isso é também uma instância psíquica enquanto que a pulsão é extra-psíquica.” (Garcia-Roza, 1990; 128).

<sup>275</sup> “Logo no início de *Pulsões e destinos das pulsões*, Freud recorre à biologia no sentido de tomar-lhe emprestado o conceito de estímulo. A pulsão é ‘um estímulo para o psíquico’. Estímulo para o psíquico e não estímulo psíquico, portanto, algo que externamente ao aparato psíquico funciona como estímulo para este último.” (Garcia-Roza, 1990; 137).

<sup>276</sup> “Se identificarmos o *corpo pulsional* com o *corpo do simbólico*, seremos forçados a colocar a pulsão no espaço da representação, e não no espaço do real. Sem dúvida alguma, há uma *presença* da pulsão no psiquismo, e as noções de *Triebrepräsenz* e *Vorstellungsrepräsentanz* pretendem designar exatamente isto. Mas uma coisa é o representante da pulsão no psiquismo, outra coisa é a pulsão ela mesma.

“Assim sendo, teremos que admitir um outro registro do corpo, para além do corpo do simbólico.

“O *corpo pulsional* é de outra ordem. Não é representável, não é atravessado pela linguagem, não se constitui como sentido, não é da ordem do acontecimento. O corpo pulsional distingue-se tanto do corpo do simbólico como do corpo biológico.” (Garcia-Roza, 1990; 60).

<sup>277</sup> “... tanto Freud quanto Lacan afirmam um para além da linguagem e da representação, que seria o lugar das pulsões, lugar do real para a psicanálise.

“A qual corpo estão referidas essas pulsões: ao corpo do simbólico ou ao corpo do real – corpo pulsional? Como conceber esse corpo? Se antes tínhamos apenas um corpo – o biológico –, e com Freud/Lacan passamos a ter um outro corpo – o do simbólico –, não seria complicar demasiadamente a questão a introdução de um terceiro corpo – o pulsional – irreduzível aos dois primeiros? Essa é a nossa questão. ...

“Creio que não será excessivo ressaltar que minha pretensão não é, de forma alguma, afirmar que o biológico não existe, ou de recusar-lhe uma positividade em termos de realidade. Seria ainda ingênuo não levar em conta a representação imaginária que fazemos do corpo biológico. Não é disso, portanto, que se trata nesta exposição. Não estou tentando afirmar o corpo psicanalítico como antítese do biológico, mas simplesmente afirmá-lo como *diferença*.” (Garcia-Roza, 1990; 63).

<sup>278</sup> “De qualquer forma, o conceito de pulsão foi enunciado de maneira ambígua, misturando ao bel-prazer os registros quantitativo e qualitativo, mas nessa *alquimia* a *dinâmica* se revela inequivocamente no registro qualitativo. Por isso mesmo, a pulsão se inscreve imediatamente no campo das representações, articulando a estrutura do inconsciente.” (Birman, 1997; 62).

<sup>279</sup> “Foi essa concepção que começou paulatinamente a se romper, no registro metapsicológico, com ‘As pulsões e seus destinos’. Nesse ensaio, a pulsão foi definida eminentemente como se inscrevendo no registro quantitativo, como ‘uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação ao corporal’. Portanto, a pulsão é uma força (Drang), antes de mais nada, que precisa ser submetida a um trabalho de ligação e de simbolização para que possa se inscrever no psiquismo propriamente dito.” (Birman, 1997; 63).

<sup>280</sup> “Assim, ao articular a nova tópica em 1923, com ‘O ego e o id’, Freud define o *id* como sendo o pólo pulsional do aparelho psíquico, pólo esse inexistente na primeira tópica. Além disso, enquanto a primeira tópica se baseia no campo de representações, indicando diferentes modalidades de representação psíquica – inconsciente, pré-consciente e consciente –, a segunda pretende ir ‘além’ do campo de representações, sublinhando a existência de um pólo pulsional do psiquismo. Para isso, foi necessário autonomizar o conceito de pulsão do registro da representação, de maneira a posicionar força e representação como sendo dois pólos antinômicos.” (Birman, 1997; 65).

<sup>281</sup> "Vitalistic theories are dualistic, and the vital principle is accordingly something ontologically quite unlike and even antithetical to the world of matter.

"The fundamental dualism Bergson sees between life and 'inert matter' is evident throughout his work, but it is difficult to find a succinct avowal of metaphysical dualism. He makes many such statements as, 'In reality, life is no more made of physiochemical elements than a curve is composed of straight lines' [Bergson, H., *Creative Evolution*, {Trans. A. Mitchell} New York, Holt, 1911; 31].

"... Absolute Reality has also a dualistic structure. There is a permanent struggle between wholeness and non-wholeness in Reality, a struggle between *form* and *matter*." [Driesch, H., *The Science and Philosophy of the Organism*, {2<sup>nd</sup> Ed.}. London, Black, 1929, 327]. "Life ... is not a specialized arrangement of inorganic events: life is something apart, and biology is an independent science [Ibidem, 105]." (Holt, 1967; 20).

<sup>282</sup> "Por fonte [*Quelle*] de uma pulsão entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão" (Freud, 1915a, Stud. III; 86) St. Ed. XIV; 123 | ESB. XIV; 143).

<sup>283</sup> "Chegamos assim à natureza essencial das pulsões em primeiro lugar através da consideração de suas principais características – sua origem nas fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante – e daí deduzimos uma de suas outras características, nomeadamente, que nenhuma ação de fuga prevalece contra elas." (Freud, 1915a: St. Ed. XIV; 119) ESB. XIV; 139/140).

<sup>284</sup> "A totalidade desse processo representa então uma *experiência de satisfação*, que tem as conseqüências mais decisivas para o desenvolvimento das funções individuais. Pois três coisas se produzem no sistema  $\Psi$ : (1) efetua-se uma descarga permanente e, assim elimina-se a urgência que causou desprazer em  $\phi$ ; (2) produz-se a catequização de um ou de vários neurônios do *pallium* que corresponde à percepção de um objeto; e (3) em outros pontos do *pallium* chegam as informações sobre a descarga conseguida mediante a liberação do movimento reflexo que se segue à ação específica." (Freud, 1950b [1895]: St. Ed. I; 318) ESB. I; 422).

<sup>285</sup> "Propomos a hipótese de que a meta essencial das pulsões de vida é garantir *uma função objetalizante*. Isto não apenas significa que seu papel é criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas que ela se revela capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está mais diretamente em questão. Dito de outra forma, a função objetalizante não se limita às transformações do objeto, mas pode fazer chegar à categoria de objeto aquilo que não possui nenhuma das qualidades, das propriedades e dos atributos do objeto desde que uma única característica se mantenha no trabalho psíquico realizado: o *investimento significativo*. Disto decorrem os aparentes paradoxos da teoria clássica em que o eu pode se tornar um objeto (do Isso), ou o que permite, em certas teorias contemporâneas, falar de objetos-*self* (*self-objects*). Este processo de objetalização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica, de maneira tal que, no limite, o *próprio investimento que é objetalizado*. Isto leva, portanto, a distinguir o objeto da função objetalizante, onde, é claro, a ligação, acoplada ou não ao desligamento, entra em jogo. Isto justifica a atenção dedicada às teorias da relação objetal, cujo erro, no entanto, é de não ter claramente percebido a função objetalizante por ter se apegado demais ao objeto *stricto sensu*." (Green, 1986 [1988; 59/60]).

<sup>286</sup> "A noção de um Isso ou de um inconsciente primário, *não-recalcados*, nos parece ligada a uma falsa apreciação do lugar do biológico em psicanálise.

"A hipótese de um Isso não-recalcado concebido como absolutamente primário ('tudo o que é consciente foi antes inconsciente') leva a todas as aporias de uma tentativa de reconstruir o mundo humano a partir de uma mônada inicialmente fechada sobre si mesma e que deveria, não se sabe como, abrir-se ao mundo e ao ser-no-mundo." (Laplanche, 1986 [1988; 16]).

<sup>287</sup> "A pulsão é pulsão sexual ... Somente a sexualidade é objeto do recalque, pelas razões freqüentemente mencionadas por Freud..." (Laplanche, 1986 [1988; 18]).

<sup>288</sup> "O movimento que constitui a pulsão sexual não é outro do que aquele que diferencia o aparelho psíquico: é o recalque originário.

"O ponto de partida disto é a 'sedução originária' a ser concebida não como manobra sexual particular por parte do adulto, mas como o fato de que a criança imatura é confrontada com mensagens carregadas de sentido e de desejo, mas cuja chave não possui ('significantes enigmáticos'). O esforço para ligar o trauma que acompanha a sedução originária resulta no recalque destes primeiros significantes ou de seus derivados metonímicos. Estes

objetos inconscientes ou representações de coisas inconscientes constituem a fonte da pulsão (objetos-fonte)." (Laplanche, 1986 [1988; 18]).

<sup>288</sup> "As pulsões sexuais de vida funcionam segundo o princípio da energia ligada (princípio de constância); seu fim é a síntese, a manutenção ou a constituição de unidades e de laços; são conformes ao eu; seu objeto-fonte é um objeto 'total', regulador. As pulsões sexuais de morte funcionam segundo o princípio da energia livre (princípio do zero); seu fim é a descarga pulsional total, ao preço do aniquilamento do objeto; são hostis ao eu ao qual tentam desestabilizar; seu objeto-fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indicio de objeto." (Laplanche, 1986 [1988; 24]).

<sup>290</sup> "Dessa maneira, o conceito de pulsão de morte foi a consequência necessária dessa concepção de pulsão como força, pois ao enunciar a existência de uma modalidade de pulsão sem representação, o discurso freudiano sublinhou radicalmente o que estava em questão no seu novo conceito de pulsão, que tem na descarga a sua finalidade originária. Além disso, o que a construção do conceito de pulsão de morte indica é que, antes de mais nada, a pulsão é sempre de morte, pois como força o que busca é a quietude absoluta possibilitada pela descarga. Para que a pulsão seja transformada, remodelando o seu estatuto primordial como força, é necessário um trabalho de ligação aos objetos e a sua inscrição no campo da representação, de maneira a se constituir um circuito pulsional. Porém, essa transformação fica na dependência do outro, mediante o qual a pulsão passará a ter 'destinos' no psiquismo, pelos quais se constituirá o sujeito." (Birman, 1997; 64).

<sup>291</sup> "A pulsão de morte opera fundamentalmente em 'silêncio' e não se restringe aos poderes da agressão destrutiva, ao contrário do que passou a ser considerado por parcelas significativas do pensamento psicanalítico pós-freudiano. Seu poder mortífero está representado por sua desintração de Eros e sua existência em estado livre. Definida pelo 'silêncio', ela nos permite aceder ao núcleo da intuição conceitual do pensamento freudiano. Articulando numa bela metáfora o conceito de pulsão de morte à problemática da não-inscrição, essa passagem crucial do pensamento de Freud sublinha enfaticamente que ela é o que não quer ser escrito e falado, o obstáculo à emergência da palavra." (Birman, 1991; 232).

<sup>292</sup> "Assim, existiria inicialmente a oposição do sujeito face à unificação e à absorção massificante no social, mediante a qual ele marca a sua diferença e singularidade. Com isso, se delinea a dimensão criativa e inventiva da pulsão de morte, condição de possibilidade para a reinvenção permanente do sujeito face às ordens estabelecidas." (Birman, 1997; 118).

<sup>293</sup> "Assim, foi como força de anti-ligação e como metáfora do silêncio que Freud representou a pulsão de morte em 'O Ego e o Id'. Isso significa que, embora não sendo da ordem da linguagem, é a pulsão de morte que obriga efetivamente o sujeito a produzir novas formas de dizer e de enunciar, isto é, se inventar sob a pressão e segundo as exigências da pulsão de morte." (Birman, 1996; 40/41).

<sup>294</sup> "Delimitada pela figura do silêncio e como antipalavra, por sua exterioridade ao registro da linguagem, a pulsão de morte se impõe ao sujeito 'como uma medida de exigência de trabalho que é imposta ao psíquico, em consequência de sua ligação corporal', como formulava Freud como uma das características básicas da pulsão. Então, mediante o Outro, a pulsão de morte se inscreve no universo da representação pelo trabalho de ligação empreendido pela pulsão de vida (Eros)." (Birman, 1994; 90).

<sup>295</sup> "O campo psicanalítico não é, pois, todo ele abarcado pela ordem, há um fundo de acaso contra o qual essa ordem se apresenta e com a qual ela mantém uma relação estrutural. Volto a frisar que não se trata aqui da distinção entre o pré-consciente/consciente e o inconsciente, mas de uma outra, mais radical, entre o aparato anímico (que abarca o Ics e o Pcs/Cs) e as pulsões." (Garcia-Roza, 1990; 128).

<sup>296</sup> "Freud aponta a pulsão de morte como o obstáculo maior à cultura, na medida em que esta última tende a reunir indivíduos, famílias, nações, com vistas a uma grande unidade que seria a humanidade. A cultura estaria, portanto, a serviço de Eros. A pulsão de morte, entendida como potência destrutiva, tem como alvo a disjunção dessas unidades, a recusa da permanência. Enquanto a pulsão sexual é conservadora, pois além de constituir uniões tende a mantê-las, a pulsão de morte é renovadora. Ao colocar em causa tudo o que existe, ela é potência criadora. Enquanto Eros tende à unificação, à indiferenciação, a pulsão de morte, como princípio disjuntivo é produtora de diferenças." (Garcia-Roza, 1990; 134).



<sup>297</sup> “A autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição (ou *potência de destruição*) é perfeitamente consistente com a idéia de que a pulsão por se situar além da representação, além da ordem, além do princípio de prazer, é pura dispersão, pura potência dispersa. Sob este aspecto, faz jus à afirmação de que ela é a *pulsão por excelência*. Mas nesse caso ficamos com um problema talvez ainda maior do que o anterior: como situar, agora, as pulsões sexuais?” (Garcia-Roza, 1990; 143).

<sup>298</sup> “Admitir uma distinção entre pulsão de morte e pulsão sexual, anterior ou exterior ao registro da representação, não implicaria em se pretender estabelecer uma diferença qualitativa onde só há o indiferenciado da pulsão?” (Garcia-Roza, 1990; 143).

<sup>299</sup> “Não há *pulsão sexual*. A sexualidade constitui-se a partir da captura das pulsões pela rede significativa. O sexual pertence ao registro do desejo e não ao registro da pulsão, e, enquanto tal, implica, além do imaginário, o simbólico. O real da pulsão permanece como seu suporte. O sexual é a forma ou a determinação que a pulsão vai receber, e não o atributo da pulsão ela mesma. Enquanto pura potência, a pulsão é vazia de forma, de sentido, não é nem sexual nem agressiva, nem de sociabilidade, mas pulsão pura e simplesmente. Quando distinguimos ‘pulsão oral’, ‘pulsão anal’, ‘pulsão fálica’, ‘pulsão escópica’, etc., o que estamos fazendo é apontando a diversidade das fontes pulsionais e não estabelecendo uma diferença qualitativa com respeito às pulsões elas mesmas.

“É claro que uma tal colocação da questão tem suas conseqüências. A primeira delas diz respeito ao dualismo pulsional tão enfaticamente defendido por Freud e que seria ameaçado; a segunda é o risco de uma *capitis diminutio* da sexualidade. Quanto à primeira conseqüência, creio que a ameaça poderia ser afastada se deslocarmos o ponto sobre o qual Freud faz incidir o dualismo, coisa que ele próprio fez quando substituiu o dualismo *pulsões de auto-conservação x pulsões sexuais* pelo dualismo *pulsões de vida x pulsões de morte*. O risco da segunda conseqüência me parece menor. Trata-se também de um deslocamento, mas que em nada afeta a importância concedida pela teoria psicanalítica à sexualidade. Pelo contrário, a questão ganharia maior especificidade e a sexualidade ficaria liberta de uma referência biológica incômoda e difícil de ser sustentada teoricamente.” (Garcia-Roza, 1990; 144/145).

<sup>300</sup> “O princípio de *Nirvana* expressa a tendência do instinto de morte; o princípio de *prazer* representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de *realidade*, representa a influência do mundo externo.

“Nenhum desses três princípios é realmente colocado fora de ação por outro. Via de regra eles podem tolerar-se mutuamente, embora conflitos estejam fadados a surgir ocasionalmente do fato dos objetivos diferentes que são estabelecidos para cada um – num dos casos, uma redução quantitativa da carga do estímulo; noutro, uma característica qualitativa do estímulo, e, por último, um adiamento da descarga do estímulo e uma aquiescência temporária ao desprazer devido à tensão.” (Freud, 1924b: Stud. III; 344/345| ESB. XIX; 201| St. Ed. XIX; 160/161).

<sup>301</sup> “As duas pulsões elementares compõem, na segunda teoria pulsional, as bases do conflito humano. Sustentando a existência de uma inclinação pulsional agressiva autônoma e originária, Freud é obrigado a aceitar – pelo simples fato de ter sido conservada a vida – a existência de uma pulsão igualmente originária a serviço da vida.” (Plastino, 1991; 36).

<sup>302</sup> “Não é uma questão de antítese entre uma teoria otimista e uma pessimista da vida. Somente pela ação concorrente e mutuamente oposta das duas pulsões primordiais – Eros e a pulsão de morte –, nunca por uma ou outra sozinha, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida.” (Freud, 1937a: St. Ed. XXIII; 243| ESB. XXIII; 276). ... “Estou bem cômico de que a teoria dualista, segundo a qual um instinto de morte ou de destruição ou agressão reivindica iguais direitos como sócio de Eros, tal como este se manifesta na libido, encontrou pouca simpatia e na realidade não foi aceita, mesmo entre psicanalistas.” (Freud, 1937a: ESB. XXIII; 278| St. Ed. XXIII; 224).

<sup>303</sup> “As forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do isso são chamadas de *pulsões*. Elas representam as exigências somáticas feitas sobre a mente. Embora sejam a suprema causa de toda atividade, elas têm uma natureza conservadora; o estado, seja ele qual for, que um organismo alcançou faz surgir a tendência a restabelecer aquele estado assim que ele é abandonado.” (Freud, 1940a [1938]: St. Ed. XXIII; 148| ESB. XXIII; 173).

<sup>304</sup> "Ele [o isso] não pode dizer o que quer, ele não alcançou uma vontade unificada. Eros e a pulsão de morte lutam dentro dele; vimos com que armas um grupo de pulsões se defende contra o outro. Seria possível representar o isso como se achando sob a dominação das silenciosas mas poderosas pulsões de morte, que desejam estar em paz e (incitadas pelo princípio de prazer) fazer repousar Eros, o perturbador [Störenfried]; mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros." (Freud, 1923: *St. Ed. XIX*; 59] ESB. XIX; 76).

<sup>305</sup> "A precondição mental necessária para o sono é a concentração do eu no desejo de dormir e a retirada da energia psíquica de todos os interesses da vida." (Freud, 1925a [1924]: *St. Ed. XX*; 44] ESB. XX; 58).

<sup>306</sup> "Que dizer de nosso quarto ponto, o deslocamento? Pois bem, a teoria de Freud, a teoria biológica da pulsão o explica, mas ao preço de levá-lo ao absoluto. A contingência do objeto é total. A pulsão se resume num impulso (a única coisa que resta finalmente desta espécie de faca *de dois gumes* que é a pulsão é o *Drang*), um impulso energético que se liga a (e se desliga de) qualquer coisa, como a um engodo. Mas é sobre nossa segunda exigência, a relação às representações (lembranças e fantasias), que a teoria biológica é mais fraca e mais arbitrária, negando a estas representações toda eficácia própria, para ver nelas apenas o lugar de ancoragem, de investimento, de uma energia indiferenciada e flutuante. Na minha opinião, recorrer a uma pulsão biológica para explicar a força do determinismo inconsciente é uma hipótese inverificável, contestável e, de qualquer forma, extra-analítica." (Laplanche, 1988; 77).

<sup>307</sup> "*Narcisismo originário, narcisismo primário* – eis uma das noções mais enganosas que, na sua aparente evidência, exige, obrigatoriamente, uma interpretação. Para simplificar, digamos, antes de tudo, que existem no pensamento freudiano duas correntes manifestas a respeito dessa noção. Ora, a corrente representada em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, se ela é praticamente perceptível ao longo de toda a obra, não é senão provisoriamente dominante. Uma outra linha do pensamento, presente também, logo de início, antes mesmo da introdução do termo narcisismo, explicitada sobretudo num texto de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, é que vai se tornar predominante. Expressa no seu conteúdo manifesto, essa tese pretende reconstruir a evolução do psiquismo humano a partir de uma espécie de primeiro estado hipotético, no qual o organismo formaria uma unidade fechada em relação àquilo que o circunda. Essa estado não se definiria por um investimento do ego, uma vez que seria anterior à própria diferenciação de um ego, mas por uma espécie de estagnação local da energia libidinal numa unidade biológica concebida como 'anobjetal'. Referência, pois, ao protótipo da vida intra-uterina, ou ao recém-nascido." (Laplanche, 1970 [1985; 75]).

<sup>308</sup> "É inconcebível que a sexualidade emergja biologicamente da autoconservação, ainda que por um distanciamento de fim e de objeto. Este é o cúmulo, o *nec plus ultra* da robinsonada; entenda-se aí a tentativa de reconstituir o mundo cultural a partir dos recursos endógenos apenas do bebê-Robinson." (Laplanche, 1988; 80).

<sup>309</sup> "Mas, mesmo tomada na sua acepção original e no seu melhor sentido, deve-se levar em conta que a teoria do apoio surgiu no vazio deixado em 1897 pelo abandono da teoria da sedução. O apoio continua válido como apresentação de um certo modo de articulação para o qual concebemos diferentes esquemas ... mas não é válido se quisermos fazer dele um modelo de origem ou de gênese. A idéia, que às vezes se encontra em Freud, de uma gênese da sexualidade segundo o apoio é, necessariamente, se a levarmos a sério, a de uma emergência, de uma divergência progressiva, no seio de um funcionamento biológico, entre a autoconservação e a sexualidade. ... Pois bem, a rigor, este esquema só pode ser conservado com a condição de não ver nele um movimento espontâneo, nem endógeno. Temos aí uma espécie de cebola da qual se destaca uma película superficial, uma flor da qual se tiraria uma pétala. Pois bem, numa palavra, o que queremos dizer é que a cebola não se descasca sozinha, é a sedução que vai descascar, sobre a autoconservação, uma certa lâmina que podemos chamar sexual. É a sedução que descasca a cebola da autoconservação, e não a autoconservação que, por não se sabe que movimento endógeno, se clivaria." (Laplanche, 1987a [1992; 153/154]).

<sup>310</sup> "Minha fórmula seria, portanto, a única verdade do apoio é a sedução originária. É porque os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e incontroláveis para a criança, que elas produzem, sobre os lugares ditos erógenos, o movimento de clivagem e de deriva que leva eventualmente à atividade auto-erótica." (Laplanche, 1988; 80).

<sup>311</sup> "A pulsão não é, pois, nem um ser mítico, nem uma força biológica, nem um conceito-limite. Ela é o impacto sobre o indivíduo e sobre o Ego da estimulação constante, exercida do interior, pelas representações-coisa recalçadas, que podemos designar como objetos-fontes da pulsão." (Laplanche, 1988; 80).

<sup>312</sup> “O narcisismo primário, como realidade psíquica, só pode ser o mito primário do retorno ao seio materno, cenário que Freud situa às vezes explicitamente entre as fantasias originárias.” (Laplanche, 1970 [1985; 76]).

<sup>313</sup> “E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-ediapiana das meninas; contudo o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina.” (Freud, 1933c [1932]: ESB. XXII: 149 | St. Ed. XXII; 120).

<sup>314</sup> “É preciso, portanto, falar aqui do recalçamento originário. Pois é de um movimento apenas que este cliva do psiquismo um inconsciente primordial que se torna, por isso mesmo, um Id, e que constitui os primeiros objetos-fontes, fontes da pulsão. De acordo com a teoria freudiana do *après-coup* concebemos o recalçamento originário como em dois tempos, pelo menos. O primeiro tempo, passivo, é como que a implantação, a primeira inscrição dos significantes enigmáticos, sem que estejam ainda recalçados. Tem uma espécie de estatuto de espera, estatuto de externo-interno ou ainda (segundo uma outra expressão de Freud), de sexual/pré-sexual. O segundo tempo é ligado a uma reatualização e a uma reativação destes significantes, doravante atacantes-internos, e que a criança deve tentar ligar.” (Laplanche, 1988; 80).

<sup>315</sup> “A Psicanálise faz uma suposição básica, cuja discussão se reserva ao pensamento filosófico, mas a justificação da qual reside em seus resultados. Conhecemos duas espécies de coisa sobre o que chamamos nossa psique (ou vida mental): em primeiro lugar, seu órgão corporal e cena de ação, o cérebro (ou sistema nervoso) e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais explicados por nenhum tipo de descrição. Tudo o que jaz entre eles é-nos desconhecido, e os dados não incluem nenhuma relação direta entre estes dois pontos terminais de nosso conhecimento. Se existisse, no máximo permitir-nos-ia uma localização exata dos processos da consciência e não nos forneceria auxílio no sentido de compreendê-los.” (Freud, (1940a [1938]): ESB. XXIII: 169 | St. Ed. XXIII; 144/145).

<sup>316</sup> “O ponto de partida dessa investigação é um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição – o fato da consciência. Não obstante, quando se fala de consciência, sabemos imediatamente, e pela experiência mais pessoal, o que se quer dizer com isso. Muitas pessoas, tanto ligadas à ciência quanto estranhas a ela, satisfazem-se com a suposição de que só a consciência é psíquica; nesse caso a Psicologia não terá senão que fazer a discriminação entre fenômenos psíquicos, percepções, sentimentos, processos de pensamento e volições. No entanto, há uma concordância geral no sentido de que esses processos conscientes não formam seqüências ininterruptas, completas em si mesmas; assim, não haveria alternativa para a pressuposição de que existem processos físicos ou somáticos concomitantes aos psíquicos e que teríamos de reconhecer necessariamente como mais completos que as seqüências psíquicas, visto que alguns teriam processos conscientes paralelos a eles, mas outros não. Sendo assim torna-se plausível dar ênfase, em Psicologia, a esses processos somáticos, ver neles a verdadeira essência do psíquico e procurar outra determinação dos processos conscientes. A maioria dos filósofos, entretanto, assim como muitas outras pessoas, discute isso e declara que a idéia de algo psíquico ser inconsciente é autocontraditória.

“Mas é isso precisamente que a Psicanálise é obrigada a afirmar, e esta é a sua segunda hipótese fundamental. Ela explica os fenômenos concomitantes supostamente somáticos como sendo o que é verdadeiramente psíquico, e assim em primeira instância, menospreza a qualidade da consciência. ...

“Pode parecer que essa disputa entre Psicanálise e Filosofia fosse apenas uma frívola questão de definição – se o nome “psíquico” deve ser aplicada a uma ou outra seqüência de fenômenos. Na realidade, porém, este passo tornou-se da mais alta significação. Enquanto que a psicologia da consciência nunca foi além das seqüências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem e seguir suas relações mútuas e interdependentes ininterruptas através de longos trechos – em resumo, chegar ao que é descrito como uma “compreensão” do campo dos fenômenos naturais em apreço. Isto não pode ser efetuado sem estruturação de novas hipóteses e criação de novos conceitos, e estes não devem ser menosprezados com indicio de embaraço de nossa parte, mas pelo contrário merecem ser apreciados como um enriquecimento da Ciência. Podem pretender, como aproximações, o mesmo valor dos andaimes intelectuais [“intellektuellen Hilfskonstruktionen”, construções auxiliares intelectuais] correspondentes encontrados em

outras ciências naturais e esperamos que sejam modificados, corrigidos e mais precisamente determinados à medida que uma maior experiência for acumulada e filtrada. Assim também estará inteiramente de acordo com nossas expectativas que os conceitos e princípios básicos da nova ciência (instinto ["Trieb", pulsão], energia nervosa, etc.) permaneçam por tempo considerável não menos indeterminados que os das ciências mais antigas (força, massa atração, etc.).

"Toda ciência se baseia em observações e experiências a que se chegou através do veículo de nosso aparelho psíquico. Mas visto que a *nossa* ciência tem por assunto esse próprio aparelho, a analogia acaba aqui. Efetuamos nossas observações através do mesmo aparelho perceptivo, precisamente com o auxílio das rupturas na sequência de ocorrências "psíquicas": preenchemos o que é omitido fazendo deduções plausíveis e traduzindo-as em material consciente. Desta maneira construímos, por assim dizer, uma sequência de ocorrências conscientes que é complementar aos processos psíquicos inconscientes. A relativa certeza de nossa ciência psíquica baseia-se na força aglutinante dessas deduções. Quem quer que se aprofunde em nosso trabalho descobrirá que nossa técnica tem fundamentos para defender-se contra qualquer crítica." (Freud, 1940a [1938]: ESB. XXIII: 182/184 | Gesammelte Werke XVII: 79/81 | St. Ed. XXIII: 157/159).

<sup>317</sup> "Bem, então, o que é o sono?"

"Esse é um problema fisiológico sobre o qual ainda existe muita controvérsia. Quanto a esse respeito não podemos chegar a qualquer conclusão, penso, porém, que devemos tentar descrever as características psicológicas do sono. O sono é um estado no qual não desejo saber de nada do mundo externo, um estado no qual retirei do mundo externo meu interesse. Ponho-me a dormir retraindo-me do mundo externo e mantendo afastados de mim seus estímulos. Também vou dormir quando estou fatigado dele. De modo que, quando vou dormir, digo ao mundo externo: 'Deixe-me em paz; quero dormir.' As crianças, ao contrário, dizem: 'Eu não vou dormir agora; não estou cansado e quero ter mais algumas experiências.' A finalidade biológica do sono parece ser, portanto, a recuperação, e sua característica psicológica a suspensão do interesse pelo mundo. Nossa relação com o mundo, ao qual viemos tão a contragosto, parece incluir também nossa impossibilidade de tolerá-lo ininterruptamente. Assim de tempos em tempos nos retiramos para o estado de pré-mundo, para a existência dentro do útero. A todo custo conseguimos para nós mesmos condições muito parecidas com aquelas que então possuímos: calor, escuridão e ausência de estímulos. Alguns de nós se embrulham formando densa bola e, para dormir, assumem uma postura muito parecida com a que ocupavam no útero. Parece que o mundo não possui completamente sequer mesmo aqueles dentre nós que são adultos, mas apenas até os dois terços; um terço de nós ainda é como se não fora nascido. Cada vez que acordamos, pela manhã, é como que um novo nascimento." (Freud, 1916-1917a [1915-1917]: ESB. XVI: 111 | St. Ed. XVI: 88/89).

<sup>318</sup> "Opomos a autoconservação, sob a direção das grandes *funções* visando à homeostase do organismo, à sexualidade, somente para a qual vale plenamente a descrição proposta em 'Pulsões e destino das pulsões'.

"Indicaremos somente algumas características da autoconservação:

"- A autoconservação é primeira. Ela explica a abertura imediata, perceptiva e motora, do organismo ao seu meio.

"- A autoconservação no ser humano é parcialmente falha ('prematuração'), mas as pesquisas modernas (Brazelton) mostram a que ponto a abertura adaptativa ao objeto foi subestimada.

"- A autoconservação não toma partido no conflito psíquico. Ela não é recalcada. É *representada* no conflito psíquico pelo Ego, cuja energia é libidinal.

"... A pulsão é pulsão sexual, no sentido mais amplo definido abaixo. Somente a sexualidade é objeto do recalçamento, por razões freqüentemente estudadas por Freud, e cujo essencial se resume no distanciamento entre o universo sexual adulto que faz chegar suas mensagens à criança, e as capacidades de ligação e de simbolização do Ego infantil.

"... O movimento que constitui a pulsão sexual é exatamente aquele que diferencia o aparelho psíquico: o recalçamento originário.

"Seu ponto de partida é a 'sedução originária', a ser concebida não como manobra sexual particular da parte do adulto, mas como o fato que a criança imatura é confrontada a mensagens carregadas de sentido e de desejo, mas das quais não possui a chave ('significante enigmático'). O esforço para ligar o traumatismo que acompanha a sedução originária leva ao recalçamento destes primeiros significantes e de seus derivados metonímicos. Estes objetos inconscientes ou representações-coisas inconscientes constituem a fonte da pulsão (objetos-fontes).

"... A PULSÃO DE MORTE NO CAMPO DA PULSÃO SEXUAL

"Para justificar a inclusão da pulsão de morte nas pulsões sexuais, numerosos argumentos podem ser propostos. ..." (Laplanche, 1988: 101).

<sup>319</sup> “Hoje, deter-me-ei um pouco em outro ponto do desenvolvimento do eu, em parte porque tenho em vista alguns objetivos mais remotos, contudo, também porque o que se segue destina-se a precisamente justificar a nítida separação entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, que reafirmamos, mas que não é evidente por si mesma. ...

“... Ora, é digno de nota o fato de que as pulsões sexuais e as pulsões de autopreservação não se comportam da mesma maneira para com a necessidade real. As pulsões de autopreservação, e tudo o que com elas se relaciona, são muito mais fáceis de educar: cedo aprendem a adaptar-se à necessidade e a moldar seus desenvolvimentos de acordo com as instruções da realidade. Isto se compreende, pois elas não poderiam obter os objetos de que necessitam, se agissem de alguma outra maneira; e sem esses objetos, o indivíduo inevitavelmente pereceria. As pulsões sexuais são mais difíceis de educar, de vez que, no início, não precisam de objeto. Como estão ligadas, à semelhança de parasitas, por assim dizer, às outras funções corporais e conseguem sua satisfação auto-eroticamente no próprio corpo da pessoa, elas estão de início, retiradas da influência educadora da necessidade real, e conservam essa característica de serem rebeldes e inacessíveis à influência (isto descrevemos com sendo ‘irracional’) na maioria das pessoas, em certo sentido, por toda a vida. ...

“A fim de avaliar a plena significação da diferença que assinala entre os dois grupos de pulsões, devemos retroceder por um longo caminho e introduzir uma dessas dimensões que merece ser descrita como *econômica*. Isto nos leva a uma das mais importantes, mas, infelizmente, também uma das mais obscuras regiões da psicanálise. ... É imediatamente óbvio que as pulsões sexuais, do começo ao fim de seu desenvolvimento, atuam com vistas à obtenção de prazer; elas mantêm inalterada sua função original. As outras pulsões, as pulsões do eu, têm, inicialmente, o mesmo objetivo. Sob a influência da instrutora Necessidade, porém, logo aprendem a substituir o princípio de prazer por uma modificação do mesmo. Para elas, a tarefa de evitar desprazer vem a ser quase tão importante como a de obter prazer. O eu descobre que lhe é inevitável renunciar à satisfação imediata, adiar a obtenção de prazer, suportar um pequeno desprazer e abandonar inteiramente determinadas fontes de prazer. Um eu educado dessa maneira tornou-se ‘racional’; não se deixa mais governar pelo princípio de prazer, mas obedece ao *princípio de realidade* que, no fundo, também busca obter prazer, mas prazer que é assegurado levando-se em conta a realidade, ainda que seja um prazer adiado ou diminuído.” (Freud, 1916-1917d[1915-1917]: *St. Ed. XVI*; 354/357| ESB. XVI; 413/417).

<sup>320</sup> “Propus que dois grupos de tais pulsões primordiais deveriam ser distinguidos: as pulsões do *eu*, ou de *autopreservação*, e as pulsões *sexuais*.” (Freud, 1915a: *St. Ed. XIV*; 124| ESB. XIV; 144).

<sup>321</sup> “A psicanálise também aceita as hipóteses da dissociação e do inconsciente, porém a relaciona de modo diferente uma da outra. O conceito psicanalítico é dinâmico e atribui a origem da vida psíquica a uma interação entre forças que favorecem ou inibem uma à outra. Se, em qualquer circunstância, um grupo de idéias permanece no inconsciente, a psicanálise não infere desse fato, que há uma incapacidade constitucional para a síntese que se evidencia nessa determinada dissociação, mas sustenta que o isolamento e o estado de inconsciência desse grupo de idéias foram causados por uma oposição ativa de parte de outros grupos. O processo, devido ao qual ele chegou a esse destino, é conhecido como ‘recalque’ e o consideramos algo análogo a um julgamento condenatório nos domínios da lógica. ...

“... Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do eu. ... O ‘eu’ sente-se ameaçado pelas exigências das pulsões sexuais e as desvia através de recalques...” (Freud, 1910c: *St. Ed. XI*; 213/215| ESB. XI; 198/200).

<sup>322</sup> “Mas, quais são as forças das quais surge a objeção à tendência libidinal? Qual é a outra parte do conflito patogênico? Essas forças, genericamente falando, são as forças pulsionais não-sexuais. Classificamo-las conjuntamente como ‘pulsões do eu’. A psicanálise das neuroses de transferência não nos dá um acesso fácil a um exame detalhado das mesmas; quando muito, chegamos a conhecê-las, em certa medida, através das resistências que se opõem à análise. O conflito patogênico é, pois, um conflito entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Em muitos casos, parece haver como que um conflito também entre diferentes tendências puramente sexuais. Em essência, isto, porém, é a mesma coisa; pois, das duas tendências sexuais em conflito, uma sempre é, poderíamos dizer assim ‘egossintônica’ ao passo que a outra provoca a defesa do eu. Portanto, ainda continua sendo um conflito entre o eu e a sexualidade.” (Freud, 1916-1917d[1915-1917]: *St. Ed. XVI*; 350| ESB. XVI; 409/410).

<sup>323</sup> “Nossos esforços terapêuticos têm seus maiores sucessos com uma certa classe de neuroses que procedem de um conflito entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Porque nos seres humanos pode ocorrer que as demandas das pulsões sexuais, o alcance das quais se estende muito além do indivíduo, pareçam ao eu constituir um perigo que ameaça sua autopreservação ou sua autoestima. O eu então assume a defensiva, nega às pulsões sexuais a satisfação que desejam e as força àqueles desvios de satisfação substitutiva que se tornam manifestos como sintomas nervosos.” (Freud, 1917c: St. Ed. XVII: 138 | ESB. XVII: 172).

<sup>324</sup> “Também, ao nosso ver, um sono sem sonhos é o melhor, o único apropriado. Não deveria existir qualquer atividade mental no sono; se este começa a ficar inquieto, é por que não conseguimos atingir o estado fetal de repouso [“fötalen Ruhezustandes”]: não fomos inteiramente capazes de evita os remanescentes da atividade mental.” (Freud, 1916-1917a[1915-1917]: ESB. XVI: 112 | Stud. I: 106 | St. Ed. XVI: 89).

<sup>325</sup> “Algumas das pulsões sexuais, como sabemos, são capazes dessa satisfação auto-erótica, e assim estão adaptadas a ser o veículo para o desenvolvimento sob o domínio do princípio de prazer que estamos prestes a descrever. As pulsões sexuais que desde o início exigem um objeto, e as necessidades das pulsões do eu, que jamais são capazes de satisfação auto-erótica, naturalmente perturbam esse estado e dessa forma preparam o caminho para um avanço a partir dele. Na realidade, o estado narcisista primordial não seria capaz de seguir o desenvolvimento, se não fosse pelo fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é incrm, necessitando de cuidados, e durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por um agente externo, sendo assim impedidas de se tornarem maiores.” (Freud, 1915a : St. Ed. XIV: 134/135 | ESB. XIV: 156).

<sup>326</sup> “Os primeiros objetos concretos têm apenas atributos emocionais. Isso cria um mundo animístico em que tudo sente e tem intenções. É somente mais tarde, com o desenvolvimento de habilidades perceptuais ulteriores, especialmente os receptores de distância, que um conjunto objetivo de atributos pode vir a ser conhecido e atribuído aos objetos reais emocionalmente já existentes. Somente com grande sofisticação é que o mundo dos objetos com sentimentos e o mundo dos objetos inanimados podem ser finalmente e com precisão separados, e uma representação na memória, ou finalmente, em símbolos, pode dar-se.

**AS PRIMEIRAS RELAÇÕES OBJETAIS.** No nascimento, acreditava Klein, o bebê se relaciona com objetos que são primitivamente distinguidos do ego: ‘existem relações objetais desde o nascimento’. Estas relações derivam da capacidade inata que o bebê tem de interpretar as suas sensações corporais: objetos bons que desejam causar sentimentos agradáveis e prazerosos (uma sensação de estar completo, com o mamilo enchendo-lhe a boca, por exemplo, ou a barrigudinha cheia de leite morno), e objetos maus que querem causar sentimentos desagradáveis (o objeto que morde, por exemplo, que lhe causa dor na boca quando os dentes começam a romper, ou aquele que lhe rói o estômago, provocando a sensação de fome).” (Hinshelwood, 1991 [1992: 89]).

<sup>327</sup> “Analytic work has shown that babies of a few months of age certainly indulge in phantasy-building. I believe that this is the most primitive mental activity and that phantasies are in the mind of the infant almost from birth. It would seem that every stimulus the child receives is immediately responded to by phantasies, the unpleasant stimuli, including mere frustration, by phantasies of an aggressive kind, the gratifying stimuli by those focusing on pleasure.

“As I said before, the object of all these phantasies is, to begin with, the breast of the mother. It may seem curious that the tiny child’s interest should be limited to a part of a person rather than to the whole, but one must bear in mind first of all that the child has an extremely undeveloped capacity for perception, physical and mental, at this stage, and then we must remember the all-important fact that the tiny child is only concerned with his immediate gratification or lack of it...” (Klein, 1936 [1980: 290/291]).

<sup>328</sup> “The newborn’s waking life centers around his continuous attempts to achieve homeostasis. The effect of his mother’s ministrations in reducing the pangs of need-hunger cannot be isolated, nor can it be differentiated by the young infant from tension-reducing attempts of his own, such as urinating, defecating, coughing, sneezing, spitting, regurgitating, vomiting, all the ways by which the infant tries to rid himself of unpleasurable tension. The effect of these expulsive phenomena as well as the gratification gained by his mother’s ministrations help the infant, in time, to differentiate between a ‘pleasurable’ and ‘good’ quality an a ‘painful’ and ‘bad’ quality of experiences.

“Through the inborn and autonomous perceptive faculty of the primitive ego (Hartmann, 1939) deposits of memory traces of the two primordial qualities of stimuli occur. We may further hypothesize that these are cathected with primordial undifferentiated drive energy.

"From the second month on, dim awareness of the need-satisfying object marks the beginning of the phase of normal symbiosis, in which the infant behaves and functions as though he and his mother were an omnipotent system – a dual unity within one common boundary." (Mahler, 1967 [1982; 78]).

<sup>329</sup> "Nos estágios mais precoces do desenvolvimento da criança, portanto, o funcionamento do ego deve ser considerado um conceito inseparável daquele da existência da criança como pessoa. Que vida instintiva possa existir sem conexão com o funcionamento do ego pode ser ignorado, porque a criança não é ainda uma entidade viva que tenha experiências. Não há id antes do ego. Somente a partir desta premissa se pode justificar um estudo do ego. ...

"A primeira pergunta que surge com respeito ao que é denominado ego é a seguinte: há um ego desde o início? A resposta é que o início está no momento em que o ego inicia. (Nota de rodapé: É bom lembrar que o começo é uma soma de começos)." (Winnicott, 1962 [1990; 55/56]).

<sup>330</sup> "Vous voyez qu'à conserver encore ce *comme*, je m'en tiens à l'ordre de ce que j'avance quand je dis que l'inconscient est structuré *comme* un langage. Je dis *comme* pour ne pas dire, j'y reviens toujours, que l'inconscient est structuré *par* un langage. L'inconscient est structuré comme les assemblages dont ils s'agit dans la théorie des ensembles sont comme des lettres." (Lacan, 1975b; 46/47).

<sup>331</sup> "A metapsicologia é assim a tentativa de dar, dos processos psíquicos inconscientes, uma *descrição em termos gerais* (para além do trabalho clínico com o indivíduo singular) e ao mesmo tempo uma *explicação causal*, no sentido que procurei caracterizar na seção 1 deste artigo. Ela responde à necessidade de sair do nível estritamente individual no qual ocorre o trabalho analítico concreto – com um paciente específico, quero dizer – e de atingir um plano propriamente teórico, dando aos fenômenos nomes capazes de se transformar em conceitos e às interpretações específicas um grau de generalidade que permita a construção de hipóteses mais e mais abrangentes, e portanto, em princípio, de alcance mais e mais abrangente. ...

"Por aí se vê que a psicanálise é simplesmente impensável sem sua dimensão metapsicológica, quer esta seja vazada nos termos que Freud escolheu, quer em outros. Amputá-la da metapsicologia significa retirar-lhe a possibilidade de pensar o que faz, de construir-se como saber. Seria o mesmo que, a pretexto de tornar mais concreta a física ou a química, proibir-lhes o uso de noções como força, massa, átomo ou valência." (Mezan, 1998; 345/346).

<sup>332</sup> "É essencialmente a exigência de encontrar causas no sentido forte para o que acontece na psique que leva Freud a selecionar metáforas originadas das ciências naturais, como a física, a biologia e a química. Mas por que um aparelho? Em parte, porque existe uma ampla tradição neste sentido – e aqui reencontramos o argumento de Lohanic – que remonta ao século XVII, com Descartes, e se estende por todo o século XVIII, com diversos expoentes mais felizes ou menos. Mas o motivo principal desta escolha é que Freud tem desde o início uma visão da vida psíquica como constituída por *movimentos opostos uns aos outros*, e a imagem de um aparelho, necessariamente constituído por peças que devem apresentar um arranjo específico, mas que também podem se quebrar ou se danificar, é extremamente útil para figurar esta concepção fundamental. A grande novidade do modelo freudiano em relação aos propostos pelos filósofos é que *o funcionamento do aparelho é ao mesmo tempo o desarranjo dele*, e porque é movido por forças que agem em sentido contrário umas às outras – o conflito do qual falei há pouco – e a base para esta idéia é muito simplesmente a idéia do inconsciente." (Mezan, 1998; 347).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Observações:

1- Onde houver um asterisco, falta uma informação.

2- Em referência às obras de Freud foram usadas as seguintes abreviaturas:

**Stud.** = *Freud-Studienausgabe*. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975).

**St. Ed.** = *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London, The Hogarth Press, 1966, reprinted 1978.

**ESB.** = *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora, (1972-1978).

- 
- Abraham, K. (1924) Versuch einer Entwicklungsgeschichte der Libido. \*\*\*  
[Trad. Um breve estudo de la evolucion de la libido, considerada a la luz de los transtornos mentales. In: Karl Abraham, *Contribuciones a la teoria de la libido*. Buenos Aires, Ediciones Hormé, 1973].
- Anônimo (século XVII) Memórias de um viajante (fixação de texto de Luís Sousa Ribeiro). In: Carlos Amaral Dias, Luís Sousa Ribeiro, Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA (eds.), *Caos & Meta-Psicologia – Actas do colóquio caos & meta-psicologia, Lisboa, L.N.E.T.I. 17-18 e 19 de Dezembro de 1992*; \* Lisboa, NIU da AEISPA e Casa Fenda, 1994.
- Anzieu, D. (1974) Le moi-peau. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 9. Printemps; 195/208. Paris, Gallimard.
- Anzieu, D. (1985) *Le Moi-Peau*. Paris, Bordas. [Trad. *O Eu-pele*. São Paulo, Casa do psicólogo, 1989].
- Assoun, P.-L. (1993) *Introduction à la Métapsychologie Freudienne*. Paris, Quadrige/Presses Universitaires de France.



- Aulagnier, P. (1975) *La Violence de l'Interprétation*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1979].
- Aulagnier, P. (1979) *Les Destins du Plaisir aliénation - amour - passion*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Aulagnier, P (1980) *El Sentido Perdido*. Buenos Aires, Editorial Trieb.
- Balint, M. (1968). *The Basic Fault – therapeutic aspects of regresion*. London, Tavistock Publications, Reprinted 1979.
- Barros, C. P. (1971) Thermodynamic and evolutionary concepts in the formal structure of Freud's metapsychology. In: Silvano Arieti, *The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy*, vol 1; 72/111. New York, Basic Books.
- Bercherie, P. (1984a) L'oculaire quadrifocal. Epistemologie de l'heritage freudien. *Ornicar*, n. 29, avril-juin; 66/85.
- Bercherie, P. (1984b) L'oculaire quadrifocal (II). Epistemologie de l'heritage freudien: les quatre courants fondamentaux de la psychanalyse. *Ornicar*, n. 30, juillet-septembre; 94/125.
- Bezerra Jr., B. (1989) Subjetividade moderna e o campo da psicanálise. In: Joel Birman (organizador), *Freud 50 Anos Depois*; 219/239. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- Bezerra Jr., B. (1994) Descentramento e sujeito – versões da revolução coperniciana de Freud. In: Jurandir Freire Costa (organizador), *Redescrições da Psicanálise*; 119/167. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- Bion, W. R. (1967) *Second Thoughts*. London, William Heinemann Medical Books. [Trad. *Volviendo a Pensar*. Buenos Aires, Ediciones Home, 1972].
- Birman, J. (1991) *Freud e a interpretação Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

- Birman, J. (1994) *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Birman, J. (1996) *Por uma Estilística da Existência*. São Paulo, Editora 34.
- Birman, J. (1997) *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo, Editora 34.
- Bleichmar, S. (1984) *En los Orígenes del Sujeto Psíquico: Del Mito a la Historia*. Buenos Aires, Amorrortu Editores. [Trad. *Nas Origens do Sujeito Psíquico: Do Mito à História*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993].
- Bollas, C. (1989) *Forces of Destiny: psychoanalysis and human idiom*. London, Free Association Books. [Trad. *Forças do Destino – psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1992].
- Borch-Jacobsen, M. (1982) *Le Sujet Freudien*. Paris, Flammarion.
- Borch-Jacobsen, M. (1990) *Lacan – Le maître absolu*. Paris, Flammarion, ed. 1995.
- Bourguignon, A. (1980) \* *Annales Médico-Psychologiques*, vol. 138, (2); \*. \*\* [Trad. O conceito de renegação em Freud. Alucinação negativa, renegação da realidade e escotomização. In: André Bourguignon, *O Conceito de Renegação em Freud*; 45/73. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991].
- Brabant-Gerö, E. (1993) *Ferenczi et L'École Hongroise de Psychanalyse*. Paris, Éditions l'Harmattan.
- Brenner, C. (1987). Notes on psychoanalysis by a participant observer. A personal chronicle. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 35; 539/556. Madison, International Universities Press.
- Chiland, C. (1971) Le statut du fantasme chez Freud. *Revue Française de Psychanalyse*, 35, (3); 203/216. Paris, Presses Universitaires de France. In: Colette Chiland, *Homo Psychoanalyticus*; \*. Paris, Presses Universitaires de France, \* [Trad. O estatuto da fantasia em Freud. In:

- Colette Chiland, *Homo Psychanalyticus*; 33/48. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1993].
- Chiland, C. (1976a) Narcisse ou le meilleur des mondes possibles. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 13, Printemps, "Narcisses"; 223/235. Paris, Gallimard. In: Colette Chiland, *Homo Psychanalyticus*; \*. Paris, Presses Universitaires de France, \*. [Trad. Narciso ou o melhor dos mundos possíveis. In: *Homo Psychanalyticus*; 225/239. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1993].
- Chiland, C. (1976b) \*. *Bulletin de Psychologie*, n. 322, (29); 439/444. Paris, Groupe d'Études de Psychologie de l'Université de Paris. In: *Homo Psychanalyticus*; \*. Paris, Presses Universitaires de France, \*. [Trad. A propósito da negação. In: Colette Chiland, *Homo Psychanalyticus*; 99/110. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1993].
- Chiland, C. (1988) Some thoughts on the concepts of identity and identifications. In: E. J. Anthony and C. Chiland (orgs.), *Perilous Development: Child Raising and Identity Formation under Stress*; \*. New York, Wiley, 1988. In: Colette Chiland, *Homo Psychanalyticus*; \*. Paris, Presses Universitaires de France, \*. [Trad. Algumas reflexões sobre os conceitos de identidade e de identificação. In: Colette Chiland, *Homo Psychanalyticus*; 143/156. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1993].
- Chomsky, N. (1975) *Reflections on Language*. \* Random House. 1975. [Trad. *Reflexões sobre a Linguagem*. São Paulo. Editora Cultrix, 1980].
- Dor, J. (1991) *Estruturas e Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus-Timbre.
- Fairbairn, W. R. (1941a) A revised psychopathology of the psychoses and psychoneuroses. *International Journal of Psycho-Analysis*, XXII, parts III-IV; 250/279. London, The Institute of Psycho-Analysis.
- Fairbairn, W. R. (1941b) A revised psychopathology of the psychoses and psychoneuroses. *International Journal of Psycho-Analysis*, XXII, parts III-

- IV; 250/279. London, The Institute of Psycho-Analysis. In: W. R. Fairbairn, *Psychoanalytic Studies of the Personality*, 28/58. London, Tavistock Publications & Routledge & Kegan Paul, 1952, 3<sup>rd</sup> impression 1966.
- Fairbairn, W. R. (1943) The repression and the return of bad objects (with special reference to the 'war neuroses'). In: W. R. Fairbairn, *Psychoanalytic Studies of the Personality*, 59/81. London, Tavistock Publications & Routledge & Kegan Paul, 1952, 3<sup>rd</sup> impression 1966.
- Fairbairn, W. R. (1944) Endopsychic structure considered in terms of object-relationships. *International Journal of Psycho-Analysis*, XXV, \*; 70/93. London, The Institute of Psycho-Analysis. In: W. R. Fairbairn, *Psychoanalytic Studies of the Personality*, 82/136. London, Tavistock Publications & Routledge & Kegan Paul, 1952, 3<sup>rd</sup> impression 1966.
- Federn, P. (1929) Das Ich als Subjekt und Objekt im Narzissmus. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, XV; 343/425. Wien, Internationaler Psychoanalytischer Verlag. [Trad. The ego as subject and object in narcissism. In: P. Federn, *Ego Psychology and the Psychoses*; 283/322. New York, Basic Books, 1952].
- Federn, P. (1932) Das Ichgefühl im Traume. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, XVIII; 145/170. Wien, Internationaler Psychoanalytischer Verlag. [Trad. Ego Feeling in Dreams. *Psychoanalytic Quarterly* (1932) I, 511/542. New York, The Psychoanalytic Quarterly. In: P. Federn, *Ego Psychology and the Psychoses*; 283/322. New York, Basic Books, 1952].
- Fenichel, O. (1945) *The Psychoanalytic Study of Neurosis*. New York, W. W. Norton. [Trad. *Teoría Psicoanalítica de las Neurosis*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1957, 4<sup>a</sup> ed. 1971].
- Ferenczi, S. (1930[1929]) The principle of relaxation and neocatharsis. *International Journal of Psycho-Analysis*, 11, \*; 428/\*. London, The Institute of Psycho-Analysis. In: Sandor Ferenczi, *Final Contributions to*

- the Problems and Methods of Psycho-Analysis*; 108/125. New York, Brunner/Mazel, 1955, Reprint 1980.
- Ferenczi, S. (1931) Child analysis in the analysis of adults. *International Journal of Psycho-Analysis*, 12, \*; 468/\*. London, The Institute of Psycho-Analysis. In: Sandor Ferenczi. *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*; 126/142. New York, Brunner/Mazel, 1955, Reprint 1980.
- Ferenczi, S. (1933[1932]) Sprachverwirrung zwischen dem Erwachsenen und dem Kind. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 19; 5/\*. Wien, Internationaler Psychoanalytischer Verlag [Trad. Confusion of tongues between adults and the child. *International Journal of Psycho-Analysis*, 1949, 30, \*; 225/\*. In: Sandor Ferenczi, *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*; 156/167. New York, Brunner/Mazel, 1955, Reprint 1980].
- Ferreira, A. B. de H. (1975) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Freud, S. (1894) As neuropsicoses de defesa. St. Ed. III; 45/61. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. III; 57/73. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1893–1895) *Estudos sobre a Histeria*. St. Ed. II. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. II. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia. St. Ed. III; 123/139. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. III; 143/160. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1900) *A Interpretação dos Sonhos* (segunda parte). Stud. II Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. V. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. V. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1901) *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. St. Ed. VI. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. VI. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.

- Freud, S. (1905) *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Stud. V; 43/145. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. VII; 130/243. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. VII; 129/250. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1910a[1909]) *Cinco Lições de Psicanálise*. St. Ed. XI; 9/55. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XI; 13/51. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1910b) Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. St. Ed. XI; 63/137. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XI; 59/124. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1910c) A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. St. Ed. XI; 211/218. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XI; 197/203. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1911a) *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides)*. St. Ed. XII; 9/82. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XII; 23/108. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1911b) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. St. Ed. XII; 218/226. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XII; 277/286. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. St. Ed. XI; 179/190. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XI; 163/173. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1914a) *A História do Movimento Psicanalítico*. St. Ed. XIV; 7/66. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 16/82. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1914b) Sobre o narcisismo: uma introdução. Stud. III; 41/68. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIV; 73/102.

- London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 89/119. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1915a) Os instintos e suas vicissitudes. Stud. III; 81/102. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIV; 117/140. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 137/162. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1915b) A repressão. St. Ed. XIV; 146/158. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 169/182. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1915c) O inconsciente. Stud. III; 125/162. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIV; 166/215. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 191/245. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1916) Sobre a transitoriedade. St. Ed. XIV; 345/348. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 305/307. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1916-1917a[1915-1917]) Conferência V. Dificuldades e abordagens iniciais. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Stud. I; 101/115. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XVI; 83/99. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVI; 105/123. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1916-1917b[1915-1917]) Conferência XX. A vida sexual dos seres humanos. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Stud. I; 300/315. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XVI; 303/319. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVI; 355/373. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1916-1917c[1915-1917]) Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. St. Ed. XVI; 320/338. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVI; 375/395. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.

- Freud, S. (1916-1917d[1915–1917]) Conferência XXII. Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* St. Ed. XVI; 339/357. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVI; 397/417. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1916-1917e[1915–1917]) Conferência XXIII. Os caminhos da formação dos sintomas. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* St. Ed. XVI; 358/377. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVI; 419/439. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1916-1917f[1915–1917]) Conferência XXVI. A teoria da libido e o narcisismo. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* St. Ed. XVI; 412/430. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVI; 481/502. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1917a[1915]) Luto e melancolia. St. Ed. XIV; 243/258. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 275/290. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1917b[1915]) Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. St. Ed. XIV, 222/235. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIV; 253/267. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1917c) Uma dificuldade no caminho da psicanálise. St. Ed. XVII; 137/144. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVII; 171/179. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1918[1914]) *História de uma neurose infantil*. Stud. III; 282/330. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XVII; 7/122. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVII; 19/151. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1920) *Além do Princípio de Prazer*. Stud. III; 217/272. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XVIII; 7/64. London,



- The Hogarth Press, 1978| ESB. XVIII; 17/85. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1921) *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Stud. IX; 65/134. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XVIII; 69/143. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XVIII; 91/173. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1923) *O Ego e o Id*. Stud. III; 283/330. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIX; 12/59. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIX; 23/76. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1924a[1923]) *Neurose e psicose*. Stud. III; 333/337. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIX; 149/153. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIX; 189/193. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1924b) *O problema econômico do masoquismo*. Stud. III; 343/354. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIX; 159/170. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIX; 199/212. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1924c) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. St. Ed. XIX; 183/187. London, The Hogarth Press, 1978|. ESB. XIX; 229/234. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1925a[1924]). *Um estudo autobiográfico* St. Ed. XX; 17/92. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XX; 7/74. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1925b[1924]) *Uma nota sobre o "Bloco mágico"*. St. Ed. XIX; 227/232. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIX; 285/290. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1925c) *A negativa*. Stud. III; 373/377. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XIX; 235/239. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XIX; 295/300. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.

- Freud, S. (1926[1925]) *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Stud. VI; 233/308. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XX; 87/172. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XX; 107/198. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1926) *A Questão da Análise Leiga*. St. Ed. XX; 183/258. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XX; 209/293. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1927) *O humor*. Stud. IV; 277/282. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XXI; 161/166. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXI; 189/194. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.
- Freud, S. (1928) *Uma experiência religiosa*. St. Ed. XXI; 168/172. The Hogarth Press. London. 1978| ESB. XXI; 197/200. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.
- Freud, S. (1930[1929]) *O Mal-Estar na Civilização*. St. Ed. XXI; 64/145. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXI; 81/171. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1933a[1932]) *Conferência XXXI. A disseção da personalidade psíquica*. Stud. I; 496/516. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XXII; 57/80. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXII; 75/102. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1933b[1932]) *Conferência XXXII. Ansiedade e vida instintual*. St. Ed. XXII; 81/111. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXII; 103/138. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1933c[1932]) *Conferência XXXIII. Feminilidade*. Stud. I; 544/565. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St. Ed. XXII; 112/135. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXII; 139/165. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Freud, S. (1937a) *Análise terminável e interminável*. Stud. Ergänzungsband; 357/392. Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, (1969-1975)| St.

- Ed. XXIII; 216/253. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXIII; 247/287. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1937b) Construções em análise. St. Ed. XXIII; 257/269. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXIII; 291/304. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1939[1934–1938]) *Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaíos*. St. Ed. XXIII; 7/137. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXIII; 19/161. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1940a[1938]) *Um esboço de psicanálise*. *Gesammelte Werke*. Bd. XVII; 63/121. \*\*\*| St. Ed. XXIII; 144/207. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXIII; 168/237. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1940b[1838]) A divisão do ego no processo de defesa. St. Ed. XXIII; 275/278. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. XXIII; 309/312. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1950a[1895]) Rascunho G – Melancolia. St. Ed. I; 200/206. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. I; 275/283. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1950b[1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. St. Ed. I; 295/387. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. I; 395/506. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1950c[1896]) Carta a Fliess nº 39 de 1º de janeiro de 1896. St. Ed. I; 388/391. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. I; 507/510. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1950d[1897]) Carta a Fliess nº 69 de 21 de setembro de 1897. St. Ed. I; 259/260. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. I; 350/352. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- Freud, S. (1950e[1897]) Carta a Fliess nº 84 de 10 de março de 1898. St. Ed. I; 274. London, The Hogarth Press, 1978| ESB. I; 369/370. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.

- Garcia, C. A. (1993) Sexualidade feminina e a questão do ideal em Freud. In: Sérvulo Augusto Figueira (organizador), *A Palavra e o Silêncio. Construções do saber psicanalítico na universidade*; 45/53. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- Garcia, C. A. (1997) Psicanálise e mulher contemporânea: novas questões, antigas soluções. In: Maria Inácia D'Ávila Neto & Cláudia Amorim Garcia (organizadoras), *Mulher: Cultura e Subjetividade*; 99/108. *Coletâneas da ANPEPP 7*. vol. 1, n. 7, 1997. Rio de Janeiro, \*.
- Garcia, C. A. (1998) Sublimação e cultura de consumo: notas sobre o mal-estar civilizatório. In: Lucia Rabello de Castro (org.) *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*; 75/86 Rio de Janeiro, Nau Editora.
- Garcia-Roza, L. A. (1990) *O Mal Radical em Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Garcia-Roza, L. A. (1991) *Introdução à Metapsicologia Freudiana. Vol. 1: Sobre as afasias (1891) O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Garcia-Roza, L. A. (1995) *Introdução à Metapsicologia Freudiana. Vol. 3: Artigos de Metapsicologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Gaufey, G. L. (1984) Représentation freudienne et signifiant lacanien. *Littoral*, n. 14; 41/56. Paris, Éditions ERES.
- Glover, E. (1930) Grades of ego-differentiation. *International Journal of Psycho-Analysis*, XI, part I; 1/11. London, The Institute of Psycho-Analysis.
- Glover, E. (1932) A psycho-analytic approach to the classification of mental disorders. *Journal of Mental Sciences*, vol. 78; 819/842. London, Royal Society of Medicine. In: Edward Glover, *On the Early Development of Mind*. New York, International Universities Press, 1956.

- Glover, E. (1943) The concept of dissociation. *International Journal of Psycho-Analysis*, XXIV, parts 1 & 2; 7/13. London, The Institute of Psycho-Analysis.
- Green, A. (1973) *Le Discours Vivant - La conception psychanalytique de l'affect*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *La Conception Psicoanalítica del Afecto*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1975].
- Green, André. (1983a) *Narcissisme de Vie Narcissisme de Mort*. Paris, Les Éditions de Minuit.
- Green, A. (1983b) Le Langage dans la Psychanalyse. In: \*, *Langages. II<sup>es</sup> Rencontres Psychanalytiques d'Aix-en-Provence*; 19/250. Paris, Les Belles Lettres, 1984 [Trad. *El lenguaje en el psicoanálisis*. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1995].
- Green, A. (1986) Pulsion de mort, narcissisme négatif, fonction désobjectalisante. In: A. Green ...[et al.]. *La Pulsion de Mort*, \*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante*. In: A. Green ... [et al.], *A Pulsão de Morte*; 53/64. São Paulo, Editora Escuta, 1988].
- Green, A. (1990a) *Le Complexe de Castration*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *O Complexo de Castração*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991].
- Green, A. (1990b) *Conferências Brasileiras de André Green - Metapsicologia dos Limites*. Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Green, A. (1995a) *La Causalité Psychique - Entre Nature et Culture*. Paris, Éditions Odile Jacob.
- Green, A. (1995b) *Propédeutique - La métapsychologie revisitée*. Seyssel, Éditions Champ Vallon.
- Hartmann, H. (1939) *Ich-Psychologie und Anpassungsproblem*. Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago. London, Imago

- Publishing. [Trad. *Psicologia do Ego e o Problema de Adaptação*. Rio de Janeiro, Biblioteca Universal Popular, 1968].
- Hartmann, H. (1950) Comments on the psychoanalytic theory of the ego. *The Psychoanalytic Study of the Child*, vol. V; 74/96. New York, International Universities Press. In: H. Hartman, *Essays in Ego Psychology*. New York, International Universities Press, 1964, sixth printing 1981.
- Hendrick, I. (1942) Instinct an ego during infancy. *Psychoanalytic Quarterly*, 11, 33/58. New York, The Psychoanalytic Quarterly, Inc.
- Hendrick, I. (1943a) Work and pleasure principle. *Psychoanalytic Quarterly*, 12, \*. New York, The Psychoanalytic Quarterly, Inc.
- Hendrick, I. (1943b) The discussion of the "instinct to master". *Psychoanalytic Quarterly*, 12, \*. New York, The Psychoanalytic Quarterly, Inc.
- Hinselwood, R. D. (1991) *A Dictionary of Kleinian Thought*. London, Free Association Books, second edition. [Trad. *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992].
- Holt, R. R. (1967) Beyond vitalism and mechanism: Freud's concept of psychic energy. In: Jules H. Masserman (ed.), *Science and Psychoanalysis: Vol. XI, The Ego*; 1/41. New York, Grune & Stratton.
- Hyppolite, J. (1959) \* In: \*, *Figures de la Pensée Philosophique*; \*. Paris, Presses Universitarie Française, 1971. [Trad. Filosofia e psicanálise. In: Jean Hyppolite, *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*; 87/124. Rio de Janeiro, Livraria Taurus-Timbre, 1989].
- Isaacs S. (1948) The nature and function of phantasy. *International Journal of Psycho-Analysis*, 29, \*; 73/97. London, The Institute of Psycho-Analysis. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J Riviere (eds.) *Developments in Psycho-Analysis*. Londres, Hogarth Press, \*. [Trad. A natureza e a função da fantasia. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J

- Riviere (eds.), *Os Progressos da Psicanálise*. 79/135. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.
- Jacobson, E. (1946) The effect of disappointment on ego and superego formation on normal and depressive development. *Psychoanalytic Review*, 33; 129/147. New York, National Psychological Association.
- Jacobson, E. (1954) The self and the object world – vicissitudes of their infantile cathexis and their influence on ideational and affective development. *Psychoanalytic Study of the Child*, vol. IX; 75/127. New York, International Universities Press.
- Jacobson, E. (1983a) The structural theory and the representational world. *Psychoanalytic Quarterly*, LII; 514/541.
- Jacobson, E. (1983b) The structural theory and the representational world: developmental and biological considerations. *Psychoanalytic Quarterly*, LII; 543/563. New York, The Psychoanalytic Quarterly, Inc.
- Jakobson, R. (1965) À la recherche de l'essence du langage. *Diogenes*, 51; 22/38. \* \* [Trad. À procura da essência da linguagem. In: R. Jakobson, *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Editora Cultrix, 2ª edição 1969].
- Joffe, W. G. & Sandler, J. (1965) Notes on pain, depression, and individuation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 20; 394/424. New York, International Universities Press.
- Kemper, J. (1997) *Standard Freud – uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- Kernberg, O. (1975) *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. New York, Jason Aronson, eighth printing 1980.
- Kernberg, O. (1979) Contributions of Edith Jacobson: an overview. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 27; 793/819. Madison, International Universities Press.

- Klein, M. (1935) A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In: Roger Money-Kyrle (ed.), *The Writings of Melanie Klein. Vol. I, Love, Guilt, Reparation and Other Works*; 262/289. London, The Hogarth Press, 1975, second impression 1980.
- Klein, M. (1936) Weaning. In: Roger Money-Kyrle (ed.), *The Writings of Melanie Klein. Vol. I, Love, Guilt, Reparation and Other Works*; 290/305. London, The Hogarth Press, 1975, second impression 1980.
- Klein, M. (1946) Notes on some schizoid mechanisms. *International Journal of Psycho-Analysis*, 27, part III; 99/110. London, The Institute of Psycho-Analysis. In: Roger Money-Kyrle (ed.), *The Writings of Melanie Klein. Vol. III, Envy and Gratitude and other Works 1946 – 1963*; 1/24. London, The Hogarth Press, 1975, second impression 1980.
- Klein, M. (1952) On observing the behaviour of young infants. In: Roger Money-Kyrle (ed.), *The Writings of Melanie Klein. Vol. III, 94/121. Envy and Gratitude and other Works 1946 – 1963*. London, The Hogarth Press, 1975, second impression 1980.
- Kohut, H. (1959) Introspection, empathy and psychoanalysis – an examination of the relationship between mode of observation and theory. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 7; 459/483. Madison, International Universities Press. In: Heinz Kohut, *The Search for the Self. Vol I*; 205/232. New York, International Universities Press, 1978.
- Kohut, H. (1966) Forms and transformations of narcissism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 14; 243/272. Madison, International Universities Press. In: Heinz Kohut, *The Search for the Self. Vol I*; 427/460. New York, International Universities Press, 1978.
- Kohut, H. (1977) *The Restoration of the Self*. New York, International Universities Press.



- Kohut, H. & Wolf, E. S. (1978) The disorders of the self and their treatment: an outline. *International Journal of Psycho-Analysis*, 59, \*, 413/425. London, The Institute of Psycho-Analysis.
- Kumin, I. (1996) *Pre-object Relatedness: Early attachment and the psychoanalytic situation*. New York, The Guilford Press.
- Lacan, J. (1973) *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XI: Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse – 1964*. Paris, Édition du Seuil. [Trad. *O Seminário de Jacques Lacan. Livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979].
- Lacan, J. (1975a). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre I: Les Écrits Techniques de Freud – 1953-1954*. Paris, Édition du Seuil. [Trad. *O Seminário de Jacques Lacan. Livro I: Os Escritos Técnicos de Freud – 1953-1954*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979].
- Lacan, J. (1975b). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XX: Encore – 1972-1973*. Paris, Édition du Seuil.
- Lacan, J. (1978). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre II: Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique de la Psychanalyse (1954-1955)*. Paris, Édition du Seuil. [Trad. *O Seminário de Jacques Lacan. Livro II: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise – 1954-1955*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, segunda edição 1987].
- Laplanche, J. & Leclaire, S. (1960) L'inconscient: un étude psychanalytique. In: Henry Ey (direc.), *L'Inconscient (VI<sup>e</sup> Colloque de Bonneval)*; \*. Paris, Bibliothèque Neuro-Psychiatrique de Langue Française. [Trad. O inconsciente: um estudo psicanalítico. In: Henry Ey (dir.), *O Inconsciente (VI Colóquio de Bonneval)*; 111/154. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969].
- Laplanche, J. et Pontalis, J.-B. (1964). Fantasma originaire, fantasmes des origines, origine du fantasme. *Temps Modernes*, nº 215; 1833/1868. \*\*.

- Laplanche, J. (1970) *Vie et Mort en Psychanalyse*. Paris, Flammarion.  
[Trad. *Vida e Morte em Psicanálise*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul, 1985].
- Laplanche, J. (1980) *Problématiques I – L'Angoisse*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *Problemáticas – A Angústia*. São Paulo, Martins Fontes, 1987].
- Laplanche, J. (1981) *L'Inconscient et le Ça*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *O inconsciente e o Id*. São Paulo, Martins Fontes, 1992].
- Laplanche, J. (1986) La pulsion de mort dans la théorie de la pulsion sexuelle. In: A. Green ...[et al.], *La Pulsion de Mort*, \*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: A. Green ... [et al.], *A Pulsão de Morte*; 11/27. São Paulo, Editora Escuta, 1988].
- Laplanche, J. (1987a). *Nouveaux Fondements pour la Psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1992].
- Laplanche, J. (1987b) *Le Baquet*. Paris, Presses Universitaires de France. [Trad. *A Tina - A Transcendência da Transferência*. (*Problemáticas V*). São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1993].
- Laplanche, J. (1988) \*\*\*. [Trad. *Teoria da Sedução Generalizada*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul, 1988].
- Lemaire, A. (1977) *Jacques Lacan*. Bruxelles-Liège, Pierre Mardaga, 10<sup>e</sup> edition. [Trad. *Jacques Lacan – uma introdução*. Rio de Janeiro, Editora Campos, 1979].
- Little M. (1981) *Transference Neurosis and Transference Psychosis*. New York, Jason Aronson.
- Loewenstein, R. M. (1966) Heinz Hartmann – Psychology of the Ego. In: Franz Alexander, Samuel Eisenstein & Martin Grotjahn (ed.),

- Psychoanalytic Pioneers*; \*. New York, Basic Books. [Trad. Heinz Hartmann – Psicologia do ego. In: Noemi Rosenblatt (ed.), *Historia del Psicoanálisis*, vol. VI; 88/109. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1968].
- Mahler, M. S. (1967) On human symbiosis and the vicissitudes of individuation. In: M. Mahler, *The Selected Papers of Margaret Mahler, M. D. Vol. II Separation-Individuation*. 77/97. New York, Jason Aronson, 1979, second printing 1982.
- Mahler, M. S. (1968) *On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation*. New York, International Universities Press.
- Mahler, M. S., Pine, F., Bergman, A. (1975) *The Psychological Birth of the Human Infant*. New York, Basic Books.
- Maldavsky, D. (1986) *Estructuras Narcisistas – Constitución y transformaciones*. \*\* [Trad. *Estruturas Narcisistas – Constituição e transformações*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1992].
- Mezan, R. (1993) *Explosivos na sala de visitas*. In: Renato Mezan, *A Sombra de Don Juan e Outros Ensaíos*; 119/ 152. São Paulo, Editora Brasiliense.
- Mezan, R. (1998) Metapsicologia: por que e para que. In: Renato Mezan, *Tempo de Muda*; 328/356. São Paulo, Companhia das Letras.
- Nunberg H. (1932–1955) *Principles of Psychoanalysis*. New York, International Universities Press. [Trad. *Princípios de Psicanálise*. \*, Livraria Atheneu Editora, 1989].
- Pichon-Riviere, A. (1958) Dentition, walking, and speech in relation to the depressive position. *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 39, \*; \*. London, The Institute of Psycho-Analysis.
- Pine, F. (1985) *Development theory and clinical process*. New Haven, Yale University Press.

- Pine, F. (1988) The four psychologies of psychoanalysis and their place in clinical work. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 36, n. 3; 571/596. Madison, International Universities Press.
- Pine, F. (1989) Motivation, personality organization and the four psychologies of psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 37, n. 1; 31/64. Madison, International Universities Press.
- Plastino, C. A. (1989) Notas sobre a elaboração do conceito de pulsão em Freud. In: Joel Birman (org.), *Freud 50 Anos Depois*; 81/88. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- Pontalis, J.-P. (1988) *Perdre de Vue*. Paris, Éditions Gallimard. [Trad. *Perder de Vista – da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991].
- Rabinovich, D. S. (1988) *El Concepto de Objeto en la Teoría Psicoanalítica – Sus incidencias en la dirección de la cura*. Buenos Aires, Ediciones Manantial SRL, reedición de 1993.
- Rapaport, D. (1958) An historical survey of psychoanalytic ego psychology. *Bulletin of the Philadelphia Association for Psychoanalysis*. VIII, n. 4; 105/120. Philadelphia, Bulletin of the Philadelphia Association. For Psychoanalysis.
- Rapaport, D. (1960). *The Structure of Psychoanalytic Theory – a systematizing attempt*. New York, International Universities Press. [Trad. *La Estructura de la Teoría Psicanalítica – un intento de sistematización*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1971].
- Roudinesco, E. (1986) *Histoire de la Psychanalyse en France – 2 (1925 – 1985) La bataille de cents ans*. Paris, Éditions Seuil. [Trad. *História da Psicanálise na França - A batalha dos cem anos. Volume 2: 1925 – 1985*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988].
- Rubinstein, B. B. (1965) Psychoanalytic theory and the mind-body problem. In: N. S. Greenfiel & W. C. Lewis, *Psychoanalysis and Current Biological*

- Thought*, 35/56. Madison, Univ. Wisconsin Press, 1965. In: Robert R. Holt, *Psychoanalysis and the Philosophy of Science – collected papers of Benjamin B. Rubinstein, M. D.*; 43/66. Madison, Connecticut, International Universities Press, 1997.
- Rucker, N. G. & Lombardi, K. L. (1998) *Subject Relations – unconscious experience and relational psychoanalysis*. New York – London, Routledge.
- Rudge, A. M. (1998) *Pulsão e Linguagem – Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Sandler, J. & Rosenblatt, B. (1962) The concept of the representational world. *Psychoanalytic Study of the Child*, vol XVII; 128/145. New York, International Universities Press.
- Sandler, J. & W.G. Joffe (1965) Notes on childhood depression. *International Journal of Psycho-Analysis*, 46, \*; 88/96. London, The Institute of Psycho-Analysis
- Souza, O. (1998) A metapsicologia e as opções éticas dos psicanalistas. In: Clara Akiko Kishida, Edson Soares Lannes, Eliud Lucia de M. G. Brito, José Durval Cavalcante de Albuquerque e Naira Sampaio (Orgs.), *Cultura da Ilusão*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.
- Spitz, R. A. (1965) *The First Year of Life – A Psychoanalytic Study of Normal and Deviant Development of Object Relations*. New York, International Universities Press. [Trad. *De la Naissance à la Parole – La première Année de la Vie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 8<sup>e</sup> édition, 1993].
- Strachey, J. (1966). Comentários e notas na *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London, The Hogarth Press, 1966, reprin. 1978| ESB. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.

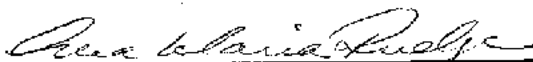
- Sutherland, J. D. (1980) The British object relations theorists: Balint, Winnicott, Fairbairn, Guntrip. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 28; 829/860. Madison, International Universities Press.
- Tausk, V. (1919) Über die Entstehung des 'Beeinflussungsapparates' in der Schizophrenie. *Internationale ärztliche Zeitschrift für Psychoanalyse*. 5, 1/\*. \*\*. [Trad. Da gênese do 'aparelho de influenciar' no curso da esquizofrenia. In: Victor Tausk, Chaim S. Katz & Joel Birman, *Tausk e o Aparelho de Influenciar na Psicose*. São Paulo, Escuta, 1990].
- Tustin, F. (1984) Autistic shapes. *International Review of Psycho-Analysis*, 11; 279/290. London, Bailliere Tindall.
- Wahl, C.W. (1966) Edward Glover – Theory of technique. In: Franz Alexander, Samuel Eisenstein & Martin Grotjahn (ed.), *Psychoanalytic Pioneers*; 501/507. New York, Basic Books. [Trad. Edward Glover – Teoria de la tecnica. In: Noemi Rosenblatt (ed.), *Historia del Psicoanálisis, vol. VII*; 9/18. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1968].
- Weiss, E. (1966) Paul Federn – The Theory of Psychoses. In: Franz Alexander, Samuel Eisenstein & Martin Grotjahn (ed.), *Psychoanalytic Pioneers*; 142/159. New York, Basic Books. [Trad. Paul Federn – La Teoria de las Psicosis. In: Noemi Rosenblatt (ed.), *Historia del Psicoanálisis, vol. II*; 93/121. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1968].
- Winnicott, D. W. (1953). Transitional objects and transitional phenomena: a study of the first not-me possession. *International Journal of Psycho-Analysis*, 34, part 2; 89/97. London, The Institute of Psycho-Analysis.
- Winnicott, D.W. (1960) Ego distortion in terms of true and false self. In: D. W. Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London, Hogarth Press, ed. 1979. [Trad. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: D. W. Winnicott, *O Ambiente e os Processos de Maturação*, 128/139. Porto Alegre, Artes Médicas 1983, terceira edição 1990].

- Winnicott, D.W. (1962) Ego integration in child development. In: D. W. Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*, 56/63. London, Hogarth Press, ed. 1979. [Trad. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: D. W. Winnicott, *O Ambiente e os Processos de Maturação*; 55/61. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983, terceira edição 1990].
- Winnicott, D. W. (1971) *Playing and Reality*. London, Tavistock Publications. [Trad. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975].
- Winnicott, D.W. (1988) Human Nature. \*, The Winnicott Trust. [Trad. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1990].

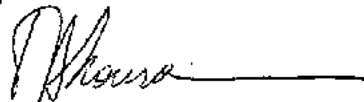
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Antonio Carlos de Sá Earp, intitulada "A oscilação eu // não-eu: Uma articulação das construções de Freud referentes às distinções eu // não-eu", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



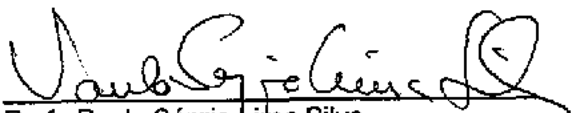
Profa. Claudia Amorim Garcia (Orientadora)  
PUC-Rio



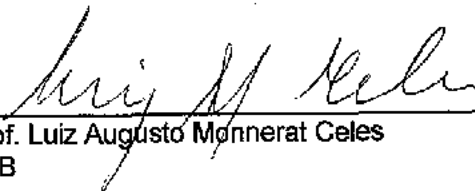
Profa. Ana Maria de Toledo Piza Rudge  
PUC-Rio



Prof. Octavio de Souza  
PUC-Rio



Prof. Paulo Sérgio Lima Silva  
CPRJ



Prof. Luiz Augusto Monnerat Celes  
UnB

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, ...9...1...1999.



Prof. Jürgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas